

A woman in a white wedding dress is shown from the waist up, holding a large bouquet of white and yellow flowers. She is looking down at the bouquet. The background is a warm, golden-brown color with a soft, painterly texture. The title text is overlaid on the image.

LISA KLEYPAS

*Um Casamento
entre estranhos*



LISA KLEYPAS

Um casamento entre estranhos

Ficha Técnica

Título Original: When Strangers Marry
Copyright © 2002 por Lisa Kleypas.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados de maneira fictícia e não devem ser interpretados como reais. Qualquer semelhança com eventos reais, locais, organizações ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Este livro foi originalmente publicado em 1992 como “Only in Your Arms”

Tradução: Tânia Tomaz

Revisão: Dee Silva

*Para o meu pai, Lloyd Kleypas, por sempre acreditar em mim e me encorajar a
fazer o meu melhor...
por ser alguém em quem eu possa confiar sempre...
e por me fazer sentir forte mesmo quando estou me apoiando em você.
Tenho orgulho de ser sua filha
Com amor*

L.K.

Prólogo

NATCHEZ, 1805.

O som de punhos golpeando a carne enchia o cômodo. Com os braços sobre a cabeça, Lysette permanecia imóvel enquanto gritos afogados brotavam de sua garganta em carne viva. Sua rebeldia havia sido esmagada a tal ponto que a única coisa que restava dela era a firme decisão de sobreviver à agressão de seu padrasto.

Gaspard Medart era um homem de baixa estatura, mas de constituição muito robusta e, forte como um touro, costumava compensar com seu vigor sua falta de inteligência. Quando se assegurou de que Lysette não oferecia mais resistência, se incorporou com um grunhido de fúria e limpou com o colete os punhos ensanguentados.

Lysette demorou um minuto em se dar conta de que Gaspard por fim havia terminado. Afastou os braços com cautela e levantou a cabeça. Seu padrasto se erguia sobre ela com os punhos apertados. Lysette engoliu em seco, sentindo o sabor de sangue, e conseguiu levantar-se até sentar-se no chão.

– Bem, agora já conhece as consequências de desafiar-me – murmurou Gaspard – E a partir de agora, cada vez que te atrever a olhar-me com impertinência, te farei pagar muito caro. – Ergueu o punho na frente do rosto de Lysette – Entendeu?

– *Oui*. – Lysette fechou os olhos. “Que isto termine de uma vez”, pensou com veemência. “Que isto termine de uma vez...” Desde que parta logo, estava disposta a não fazer nem dizer nada.

Foi vagamente consciente do bufo de desprezo que Gaspard exalou enquanto saía do quarto. A cabeça girava enquanto se arrastava até sua cama e se incorporava penosamente até ficar de pé. Levou uma mão ao maxilar machucado e tocou-o com muito cuidado. Um sabor salgado lhe chegou à boca, e se apressou a cuspir. A porta rangeu e Lysette lhe dirigiu um olhar receoso temendo que seu padrasto voltasse. No entanto, era sua tia Delphine, que havia buscado refúgio em outra sala durante os piores momentos da fúria de Gaspard.

Delphine, conhecida por todos como *Tante*, era uma dessas infortunadas solteironas que não conseguiram encontrar um marido quando estavam em

idade de casar-se e consequentemente se veria relegada a viver da caridade de parentes que aceitavam sua presença relutantemente. Suas feições roliças permaneceram contrariadas em uma careta de preocupação enquanto contemplava o rosto machucado de Lysette.

– Está pensando que mereço o castigo – disse ela com voz enrouquecida – Sei que é isso que pensa. Depois de tudo Gaspard é o cabeça da família... o único homem da casa. Suas decisões têm que ser aceitas sem serem questionadas. Estou certa?

– É uma sorte que ele não tenha ido mais longe – disse Delphine, conseguindo que sua voz soasse ao mesmo tempo compassiva e condenatória – Não pude suportar – Foi até Lysette e pegou sua mão. – Deixe-me ajudá-la...

– Vá – murmurou Lysette, livrando-se de sua mão rechonchuda. – Não preciso de sua ajuda agora. A necessitava há dez minutos, quando Gaspard estava me espancando.

– Tem que aceitar teu destino sem ressentimento. – Disse Delphine. – Se converter na esposa de Étienne Sagesse talvez não venha a ser tão terrível como imaginas.

Lysette deixou escapar um gemido de dor enquanto subia penosamente na cama – Delphine, tu não acreditas realmente nisso. Sagesse é um canalha e um porco, e ninguém em sã consciência dirá o contrário.

– *Le bon Dieu* decidiu por ti, e se é vontade sua que seja a esposa de semelhante homem... – Delphine encolheu os ombros.

– Mas não foi Deus quem decidiu – Lysette cravou os olhos na porta fechada – Foi Gaspard. – Durante os últimos anos, seu padrasto havia gastado todo o dinheiro que o pai de Lysette havia deixado depois de morrer. Para voltar a recuperar o dinheiro e o crédito perdido, Gaspard havia providenciado a Jacqueline, a irmã mais velha de Lysette, casar-se com um rico cavalheiro que tinha três vezes a sua idade. Agora era a vez de Lysette ser vendida a maior proposta. Havia pensado que Gaspard não seria capaz de encontrar um marido pior que o que havia escolhido para Jacqueline, mas seu padrasto havia conseguido superar a si mesmo.

O futuro marido de Lysette era um fazendeiro de Nova Orleans chamado Etienne Sagesse. Durante seu único encontro Sagesse havia confirmado os piores temores de Lysette, comportando-se de uma maneira grosseira e prepotente, e chegando ao extremo de, meio bêbado, por as mãos no seu decote em uma tola tentativa de tocar-lhe os seios. Isso pareceu ter divertido muito a Gaspard que

elogiou a masculinidade daquele ser repugnante.

– Lysette? – Delphine seguia inclinada sobre ela, enchendo-a de desgosto com sua presença. – Quer um pouco de água fria para lavar teu...

– Não me toque. – Lysette afastou a cara –. Se quer me ajudar, diga a minha irmã que venha me ver. – Pensar em Jacqueline fez com que ela sentisse um tremendo desejo de ser consolada.

– Mas seu marido pode não lhe dar permissão para...

– Diga-lhe – Lysette insistiu, abaixando a cabeça em direção à cabeceira recoberta de brocado. – Diga a Jacqueline que preciso dela.

Um silêncio sepulcral invadiu o quarto depois que Delphine saiu. Lambendo os lábios inchados e rachados, Lysette fechou os olhos e tentou fazer planos.

Os maus-tratos de Gaspard serviram apenas para intensificar sua determinação de encontrar uma saída para o pesadelo em que estava presa.

Apesar da dor de seus hematomas, Lysette cochilou até o sol da tarde se desvanecer e o quarto começar a escurecer nas sombras do crepúsculo. Ao despertar, encontrou sua irmã na cabeceira de sua cama. – Jacqueline, – sussurrou, seus lábios doloridos torcidos em um sorriso torto.

Tempos atrás, Jacqueline teria chorado com a dor de Lysette e a teria tomado em seus braços para confortá-la. Mas a Jacqueline do passado foi substituída por uma mulher frágil e estranhamente fechada. Jacqueline sempre foi a mais bela das duas irmãs, seu cabelo era liso e loiro-avermelhado, enquanto o de Lysette era crespo, e a pele pálida e perfeita de Jacqueline contrastava com as sardas de Lysette. No entanto, Lysette nunca sentiu inveja de sua irmã mais velha, porque Jacqueline sempre foi muito carinhosa e maternal com ela. Mais, inclusive, do que sua própria mãe, Jeanne.

Jacqueline pousou uma mão perfumada na cabeceira da cama. Ela usava um penteado na última moda e seu rosto tinha sido cuidadosamente maquiado, mas nenhum artifício poderia esconder o fato de que envelhecera muito desde o casamento.

– Jacqueline... – Lysette disse, e sua voz falhou.

O rosto de sua irmã estava tenso, mas refletia compostura.

– Isso finalmente aconteceu? Eu sempre temi que você acabasse provocando Gaspard. Eu te avisei que você não deveria desafiá-lo. – Lysette se apressou em contar a ela.

– Ele quer que eu case com um fazendeiro de Nova Orleans... um homem que eu desprezo.

– Sim, Étienne Sagesse –, foi à resposta seca de sua irmã. – Já estava ciente disso antes mesmo de Sagesse chegar a Natchez.

– Sabia? – Lysette franziu a testa, perplexa. – Por que você não me avisou sobre o que Gaspard estava planejando?

– Pelo que eu ouvi, Sagesse não é um partido ruim. Se é isso que Gaspard quer, então faça. Pelo menos assim você estará livre dele.

– Não, você não sabe como é esse homem, Jacqueline...

– Tenho certeza que Sagesse não difere em nada de outros homens –, disse Jacqueline. – O casamento não é tão ruim, Lysette... pelo menos comparado a isso aqui. Você estará em sua própria casa e não terá que cuidar de *maman*. E depois de ter trazido uma criança ao mundo, seu marido não vai mais visitar sua cama com tanta frequência.

– E eu devo me contentar com isso pelo resto de minha vida? – Lysette perguntou, sentindo um nó na garganta.

Jacqueline suspirou.

– Lamento não poder te servir de consolo. Mas acho que agora você precisa mais da verdade do que de algumas frases feitas. – Ela se inclinou sobre a cama para tocar o ombro machucado de Lysette, e esta torceu o rosto em uma careta de desconforto.

Jacqueline apertou os lábios.

– Espero que, a partir de agora, você seja sensata o bastante para ter cuidado com o que diz quando Gaspard está por perto. Você poderia tentar pelo menos fingir obediência?

– Sim –, disse Lysette com relutância.

– Agora vou ver mamãe. Como foi essa semana?

– Pior que o normal. O médico disse... – Lysette hesitou, com os olhos fixos na extensão de damasco bordada que pendia do encosto de cabeceira. Como o resto dos móveis da casa, estava puído e desgastado pela passagem do tempo. – Nesse momento, mamãe não pode sair da cama, mesmo que quisesse – disse ela com um fio de voz. – Todos esses anos fingindo que era uma inválida e nunca deixando seu quarto a enfraqueceram. Se não fosse por Gaspard, ela gozaria de perfeita saúde. Mas toda vez que ele começa a gritar, ela toma outra dose de tônico, fecha as cortinas e dorme por dois dias. Por que ela se casou com ele?

Jacqueline sacudiu a cabeça com expressão pensativa.

– Uma mulher tem que se adaptar ao que é oferecido. Quando papai morreu, a juventude de *Maman* já havia ficado para trás e havia poucos

pretendentes. Suponho que Gaspard lhe pareceu o partido mais promissor.

– Poderia ter escolhido viver sozinha.

– Até mesmo um marido ruim é melhor do que viver sozinha.

Jacqueline levantou-se e alisou as saias. – Acho que vou ver mamãe. Será que ela se inteirou sobre o que aconteceu entre você e Gaspard?

Lysette sorriu amargamente enquanto pensava em toda a comoção que haviam criado.

– Não vejo como poderia ter evitado inteirar-se.

– Então tenho certeza de que se encontrará muito alterada. Bem, com nós duas distantes, talvez haja um pouco mais de paz por aqui. Isso espero, pelo bem de *Maman*.

Quando Jacqueline partiu, Lysette seguiu com os olhos a irmã mais velha e se virou de lado na cama. Doía até respirar.

– De alguma maneira – murmurou com abatimento –, esperava um pouco mais de simpatia.

Fechando os olhos, se pôs a planejar febrilmente. Não se tornaria a esposa de Etienne Sagesse... não importava o que ela tivesse que fazer para evitar isso.

Capítulo 1

NOVA ORLEANS

Philippe e Justin Vallerand estavam dando um passeio pela floresta e logo desceram para o pântano, abrindo caminho entre buracos de lama, pinheiros e plátanos. Bastante altos para a idade, os dois garotos eram magros e desajeitados porque ainda não haviam desenvolvido a musculatura robusta de seu pai.

Suas feições tinham a marca da arrogância inata de todos os Vallerand. As mechas de seus abundantes cabelos negros caíam sobre a testa em uma série de ondas rebeldes, e longos cílios negros emolduravam seus olhos azuis. Aqueles que não os conheciam nunca foram capazes de distingui-los, mas por dentro eles eram tão diferentes quanto dois garotos poderiam ser. Philippe era gentil e compassivo, alguém que seguia as regras mesmo quando não entendia suas razões. Justin, por outro lado, era implacável, odiava autoridade e se orgulhava disso.

– O que vamos fazer? – Philippe perguntou. – Pegaremos a canoa e procuraremos por piratas rio abaixo?

Justin riu com desdém.

– Você pode fazer o que quiser. Eu pretendo visitar Madeleine.

Madeleine Scipion era uma linda morena, filha de um comerciante da cidade. Ultimamente havia mostrado mais do que um interesse passageiro em Justin, embora soubesse que Philippe gostava dela. A jovem parecia se divertir muito colocando um irmão contra o outro.

O rosto sensível de Philippe revelou a inveja que sentia.

– Você está apaixonado por ela?

Justin sorriu e cuspiu.

– Amor? Quem se importa com isso? Eu te disse o que ela me deixou fazer da última vez que a vi?

– O que? – Philippe queria saber, cada vez mais ciumento. Seus olhares se encontraram. De repente Justin deu-lhe um tapa na testa e riu, e, em seguida, começou a correr através das árvores perseguido por Philippe.

– Você vai me dizer! – Philippe pegou um punhado de lama e jogou contra as costas de Justin. – Vou forçá-lo a... – Os dois pararam quando viram um movimento perto da canoa. Um garoto vestido com roupas esfarrapadas e um chapéu de aba caída puxava a embarcação. A corda com a qual estava amarrada caiu de suas mãos quando percebeu que acabavam de descobri-lo. Ele rapidamente pegou uma trouxa de pano e fugiu. – Estava tentando roubá-la! – Disse Justin.

Os gêmeos esqueceram sua disputa recente e correram gritando como guerreiros atrás do ladrão fugitivo. – Corte-lhe o caminho! – Justin ordenou. Philippe foi para a esquerda, desaparecendo atrás de uma massa de ciprestes que deixavam cair as barbas de musgo nas águas lamacentas e marrons. Em questão de minutos, conseguiu passar pelo garoto e ficou diante dele, logo depois do bosque de ciprestes. Vendo os violentos tremores do menino, Philippe sorriu triunfante e passou um antebraço na testa coberta de suor.

– Você vai se arrepender de ter tocado em nossa canoa, – grunhiu, indo para sua presa.

Respirando pesadamente, o ladrão correu em direção oposta e colidiu com Justin, que o agarrou pelo braço e o levantou do chão. O menino largou a trouxa e soltou um grito que fez os gêmeos rirem.

– Philippe! – Justin gritou, evitando os socos fracos do menino. – Olha o que eu peguei! Um pequeno *lutin* que não sente nenhum respeito pela propriedade dos outros! O que devemos fazer com ele?

Philippe olhou para o infeliz ladrão, com os olhos cheios de censura.

– Você – Ele rugiu enquanto se mexia diante do menino que se contorcia. – Qual é o seu nome?

– Solte-me! Não fiz nada!

– Só porque nós o interrompemos antes que fizesse–, disse Justin.

Philippe assobiou ao ver os vergões vermelhos e os arranhões manchados de sangue no pescoço e nos braços esguios do menino.

– Você ofereceu um bom banquete aos mosquitos, certo? Há quanto tempo está no pântano?

O garoto, que não parava de lutar, conseguiu acertar um chute no joelho de Justin.

– Isso dói! – Justin tirou o cabelo preto da testa e olhou para o menino. – Agora minha paciência acabou!

– Me solta, cachorro!

Muito irritado, Justin levantou a mão para dar um tapa em seu prisioneiro.

– Eu vou te ensinar boas maneiras, garoto.

– Justin, espere – interrompeu Philippe. Era impossível não sentir simpatia por aquele garoto irremediavelmente apanhado nas garras de seu irmão. – É muito pequeno Não abuse da sua força.

– Como você é bonzinho. – Justin zombou, mas seu braço caiu. – Como sugere que o façamos falar? O jogando no pântano?

– Talvez devêssemos... – Philippe começou, mas seu irmão já estava indo em direção à água, arrastando consigo o garoto que não parava de gritar.

– Você sabe que aí dentro há cobras? – Justin disse, levantando o garoto no ar e se preparando para jogá-lo na água. – E são venenosas.

– Não! Por favor!

– E jacarés, também, que só esperam a chance de comer um garoto como... – Sua voz se dissipou com o silêncio quando o chapéu do menino caiu no pântano e flutuou sobre a água. Uma longa trança vermelha caiu sobre o ombro do menino, cujas feições delicadas não estavam mais escondidas pelo chapéu.

Seu ladrão era uma menina, de sua idade ou talvez um pouco mais velha. Envolvendo seus braços ao redor do pescoço de Justin, ela se agarrou a ele como se ele estivesse segurando-a sobre um poço de fogo.

– Não me jogue na água. *Je vous en prie*. Não sei nadar. – Justin afastou-a um pouco e olhou para o rosto pequeno e sujo que estava tão perto do dele. Parecia uma garota comum, bonita, mas não excepcional, embora fosse difícil dizer com toda a lama e as picadas de mosquito que cobriam seu rosto.

– Bem –, disse Justin lentamente, – parece que estávamos errados, Philippe. – Ele balançou a garota, que continuava protestando, para silenciá-la. – Silêncio. Eu não vou te jogar na água. Acho que posso encontrar um uso melhor para você.

– Justin, me dê ela –, disse Philippe.

Justin sorriu sombriamente e se afastou de seu irmão.

– Vai se divertir em outro lugar. A garota pertence a mim.

– É tão minha quanto sua!

– Mas foi eu quem a capturou, – Justin disse com naturalidade.

– Com a minha ajuda! – Philippe gritou muito indignado. – Além disso, você tem Madeleine!

– Fique com Madeleine. Eu quero essa aqui.

Philippe franziu a testa.

– Deixe que ela escolha!

Eles se entreolharam com uma expressão desafiadora e, de repente, Justin riu.

– Assim seja –, ele disse; sua ferocidade se tornara um bom humor lânguido. Ele balançou a menina em seus braços. – Bem, qual de nós você quer?

Lysette balançou a cabeça, muito fraca e exausta para entender o que ele estava lhe perguntando. Foram dois dias terríveis atravessando o pântano, molhada, coberta de terra e segura de que um jacaré ou uma cobra venenosa a mataria a qualquer momento. O calor e a umidade sufocantes já eram bastante assustadores, mas a proliferação de insetos quase a enlouqueceu. Não pararam de morder e picar através das roupas até que cada centímetro de sua pele ardia com uma queimadura ardente. Lysette até começara a pensar que não sobreviveria à infernal jornada que empreendera e isso não a incomodara. Qualquer coisa, mesmo uma morte horrível em um pântano da Louisiana, seria preferível a uma vida inteira com Etienne Sagesse.

– Vamos, não temos o dia todo –, o garoto chamado Justin disse impaciente. Lysette se debateu, mas seus braços magros eram surpreendentemente fortes. Aumentou a pressão com a qual a segurava até que ela ficou quieta novamente com um gemido de dor.

– *Mon Dieu*, não havia necessidade de machucá-la –, disse Philippe.

– Eu não a machuquei –, Justin respondeu indignado. – Apenas apertei um pouco. – Dirigiu um olhar de advertência a Lysette. – E farei isso novamente se você não se decidir imediatamente.

O olhar de Lysette foi do rosto imperioso e sombrio do garoto que a segurava nos braços para as feições mais calmas do que estava ao lado dele. Ela entendeu que eles eram gêmeos idênticos. Aquele chamado Philippe parecia um pouco mais gentil, e havia um traço de compaixão em seus olhos azuis que Lysette não notou no outro. Talvez ela pudesse convencê-lo a deixá-la ir. – Você –, disse desesperadamente, olhando para Philippe.

– Ele? – Justin zombou enquanto deixava os pés de Lysette tocarem o chão. Com um bufo de desprezo, a empurrou para seu irmão. – Aí a tem, Philippe, faça o que quiser com ela. Eu não a quero de qualquer modo.

Então pegou a trouxa e examinou-a, descobrindo um punhado de moedas amarradas dentro de um lenço, um vestido enrolado e um pente de âmbar.

Incapaz de parar a inércia do empurrão, Lysette colidiu com o outro garoto. Suas mãos subiram para os ombros delgados e a mantiveram em pé.

– Qual o seu nome? – Ele perguntou.

Sua voz era inesperadamente amigável. Lysette mordeu o lábio inferior e balançou a cabeça, os olhos se enchendo de lágrimas. Desprezou-se por aquele momento de fraqueza, mas estava exausta e quase morrendo de fome e mal conseguia pensar.

– Por que você queria pegar a canoa? – Philippe perguntou.

– Sinto muito. Eu não deveria ter feito isso. Deixe-me ir... não vou incomodá-lo novamente.

Philippe olhou-a atentamente da cabeça aos pés. Lysette enfrentou o exame com resignação. Ninguém jamais disse que ela era uma grande beleza, nem mesmo em seus melhores momentos. Agora, depois de sua jornada pelo pântano, estava coberto de lama e cheirava muito mal.

Enquanto a olhava, o garoto pareceu chegar a uma decisão.

– Vem comigo –, disse ele, agarrando-a pelos pulsos. – Se você está com problemas, talvez possamos ajudá-la.

Lysette ficou imediatamente alarmada. Suspeitava que o garoto pretendia levá-la para seus pais. Nesse caso, eles a levariam de volta à propriedade de Sagesse em questão de horas.

– Não, por favor –, ela implorou, puxando seu braço preso.

– Você não tem outra escolha.

Lysette o empurrou o mais forte que pôde enquanto tentava acertá-lo com os cotovelos e joelhos. Ele a derrotou com uma facilidade humilhante.

– Eu não vou te machucar –, disse Philippe, jogando-a por cima do ombro e colocando o braço atrás dos seus joelhos. Lysette soltou um grito em que a raiva se misturava com o desespero enquanto lutava impotente sobre suas costas.

Justin olhou para seu irmão com uma careta sardônica.

– Onde você vai levá-la?

– Para o nosso pai.

– Para o nosso pai? E por que você vai fazer isso? A única coisa que ele fará é forçá-lo a deixá-la ir.

– É a coisa certa –, disse Philippe com calma.

– Idiota –, Justin murmurou, mas o seguiu relutantemente enquanto seu irmão levava sua nova aquisição para a beira do pântano.

Lysette parou de resistir na metade do caminho, depois de decidir que seria mais prudente conservar as poucas forças que restavam para enfrentar o destino reservado a ela. Não podia escapar das garras daquele par de fanfarrões. Fechou os olhos, sentindo que estava começando a ficar tonta.

– Não me leve com a cabeça para baixo –, disse ela com uma voz pastosa. – Se você fizer isso, eu vou vomitar.

Justin falou atrás deles.

– Está ficando um pouco esverdeada, Philippe.

– De verdade? – Philippe parou e deixou os pés de Lysette caírem no chão. – Você prefere andar?

– Sim –, disse Lysette, cambaleando um pouco. Os irmãos a pegaram por cada braço e a guiaram. Atordoada, Lysette olhou de um lado para o outro, e foi quando percebeu que os garotos tinham que pertencer a uma família muito rica. Como outras casas de colonos no exclusivo bairro do pântano, a casa dava para o bayou St. John, um dedo de água que ia do lago Pontchartrain até o rio Mississippi. O sol da tarde brilhava preguiçosamente no exterior branco e cinza pálido da casa principal. Grandes varandas emolduradas por grossas colunas brancas rodeavam os três andares. Numerosos bosques de ciprestes, carvalhos e magnólias haviam sido plantados ao redor da capela, do defumadouro e do que pareciam ser as casas dos escravos.

Lysette sentiu o estômago revirar de uma maneira muito desagradável quando os garotos a levaram por uma escada que levava à porta da frente da casa. Passaram por um corredor escuro e fresco, ladeado por filas de bancos de mogno escuro.

–Pai? – Philippe chamou, e uma mulher de pele escura com uma expressão sobressaltada apontou para uma sala logo atrás do vestíbulo. Os meninos levaram sua carga para a biblioteca, onde seu pai estava sentado atrás de uma enorme mesa de mogno. A sala era esplendidamente mobiliada, as cadeiras estofadas em seda delicada combinavam com o motivo amarelo e o lápis-lazúli que adornavam as paredes. Pesadas cortinas de lã escarlate, recolhidas, emolduravam as janelas.

A atenção de Lysette foi da sala para o homem à mesa. Ele manteve os olhos longe deles enquanto trabalhava. Não estava usando colete, e sua camisa branca estava grudada nos contornos de suas costas musculosas.

– Que ocorre? – Disse uma voz muito grave que enviou um arrepio pelas costas de Lysette.

– Pai –, disse Philippe, – surpreendemos alguém junto à água enquanto tentava roubar nossa canoa.

O homem sentado à escrivaninha colocou os papéis juntos em uma pilha ao lado.

– Ah Bem, espero que tenha lhe ensinado as consequências de colocar as

mãos em uma propriedade Vallerand.

– Na verdade... – Philippe começou e tossiu nervosamente. – Na verdade, pai...

– É uma garota –, disse Justin.

Obviamente, isso finalmente atraiu a atenção de Vallerand, que, virando-se em seu assento, olhou para Lysette com fria curiosidade.

Se o diabo decidisse assumir uma aparência humana, Lysette tinha certeza de que seria exatamente assim: ameaçador, atraente, com um nariz imperioso, uma boca áspera e sombria e cruéis olhos escuros. Vallerand era uma criatura de virilidade transbordante, com o bronzado intenso e a graça de alguém que passava grande parte do seu tempo ao ar livre. Embora Lysette fosse alta, a presença dominadora de Vallerand a fazia sentir-se quase minúscula. O homem se levantou, encostou-se à escrivaninha e examinou-a preguiçosamente, aparentemente sem entusiasmo com a visão em sua biblioteca de uma menina coberta de lama. – Quem é? – Ele perguntou.

Lysette sustentou sem piscar o olhar examinador enquanto considerava maneiras diferentes de lidar com ele. Vallerand não parecia ser o tipo de homem que se comoveria com pedidos chorosos. Nem ficaria impressionado com ameaças ou desafios. Havia uma chance de que ele conhecesse a família Sagesse, talvez até mesmo que ele tivesse uma amizade íntima com eles. A única esperança de Lysette era convencê-lo de que ele não teria que se incomodar em cuidar dela.

Antes que Lysette pudesse responder a pergunta, Justin exclamou: – Ela não quer nos contar pai!

Vallerand se afastou da mesa e se aproximou de Lysette, que não estava ciente de que estava se afastando dele até que colidiu com a forma sólida de Philippe atrás dela. Vallerand estendeu a mão para Lysette, deslizou os longos dedos sob o queixo e levantou o rosto. Então o virou para um lado e para o outro, examinando desapaixonadamente os danos causados por sua jornada ao longo do bayou. Lysette engoliu sob a pressão de seus dedos calejados. O peito imponente de Vallerand estava nivelado com o seu rosto, à sombra negra dos pelos visíveis sob o tecido fino de sua camisa.

Agora que ele estava tão perto, Lysette viu que os olhos de Vallerand eram de um marrom muito escuro. Sempre havia pensado no castanho como uma cor muito doce, mas esses olhos forneciam uma prova inegável do contrário.

– Por que você queria pegar a canoa?

– Eu sinto muito –, disse Lysette com uma voz rouca. – Nunca havia roubado nada antes. Mas eu tinha mais necessidade dela do que vocês.

– Qual o seu nome? – Vallerand forçou-a a levantar o queixo com os dedos mais um centímetro. – Qual é a sua família?

– É muito gentil em se interessar dessa maneira por mim, *monsieur* –, disse Lysette rapidamente, perfeitamente ciente de que a bondade era à última coisa que motivava Vallerand. – No entanto, não preciso da sua ajuda e não quero causar nenhum desconforto. Se você me deixar ir, eu continuarei meu caminho e...

– Você esta perdida?

– Não –, ela simplesmente respondeu.

– Então está fugindo de alguém.

A hesitação de Lysette continuou por muito tempo.

– Não, *monsieur*...

– De quem?

Lysette empurrou os dedos de Vallerand do queixo, enquanto uma irremediável sensação de derrota começava a tomar conta dela.

– Não tem nenhuma necessidade de sabê-lo, – ela disse secamente. – Me deixe ir.

Ele sorriu como se estivesse satisfeito com aquele lampejo de raiva.

– Você é de Nova Orleans, *Mademoiselle*?

– Não.

– Pareceu-me que não. Já ouviu falar da família Vallerand?

Na verdade, Lysette ouvira falar dela. Enquanto contemplava o rosto esguio e escuro do estranho, tentou lembrar o que se dizia sobre os Vallerands. O sobrenome havia sido mencionado na mesa de jantar, quando Gaspard e seus amigos começaram a falar sobre política e negócios. Vários fazendeiros da Louisiana haviam chegado a figurar entre os homens mais ricos do país, e Vallerand era um deles. Recordava-se perfeitamente, a família possuía enormes extensões de terra, que incluíam a floresta além do lago Pontchartrain. Os amigos de Gaspard tinham dito com certo ressentimento que Maximilien Vallerand, o chefe da família, era amigo e conselheiro do novo governador do Território de Orleans.

– Eu ouvi falar de você –, admitiu Lysette. – É um homem importante em Nova Orleans, *n'est-cepas*? Sem dúvida, você tem muitas outras coisas para se preocupar. Peço desculpas pela minha pequena transgressão, mas obviamente

não causei nenhum dano. E agora, se você não se importa, eu gostaria de sair.

Lysette prendeu a respiração e começou a se virar, apenas para que sua mão enorme se aproximasse suavemente de seu braço.

– Mas eu me importo –, ele disse docemente. Embora o contato não fosse violento, aconteceu que os dedos de Vallerand pousaram em uma das mais dolorosas contusões infligidas por Gaspard. Lysette engoliu com uma inalação aguda e sentiu-se ficar branca, sentindo o braço inteiro palpitar com súbita agonia.

A mão de Vallerand caiu imediatamente e olhou para ela fixamente. Lysette se apressou a se erguer e fez tudo o que pôde para esconder a dor que lhe causara. Quando Vallerand falou, sua voz era ainda mais suave do que antes. – Onde você planejou ir com a canoa?

– Tenho uma prima que mora em Beauvallet.

– Beauvallet? – Justin repetiu, olhando para ela com desprezo. – São 25 quilômetros daqui! Você nunca ouviu falar de jacarés? E os piratas do rio? Não sabia o que poderia acontecer com você dentro do pântano? Quem você achou que era?

– Justin –, Vallerand interrompeu. – Chega – Seu filho ficou em silêncio imediatamente.

– Percorrer semelhante distância sozinha é uma iniciativa muito ambiciosa –, disse Vallerand.

– Mas talvez não planejasse ir sozinha. Ia encontrar-se com alguém no caminho? Um amante, talvez?

– Sim –, mentiu Lysette. De repente, ela se sentiu tão cansada, com sede e confusa que viu brilhos prateados dançando diante de seus olhos. Tinha que se afastar daquele homem. – Isso foi exatamente o que planejei e você está interferindo nos meus planos. Eu não vou ficar aqui nem mais um minuto. – Se virou e foi às cegas até a porta, consumida pelo desejo de escapar.

Vallerand a deteve um instante depois, deslizando um longo braço ao redor de seu peito enquanto o outro se enrolava na nuca. Lysette cerrou os dentes e soluçou alto, sabendo que ela havia sido derrotada.

– Maldição –, ela sussurrou. – Por que você não me deixa ir?

Sua voz, suave e profunda, fez cócegas em sua orelha.

– Calma, eu não vou machucá-la. Fique calma. – Ele olhou para os gêmeos, que por sua vez os observavam com fascinação.

– Saiam, vocês dois.

– Mas por quê? – Justin protestou veementemente. – Nós a encontramos, e também...

– Agora. E diga a sua avó que quero que se encontre conosco na biblioteca.

– Ele tem meus pertences! – Lysette disse, lançando um olhar acusador para Justin. – Eu quero que eles sejam devolvidos!

– Justin –, disse Vallerand suavemente.

Com um sorriso, o garoto pegou do bolso um saco com as moedas e jogou-o em uma cadeira próxima. Então saiu pela porta antes que seu pai pudesse sujeitá-lo a qualquer reprimenda.

Sozinha com Vallerand, Lysette se contorcia impotentemente em sua presa. Ele a conteve sem qualquer dificuldade.

– Eu te disse para ficar parada.

Lysette endureceu quando ela o sentiu puxar sua camisa, expondo a carne machucada de suas costas.

– O que está fazendo? Pare! Não vou consentir em ser tratada assim, arrogante...

– Acalme-se. – Ele enfiou a ponta da camisa na parte de trás do pescoço dela.

– Você não tem nada a temer. Eu não me importo com os seus... – Ele fez uma pausa e disse sarcasticamente –, encantos femininos. Além disso, eu geralmente prefiro que minhas vítimas sejam um pouco mais limpas do que você antes de abusar delas.

Lysette soltou um suspiro estrangulado e cravou as unhas na dureza de seu antebraço quando sentiu o toque de sua mão nas costas dela. O cabelo fino na parte de trás do pescoço se eriçou em resposta ao toque dos dedos masculinos. Vallerand habilmente localizou o nó que amarrava o tecido usado para apertar seus seios sob o braço direito de Lysette.

Percebendo que nenhuma resistência o impediria de fazer o que ele queria, Lysette se poupou do esforço de enfrentá-lo.

–Você não é um cavalheiro –, ela murmurou, estremecendo enquanto ele afrouxava a bandagem.

O comentário não pareceu afetá-lo. – É verdade –, ele disse, e afastou o pano áspero que mantinha seus seios esmagados sob a camisa.

Apesar de seu espanto ao ver um estranho deixá-la seminua, Lysette não pôde conter um suspiro de alívio quando o tecido áspero foi removido de suas costas machucadas. Sentir o toque de ar fresco em sua pele húmida a fez estremecer.

– Como eu pensei–, ela ouviu Vallerand murmurar. Lysette sabia exatamente o que estava vendo: as contusões deixadas pelo espancamento regido por Gaspard há uma semana, o inchaço das picadas de insetos, e a mistura de marcas provocadas pelos arranhões e feridas. Ela nunca se sentira tão humilhada, mas de alguma forma e enquanto o silêncio se arrastava, ela não se importava mais com o que ele pensava. Estava exausta demais para manter-se em pé sozinha. Quando percebeu estava com a cabeça apoiada no ombro de Vallerand. Não pôde deixar de notar sua fragrância, o cheiro de pele masculina limpa que se misturava com os leves vestígios de cavalo e tabaco. Aquele cheiro masculino era inesperadamente atraente. O nariz e a garganta de Lysette se abriram para inalar mais profundamente, enquanto toda ela começou a relaxar contra o peso sólido de seu corpo.

Um estremecimento estranho percorreu-a de alto a baixo enquanto as pontas dos dedos do homem desciam pelas costas, ao longo de sua espinha. Não esperava que um homem tão grande fosse capaz de tocar tão delicadamente. De repente, foi difícil para ela pensar, e toda a cena estava coberta por uma névoa espessa que prometia o esquecimento. Lysette lutou para permanecer consciente, mas ela deve ter perdido a consciência por alguns segundos, porque não se lembrava de como ele tinha colocado a camisa de volta em suas costas, quando deu por si estava subitamente coberta e de frente para Vallerand.

– Quem foi? – Ele perguntou, Lysette balançou a cabeça e falou através dos lábios secos e rachados.

– Tanto faz.

– *Mademoiselle*, não está em posição de me desafiar. Não perca meu tempo e não perca o seu. Apenas me diga o que eu quero saber e então você pode descansar.

Descansar. A palavra fez Lysette sentir como todo o seu ser estremecia de desejo. Estava claro que ele não a deixaria ir, e oferecer resistência a ele não fazia o menor sentido. Depois, ela prometeu a si mesma. Depois pensaria em qual seria o seu próximo passo e faria um novo plano. Enquanto isso, tinha que recuperar suas forças.

– Foi o meu padrasto –, disse ele.

– Seu nome?

Jogando a cabeça para trás, Lysette olhou dentro de seus olhos escuros.

– Primeiro me prometa que não avisará que estou aqui.

Uma breve risada foi afogada na garganta de Vallerand.

–Eu não vou fazer acordos com você, *petite*.

– Então você pode ir para o inferno.

Os dentes de Vallerand brilharam em um breve sorriso. Ficou claro que ele se sentiu mais divertido do que irritado por seu desafio.

– Tudo bem, prometo que não o avisarei. Agora me diga como se chama.

– *Monsieur* Gaspard Medart.

– Por que ele bateu em você?

– Nós viemos de Natchez para o meu casamento. Eu desprezo meu noivo e recusei-me a cumprir o compromisso matrimonial que meu padrasto concordou.

As sobrancelhas de Vallerand se elevaram ligeiramente. Até que uma jovem crioula se casasse, considerava-se que seu pai - ou seu padrasto - era seu mestre e senhor absoluto, na mesma medida em que seu marido mais tarde seria. Desafiar os desejos de um pai, especialmente quando se tratava de casamento, era impensável.

–A maioria das pessoas não censuraria um homem que disciplinou uma filha rebelde em tais circunstâncias–, disse ele.

– O que você faria? – Lysette perguntou em voz baixa, já sabendo a resposta.

– Eu nunca bati em uma mulher –, ele disse sem hesitar, deixando-a muito surpresa. – Não importa qual fosse a provocação.

– Esse... – A voz parecia grudar em sua garganta. – Esse é um grande destino para sua esposa, *monsieur*. – Vallerand estendeu a mão para ela e voltou ao seu lugar com dedos delicados uma mecha de cabelo que havia se movido.

– Eu sou viúvo, *petite*.

– Oh! – Lysette piscou surpresa, imaginando por que a informação a fez sentir uma picada estranha no centro do corpo.

– Onde está seu padrasto?

–Na casa de *Monsieur* Sagesse–, disse Lysette, e notou o súbito lampejo que apareceu em seus olhos. Vallerand ficou em silêncio por um momento, antes de falar novamente com uma voz suave e quase aveludada. – Seu noivo é Étienne Sagesse?

– Sim.

– E você se chama...? – Ele falou.

– Lysette Kersaint –, ela sussurrou, derrotada. – Eu suponho que você conhecer o senhor Sagesse, *monsieur*.

– Oh sim.

– Vocês são amigos?

– Não. Há uma certa animosidade entre nós.

Lysette considerou a informação. Se Vallerand não gostava de Sagesse, seria um pouco mais fácil conseguir sua ajuda.

– Max? *Qu'estce qu'il y a?*

Uma mulher mais velha, de cabelo prateado, usando um magnífico vestido de musselina lavanda, adornado com rendas, entrou na biblioteca. Franziu a testa com consternação quando viu o quão suja Lysette estava.

– Esta é *Mademoiselle* Lysette Kersaint, *maman*. Uma visitante de Natchez. Aparentemente, ela foi separada de sua família. Os garotos a encontraram do lado de fora e eles a trouxeram para mim. Faça com que preparem um quarto, já que passará a noite conosco. – Dirigiu um olhar inescrutável para Lysette. – Minha mãe, Irénée Vallerand –, ele murmurou. –Vá com ela, *petite*.

Apesar de sua óbvia curiosidade, Irénée se absteve de comentar e estendeu a mão para Lysette em um gesto de boas-vindas. As pessoas de Nova Orleans eram hospitaleiras por natureza, e ela não era exceção. – *Pauvre petite*. – Estalou a língua em solidariedade. – Venha comigo. Farei com que preparem um banho para você e depois tem que comer e dormir.

– Madame ... – Lysette começou, sua voz tremendo. – Tenho que...

– Conversaremos mais tarde–, disse Irénée, e se aproximou dela para pegar sua mão. – *Allons*, garota.

–*Merci*, madame –, murmurou Lysette em concordância, indo de bom grado com ela, sentindo-se mais do que disposta a escapar da presença de Maximilien Vallerand. Pretendia recuperar suas forças o mais rápido possível e deixar a plantação na primeira oportunidade que lhe fosse apresentada.

Duas horas depois, uma Irénée muito agitada se aproximou do filho. Max estava em frente à janela da biblioteca com uma bebida na mão.

– Como se encontra? – Ele perguntou sem se virar.

– Ela tomou banho, comeu um pouco e agora está descansando. Noeline colocou uma pomada nos arranhões e nas picadas de insetos. – Irénée se reuniu com ele junto a janela e observou o pântano silencioso. – Lembro-me de que muitos anos atrás conheci a mãe de Lysette, Jeanne. Jeanne é uma Magnier, e os Magniers eram uma antiga família que viveu em Nova Orleans, mas infelizmente não produziu filhos para perpetuar o nome. Lembro-me que Jeanne era uma mulher de excepcional beleza, e é uma pena que sua filha não tenha herdado sua beleza.

Max sorriu distraidamente, lembrando-se do rosto sardento da garota, dos

olhos azuis desafiadores e da trança vermelha meio desfeita. Ficou claro que Lysette Kersaint não era uma beleza convencional. No entanto, havia algo sobre ela que o fazia desejá-la. Não superficialmente ou como mero capricho do momento, mas com um desejo que impregnava todo o seu ser. Lysette prometia algo muito incomum: uma intensidade de sensações, uma plenitude que finalmente satisfaria aquele desejo que o atormentava por tanto tempo.

Já havia percebido que, sob o desejo, havia também uma curiosidade insistente. Ele queria conhecê-la, revelar as facetas de uma jovem mais determinada, franca e desesperada do que qualquer pessoa que já conheceu. Lysette ia ser dele. Deus sabia que Étienne Sagesse nunca seria capaz disso.

–Você sabe com quem vai se casar, mamãe? –, Perguntou ele.

As finas sobrancelhas escuras de Irénée se juntaram quando ela franziu a testa.

– Sim, ela me contou sobre o acordo de casamento com Étienne Sagesse.

–Sim, o homem que fez a desonra recai sobre minha esposa e sobre meu sobrenome. Parece-me que o mais apropriado é que eu faça Sagesse pagar, levando a noiva dele.

Sua mãe olhou para ele como se ele tivesse se tornado um estranho.

–O que você quer dizer ao dizer que vai "levar" sua noiva?

–E então–, ele murmurou pensativamente, – um duelo será inevitável.

– Não, eu não vou permitir isso!

Ele deu a ela um olhar interrogativo. – Como você pretende me deter?

–Você seria capaz de causar a ruína de uma garota inocente só para matar Etienne Sagesse? Lysette Kersaint não fez nada para prejudicá-lo. Você quer que sua consciência a carregue consigo para o resto da sua vida?

–Eu não tenho consciência–, ele lembrou a ela duramente.

Irénée respirou fundo.

– Max, você não deve fazer isso.

– Você prefere vê-la casada com um homem como Sagesse?

– Sim, no caso de que a única alternativa é ver como isso causa sua ruína e faça com que acabe nas ruas!

Quando ele viu o horror nos olhos de sua mãe e soube que ela achava que ele era capaz do pior, Max foi dominado por uma súbita vontade de mostrar-lhe que estava certo.

–Não vai acabar nas ruas –, disse ele friamente. – Eu me encarregarei de seu sustento depois, naturalmente. Um preço muito pequeno, considerando a

oportunidade que me proporcionou.

– Você pode ter certeza que seu padrasto irá desafiá-lo para um duelo.

– Não seria o primeiro duelo que lutei.

– *Alors*, você pretende violar a inocência de Lysette, estabelecê-la em uma residência onde será o desprezo de toda a sociedade decente, e bater em um duelo com um pai já de certa idade que tentará vingar a honra de sua filha depois de tê-la visto mergulhada na ruína...

– Pai... que não hesita em levantar-lhe a mão, devo acrescentar.

– Isso não justifica o seu comportamento! Como posso ter criado um homem tão perverso quanto você?

A parte decente de Max - o pouco que restava dela - se mexeu desconfortavelmente com as palavras de sua mãe. No entanto, a perspectiva de finalmente se vingar do homem que arruinara sua vida lhe atraía demais. Deixar de aproveitar a oportunidade oferecida era tão impossível quanto fazer seu coração parar de bater.

– Eu te aviso, *maman*: não interfira. Eu tenho esperado por esta oportunidade por anos. E não desperdice sua simpatia com a garota. Eu garanto que vou compensá-la adequadamente quando tudo estiver terminado.

Capítulo 2

O vestido que Lysette trazia consigo tinha ficado irreparavelmente manchado devido a sua viagem através do pântano. Na manhã seguinte a sua chegada, Irénée lhe proporcionou um vestido azul pálido que lhe servia muito bem, embora a gola alta e suas intrincadas dobras fossem mais apropriadas para uma matrona que para uma jovem de sua idade. Mesmo assim, Lysette agradeceu a bondade e a generosidade da anciã. Poder vestir roupa limpa e livrar-se da sujeira e pestilência do bayou era um grande alívio.

— Tem muito melhor aspecto, *ma chère* — disse Irénée bondosamente.

Lysette murmurou umas palavras de agradecimento, ao mesmo tempo em que se perguntava como uma mulher que tinha tão bom coração podia ter criado um filho como Maximilien Vallerand. O homem que acabava de conhecer tinha que ter sido uma aberração, porque estava certa de que o resto da família não podia ser como ele.

— A senhora tem mais filhos, madame Vallerand? — perguntou.

— Sim, tenho dois filhos mais jovens, Alexandre e Bernard, que foram à França e não demorarão a retornar. — Irénée se aproximou um pouco mais e acrescentou, em um tom conspiratório —: Tenho lá uma prima com cinco filhas muito bonitas, todas elas por casar. Animei—os para que fossem fazer—lhes uma longa visita, com a esperança de que Alexandre ou Bernard se interessassem por uma das garotas e retornassem com uma esposa.

Franziu o cenho —. Entretanto, ou as garotas não são tão atraentes como me assegurou sua mãe, ou meus teimosos filhos estão decididos a não casar nunca. Já deveriam ter retornado há uns dois meses.

Como se lesse os pensamentos de Lysette, Irénée acrescentou: — Posso lhe assegurar que Alexandre e Bernard não se parecem em nada a seu irmão. Mas Maximilien não foi sempre assim. Foi durante os últimos anos que se tornou tão amargurado. Sofreu uma grande tragédia no passado.

Lysette esteve a ponto de soltar um sopro de incredulidade, mas conseguiu conter-se a tempo. Sofrer? O homem tão seguro de si mesmo e possuidor de uma esplêndida saúde que conhecera no dia anterior não parecia ter passado por

grandes sofrimentos. Agora, depois de uma boa noite de sono, sentia-se pronta para enfrentá-lo. Vallerand não voltaria a aproveitar-se dela. Uma coisa era certa: dava-lhe igual o que tivesse que fazer, porque não consentiria que a enviasse de volta às mãos de Gaspard Medart, para logo ver-se entregue a Étienne Sagesse.

Sua mãe lhe havia dito frequentemente que o destino de uma mulher era sofrer e suportar todo aquilo que o *bon Dieu* queria. E no passado *tante* Delphine dissera que inclusive o pior dos maridos era preferível a não ter um marido. Bom, isso estaria muito bem para algumas garotas, mas não para ela.

Lysette sentiu que o coração começava a bater mais depressa quando entraram no salão, um cômodo pequeno e arejado, decorado em tons rosados e marrons e com brocado de flores de cor creme. Um magnífico acabamento holandês cobria a madeira de carvalho branco. Grandes e limpas janelas iam do chão até o teto deixando entrar o sol filtrado pelas brumas da Louisiana. Os pequenos sofás barrocos e poltronas cor verde musgo estavam agrupadas para convidar a uma conversa mais íntima. Ao ver que o cômodo se encontrava vazio, Lysette começou a relaxar.

Então ouviu a voz de Vallerand na entrada atrás dela.

— *Mademoiselle*, você e eu temos algumas coisas das quais falar... — começou a dizer Vallerand, mas se interrompeu abruptamente quando Lysette se voltou para ele.

Olhou-a com uma expressão carinhosa. Lysette lhe devolveu o olhar friamente ao mesmo tempo em que se perguntava o que ele parecia achar tão fascinante. Certamente sua aparência tinha melhorado com um banho e um pouco de sono que tanto necessitava. Não se iludia pensando que Vallerand pudesse achá-la bonita, já que nem sequer a mais vigorosa das escovadas podia domar sua explosão de cachos vermelhos, e os dois dias anteriores passados à intempérie tinham feito com que suas sardas proliferassem até um grau alarmante. Sua figura era esbelta, mas não tinha nada de espetacular, com seios pequenos e quadris inexistentes. Suas feições eram agradáveis, mas seu nariz era um pouco longo e seus lábios excessivamente cheios para o que ditava a moda.

Enquanto o silêncio se prolongava, Lysette submeteu Vallerand a uma insolente inspeção, abrangendo-o por completo com o tipo de olhar que nenhuma dama jamais deveria dedicar a um cavalheiro. Vallerand era ainda mais impressionante e viril do que recordava: bronzeado, alto e musculoso, seus cabelos negros como o breu, seus olhos escuros e cheios de audácia. Fazia com que os jovens que Lysette tinha conhecido em Natchez parecessem imaturos e

inexperientes. Perguntou-se ironicamente se Vallerand seria um exemplo típico do crioulo de Nova Orleans. Que Deus a ajudasse se houvesse mais como ele rondando pela cidade.

— Sim, temos muito de que falar — disse Lysette com decisão. Enquanto Irénée tomava assento em um sofá estofado de brocado, Lysette foi até uma cadeira próxima, tratando de aparentar mais calma do que sentia. Sentou-se e olhou Vallerand com expressão desafiadora —. Em primeiro lugar, *monsieur*, eu gostaria de saber se tem intenção de me enviar à plantação dos Sagesse.

Ter ido tão diretamente ao assunto não pareceu ofender Vallerand. Apoiando um ombro no batente da porta em uma postura que não podia ser mais informal, observou-a com atenção.

— Não se você não o deseja, *mademoiselle*.

— Não o desejo.

— Por que não aceita o compromisso? — perguntou Vallerand sem alterar-se —. Muitas jovens se sentiriam extremamente agradadas de poder casar com um Sagesse.

— Eu não vejo que haja nada para aprovar nele. Seu caráter, suas maneiras, sua aparência: nem sequer sua idade é de meu agrado.

— Sua idade? — Vallerand franziu o cenho.

— Étienne Sagesse tem trinta e cinco anos. — Lysette sorriu provocativamente enquanto acrescentava —: É muito velho.

Vallerand respondeu com um olhar irônico, como se fosse óbvio que ele e Sagesse eram da mesma idade.

— Um homem de trinta e cinco anos está muito longe de ter um pé na tumba — disse secamente —. Suspeito que ainda tem muitos anos de vida por diante.

— Lysette, se se casar com Sagesse, pode estar segura de que não lhe faltará nada — interveio Irénée. O comentário ganhou um olhar de advertência por parte de seu filho.

— Isso carece de importância — disse Lysette —. Antes preferiria ser pobre que me casar com um homem que desprezo. E já deixei muito claras quais são minhas objeções a *monsieur* Sagesse. Para começar, não entendo por que pediu minha mão. Meu dote é desprezível, e embora provenha de uma família irrepreensível, não pode considerar-se que sejamos aristocratas. E obviamente não sou nenhuma grande beleza. — Encolheu ombros —. Há dúzias de mulheres que serviriam a seu propósito.

— O que me diz desse primo que vive em Beauvallet? — perguntou Max —. O que esperava conseguir ficando em contato com ele?

— Com ela — corrigiu-o Lysette —. Marie Dufour, e seu marido Claude. — Os Dufour eram uma próspera família de granjeiros. Lysette recordava Marie como uma mulher amável e compassiva que fugiu com Claude por amor —. Marie e eu sempre fomos muito amigas, desde pequenas — adicionou —. Pensei que os Dufour poderiam me apoiar em minha recusa aos desejos de meu padrasto, e possivelmente me permitir viver com eles.

O rosto de Vallerand era uma máscara de calma.

— Eu poderia ajudá-la a ganhar um pouco de tempo — ofereceu —. Dois ou três dias, pelo menos. Pode escrever uma carta a sua prima, explicando o dilema em que se encontra, e permanecer aqui até que lhe tenha respondido. Se sua prima deseja ajudar, então a confiarei à tutela dos Dufour antes que *monsieur* Medart possa chegar a lhe pôr um dedo em cima.

Lysette franziu a testa com expressão pensativa.

— Meu padrasto e os Sagesse não demorarão, a saber, que me encontro aqui. Quando vierem por mim, você não poderá impedir que me levem com eles.

— Podemos alegar que você adoeceu depois de sua odisseia através do pântano. O médico da família afirmará que seria perigoso que a transportasse antes que tenha completado sua convalescença.

— Mas o médico saberá que não estou doente.

— O médico dirá o que eu lhe indique.

Lysette considerou a proposta, enquanto o agudo olhar de Vallerand permanecia sobre ela.

— A presença de minha mãe assegurará que sua reputação não sofra nenhum dano — disse-lhe este sem deixar de observá-la.

— Por que quer me ajudar? — perguntou ela com receio. Um sorriso sutil dançou nas comissuras dos lábios de Vallerand.

— Porque tenho muito bom coração, naturalmente.

Lysette deixou escapar uma gargalhada de incredulidade. — Perdoe-me se não acreditar. Qual é a verdadeira razão? Suponho que lhe agradaria enormemente impedir que *monsieur* Sagesse chegasse a ter algo que deseja, verdade?

— Sim — disse ele sem alterar-se —, essa é precisamente a razão.

Lysette sustentou seu olhar escuro pelas pálpebras entreabertas, perfeitamente consciente de que lhe estava ocultando algo.

— Qual é a causa da animosidade que existe entre você e Sagesse?

— Não tenho intenção de falar disso. — Quando Lysette abriu a boca para continuar interrogando-o a respeito, ele continuou bruscamente —: Escreverá a carta sim ou não, senhorita Kersaint?

— Sim, escreverei — disse ela com lentidão, face a suspeita que crescia cada vez mais em seu interior. Não queria confiar em Vallerand, mas não tinha escolha —. Obrigada, *monsieur*.

Um brilho de satisfação brilhou nos olhos escuros. — Não há por que agradecer.

Max acompanhou Lysette à biblioteca e a sentou a sua própria mesa, dispondo ante ela porta-penas, pergaminho e tinta. De pé atrás de sua cadeira, Max contemplou o cocuruto da jovem, onde sua brilhante cabeleira tinha sido recolhida em uma grossa trança enroscada. Uma cor muito intensa, diriam muitos, com os cachos rigidamente ordenados contendo reflexos purpúreos quase vermelho. Max não podia evitar sentir-se fascinado pela facilidade com que se alteravam os tons por toda aquela exuberante massa de cachos, que pareciam pesar muito para que o esbelto pescoço de Lysette pudesse sustentá-los.

O que no dia anterior não passava de meros impulsos tinha se convertido em uma resolução irrevogável assim que a viu aquela manhã. Fazia anos que não desejava alguém com tanta intensidade. Lysette era formosa de uma maneira tão irresistível como pouco convencional, sem que a atração que suscitava nele tivesse a ver com algo tão banal como as proporções clássicas. Todos seus traços estavam cheios de firmeza, as linhas de suas maçãs do rosto, seu queixo e seu pescoço desenhados com impecável pureza. E Max nunca tinha visto nada tão convidativo como aquela generosa abundância de sardas... queria seguir seus atalhos por todo o corpo de Lysette, e fazer com que sua língua tocasse cada uma delas.

O fato de que Lysette fosse muito jovem para ele importava pouco. O domínio de si mesmo, de que dava mostra em todo momento, era realmente notável para uma moça de tão tenra idade. Era claro que Lysette não lhe tinha nenhum medo: tratava-o como se fossem iguais, sem dar nenhuma atenção aos anos que os separavam.

Max sentiu que lhe acelerava o pulso à medida que as imagens sexuais desfilavam por sua mente, e obrigou a que sua atenção se centrasse no momento atual.

— Necessita ajuda com a carta, *mademoiselle* Kersaint? — As profundas

comissuras que emolduravam os carnudos lábios dela tremeram com uma breve sombra de diversão.

— Sei escrever muito bem, obrigada.

Max conhecera muitas mulheres, de muito melhor berço que ela, que eram virtualmente analfabetas. Uma boa parte da sociedade crioula considerava que um excesso de educação era prejudicial para uma mulher. Meio inclinando-se e meio sentando-se na mesa, Max se voltou para ela.

— Recebeu educação, então — comentou.

— Sim, graças a meu pai. Contratou uma preceptora para mim e minha irmã Jacqueline. Ensinou-nos a ler e escrever, e a falar inglês assim como francês... Estudamos história, geografia, matemática; inclusive chegamos a estudar um ou dois volumes de ciências. Mas depois da morte de meu pai, a preceptora foi despedida. — Agarrou um porta-penas de prata gravada e o fez rodar entre os dedos —. E de todos os modos, já não havia muito mais que pudesse nos ensinar. A educação de uma mulher não pode ir além de certo ponto, o que lamento enormemente.

— E do que lhe serviria uma maior educação?

Ela sorriu e devolveu sem pestanejar o olhar provocador que ele lhe estava lançando.

— Possivelmente, *monsieur*, tenho outras ambições além de servir de égua a algum pomposo aristocrata a quem assusta muito a ideia de que sua esposa seja mais esperta do que ele.

— Tem um elevado conceito de sua própria inteligência, *mademoiselle* Kersaint.

— Incomoda-o? — Sua voz era tão suave como a seda. Max estava completamente fascinado por Lysette, com sua mente profundamente centrada nela e seu sangue começando a ferver ante a provocação que apresentava. Santo Deus, como queria deitar-se com ela.

— Não, não me incomoda.

Ela sorriu e alisou o pergaminho que tinha diante.

— Se não lhe importar, *monsieur*, preferiria dispor de alguns minutos de intimidade, enquanto emprego meu inadequado cérebro feminino para compor umas quantas linhas coerentes. Teria talvez a amabilidade de corrigir minhas faltas de ortografia depois?

O que ele desejava examinar não era sua ortografia. Max esforçou-se para esboçar um sorriso frio, quando todo seu corpo insistia para que lhe subisse as

saías, a sentasse no colo e desfrutasse dela durante horas.

— Vou daqui confiando plenamente em suas habilidades — disse com um sorriso de resposta, e a deixou enquanto ainda era capaz de fazê-lo.

Conseguira impor-se a seu desejo despropositado quando retornou ao salão. Irénée o saudou com evidente alívio.

— Sabia que não se aproveitaria dela, apesar de tudo — disse-lhe carinhosamente —. Agradeço ao céu que tenha mudado de parecer.

Lançou-lhe um olhar sem expressão. — Não mudei de parecer a respeito de nada.

O semblante de Irénée se encheu de tristeza.

— Mas a carta que está permitindo que escreva a sua prima...

— Essa carta nunca será enviada. Se for colocá-la em uma situação comprometedora, não quero que uma maldita prima interfira nisso.

Sua mãe o olhou com uma mescla de surpresa e consternação.

— Como pode fazer algo semelhante? Nunca teria acreditado que pudesse chegar a se aproveitar assim de uma mulher!

— Acha—me capaz de coisas muitíssimo piores, *mamam* — disse ele em um tom de voz subitamente carregado de amargura —. Não é assim?

Irénée se apressou a afastar o olhar dele, incapaz de replicar, seu rosto escurecido por uma mistura de pena e impotência que o encheram de fúria.

Os Medart chegaram à casa da plantação muito antes do que Max esperara. Ao que parece, eles e os Sagesse estavam visitando todas as residências que havia ao longo do caminho do pântano em um esforço por obter qualquer informação a respeito da jovem que supostamente se perdeu. Quando Max e Irénée confirmaram a presença de Lysette em sua propriedade, os Medart sentiram um óbvio alívio.

O desprezo já firmemente estabelecido que Max sentia por Gaspard Medart ficou redobrado assim que o conheceu. Medart era magro, musculoso e de rosto pétreo, seus olhos como pedaços de obsidiana. Pensar que aquele fanfarrão tão certo de si mesmo tinha dado uma surra em Lysette encheu Max de uma hostilidade que lhe custou ocultar.

Medart ia acompanhado por uma mulher corpulenta cujos cabelos tinham sido inexperientemente escurecidos com café. Uma expressão frenética tinha ficado congelada em seu rosto. A *tante*, supôs Max, e suspeitou que não teria apresentado muitas objeções aos maus tratos de que Medart fazia objeto sua enteada.

— Onde está? — inquiriu Medart, que transpirava profusamente. Seu olhar percorreu avidamente o cômodo, como se suspeitasse que o objeto de sua busca se escondia atrás de uma cadeira —. Onde está Lysette? Tragam-na imediatamente.

Max apresentou sua mãe, e todos tomaram assento enquanto a governanta, Noeline, se apresentou com uma bandeja de refrescos. Os crioulos tinham por costume nunca fazer nada com pressa. As visitas sempre discorriam com uma pausada lentidão, e quase todas as conversas se iniciavam com o ritual de contar histórias da família e efetuar a recontagem de uma longa sucessão de antepassados. As pessoas de Nova Orleans jamais confiavam em um desconhecido com o qual não tivessem pelo menos um parente em comum. De fato, todos se encontravam tão familiarizados com suas respectivas árvores genealógicas que pelo menos dez gerações de primos longínquos e parentesco distante podiam ser meticulosamente examinadas até que, por fim, a conexão procurada tivesse ficado estabelecida.

Gaspard Medart, entretanto, estava muito impaciente para seguir o costume.

— Quero ver minha enteada imediatamente — exigiu —. Não tenho tempo para bate-papos. Traga-a aqui agora mesmo.

Irénée olhou Max com expressão de assombro ante a grosseria daquele homem. Max voltou um rosto inexpressivo para Medart.

— Infelizmente, *monsieur*, tenho que lhe dar algumas notícias bastante preocupantes.

— Tornou a escapar! — explodiu Medart —. Sabia!

— Não, nada disso. Não se alarme. É só que sucumbiu a umas febres.

— Febres! — exclamou a *tante*, obviamente conhecedora das mortíferas pragas que açoitavam a cidade de vez em quando.

— Parece que não se trata de nada grave — disse Max em um tom tranquilizador —, mas naturalmente mandei chamar o médico da família para que a examine. Até que chegue, seria perigoso incomodá-la. Está descansando em um quarto de hóspedes no andar de cima.

— Insisto em vê-la agora mesmo — disse Medart.

— Certamente. — Max começou a levantar-se, e em seguida perguntou —: Posso dar por certo que você já padeceu as febres antes?

— Não.

— Então será melhor que não vá visitá-la. Em sua idade, sua vida poderia perigar se contraísse as febres por ter-se aproximado de Lysette.

— Possivelmente — apressou-se a interceder a *tante* —, deveríamos voltar amanhã depois de que o médico a tenha examinado, Gaspard.

Irénée contribuiu com o tom persuasivo de sua voz. — Asseguro-lhe, *monsieur* Medart, que cuidaremos muito bem dela.

— Mas os incômodos... — disse Delphine, e seu corpanzil estremeceu enquanto fazia um gesto de impotência.

— Não é nenhum incômodo — replicou Irénée com firmeza —. Agora o único que importa é o bem-estar de Lysette.

— Não tenho nenhuma prova de que esteja aqui sequer! — chiou Medart.

— Está aqui — assegurou-lhe Max. Medart fez uma careta.

— Conheço sua reputação, *monsieur*. E sei que jurou inimizade ao noivo de Lysette. Se está tramando algum tipo de ardil, o farei pagar muito caro!

Irénée se inclinou para diante e disse com convicção: — Prometo-lhe, *monsieur* Medart, que sua enteada estará a salvo conosco. Não lhe ocorrerá nenhum mal. — Olhou para Max e acrescentou, com um fio cortante como o aço em seu tom —: Irei assegurar-me de que assim seja.

Após um pouco mais de persuasão, os Medart se foram, aparentemente convencidos de que não havia outra escolha. Max deixou escapar um ruidoso suspiro de alívio quando ouviu as rodas da carruagem no caminho.

— São desprezíveis — resmungou.

Irénée apertou os lábios em sinal de desgosto. — Sabem que estamos mentindo, Max.

Ele encolheu os ombros.

— Não podem fazer nada a esse respeito.

— De boa vontade a teria entregue aos Medart se não fosse pelos machucados que tem nas costas. Não quero que Lysette se veja exposta a uma nova sessão da disciplina de *monsieur* Medart.

— Agora começarão a correr os rumores — murmurou Max com uma negra satisfação —. Daria uma fortuna para ver a cara de Sagesse quando Medart lhe contar que tenho Lysette.

— Lysette estaria mais segura com Étienne que contigo — acusou-o Irénée —. Ao menos ele planeja casar com ela!

— Lysette achará muito mais agradável uma aventura comigo que o casamento com ele.

— Que cruel e amargurado se tornou — disse Irénée com assombro —. E que decepcionado se sentiria seu pai se pudesse vê-lo.

Doído, Max a olhou asperamente. — Se ele tivesse passado pelo que tive que passar, provavelmente reagiria da mesma maneira.

— Isso demonstra o pouco que conhecia seu pai — replicou Irénée por sua vez, e saiu do cômodo com as costas muito rígidas.

Embora se sentisse muito desgostosa com seu filho mais velho, Irénée ainda não tinha descartado a possibilidade de que pudesse ser redimido. Enquanto tomava o café da manhã em seu quarto, discutiu a situação com Noeline, a governanta. Noeline, uma mulher esbelta e atraente, que possuía um sentido prático inato e uma clara inclinação a dizer sem rodeios o que pensava, levava quinze anos sendo governanta na plantação dos Vallerand. Tal como Irénée tinha esperado, nem um só detalhe de sua convidada, ou das intenções que Max tinha para com ela, tinham escapado ao observador olhar de Noeline.

— Não posso acreditar que realmente tenha intenção de causar sua ruína — disse Irénée ao mesmo tempo em que levava a xícara de porcelana aos lábios —. Lysette é uma jovem decente, e não merece ver-se envolta na inimizade que meu filho professa a Étienne Sagesse.

As feições cor café de Noeline permaneceram inexpressivas, mas um brilho pensativo apareceu em seus olhos. — *Monsieur* Vallerand está muito desejoso de vingar-se de Sagesse para pensar em alguma outra coisa.

— Suponho que assim é — disse Irénée à contra gosto. — Mas Noeline, não posso acreditar que Max seja tão malvado ao ponto de seduzir deliberadamente uma jovem inocente.

— O senhor não é nenhum malvado — replicou Noeline, indo até à penteadeira e dispondo em simples fileiras as escovas e os diminutos frascos —. Apenas é um homem, madame. E não pode manter um homem afastado de uma garota tão bonita, tal como não poderia prender um sabujo com uma réstia de salsichas.

— Acha Lysette bonita? — Irénée franziu o cenho pensativamente —. Tenho que admitir que ao princípio não me pareceu isso. Mas quanto mais tempo a conheço, mais atraente parece tornar-se.

— Tem algo que agrada muito a *monsieur* — observou Noeline secamente —. O ouço ranger como o azeite em uma frigideira cada vez que ela entra na sala.

— Noeline — repreendeu-a Irénée enquanto ria sobre sua xícara de chá.

A governanta também sorriu.

— É assim, madame — insistiu —. E quando o senhor a olha tem algo mais

que vingança na cabeça. Apenas não quer admiti-lo.

Quando Lysette se assegurou de que seu padrasto se fora da propriedade, foi em busca de Vallerand. Este acabava de fumar um charuto e beber uma taça na varanda dianteira, e um fio de fumaça se elevava preguiçosamente de um prato de cristal. Sua atenção permanecia centrada em um magnífico puro sangue que um moço trazia dos estábulos. Parecia que Vallerand se dispunha a cavalgar até a cidade.

Ao ouvir os suaves passos de Lysette na varanda, Vallerand se voltou para ela. Seu olhar encontrava-se velado pelas pálpebras entreabertas, e sua boca mantinha uma curva quase desdenhosa que a fez sentir-se estranha. Vê-lo fazia com que tivesse vontade de sobressaltá-lo, de pegá-lo com a guarda baixa... perguntou-se o que poderia fazer Vallerand se ela se limitasse a ir até ele e beijasse sua boca firme e tentadora e em seguida tirasse de seu pescoço a rígida gravata-borboleta branca. Nenhum homem a tinha afetado daquela forma. Queria sentir o roce de suas faces barbeadas, e passar suavemente seus lábios sobre os dele, e sentir o calor de seu fôlego na pele. Vallerand parecia levar-se muito a sério, como se estivesse muito necessitado de que algo — ou alguém — risse dele e o desarmasse. Se fosse sua esposa, Lysette faria algo a respeito.

Aquele pensamento tão surpreendente fez com que se perguntasse há quanto tempo estava viúvo, e como tinha morrido sua esposa. Era claro que esse era um tema proibido na casa dos Vallerands. Nem mesmo Irénée, sempre tão faladora, mostrava-se disposta a responder às perguntas de Lysette sobre aquele tema.

Lysette ofereceu a Vallerand um sorriso dúbio. — Suponho que meu padrasto se zangou muito quando não lhe permitiu me ver.

— Muito.

— Bem. — Deteve-se ante ele, e sua altura a obrigou a jogar a cabeça para trás. Céu santo, aquele homem era enorme —. Acreditou quando lhe disse que eu estava doente?

— Não, não acreditou.

— E mesmo assim se foi? — Lysette mordiscou o lábio inferior e franziu o cenho —. Eu teria esperado que fizesse valer seus direitos ante você.

— Seu padrasto está tentando evitar um escândalo — replicou Vallerand —. Não fará valer seus direitos ante mim. E enquanto esteja em minha casa, ninguém pode me obrigar a que a tire dela.

— Nem sequer as autoridades locais?

Ele sacudiu a cabeça. — Mantenho uma excelente relação com o governador Claiborne.

Ela deixou escapar uma breve gargalhada.

— Está claro que posso me considerar afortunada ao ter feito amizade com um homem tão influente. — Lysette tirou a carta para Marie de sua manga e lhe entregou o sobrescrito selado com cera. — Minha carta. Rogo-lhe que a faça entregar o antes possível. É importante.

— Sou consciente da importância da carta, *mademoiselle*.

Lysette o olhou com curiosidade, perguntando-se por que sua presença parecia fazê-lo sentir incômodo. Possivelmente não gostava que fosse tão franca e nunca andasse com rodeios. Supôs que Vallerand estaria acostumado às refinadas damas de Nova Orleans, que certamente não corriam através dos pântanos e desafiavam suas famílias.

— *Monsieur* Vallerand — disse-lhe com doçura —, peço-lhe desculpas por todos os incômodos que lhe causei. Para compensá-lo por sua hospitalidade, prometo-lhe que partirei o mais breve possível. Se minha prima Marie não quiser me acolher em sua casa, entrarei no convento das ursulinas.

Ele sorriu, parecendo se divertir com ideia.

— Uma freira com os cachos vermelhos de uma bruxa. — Uma nota estranha, quase acariciante, infiltrou-se em sua voz. Lysette sorriu envergonhada ao mesmo tempo em que levava uma mão a sua cabeleira caoticamente presa.

— Sem dúvida elas insistiriam em cortar toda esta desordem.

— Não — disse ele categoricamente —. É linda. — Lysette quase se ofendeu, pensando que Vallerand troçava dela. Mas quando ele continuou contemplando-a com aquele olhar impassível e sombrio, deu-se conta de que era sincero. E isso levou a outra compreensão, ainda mais assombrosa: a de que Maximilien Vallerand se sentia tão atraído por ela como ela se sentia atraída por ele.

A atração nunca chegaria a ter consequências, naturalmente. Entretanto, achou-o interessante, de todas as maneiras. Um súbito calor subiu a seu rosto, e se apressou a afastar o olhar.

— Boa tarde, *monsieur* — murmurou e se foi, andando tão depressa que as saias quase se enredaram ao redor dos tornozelos.

— Como, outra vez aqui esta noite? — sussurrou Mariame, abrindo a porta de par em par e acolhendo Max no interior de sua casa, localizada no bairro do

Vieux Carré onde viviam os mulatos, perto do Rampart. Suas grossas pestanas desceram enquanto se concentrava em afrouxar a engomada gravata-borboleta de Max —. Acreditava ter satisfeito todos os seus desejos ontem à noite.

Oito anos antes, o primeiro protetor de Mariame tinha dado por finalizado seu acordo sem mais nem menos, com o que tanto ela como seu filho ilegítimo ficaram sem dinheiro e sem lar. Desesperada, Mariame começara a arrumar tudo para retornar à casa de sua mãe e viver com ela. Quando Max soube que seu amante a tinha abandonado, não vacilou em ir vê-la. Mariame era uma das mulheres mais belas de Nova Orleans, e ele levava muito tempo admirando-a.

Mariame não tentou ocultar seu assombro ante a oferta que lhe fez Max de converter-se em seu protetor. «Quase todos os homens querem virgens», dissera. Em Nova Orleans havia incontáveis jovens belas, a maioria delas fruto da mistura de sangues, que tinham se preparado para converter-se em amantes dos ricos plantadores e homens de negócios crioulos que podiam permitir o luxo de mantê-las. *Placées*, chamavam-se àquelas garotas tão avidamente procuradas, e a maior parte delas desfrutavam de grandes luxos.

O comentário de Mariame ante sua oferta fez Max rir. — Não quero saber da virgindade — havia-lhe dito —. Quero a companhia de uma mulher bela e inteligente. Marque seus termos, Mariame: desejo-a muito para regatear.

Sua admiração tinha aliviado incomensuravelmente a dor e o orgulho ferido de Mariame. Os desagradáveis rumores que corriam a respeito de Vallerand tinham chegado a seus ouvidos e levava tempo perguntando-se se seriam certos. Entretanto, dado que tinha visto a solidão nos olhos escuros de Max e a delicadeza de suas maneiras, decidiu confiar nele.

Nos oito anos transcorridos após isso, Mariame nunca lamentara sua escolha. Max era um amante muito terno, um generoso protetor e um bom amigo. Embora tivesse se assegurado de que Mariame não trouxesse ao mundo nenhum filho dele, pagou o dinheiro necessário para que o filho de Mariame fosse educado em Paris. As joias e vestidos que lhe tinha ido dando ao longo dos anos bastariam para lhe permitir viver rodeada de luxos durante o resto de sua vida, e não tinha nenhuma dúvida de que quando Max pusesse fim a sua relação, entregaria uma soma extravagante como forma de despedida.

Porque Max tinha sido bom com ela, Mariame tomou a resolução de que nunca poria obstáculos a seus desejos. Quando Max decidisse que o seu acordo tinha terminado, o deixaria partir sem protestar. Não desejava prendê-lo a ela, e tinha evitado sabiamente apaixonar-se por ele.

Um sorriso iluminou o rosto de Mariame enquanto passava os braços ao redor dos ombros de Max. Alta e de corpo esbelto, não lhe foi nada difícil ficar nas pontas dos pés e roçar seus lábios com os dele. Entretanto, essa noite Max não respondeu tal como ela tinha esperado. Estava insolitamente preocupado, perturbado por algo.

— Não vim aqui para isso — disse Max, desenredando-se de seu abraço.

Mariame foi servir—lhe uma taça.

— E então por que está aqui, Max?

— Não sei — disse ele, e começou a dar rápidos passos pela sala.

— Sente-se, *mon cher*, por favor. Põe-me nervosa vê-lo ir de um lado a outro como um tigre faminto.

Max fez o que lhe pedia, e tomou assento no sofá sem que seu olhar pensativo parecesse centrar-se em nada em particular.

Mariame se acomodou no sofá junto a ele, deixando que suas longas e esbeltas pernas pendessem despreocupadamente de uma das coxas dele. Entregou uma taça de conhaque. — Isto talvez o ajude a relaxar.

Ele pegou a taça e bebeu um grande trago, sem mesmo apreciar a excelente qualidade do licor.

Os dedos de Mariame subiram por sua coxa seguindo um caminho que lhes era familiar.

— Está certo de que não quer...?

— Não — resmungou ele, afastando-lhe a mão.

Mariame encolheu os ombros.

— *D'accord*. — Um sorriso, curioso e ardiloso, roçou seus lábios —. *Alors*, poderia me contar algo mais a respeito dessa mulher que tem alojada em sua casa.

Max lhe lançou um olhar sardônico, compreendendo que os rumores haviam se espalhado ainda mais depressa do que ele esperava.

— Os gêmeos tropeçaram com *mademoiselle* Kersaint quando tentava fugir de um casamento não desejado.

— Ah. — As aprumadas sobrancelhas de Mariame se levantaram expressivamente —. Não são muitas as mulheres que se atreveriam a fazer tal coisa. Quem é que aspira a ser seu marido, *bien-aimé*?

— Étienne Sagesse.

Os dedos de Mariame deixaram de brincar com o ombro de Max.

— Sagesse... *bon Dieu*. Que estranho que a garota fosse até você, de entre

todas as pessoas, em busca de refúgio. O que vai fazer?

— Vou aproveitar a situação, naturalmente.

— Tome cuidado, Max — disse Mariame em tom de preocupação —. Já sei que não se deterá ante nada para que Sagesse pague pelo que fez faz tantos anos. Mas se recorrer a abusar de uma inocente que se confiou aos seus cuidados, logo o lamentará. — Um sorriso cheio de carinho flutuou em seus lábios —. Tem uma consciência, *mon cher*, por muito que pretenda o contrário.

Um sorriso relutante passou pelo rosto de Max. — Alegro-me de que pense isso. — Jogou a cabeça para trás e contemplou os painéis de madeira de cipreste que cobriam o teto —. Mariame — disse, mudando abruptamente de tema —, você já sabe que nunca porei fim a nossa relação sem antes a deixar bem estabelecida.

— Nunca temi que fosses me deixar na miséria — replicou Mariame tranquilamente. Seria aquele o primeiro sinal de que o interesse que sentia por ela começava a desvanecer-se? —. Algum dia — continuou dizendo —, eu gostaria de dirigir minha própria casa de hóspedes. É algo no que teria muito êxito.

— Sim, teria.

— Deveria começar a fazer planos para isso?

— Algum dia. Se for o que quer fazer. — Acariciou-lhe suavemente a bochecha —. Mas ainda não.

A quinta-feira habitualmente era o dia de estar em casa para os Vallerands, quando os amigos e os conhecidos de Irénée os visitavam e conversavam um momento enquanto tomavam uma xícara de café temperado com chicória. Infelizmente, Irénée viu-se obrigada a manter afastadas as visitas por causa da presença de Lysette.

— Lamento perturbar seus hábitos — disse Lysette. Irénée a fez calar alegremente.

— Não, não, tomaremos café juntas, só nós duas. Nestes momentos sua companhia é muito mais divertida que a de meus amigos, que sempre vêm com as mesmas fofocas às que vamos dando voltas semana após semana. Tem que me falar de sua mãe, e das amigadas que tinha em Natchez, e de seus pretendentes.

— Para falar a verdade, madame, levei uma existência muito fechada. À minha irmã e a mim não nos permitiam ter pretendentes. De fato, raramente nos relacionávamos mesmo com nossos primos ou parentes varões.

Irénée assentiu para que visse que a entendia.

— Se nos guiarmos pelos padrões de hoje em dia, essa maneira de educar as juvenzinhas já se tornou muito antiquada. Mas comigo também foi assim. Nunca li um jornal até depois de ter me casado. Não sabia nada do mundo exterior. Passei muitíssimo medo quando chegou o momento de sair do casulo protetor de minha família e assumir meu lugar como a esposa de Victor Vallerand. — Irénée sorriu, com um tênue brilho de diversão nos olhos enquanto se lembrava da moça que tinha sido naquele tempo —. Minha *tante* Marie e minha mãe acompanharam-me a meu leito matrimonial e me deixaram sozinha ali para que esperasse a meu marido. Oh, como lhes roguei que me levassem de volta para casa! Não queria ser uma esposa, e muito menos a esposa de um Vallerand. Victor era todo um homem, e sua presença me intimidava muitíssimo. Aterrava-me pensar no que ia exigir de mim.

Intrigada, Lysette deixou sua xícara.

— Evidentemente logo tudo correu bem — observou a jovem.

Irénée deixou escapar um risinho.

— Sim, Victor resultou ser um bom marido. Não demorei a me apaixonar profundamente dele. Os homens da família Vallerand são enganosos, sabe? Por fora se mostram dominadores e arrogantes. Entretanto, quando é levado pela mulher adequada, um Vallerand fará o que seja para agradá-la. — Agarrando uma colher de prata gravada, Irénée jogou um pouco mais de açúcar dentro de seu café e o mexeu —. Pronto — disse com satisfação —. Eu gosto que meu café esteja negro como o diabo e doce como o pecado.

— Madame, como era a esposa de seu filho? — perguntou Lysette como que por acaso —. Em sua opinião, soube levá-lo adequadamente?

A pergunta fez com que Irénée ficasse visivelmente tensa. Titubeou durante um longo tempo antes de responder. — Corinne era a garota mais bela e mimada que conheci... estava muito centrada em si mesma para ser capaz de amar alguém mais. Nunca conseguiu levar Max como era devido. Uma pena, porque não teria necessitado fazer grande coisa para que Max fosse feliz.

— Não foi um bom casamento, então.

— Não — murmurou Irénée —. Acredito que ninguém diria que foi.

Para grande decepção de Lysette, não estava disposta a revelar nada mais a respeito da misteriosa esposa defunta de Vallerand.

Toda a existência dos Vallerands se viu bruscamente perturbada quando

Justin tentou entrar na casa sem ser visto depois da meia-noite, manchado de sangue e ostentando os sinais que tinham deixado os golpes recebidos em uma briga. Max chamou-o imediatamente e o levou à cozinha para lhe administrar uma boa reprimenda. Lysette ouviu a discussão desde seu quarto. Atormentada pela curiosidade, foi sigilosamente até o início da escada e aguçou os ouvidos.

— Não pode me tratar como se eu fosse um menino! Agora sou um homem!

— Isso é o que você diz — foi à cáustica réplica de Vallerand —. Mas um homem não provoca outros para que briguem aos murros com ele por mero entretenimento.

— Não foi por entretenimento — disse Justin com veemência.

— Por que brigou então?

— Para demonstrar algo!

— Que é rápido com os punhos? Isso não o levará muito longe, Justin. Logo alcançará a idade em que as brigas a murros se convertem em sessões de esgrima, e então manchará as mãos de sangue.

— Então serei como você, verdade?

Surpreendida por aquelas palavras, Lysette se sentou na sombra do último degrau e escutou com atenção.

— Por mais malvado que seja, eu nunca chegarei a ser pior que você — acusou-o o moço —. Sei tudo a respeito de você, papai. E também conheço seus planos para Sagesse e *mademoiselle* Kersaint.

Um silêncio cheio de tensão seguiu essas palavras. Finalmente Vallerand grunhiu: — Tenho razões sobre as quais você não sabe nada.

— Não? — troçou Justin.

— Ao que parece ouviu os rumores.

— Ouvi a verdade!

— Ninguém conhece a verdade — respondeu Vallerand com voz átona.

O moço lhe cuspiu uma palavra terrível e saiu correndo da cozinha. Lysette se apressou a afastar-se da escada e fugiu para sua cama, querendo evitar que a surpreendessem escutando às escondidas. Quando ficou a salvo debaixo da colcha, cravou o olhar nas sombras sem as ver e se perguntou se tinha ouvido corretamente o moço. Qual era a palavra que Justin atirara a seu pai? Tinha soado como «assassino».

Mas não podia tê-lo ouvido bem, pensou, profundamente perturbada, e seus punhos se apertaram rigidamente contra a colcha.

Capítulo 3

Max esteve fora todo o dia seguinte, atendendo certos assuntos na cidade. Em resposta às perguntas de Lysette, Irénée replicou que tinha ido ver o governador Claiborne.

— Como chegou *monsieur* Vallerand a ter tão boa relação com o governador? — perguntou Lysette, fascinada. Irénée encolheu os ombros.

— Não estou certa, dado que Max raramente fala comigo de suas atividades políticas. Entretanto, sei que quando Claiborne assumiu o cargo, pediu a meu filho que o ajudasse a negociar com os crioulos e fosse dando forma a suas propostas para fazer com que se tornassem mais aceitáveis. Tal como acontece com a maioria dos americanos, o governador nem sempre entende nossa maneira de fazer as coisas. E como a Max tanto os crioulos como os americanos devem muitos favores, está acostumado a ser capaz de persuadi-los para que se mostrem de acordo com as decisões políticas de Claiborne. Max também ajuda a apaziguar o descontentamento na cidade quando Claiborne faz algo que não deve. — Estalou a língua ao mesmo tempo em que acrescentava, em um tom de desaprovação —: Estes americanos sempre estão criando problemas.

Tal como a maioria dos crioulos, Lysette considerava que os americanos eram uns bárbaros, com escassas exceções. Toscos e carentes de refinamento, os americanos só pensavam no dinheiro, gostavam de beber muito e em seguida perdiam a paciência com os crioulos porque estes sempre preferiam fazer tudo devagar.

Só os americanos podiam chegar ao extremo do mau gosto que representava substituir o *cotillón* e os bailes de quadrilha crioulos pela giga e o galope à escocesa. Só a uns hipócritas como os americanos ocorreria criticar o hábito crioulo de passar o domingo descansando em vez de permanecer sentados no banco duro de uma igreja da manhã até a noite.

Quando a manhã estava um pouco mais avançada, Lysette explorou a plantação por sua vontade, protegendo a cútis com uma sombrinha para evitar uma proliferação das nunca bem-vindas sardas. No entanto, sua energia habitual logo se viu enfraquecida pelo calor, e não demorou a perceber uma aborrecida

dor nas têmeoras. De retorno a casa, centrou sua atenção no bordado que lhe tinha proporcionado Irénée. O intenso calor do verão não demorou a invadir inclusive as partes da casa mais resguardadas do sol. A transpiração fez com que a roupa se colasse à pele, e Lysette começou a puxá-la com irritação.

Quando Irénée se retirou para a sesta do meio-dia, declarando-se fatigada pelo calor, Lysette fez o mesmo. Entrou em seu quarto, ficou em roupa interior, e se deitou sobre os frescos lençóis brancos. Uma criada desenrolou o *balee*, uma rede de gaze que mantinha os mosquitos afastados da cama. Com os olhos fixos no baldaquino que se estendia a dois metros por cima de sua cabeça, Lysette esperou que o sono tomasse posse dela. Embora já tivessem transcorrido três dias desde seu trajeto pelo pântano, ainda não se recuperara por completo. Estava esgotada, e até os próprios ossos lhe doíam.

Justin entrou na biblioteca sem fazer ruído e percorreu-a rapidamente com o olhar. O calor da tarde fazia com que o cômodo estivesse asfixiante. Os livros dispostos em fileiras intermináveis pareciam observá-lo como sentinelas do alto de suas prateleiras.

A mole da mesa de mogno de Max, com todas suas misteriosas gavetas e compartimentos, elevava-se entre as janelas protegidas pelas cortinas. Sua visão fez com que um calafrio descesse pelas costas de Justin. Tinha visto frequentemente seu pai sentado a essa mesma mesa, a cabeça inclinada sobre documentos e livros. As gavetas estavam repletas de chaves, recibos, papéis e pequenos cofres; e entre tudo aquilo, esperava Justin, se encontraria o objeto que andava procurando. Foi rapidamente até à mesa e revistou-a, examinando os conteúdos de cada gaveta.

Usou a forquilha para o cabelo que tinha pego emprestada do quarto de Irénée para abrir uma pequena caixa que continha documentos. A fechadura se abriu com um estalo de protesto, e Justin lançou uma cautelosa olhada por cima do ombro antes de olhar dentro da caixa. Mais recibos, e uma carta. Uma carta sem abrir. Um brilho de triunfo brilhou nos olhos de Justin. Guardou a carta dentro da camisa, fechou a caixa e voltou a deixá-la onde a tinha encontrado.

— Isto — murmurou para si — saldaré a conta que tenho contigo, *mon père*.

Lysette dormiu até bastante depois da hora do jantar, e Irénée se assegurou de que seu sono não fosse interrompido. Quando despertou, o quarto estava escuro e a frescura do anoitecer já tinha chegado. Ainda meio adormecida,

Lysette vestiu um vestido amarelo claro e foi para o andar de baixo.

— Ah, por fim acordou — disse a voz animada de Irénée—. Pensei que seria melhor deixá-la dormir todo o tempo que quisesse. Agora deve ter fome, hmmm? — A anciã a agarrou pelo braço e o apertou afetuosamente —. Os gêmeos e eu já comemos. Max chegou faz um momento e está jantando. Pode acompanhá-lo na *salle á manger*.

Pensar em comida fez com que Lysette sentisse náuseas. — *Non, merci* — conseguiu dizer —. Não tenho fome.

— Mas tem que comer algo. — Irénée a empurrou suavemente para a sala de jantar —. Temos um *gumbo* delicioso, e *pâmpano* recheado de caranguejo, e bolos de arroz quentes...

— Oh, não posso — disse Lysette, sentindo que se fechava a garganta ao pensar nos succulentos pratos.

— Tem que tentá-lo. Está muito magra, minha querida.

Quando entraram na sala de jantar, Lysette pôde ver o reflexo de Max no espelho de moldura dourada sobre a chaminé de mármore. Max estava sentado à mesa e a luz da lâmpada arrancava reflexos brilhantes de seus cabelos negros como a asa de um corvo.

— Boa noite, *mademoiselle*. — Com a cortesia inata de um cavalheiro crioulo, levantou-se e ajudou Lysette a sentar-se —. *Mamam* me disse que dormiu muito tempo. — Avaliou-a com o olhar —. Encontra-se bem?

— Sim, muito bem. É só que não tenho muito apetite.

Irénée estalou a língua.

— Certifique-se de que coma algo, Maximilien. Eu estarei na sala ao lado com meu bordado.

Lysette viu a anciã partir com um sorriso nos lábios.

— Sua mãe é todo um caráter, *monsieur*.

— Disso não há dúvida — concordou ele ironicamente. Uma criada entrou na sala para depositar um prato perante Lysette. Bastou contemplar o peixe fumegante disposto sobre bolos de arroz frito, para sentir que a bÍlis começava a subir pela garganta. Agarrou um copo de água e bebeu um pequeno sorvo, com a esperança de que isso lhe acalmasse um pouco o estômago.

— Ouvi que hoje foi ver seu amigo o senhor Claiborne — observou depois.

— Sim. — Max fincou os dentes brancos em um pedaço de pão de casca dourada.

— Do que estiveram falando? Ou foi algo muito complicado para que uma

simples mulher possa entendê-lo? — Seu sarcasmo arrancou um fugaz sorriso de Max.

— A administração de Claiborne se encontra sob perseguição. O governador tenta reunir toda a informação possível antes que seus inimigos acabem com ele.

— Quem são seus inimigos? Os crioulos? — Max sacudiu a cabeça.

— Não, não se trata dos crioulos. São refugiados da França e Santo Domingo, e um pequeno, mas muito barulhento punhado de americanos. Entre os quais figura Aaron Burr, que neste preciso instante se encontra em Natchez.

— O antigo vice-presidente dos Estados Unidos?

— Sim. Correm rumores de que Burr embarcou em uma missão de reconhecimento para recrutar homens em uma confabulação para se apoderar do território de Orleans.

— Isso deve ter deixado o governador muito nervoso.

Max se recostou em seu assento e a observou sem deixar de sorrir.

— O que é muito justificável. Claiborne é jovem e carece de experiência. Seus adversários políticos adorariam desacreditá-lo e separar o território da União.

— Você é um dos que desejam que a Louisiana alcance a condição de estado?

— Conto com isso — replicou ele —. Quando os americanos ficaram com o território há dois anos, jurei lealdade a Claiborne. Desgraçadamente, os americanos não têm honrado sua promessa de admitir a Louisiana na União.

— Mas por quê?

— Asseguram que nossa população ainda não se encontra preparada para obter a cidadania.

— Não vejo por que... — começou a dizer Lysette, e se calou ao sentir um súbito enjoo. Fechou os olhos e, quando os abriu, viu que Max a olhava fixamente.

— Está muito pálida — murmurou —. Sente-se mal? — Lysette sacudiu a cabeça.

— Eu... estou bastante cansada, *monsieur*. — Afastou-se torpemente da mesa —. Se me desculpar, subirei ao meu quarto.

— É óbvio. — Ele a ajudou com muito cuidado, rodeando-lhe o cotovelo com sua mão robusta —. Sinto ver-me privado de uma companhia tão encantadora durante o jantar. Apesar de ser uma mulher, é capaz de levar muito bem uma conversa.

Lysette riu, e logo dirigiu um sorriso àqueles olhos escuros que a contemplavam com um brilho de diversão.

— Já responderei a isso amanhã, quando me encontrar melhor.

Sustentou-lhe o olhar por um instante, e logo sua mão se separou de bastante má vontade do braço de Lysette. — Que descanse bem — murmurou, e permaneceu de pé enquanto ela saía da sala.

Lysette subiu a escada sentindo que as pernas lhe pesavam como se fossem de chumbo. Quando entrou em seu quarto, levou a mão à cara, sabendo que algo não estava bem. Um suor frio cobria sua pele. Mais transpiração corria entre seus seios e debaixo de seu corpete, e estava impaciente por tirar toda aquela roupa que a oprimia.

Havia um quadrado de papel branco em sua cama, cuidadosamente colocado sobre o travesseiro. Lysette franziu o cenho com curiosidade e pegou o papel. Quando viu do que se tratava, seu coração deixou de pulsar.

— A Carta — sussurrou, descobrindo de repente que lhe custava respirar. O sobrescrito tremeu em suas mãos. Era sua carta para Marie, sem abrir e sem entregar. Vallerand tinha assegurado que a carta seria enviada. Por que tinha mentido? E qual era seu propósito ao retê-la? Oh, Deus, ela sabia que não podia confiar nele!

Decidiu que iria imediatamente falar com Max. Então sua cabeça palpitou com uma súbita pontada de dor, e sentiu uma dor nas costas do alto da coluna vertebral até os quadris. Branca de indignação, Lysette agarrou a balaustrada com uma mão escorregadia e deu início à longa descida. Quando tinha baixado metade dos degraus, viu Vallerand saindo da sala de jantar.

— Tem algo que me explicar, *monsieur* — disse, sentindo a língua estranhamente pastosa.

Ele foi para a escada. — O que tenho que lhe explicar, *mademoiselle*? — Lysette mostrou a carta.

— Por que mentiu para mim? Minha carta para Marie... ! Nunca teve nenhuma intenção de enviá-la. — Sacudiu a cabeça impacientemente para sossegar o zumbido que ressoava em seus ouvidos —. Não o entendo. — Viu que ele começava a subir a escada em sua direção e tratou de retroceder escada acima. O estrondo que ressoava dentro de sua cabeça a impedia de pensar —. Não se aproxime!

O rosto de Vallerand mostrava uma tranquilidade desumana.

— Como a conseguiu?

— Isso não importa. Diga-me por quê. Agora, maldito! Diga-me... — A carta caiu de sua mão enervada e terminou em cima de um degrau —. Partirei. Prefiro estar com Sagesse a ter que suportar sua presença um só minuto mais.

— Ficaré — disse ele secamente —. Tenho planos para você.

— Maldito — murmurou Lysette, sentindo a humilhante ardência das lágrimas nos olhos —. O que é o que quer de mim? — levou as mãos à cabeça em um esforço por deter o palpar que sentia dentro dela. Se ao menos parasse. Se ao menos pudesse acalmá-lo o suficiente para pensar.

De repente o rosto de Vallerand mudou.

— Lysette... — Estendeu os braços para ela para segurar seu corpo vacilante, e suas mãos se fecharam ao redor de sua cintura.

Ela tratou de afastá-lo. — Não me toque!

O duro braço de Vallerand deslizou ao redor de suas costas.

— Deixe que a ajude a subir ao quarto.

— Não...

Enquanto se esforçava por liberar-se, sentiu que se derrubava em cima dele. Sua cabeça caiu fracamente sobre o ombro de Vallerand ao mesmo tempo em que suas mãos pendiam flacidamente aos lados.

— Max? — perguntou Irénée, que tinha saído do salão quando ouviu toda aquela agitação. Noeline a seguia —. Há algum problema? *Mon Dieu*, o que aconteceu?

Vallerand nem sequer a olhou.

— Chame o médico — ordenou secamente, e levantou Lysette do chão, curvando os braços por debaixo de seus joelhos e suas costas. Carregou-a como se não pesasse nada, sem prestar atenção a seus gemidos de protesto.

— Posso andar — soluçou ela, afastando fracamente suas mãos —. Solte-me...

— Calada — disse ele com doçura —. Não resista.

O trajeto até seu quarto só levou uns segundos, mas a Lysette pareceu que durara uma eternidade. Sua face repousava sobre o ombro de Vallerand, ao mesmo tempo em que suas lágrimas foram molhando o firme linho de sua camisa. Lysette tinha calor e sentia náuseas, e estava espantosamente enjoada. A única coisa sólida que havia no mundo era o peito duro de Vallerand. De algum jeito, em seu infortúnio, esqueceu o muito que o desprezava, e agradeceu o sólido apoio de seus braços.

Por um instante se sentiu melhor, mas quando Vallerand a pôs na cama,

todo o quarto girou vertiginosamente ao seu redor. Era como se estivesse afundando-se dentro de uma escuridão asfixiante. Gesticulando às cegas, estendeu os braços em um esforço por salvar-se. Uma mão afastou delicadamente os cabelos de sua face que ardia.

— Ajude-me — sussurrou Lysette.

— Não é nada, *petite*. — A voz de Vallerand era suave e reconfortante —. Eu cuidarei de você. Não, não chore. Agarre-se a mim.

Lysette continuou debatendo-se em uma débil tentativa de escapar da nuvem abrasadora que tinha descido sobre ela. Tratou de explicar algo a Vallerand, e ele pareceu entender seus frenéticos balbucios.

— Sim, sei — murmurou —. Fique quieta, *petite*.

Noeline, que os tinha seguido ao interior do quarto, olhou por cima do ombro de Max e sacudiu a cabeça com expressão sombria.

— É a febre amarela — disse —. Quando chega tão depressa é terrível. Vi alguns estarem sãos um dia e cair mortos no seguinte. — Dirigiu um olhar de comiseração à figura que sofria na cama, como se um rápido falecimento fosse inevitável.

Max olhou a governanta com expressão áspera, mas se assegurou de que sua voz continuasse sendo tranquila e pausada. — Traga uma jarra com água fria, e um pouco desses pós... o que foi que demos aos gêmeos quando a tiveram?

— Calomelanos e jalapa, *monsieur*.

— Bom, pois apresse-se — grunhiu ele, e Noeline se foi imediatamente.

Max baixou o olhar para Lysette, que estava murmurando incoerências. Afastou-lhe delicadamente as mãos da camisa e tomou seus dedos que ardiam entre os seus.

— Oh, demônios — resmungou, preso de um medo que não havia tornado a experimentar em anos, desde que os gêmeos tinham sucumbido àquela febre que podia ser mortal. Voltou a lhe alisar os cabelos, e uma violenta maldição escapou de seus lábios quando notou quão molhados estavam nas raízes.

Irénée estava de pé atrás dele.

— Sua morte certamente frustrará seus planos, *mon fils* — disse em voz baixa.

Max não afastou o olhar de Lysette. — Não vai morrer.

— A enfermidade chegou muito depressa e com muita força — murmurou Irénée —. A febre já a faz delirar.

— Não volte a falar isso diante de Lysette — disse ele secamente —. Ficará

bem. Não vou permitir que seja de outro modo.

— Mas Max, ela não pode entender...

— Pode ouvir o que estamos dizendo. — Incorporou-se e a olhou fixamente —. Tire-lhe a roupa e banhe—a com um pano frio. Quando o médico chegar, diga-lhe que não deve fazer nada sem minha permissão. Não quero que a sangre.

Irénée assentiu, lembrando-se de como quase tinham perdido Justin durante seu combate com a febre, quando o tinham sangrado muito.

Irénée e Noeline se alternaram junto a Lysette durante as primeiras quarenta e oito horas. Irénée já não se lembrava de todo o trabalho e a paciência que requeria cuidar de um enfermo de febre amarela. As costas lhe doíam por causa das horas inclinando-se sobre a cama e passando a esponja com água fria pelo corpo de Lysette. Os violentos acessos de vômito, o delírio e os pesadelos, o penetrante aroma dos banhos de vinagre que lhe davam: tudo aquilo era repelente e exaustivo.

Max se interessava frequentemente pelo estado da jovem, mas o decoro o impedia de entrar no quarto. Embora não se falasse disso, Max suspeitava que Justin tinha tido algo a ver com a carta, porque conhecia a inclinação que tinha seu filho para criar problemas. O moço andava pela casa como um espectro, fugindo de seu pai e de seu irmão.

Em momentos como aqueles, quando os adultos se achavam ocupados em outras coisas, normalmente os gêmeos aproveitavam a oportunidade para ignorar as normas, faltando às aulas com seu preceptor e saindo da casa para ir ver seus amigos ou fazer travessuras na cidade. Naquela ocasião, entretanto, mostravam-se desusadamente tranquilos. Uma tétrica neblina parecia ter descido sobre a casa, o silêncio interrompido unicamente pelos gritos incoerentes de Lysette durante os piores períodos do delírio.

Esta vez, quando a família de Lysette voltou para a casa dos Vallerands, foi dali sem abrigar nenhuma dúvida de que era certo que estava extremamente doente. Permitiram que Delphine a visitasse em seu quarto, mas a jovem não a reconheceu. Gaspard se mostrou muito abatido quando se foram, porque estava claro que Lysette tinha poucas probabilidades de sobreviver à febre.

Em um arranque de melancolia, Justin começou a queixar-se do incômodo que criava ter em casa uma convidada doente.

— Oxalá isto terminasse de uma vez, da maneira que seja — disse com voz átona, enquanto ele e Philippe estavam sentados na escada —. Não suporto que todo mundo tenha que andar nas pontas dos pés, e os ruídos que ela faz, e que

toda a casa empesteara a vinagre.

— Não durará muito mais — comentou Philippe —. Ouvi *grand-mère* dizer que não viverá outro dia.

Ficaram gelados quando ouviram um débil grito procedente do andar de cima. De repente seu pai saiu da biblioteca e passou junto a eles sem dizer uma palavra. Subiu os degraus de dois em dois. Os gêmeos se olharam, surpreendidos.

— Acha que lhe importa? — perguntou Philippe.

O jovem rosto de Justin se endureceu em uma careta de desprezo.

— O único que lhe importa é que ela não morra sem ter-se aproveitado dela.

— O que quer dizer? — Suspeitando que seu irmão lhe ocultava algo, Philippe o agarrou pela manga —. Justin, o que é que você sabe e eu ignoro?

Justin libertou o braço com brutalidade.

— Não lhe direi nada. A única coisa que faria seria tentar defendê-lo.

Irénée tratou em vão de acalmar a moça que se retorcia e não parava de dar voltas no auge do delírio. — *Pauvre petite!* — exclamou.

Nada parecia ser capaz de tranquilizar Lysette. Nem bebia nem descansava, e nenhum medicamento conseguia permanecer dentro de seu corpo o tempo suficiente para que pudesse chegar a lhe fazer algum bem. Irénée se deixou cair exausta na cadeira junto à cama e contemplou o inquieto debater de Lysette.

— Não... não deixe que ele... Uh, por favor, por favor. — O fiozinho de voz subia e baixava monotonamente.

Irénée começou a estender a mão para a esponja e a bacia, com a intenção de esfriar a febre com mais água. Deixou escapar um ofego de surpresa quando seu filho apareceu no quarto escuro.

— Max? — exclamou —. O que faz? Não deveria estar aqui. Lysette não está vestida.

— Não quero saber.

Afastou de um tapa as tênues dobras do bairre e se sentou na beira da cama. Sua cabeça escura se inclinou sobre o corpo da jovem que não parava de retorcer-se.

— Max, isto é indecente — protestou Irénée —. Deve ir. — Fazendo como se sua mãe não estivesse ali, Max afastou os lençóis enredados no corpo suado de Lysette. Sua camisola umedecida pela transpiração se tornara transparente ao grudar-se à pele, e não servia para ocultar sua nudez. O rosto de Max permaneceu franzido em uma careta de tensão enquanto afastava do rosto de Lysette seus cabelos emaranhados e a agarrava nos braços. Toda a força de sua

vontade se achava centrada na figura que não parava de estremecer enquanto se aconchegava contra seu peito.

— Shsss — sussurrou sobre a têmpora de Lysette ao mesmo tempo em que lhe rodeava a cabeça com a mão —. Apoie-se em mim e descanse. Sim. Silêncio, *petite*. Com isso só consegue se esgotar.

A jovem se agarrou a ele e murmurou incoerências.

Max a deitou sobre a cama e estendeu a mão para a esponja molhada. Passou-a pela cara e pelo peito de Lysette, esfregando-a até que a água fresca correu em fios por sua pele e empapou suas próprias roupas.

— Fique quieta, Lysette. Deixe que eu cuide de você. Durma. Não corre nenhum perigo, *ma chère*.

Passado um momento, o contato de suas mãos e a doçura com a qual lhe falava tranquilizaram a jovem, que relaxou. Max pegou a xícara da mesinha de cabeceira e a aproximou dos lábios dela. Lysette se engasgou e tratou de resistir, mas ele continuou insistindo e não parou de persuadi-la e apressá-la até que ela bebeu um pouco do medicamento.

Max voltou a deitá-la delicadamente sobre o colchão e a cobriu com o lençol. Logo voltou o olhar para o rosto assombrado de sua mãe.

— Diga a Noeline que traga lençóis limpos — disse —. Pode me ajudar a trocar a cama.

Irénée por fim encontrou a voz que tinha perdido. — Obrigada por sua ajuda, Max. Agora me ocuparei dela.

Max agarrou um pente da mesinha de cabeceira e começou a passá-lo sobre a massa de nós que emaranhavam os cabelos de Lysette.

— Está esgotada, *mamam*. Vá descansar um pouco. Eu cuidarei dela.

Em um primeiro momento Irénée não soube como replicar a uma proposta tão desatinada.

— O quê? Que sugestão mais ridícula. Seria faltar ao decoro. Além disso, os homens não sabem como cuidar de um doente. Isso é uma ocupação de mulheres. Terá que fazer certas coisas que...

— O corpo de uma mulher não é um mistério para mim. Quanto a tratar a febre, cuidei dos gêmeos quando a tiveram. Recorda?

— Para falar a verdade, tinha esquecido — admitiu Irénée —. Foi magnífico com os gêmeos quando adoeceram. Mas eles eram seus filhos, e esta jovem inocente...

— Pensa que vou violá-la? — perguntou Max com um sorriso torto —.

Nem sequer eu sou tão degenerado, *mamam*.

— *Mon fils*, por que quer assumir esta carga? — perguntou-lhe ela com suspeita.

— E por que não deveria fazê-lo? Interessa-me muito seu bem-estar. Agora vá e descanse. Sou perfeitamente capaz de cuidar dela durante umas horas.

Irénée se levantou a contra gosto.

— Direi a Noeline que ocupe seu lugar.

Entretanto, Max não permitiu que Noeline ou nenhuma outra pessoa o substituíssem. Desde aquele momento, passou cada minuto junto ao leito de Lysette, as mangas de sua camisa enroladas por cima de seus cotovelos enquanto se esforçava por fazer baixar a intensa febre da jovem. Era incansável e assombrosamente paciente.

Irénée nunca tinha ouvido dizer que nem mesmo um marido fizesse tanto por uma esposa. Tudo aquilo era inexplicável. Estava consternada, mas não lhe ocorria nenhuma maneira de intervier. Carecia de todo controle sobre Max. Se seus irmãos tivessem estado em casa possivelmente teriam se dedicado a obrigá-lo a sair do quarto da doente, mas os dias iam transcorrendo sem que chegassem e Max continuava no quarto da jovem como se tivesse todo o direito do mundo a permanecer ali.

Um lobo rondava pelos sonhos de Lysette, espreitando-a até que ela pôs-se a correr e em seguida caiu. O lobo se aproximou dela, seus dentes reluziam quando se inclinou sobre seu corpo estendido no chão, e de repente começou a despedaçá-lo. Lysette gritou ao sentir que todo seu corpo estava sendo despedaçado. Um instante depois o lobo se esfumou, afugentado pelo som de uma voz cheia de doçura.

— Estou aqui..., tudo vai ficar bem. Fique calma... Estou aqui. Estou aqui.

Lysette se sentia rodeada por um calor asfixiante que lhe abrasava os pulmões. Com um grito de agonia, lutou para escapar. Sentiu que uma mão muito fresca lhe acariciava a testa. Desesperada quis encontrar um pouco mais de consolo. — Por favor — disse, e gemeu de alívio quando a carícia dadora de vida retornou e o frescor percorreu seu corpo, aliviando aquele fogo insuportável.

Os olhos do lobo voltaram a observá-la, reluzindo diabolicamente na escuridão. Lysette se apressou a voltar-se, cheia de pânico, e seu corpo chocou com o duro peito de um homem e seus rígidos braços.

— Ajude-me, por favor...

— Foi-me prometida em casamento — ouviu que dizia a voz de Étienne

Sagesse, e levantou o olhar para seu rosto para contemplá-lo com horror. O desejo ardia nos olhos semicerrados, e seus lábios reluziam de umidade. Lysette se afastou e se encontrou frente a frente com seu padraço.

O rosto de Gaspard estava deformado pela raiva. — Casará com ele! — Golpeou-a e voltou a erguer a mão.

— *Mamam!* — gritou ela ao ver sua mãe perto, mas Jeanne se apressou a retroceder ao mesmo tempo em que sacudia a cabeça. — Faça o que diz seu *beau-père*. Tem que obedecê-lo.

— Não posso...

A dura borda de uma xícara foi apertada contra seus lábios, e Lysette se afastou ao sentir um sabor amargo. A presença atrás de seus ombros de um braço duro como o aço não lhe permitiu afastar-se.

— Não — gaguejou enquanto sua cabeça se inclinava para trás até encontrar um ombro que não cedeu sob seu peso. — Não resista, *petite*. Beba isso tudo. Boa garota... Vamos, só um pouco mais.

Abrindo a boca com um arquejo afogado, Lysette obedeceu o carinhoso convite. Então viu a forma escura de um homem que se movia através de uma espessa névoa. Ele a ajudaria... tinha que fazê-lo. Lysette foi desesperadamente atrás dele, correndo e correndo até que uma grande porta de ferro lhe cortou a passagem. Agarrando-se aos barrotes, sacudiu-os com violência.

— Espere! Deixe-me entrar! Espere...

O lobo tinha ido atrás dela. Lysette podia sentir como se aproximava. Seu grunhido atravessou a noite nebulosa. Aterrada, Lysette bateu na porta, mas esta se negou a abrir. Umas mandíbulas terríveis se fecharam sobre seu pescoço.

— Silêncio. Fique quieta, tem que descansar.

— Não deixe que me faça mal...

— Está a salvo em meus braços, *ma chère*. Nada lhe fará mal.

Um pano molhado percorreu suas costas, suas pernas, seu pescoço e seus braços. A xícara voltou a ser levada a seus lábios. — Outra vez — ordenou-lhe suavemente aquela voz —. Outra vez.

Lysette se submeteu enquanto o lobo fazia círculos sigilosos em torno dela. Tomando-a entre sua mandíbula, arrastou-a para as sombras enquanto lhe gritava com voz aterrorizada que parasse... mas ele se negava a soltá-la... nunca a deixaria partir...

Lysette emergiu das camadas de escuridão, erguendo—se pouco a pouco com um penoso esforço até que conseguiu abrir caminho através da superfície de

um profundo torpor de sonhos. Estava deitada sobre o estômago em um quarto iluminado pela tênue claridade ambarina de um abajur no canto. Piscando, voltou à cabeça para a luz e apoiou a bochecha no colchão. A cabeça, o corpo e os braços lhe pesavam tanto como se estivesse equilibrando sacos de areia. Longas carícias frescas começaram a ir e vir lentamente por suas costas, e Lysette emitiu um débil som de gratidão.

Uma mão desceu sobre o lado da cara que havia voltado para a luz e comprovou delicadamente a temperatura de sua pele.

— Está muito melhor — disse uma voz familiar —. A febre cedeu, graças a Deus.

Lysette abriu os olhos com assombro ao reconhecer a voz. — *Monsieur Vallerand?* — perguntou, ainda meio adormecida —. Oh, não. É você.

Um toque de diversão se percebeu em sua doce voz. — Temo que sim, *petite*.

— Mas..., mas... — Não sabendo o que dizer, Lysette se afundou em um silêncio perplexo. Quem o tinha deixado entrar em seu quarto? Porque certamente Vallerand não tinha cuidado dela enquanto estava doente. Fragmentos de lembranças passaram fluando por seu cérebro cansado: a voz que rogava e insistia, os fortes braços, as mãos cheias de delicadeza que tinham atendido suas mais íntimas necessidades. Não podia acreditar.

Deu-se conta de que estava nua na cama, com um fino lençol descido até os quadris e as costas completamente descobertas. Aquilo transbordava os limites de seu entendimento, e não soube como devia reagir.

— Não estou vestida — disse com voz queixosa. Vallerand se inclinou sobre ela. Tinha arregaçado as mangas e o colarinho aberto de sua camisa revelava a surpreendente abundância de cachos negros que cobriam seu peito. Uma escura sombra de barba cobria seu rosto bronzeado, e estava despenteado. Sob seus olhos escuros havia umas profundas olheiras.

— Sinto — disse, embora a desculpa não soasse muito sincera —. Foi mais fácil cuidar de você desta maneira.

Lysette ficou tensa ao sentir o contato de seu dedo na curva quente de sua orelha.

— Tranquelize-se — murmurou ele —. Não vou abusar de uma mulher em seu estado. — Fez uma pausa antes de acrescentar, com expressão impassível —: Esperarei até que se encontre melhor.

Face ao quanto estava consternada, Lysette não pôde evitar que uma risada

escapasse de seus lábios.

— Quanto tempo estive doente? — perguntou com voz pastosa.

— Quase três semanas.

— Oh, *mon Dieu* — disse ela, sentindo que lhe secava a boca. Voltou-se com um movimento torpe e procurou os lençóis enquanto se ruborizava ao dar-se conta de que tinha os peitos nus.

Vallerand não pareceu reparar naquela exibição enquanto a ajudava a acomodar-se. Cobriu-lhe os peitos com o lençol e prendeu-os debaixo de seus braços. Lysette contemplou com assombro seu escuro rosto enquanto ele ajeitava os travesseiros atrás dela com toda a habilidade de uma enfermeira treinada.

Como se entendesse as necessidades de Lysette sem precisar que as expressasse, levou-lhe um copo aos lábios e ela bebeu com avidez, deixando que a água fresca aliviasse a secura de sua boca e sua garganta. Quando Max afastou o copo, ela voltou a recostar-se nos travesseiros.

— Não entendo por que sua mãe permitiu que cuidasse de mim — disse com voz enrouquecida.

— *Mamam* não aprovava — admitiu Vallerand enquanto punha bem a colcha ao redor dela —, mas estava muito cansada e eu fui muito teimoso. — Sorriu maliciosamente —. E mais tarde decidiu com tristeza que, posto que provavelmente fosse morrer de todos os modos, seria igual quem cuidava de você.

Lysette assimilou aquelas palavras, convencida de que teria morrido sem os inesgotáveis e pacientes cuidados de Max. — Salvou-me a vida — disse-lhe com um fio de voz —. Por quê?

A ponta de um dedo deslizou por sua bochecha cheia de sardas. — Porque o mundo seria um lugar muito mais escuro e aborrecido sem você, *ma chère*.

Imóvel, Lysette o olhou ordenar os objetos que havia sobre a mesinha de cabeceira. Lembrando-se do dia em que tinha caído doente, quando encontrou a carta para Marie que não chegara a ser enviada, recordou que tinha uma boa razão para estar furiosa com ele. Entretanto, aquilo podia esperar. Porque, deixando de lado as outras coisas que tinha feito, Vallerand tinha cuidado dela, tinha que lhe estar agradecida por isso.

— Se mando que tragam um pouco de caldo, provará um pouco? — perguntou-lhe ele.

Lysette fez uma careta só de pensá-lo. — Não posso. Sinto muito, mas não.

— Só um pouquinho. — Estava claro que Max continuaria insistindo até que ela concordasse.

Lysette franziu o cenho e suspirou. — De acordo, mas muito pouco.

Depois de chamar Noeline e lhe pedir um pouco de caldo, Vallerand voltou para a cabeceira. Lysette observou seu peito coberto de pelos e seu rosto bronzeado no qual apontava uma barba incipiente.

— Você é a enfermeira mais peluda que já vi — disse.

Ele sorriu; seus dentes muito brancos brilharam em seu rosto moreno.

— Não pode se permitir ser muito exigente a esse respeito — apontou —. Até que se encontre melhor, *petite*, terá que se conformar comigo.

Quando Lysette se recuperou o suficiente para desejar uma mudança de cenário, Max a levou à sala no andar de baixo. Quanto mais forte se sentia, mais a perturbava a intimidade que tinha começado a surgir entre eles.

Durante os últimos três dias tinha tentado colocar alguma distância entre ambos. Já não permitia que ele a ajudasse a banhar-se ou a pentear-se e lhe recolhesse o cabelo em um par de tranças, e só a Noeline e Irénée lhes estava permitido ajudá-la a vestir-se.

No entanto, quando Max a tomava nos braços e a levava à sala, os traiçoeiros sentimentos de proximidade reapareciam. Lysette quase podia permitir-se esquecer-se que ele a tinha traído e sem dúvida planejava aproveitar-se dela ainda mais do que já tinha feito.

Recordando a si mesma que não podia permitir-se ser tão estúpida para voltar a confiar nele, Lysette lhe dirigiu um olhar desconfiado.

— O que aconteceu? — perguntou ele, acomodando o leve peso de Lysette em seus braços —. Não está cômoda?

— Não é isso — disse ela sem deixar de lhe rodear o pescoço com os braços —. Só perguntava a que espécie de jogo está jogando, *monsieur*.

Ele a olhou como se não entendesse a que se referia. — Jogo?

Lysette revirou os olhos ante aquela exibição de pretendida inocência.

— O jogo do qual passei a ser um peão. Que está jogando com Étienne Sagesse. Está claro que não tem intenção de me permitir recorrer a minha prima em busca de refúgio. Queria me manter aqui, e conseguiu. Agora me conte qual é seu plano.

— Não falaremos disso até que se encontre melhor — resmungou ele.

— Que o admita não mudará nada — disse ela —. Já deduzi o que quer e

como pensa obtê-lo.

— Sim? — Um intenso brilho iluminou os olhos de Max —. Conte-me o que é que acredita que quero.

Antes que Lysette pudesse responder, ele a sentou no sofá e Noeline se aproximou para lhe pôr uma manta de viagem sobre os joelhos.

Lysette sentiu um doloroso puxão no couro cabeludo. Umas quantas mechas de cabelo tinham ficado enredadas em um dos botões da jaqueta de Vallerand. Reparando no ocorrido, este e Lysette estenderam a mão ao mesmo tempo. Seus dedos se encontraram, e ela retrocedeu, confusa.

O quente roce do fôlego dele em sua face desencadeou uma corrente de sensações que a aturdiram. Com uma lentidão mais fantasiosa do que real, Lysette deixou cair às mãos enquanto o coração retumbava dentro do peito. Vallerand liberou com muito cuidado o diminuto fio de cabelo, desfazendo o vínculo suave como a seda que os tinha mantido unidos. O aroma dele flutuou até o nariz de Lysette: sua masculinidade a embriagava e lhe provocava o desejo de beijá-lo. A resposta que Vallerand suscitava nela era tão carnal e profunda que se apressou a afastar-se dele, assombrada de si mesma.

Vallerand continuou inclinado sobre ela, com um braço apoiado no respaldo do sofá de madeira de jacarandá e o outro imóvel perto do quadril de Lysette.

— Não tenha medo — disse, interpretando erradamente a natureza do alarme que refletia o olhar dela.

— Ter medo de você? — sussurrou ela, cada vez mais confusa —. É o último homem no mundo do qual teria medo.

Suas palavras pareceram abalá-lo. Sua respiração se tornou mais rápida, e a olhou como se não se atrevesse a acreditar no que acabava de ouvir.

Irénée entrou na sala e sua voz rompeu o silêncio que os mantinha enfeitiçados.

— Como se encontra esta manhã, Lysette? — A peculiar expressão de Max se desvaneceu. — Muito bem — respondeu ele em um tom bastante seco enquanto ia para a porta —. Estarei na biblioteca.

Irénée o seguiu com o olhar enquanto saía e sacudiu a cabeça.

— Comporta-se de uma maneira muito estranha ultimamente. — Lysette suspirou, ao mesmo tempo em que pensava que sua doença apenas significara uma escapatória temporária de quaisquer que fossem os planos urdidos por Maximilien.

— Madame — disse, falando muito devagar —, você certamente saberá que

monsieur Vallerand nunca chegou a enviar a carta a minha prima Marie.

Irénée franziu o cenho.

— Lysette, deveríamos esperar que recupere um pouco mais as forças antes de discutir...

— *Monsieur* Vallerand planejava me desonrar, verdade? — Lysette cruzou as mãos sobre seu colo —. Bom, estou aqui o tempo suficiente para que minha reputação tenha ficado em pedaços, apesar de sua presença. Suponho que agora ninguém acreditará que pude permanecer durante tanto tempo sob o teto de Maximilien Vallerand com minha honra intacta. Exigirá Sagesse um duelo? Seria assim que reagiria qualquer crioulo, *n'est-cepas*? Obviamente, tudo saiu segundo os desejos de seu filho.

Irénée ficou em silêncio durante um bom momento. — Lysette — disse finalmente —, ainda não é muito tarde para devolvê-la a Sagesse. Se for isso o que deseja, irei assegurar-me de que se faça.

Lysette sacudiu a cabeça.

— Santo Deus, não. Antes preferiria ficar na rua a voltar para seu lado.

A anciã ficou claramente surpreendida pela franqueza com que Lysette falara. A aparição de Noeline na entrada lhe economizou ter que replicar.

— Madame — disse a governanta, elevando os olhos para o teto —, é *monsieur* Medart: quer levar consigo *mademoiselle* Lysette.

Capítulo 4

Lysette amaldiçoou sua fraqueza física assim que viu seu padrasto e *tante* Delphine entrar na sala. O desejo de correr era incontrolável, mas sabia que não conseguiria se afastar até cinco metros antes de começar a mancar.

—Lysette. —Disse Gaspard, calmamente e com um sorriso nos lábios. Em seus olhos, no entanto, havia uma expressão de ódio. O casamento de sua enteada com Etienne Sagesse era o único que estava entre ele e a ruína financeira, e Lysette quase sabotou seus planos. —Você é muito afortunada, sua tola. Sagesse ainda quer se casar com você, apesar do que aconteceu. O casamento se realizará conforme o planejado. Agora que está melhor, você virá comigo.

—O casamento nunca ocorrerá. —Disse Lysette. — Pensei que a essas alturas eu já teria deixado claro para você.

—Lysette! — Exclamou *tante* Delphine, correndo para ela em uma demonstração de carinho maternal. — Nós viemos cuidar de você. Certamente não quer continuar a ser uma carga para esses desconhecidos. Eu confiava que fosse mais considerada. ~ Acariciou o lado de seu rosto com sua mão gordinha e a cobriu com a manta de viagem.

Com uma súbita sensação de culpa, Lysette percebeu que Delphine estava em parte certa. Porque a verdade era que ela tinha sido uma carga para os Vallerands. Além disso, ela não queria ser o instrumento involuntário da destruição de Maximilien Vallerand. Se o resultado de tudo isso fosse um duelo, havia uma chance de que Sagesse conseguisse feri-lo ou mesmo matá-lo. De qualquer forma, a mera ideia era muito horrível até mesmo para conceber.

—Lysette. — Disse Irénée, surpreendendo a todos com a simpatia em sua voz. — Talvez você devesse ir com eles. Poderia ser o plano mais sensato.

—Sim, é. — Ofegou Gaspard, seu rosto grosso perdeu sua expressão ameaçadora.

— Fico satisfeito por ser tão sensata, madame Vallerand.

—Devemos pensar no bem-estar de Lysette. — Respondeu Irénée com cautela.

—É claro que Madame Vallerand reconhece o quão imprópria é sua

presença sob seu teto. —Interrompeu Gaspard, estendendo as mãos à sua enteada. — *Allons*, Lysette. Esperando lá fora, há uma carruagem, a mais esplêndida que você já viu. Sagesse pensou em todas as suas necessidades. — Ele levantou-a do sofá sem qualquer dificuldade, abafando sua resistência com seus braços grossos. Agarrada naquela presa esmagadora, Lysette não conseguia se mover ou respirar.

—Vai me pagar por todos os problemas que você me causou. —Disse Gaspard com a boca ao lado de sua orelha, roçando sua pele com uma névoa de saliva quente.

Oprimida pelo desespero, Lysette o afastou.

—Max. — Ela gritou, se perguntando freneticamente por que ele não estava lá. Será que ninguém o informou da chegada de sua tia e padrasto? — Max...

Ela sentiu o mundo de repente parecer balançar, ouviu um estranho grunhido estrangulado que certamente não veio de Gaspard. Uma força invisível a afastou do controle brutal de seu padrasto e a inércia a empurrou contra o forte peito de Vallerand. Lysette imediatamente se agarrou a ele, envolvendo seus braços ao redor do pescoço que era tão familiar para ela. Ela enterrou o rosto na garganta dele.

—Ele vai me levar para Sagesse. — Ela ofegou. — Não o deixe fazer isso, não...

—Você não vai a lugar algum. — Interrompeu Vallerand bruscamente. — Acalme-se, Lysette. Não lhe convém ficar excitada. — Sua possessividade fez Lysette sentir-se estranhamente tonta. No que diz respeito à Vallerand, ela era dele, e ninguém iria tirá-la dele.

Ele sentou-a delicadamente em uma poltrona e em seguida incorporou-se para olhar para Gaspard.

—Não a toque novamente. —Ele murmurou. Embora tivesse falado em um tom muito baixo, sua voz continha uma nota que gelou o sangue de Lysette. — Se você ousar tocar seu cabelo, eu o partirei em pedaços.

—É minha! — Explodiu Gaspard, olhando para ambos com uma incrédula fúria.

Lysette voltou a olhá-lo com fria satisfação. Max iria tomar sua parte na disputa, porque convinha a seu propósito mantê-la ali. Ela o deixaria enfrentar a situação a seu favor. O fato de sua reputação ter sido arruinada, ou de que Max estava usando-a, dava-lhe absolutamente no mesmo. A única coisa que importava era que ela não teria que se casar com Étienne Sagesse.

Gaspard falou diretamente com ele.

—Sagesse disse que se você não for devolvida a ele esta tarde, ele não quer ter nada mais a ver com você. Ele irá considerá-la manchada! Você entende, estúpida? Ninguém vai te querer, você não me servirá mais, porque nenhum homem decente jamais pedirá sua mão em casamento. Não só terá manchado seu próprio nome, mas também a honra de Sagesse, e é exatamente isso que o *monsieur* Vallerand pretende fazer. Para ele, você é apenas uma desculpa que lhe permitirá acabar com uma inimizade que começou há anos. Uma vez que for feito, você não terá nenhuma esperança de algo remotamente parecido com a vida que você poderia ter tido como a esposa de um Sagesse. Salve-se, Lysette. Venha comigo agora e ponha fim a toda essa loucura!

De repente, Lysette sentiu-se esgotada. Seus lábios se curvaram em um sorriso cheio de amargura quando falou com Max. — *Monsieur* Vallerand, tudo o que ele diz é verdade, *n'est-ce pas?*

Ele permaneceu de costas para ela. —Sim. —Disse ele.

Lysette recebeu a admissão sem surpresa. —E o que pensava fazer comigo assim que seu jogo acabasse?

—Compensar adequadamente a oportunidade que você me deu. —Ele respondeu, sem nenhum vestígio visível de embaraço. — Eu a mantereí com seu sustento da maneira que estime mais apropriada. Você descobrirá que minha gratidão pela oportunidade de bater-me em duelo com Sagesse será ilimitada.

Lysette não pôde deixar de sorrir com tanta arrogância.

—O que ele fez para ganhar essa inimizade de sua parte, *monsieur?*

Vallerand não respondeu.

Lysette considerou suas opções.

—Estou cansada de ser explorada. —Disse ela, sem dirigir-se a ninguém em particular. Seu olhar caiu sobre seu padrasto. — *Beau-père*, temo que você tenha que retornar à propriedade Sagesse sem mim. Agora que já não valho nada no mercado marital, talvez você encontre outra maneira de conseguir dinheiro. Quanto a você, *Monsieur* Vallerand... Espero que aproveite seu duelo com *Monsieur* Sagesse. Parabéns: você já tem o que queria.

—Mas o que você vai fazer, Lysette?— Perguntou Irénée, olhando-a com o rosto cheio de preocupação.

—Assim que eu puder ir, gostaria de ser levada para o convento das Ursulinas. Embora eu não tenha a intenção de me tornar uma monja, estou certa de que elas me darão abrigo até eu decidir o que fazer. Suspeito que eu poderei

encontrar um emprego como preceptora, ou talvez ensinando em algum lugar. — Estendeu a mão para Noeline, que assistiu todo o episódio da entrada. — Me ajude a subir, por favor. — Perguntou com dignidade silenciosa.

Lysette ainda tinha o cabelo molhado depois de uma forte lavagem durante o banho. Noeline estava separando os emaranhados cuidadosamente e começou a pentear os cachos, enquanto Irénée estava sentada perto e olhava pela janela. O sol do entardecer brilhava nos carvalhos que cresciam ao longo da estrada de acesso e penetraram no chão enlameado abaixo. Irénée observou enquanto Max se afastava da casa em seu puro-sangue preto. Quando teve certeza de que não havia chance de ele voltar, Irénée virou-se para Lysette e começou a falar com ela em voz baixa: — Você tem o direito de saber, Lysette, o que aconteceu entre Max e Etienne Sagesse. Isso ajudará você a entender melhor o meu filho, e talvez até o perdoe um pouco. Ele não é tão mau e egoísta quanto parece. Quando era mais jovem, Max deixou para trás todas as esperanças que seu pai e eu tivemos nele. Ele tinha um temperamento forte, é claro, e costumava se comportar mal, mas também era bom e carinhoso e cheio de charme. Praticamente todas as mulheres de Nova Orleans, jovens ou velhas, matronas ou donzelas, estavam apaixonadas por ele. E uma mulher naturalmente, foi sua perdição.

— Corinne Quérand era filha de uma família muito respeitável em Nova Orleans. Max tinha sua idade quando se casou com ela. Ele era tão jovem que não podia ver a verdadeira mulher atrás da bela fachada. No primeiro ano de seu casamento, Corinne fez dele o pai dos gêmeos, e ele estava contentíssimo. Parecia que eles seriam felizes juntos, mas então... — Irénée fez uma pausa e sacudiu a cabeça com uma expressão de tristeza.

— O que aconteceu? — Perguntou Lysette.

— Corinne mudou. Ou talvez ela permitiu que sua verdadeira natureza aparecesse. A formosa máscara caiu, e ela começou a deixar de lado o senso de dignidade e padrões morais como se fossem roupas que ela tinha cansado de usar. Corinne não tinha interesse em seus filhos. Queria machucar Max, então, ela procurou um amante. Eu acho, Lysette, que você pode adivinhar quem era esse amante.

Lysette engoliu em seco. — Etienne Sagesse?

— *Ouz, c'était* luz. Corinne se gabou com Maximilien sobre a indiscrição que cometeu com Etienne. Ela sabia que Max ainda a amava, e isso foi o que a induziu a ser tão cruel... *Mon Dieu*, meu filho sofreu como nenhuma mãe jamais

gostaria de ver seu filho sofrer. Ele queria ir ver Etienne e desafiá-lo em duelo, mas seu orgulho não permitiu que ele admitisse ao mundo que sua esposa tinha sido infiel.

Noeline recolheu o cabelo na parte de trás de Lysette e foi dar um lenço a Irénée.

—*Merci*, Noeline, — disse Irénée enquanto enxugava os olhos molhados de chorar. —Qualquer um poderia entender por que tinha que terminar acontecendo o que aconteceu. Corinne usou o que Max sentia por ela para torturá-lo, até que finalmente chegou um momento em que ele perdeu a paciência. Ele estava totalmente justificado, certo, Noeline?

—*Oui*, madame.

—O que aconteceu?— Perguntou Lysette, embora já soubesse. Foi Noeline quem respondeu.

—Eles encontraram madame Corinne na casa vazia do encarregado da propriedade, lá no bosque. A tinham estrangulado.

—Max disse que a encontrou assim. — Disse Irénée. — Ele insistiu que não a matara, mas não tinha álibi. As autoridades consideraram as circunstâncias e optaram por ser indulgentes. Às vezes, eles podem ser persuadidos a olhar para o outro lado, especialmente no caso de uma esposa infiel. O duelo com Etienne nunca ocorreu. Max continuou a insistir em sua inocência, mas ninguém acreditava em suas afirmações. Seus amigos não lhe foram leais, e Max ficou sozinho com seu sofrimento. Eu tinha certeza de que, depois de algum tempo, iria se recuperar e ser o mesmo de antes. Mas a amargura o consumia. Ele se tornou incapaz de expressar carinho, confiar em alguém, de permitir-se sentir interesse por alguém, exceto seus filhos.

—Madame, você acredita em sua inocência?— Perguntou Lysette.

O silêncio de Irénée durou até se tornar insuportável.

—Eu sou sua mãe. —Ela finalmente respondeu.

Lysette franziu a testa, achando que não soava como um sim.

—Talvez houvesse alguém mais que tivesse razão para matá-la?

—Ninguém mais. — Disse Irénée com terrível certeza.

Lysette tentou imaginar Maximilien Vallerand colocando suas mãos poderosas em volta do pescoço de uma mulher para estrangulá-la até arrebatá-la sua vida. Descobriu que era impossível conciliar essa imagem com seu conhecimento do homem que cuidara dela quando esteve doente. Ela poderia aceitar que Vallerand era implacável, para não mencionar a sua capacidade de

manipular os outros. Mas um assassino? Lysette não teria podido explicar o porquê, mas a verdade era que não podia acreditar.

—Há que ter pena de Max. — Disse Irénée. — Agora você entende por que ele viu em você um meio para forçar Etienne a lutar em um duelo. Ele considera sua oportunidade de se vingar do passado. Não tenho dúvidas de que ele vai matar Etienne. Então talvez ele finalmente possa esquecer toda a tragédia.

—Ou, — murmurou Lysette, — Seu filho simplesmente terá mais sangue nas mãos.

Irénée não pôde deixar de agradecer o grande número de visitas que recebeu na quinta-feira. Todos os seus amigos e parentes femininas foram até a casa de Rand Valley sem se preocupar com a distância que tiveram que viajar, em busca de informações sobre a fofoca mais emocionante dos últimos anos. A controvérsia se espalhou até o último canto de Nova Orleans. Era óbvio que não tardariam em bater-se em duelo. Todos sabiam que Maximilien Vallerand tinha praticamente tomado à prometida de Etienne Sagesse e arruinou sua reputação ao fazê-lo.

—Os rumores não são verdadeiros, — disse Irénée com calma, reinando como uma Imperatriz sobre as pessoas reunidas em sua sala de estar enquanto distribuía pratos cheios de pequenos bolos e *langues de chat*, uns biscoitos pequeno que se dissolviam na língua. — Eu me pergunto como alguém poderia ter acreditado que meu filho seria capaz de atacar a virtude de uma jovem que vive sob meu teto. Lysette não só me teve aqui como sua acompanhante, mas também adoeceu com febre! Eu cuidei dela sozinha durante sua doença!

Quatro cabeças cinzentas, enroladas em renda, assentiram em unísono. Claire e Nicole Laloux, Marie, Thérèse Robert e Fleurette Grenet eram suas melhores amigas, e Irénée sempre foi capaz de contar com o apoio delas, não importava quão terrível as circunstâncias. Mesmo nos dias obscuros do assassinato de Corinne Quérand, elas não deixaram de visitá-la e nunca tinha passado pela cabeça a ideia de retirar sua amizade. Irénée era boa e generosa, e todos sabiam que não havia uma dama mais refinada do que ela. Seu filho, por outro lado...

Mesmo assim, a maioria dos crioulos tolerava Maximilien. Os Vallerands tinham sido uma das famílias mais ilustres de Nova Orleans há décadas. Apesar de seu passado vergonhoso, Maximilien sempre foi convidado para todos os grandes eventos sociais do ano... mas não para pequenos encontros familiares de uma natureza mais íntima, onde as relações verdadeiramente importantes eram

formadas e fortalecidas.

—Todos sabem que você nunca permitiria que seu filho se comportasse de maneira inadequada, Irénée. —Disse Catherine Gautier, uma jovem matrona que também mantinha boas relações de amizade com algumas jovens mulheres de família. — Mas mesmo assim, a reputação da pobrezinha foi arruinada de qualquer maneira. Porque ela passou mais de duas semanas sob o mesmo teto que Maximilien, que sem dúvida é o cavaleiro de maior... renome da cidade. Ninguém culpa Étienne Sagesse por não querê-la mais como sua esposa.

Todos murmuraram seu acordo, estenderam suas xícaras para serem servidas com mais café, terminaram as últimas migalhas de bolo e começaram a atacar um novo prato.

—Claro que agora haverá um duelo. —Disse Marie Therese. —É o único recurso para Sagesse. Caso contrário, sua honra estaria manchada para sempre.

—Sim, todos sabem. —Disse Fleurette, enquanto limpava delicadamente os cantos da boca com um guardanapo. Então ela assumiu uma expressão de interesse objetivo. —Irénée, o que foi que fez Maximilien, que essa jovem decidiu ficar aqui em vez de voltar para Sagesse?

—Ele não fez absolutamente nada. —Disse Irénée, decorosamente.

O olhar que Claire e Fleurette trocaram deixou claro que ambos sabiam que não tinha sido assim. Era óbvio que a jovem tinha sido seduzida. Ou isso ou ameaçou-lhe com algum tipo de violência. Maximilien era tão malvado!

Natural da Virgínia, William Charles Coles Claiborne tinha apenas vinte e oito anos quando o presidente Jefferson o nomeou o primeiro governador americano do território de Orleans. Embora os crioulos não tivessem parado de se opor a ele em nenhum momento, era uma coalizão de refugiados franceses e americanos famintos por dinheiro que representavam a maior ameaça para a administração Claiborne.

Entre aqueles que Claiborne considerou muito justamente como um perigo figuravam, Edward Livingston, um nova-iorquino que havia ido à Nova Orleans para enriquecer-se e o general Wilkinson, que comandava o exército e acabara de ser nomeado governador do Território da Louisiana Superior. Ambos os homens se aliaram em maior ou menor grau com Aaron Burr, que os encorajou a fazer todo o possível para agitar os residentes mais poderosos do território.

Max teve sérias dúvidas sobre a habilidade de Claiborne para enfrentar a tempestade que estava se formando. Embora inteligente e determinado,

Claiborne ainda lamentava a perda de sua esposa e sua única filha devido à febre amarela no ano anterior. A imprensa o atacou implacavelmente, alegando que ele era um réprobo e um jogador, e que ele tratou cruelmente sua esposa antes da morte dela. Pior ainda, a atenção de Claiborne era muitas vezes afastada do problema que representava Burr e pela presença dos piratas cada vez mais numerosos que infestavam Baratária Bay e os pântanos ao sul de Nova Orleans.

—O problema. —Disse Claiborne com uma expressão vaga para Max, sentados em grandes cadeiras de mogno e falando sobre os últimos acontecimentos que ocorreram na cidade, — É que os bandidos conhecem os pântanos melhor do que a minha própria força policial, e eles são muito melhor organizados e abastecidos. O presidente Jeffersons prometiu enviar algumas armas de combate para nos ajudar a lutar contra os piratas, mas temo que eles não estejam em boas condições. E eu suspeito que não haverá um grande número de homens alistados para escolher.

Max sorriu maliciosamente.

— Isso se me permite observar que a maioria dos crioulos não se mostraria a favor de tomar medidas fortes contra a pirataria. Os comerciantes locais irão gritar alto se você eliminar o acesso à mercadoria isenta. A fortuna de muitas famílias respeitáveis baseou-se no contrabando. Aqui nem sempre é considerado uma vocação desonrosa.

—Oh! E a quais famílias respeitáveis você está se referindo? —A questão, formulada num tom cheio de suspeita, teria intimidado muitos homens. Max simplesmente riu.

—Eu ficaria surpreso se meu próprio pai não tivesse contribuído para a causa dos piratas. —Admitiu ele.

Claiborne olhou para ele, atordoado pela audácia dessa revelação.

—E de quem são suas simpatias neste assunto, Vallerand?

—Se você está me perguntando se eu tenho algo a ver com o contrabando ou não, a resposta é... —Max fez uma pausa, deu uma tragada em seu fino charuto preto e exalou uma fina corrente de fumaça. —Não neste momento.

A insolência que este homem poderia mostrar fez Claiborne hesitar entre raiva e diversão. Finalmente esta última ganhou e ele riu.

—Às vezes me pergunto, Vallerand, se eu deveria contar com você como amigo ou inimigo.

—Se eu fosse seu inimigo, senhor, você não teria razão para duvidar.

— Fale por um momento sobre seus inimigos. O que é isso que meus

assistentes me contaram sobre a rivalidade entre você e Étienne Sagesse por causa de uma mulher? E esse ridículo de que haverá um duelo? Apenas um rumor, espero.

—Tudo é verdadeiro.

Surpresa apareceu no rosto do governador. —Vai ser tão irreflexivo para se bater em duelo por uma mulher? Um homem de sua maturidade?

Max levantou uma sobrancelha.

—Tenho trinta e cinco anos, *monsieur*, então dificilmente pode ser considerado que já cheguei à idade que se começa a caducar.

—Claro, mas... — Claiborne sacudiu a cabeça com consternação. — Embora eu não o conheça há muito tempo, Vallerand, considero-o um homem sensato, não um jovem com sangue quente capaz de sacrificar tudo, deixando-se arrastar por ciúmes e raiva. Duelar por uma mulher? Eu o acreditava acima de semelhante conduta.

Uma leve sombra de diversão surgiu nos lábios de Max. —Sou crioulo. Se Deus quiser, nunca estarei acima de semelhante conduta.

—Eu gostaria de entender os crioulos. —Disse Claiborne, enrugando a testa. Ele estava pensando em seu cunhado, que havia morrido recentemente em um duelo enquanto defendia a memória de sua irmã. — Com suas mulheres, e todos esses duelos, e os temperamentos apaixonados que eles têm...

— Descobrirá, governador, que duelos são um aspecto inevitável da vida em Nova Orleans. Talvez um dia seja necessário defender sua própria honra dessa maneira.

—Nunca!

Como todos os americanos que viviam em Nova Orleans, Claiborne não entendia a inclinação dos crioulos para combater em duelos pelo que lhe parecia ser uma ninharia. Sabres eram a arma preferida, e a arte de esgrima era ensinada por um florecente grupo de academias. O jardim atrás da catedral tinha absorvido o sangue de muitos cavalheiros galantes que sacrificavam suas vidas apenas para vingar o que eles imaginavam ser uma afronta. Às vezes, uma única palavra errada ou a leve infração de etiqueta era suficiente para causar um desafio. —Por Deus, homem. —continuou Claiborne, — Como você pode se envolver em algo assim, quando ainda poderia ser-me útil? Sabe que devo evitar a todo custo ganhar a inimizade da população desta cidade, e se o ódio que os crioulos sentem por mim cresce um pouco mais...

—Os crioulos não o odeiam, — Interrompeu Max.

—Eles não me odeiam?— Ao ouvi-lo dizer pareceu apaziguar Claiborne um pouco.

—Em geral, você é indiferente. São os seus compatriotas que o odeiam.

—Maldição, já sei disso. — O governador olhou para ele com uma expressão sombria. — Você não será de grande ajuda para mim se Sagesse ganhar a partida.

Max meio sorriu.

—Isso é bastante improvável. No entanto, se eu não conseguir a vitória contra Sagesse, minha ausência não será grande perda como você pensa.

— É um corno! Neste momento, o coronel Burr está em Natchez, planejando provocar a revolta na Louisiana e semear o caos em só Deus sabe em que outras regiões do continente. Em algumas semanas ele estará aqui procurando por partidários. Até então, é provável que você tenha sido enterrado no pé de uma árvore em vez de tentar verificar os relatórios que recebo. E se Burr chegar no caminho, sua propriedade será confiscada, as riquezas de sua família serão tiradas dela, e seu desejo de ver como a Louisiana atingirá o status de estado nunca será realizado.

Um brilho de malícia surgiu nos olhos castanhos de Max.

—Sim, cairão no território como um bando de abutres. Ninguém pode igualar os americanos no que se refere ao saque e à pilhagem.

Claiborne fingiu não ter ouvido sua observação. —Vallerand, o duelo não pode realmente ser imprescindível.

—Já faz dez anos.

—Dez anos? Por quê?

—Tenho que ir. Tenho certeza de que você encontrará alguém disposto a ajudá-lo —disse Max, levantando-se e segurando a mão para dar-lhe o breve aperto dos comerciantes de que os americanos pareciam preferir ao costume crioulo de beijar ambas as bochechas. Os anglo-saxões eram realmente muito raros; sempre tão solitários, espalhafatosos e hipócrita.

—Por que você tem que ir?— Perguntou Claiborne. —Há outras coisas sobre as quais quero falar.

—A essas alturas, a notícia da minha presença aqui já circulou. Estou esperando para receber um desafio na escada de sua porta. — Max fez uma reverência leve e zombadora. — Ao seu serviço, como sempre, governador.

— E se amanhã você estiver morto? —Max lhe deu um sorriso sombrio.

— Se você precisar de um conselho do outro mundo, ficarei satisfeito de

poder providenciá-lo.

Claiborne riu.

— Você está ameaçando me perseguir do além?

— Você não seria o primeiro a tropeçar com os fantasmas de um Vallerand, — assegurou Max. Ele colocou na cabeça o chapéu de abas largas típico dos plantadores e saiu silenciosamente. Quando chegou à entrada principal do antigo palácio do governador, viu um grupo de homens se aproximando. A atmosfera ficou carregada de excitação, porque os crioulos foram tirados de sua rotina plácida pela perspectiva de um duelo em que Vallerand participaria.

— Posso ajudá-los em algo, senhores? — Max perguntou sem se encolher.

Um deles avançou, respirando rapidamente e com os olhos fixos no rosto escuro de Max. Em um súbito movimento convulsivo, ele bateu na sua bochecha com uma luva.

— Eu desafio você a duelar em nome de Etienne Gerard Sagesse. — disse ele.

Max sorriu de uma maneira que fez com que todos os homens presentes sentissem um calafrio lhes correr pela espinha. — Aceito o desafio.

— Você nomeará um padrinho para concordar com os detalhes do encontro?

— Jacques Clement será meu padrinho. Faça os arranjos necessários com ele.

Clement era um habilidoso negociador que já havia duas vezes conseguido resolver uma disputa sem que os aços tivessem se cruzado. Desta vez, no entanto, Max deixou claro para ele que não teria necessidade de negociar. O duelo seria lutado até a morte, com sabres, nas margens do lago Pontchartrain.

— E o médico? — o padrinho perguntou. — Quem será...?

— Você vai nomeá-lo — Max disse com indiferença, porque tudo o que importava era que por fim teria sua vingança nas mãos.

Depois de ouvir os rumores que atravessavam a cidade, Justin e Philippe correram para a casa com os pés descalços, lutando duelos com varas e vassouras e jogando os objetos domésticos no chão quando tropeçavam com mesas, armários e prateleiras. Nenhum dos dois tinha a menor dúvida de que seu famoso e temível pai venceria Etienne Sagesse. Já haviam alardeado a seus amigos de que igual Maximilien, não havia igual, tanto se as armas eram pistolas ou espadas.

Irénée tinha ido ao seu quarto, onde orava fervorosamente para que seu filho não sofresse nada no dia seguinte, e ela rezava para que ele fosse perdoado por ser tão implacável e sentir aquele horrível desejo de vingança. Lysette estava sentada na sala de estar, perplexa e tensa, enquanto tentava convencer-se de que não se

importava com o que aconteceria com Maximilien Vallerand. Ela virou a cabeça para a janela para olhar o céu celestial que brilhava com um brilho opalescente. Em Nova Orleans, a umidade que pendia no ar não era toda consumida pelo sol, e isso dava origem aos mais belos crepúsculos que Lysette já havia visto.

Onde estaria Maximilien agora? Ele apareceu durante a tarde e depois saiu sem jantar. Noeline havia dado a entender maliciosamente que ele iria visitar sua amante. A ideia causou uma emoção inesperada no peito de Lysette. Disse a si mesma que não se importava se ele tivesse uma centena de mulheres, mas as palavras soavam falsas.

Não importava o quanto ela tentasse, não podia evitar que sua imaginação continuasse a ver Max com sua amante naquele momento. O que um homem poderia dizer a uma mulher quando sabia que poderia morrer no dia seguinte? Lysette estreitou os olhos enquanto imaginava uma mulher com um rosto irresistível levando Max para sua cama, seus quadris esbeltos se moviam em um movimento convidativo e sua mão na dele. E Max olhou para ela com um sorriso sardônico em seus lábios, inclinando a cabeça quando ele roubou um beijo e suas mãos se moveram para tirar suas roupas. —Eu tenho que passar minha última noite com você. —ele poderia estar murmurando. — Rodeie-me com seus braços... — Enquanto a mulher se punha na ponta dos pés para oferecer-se, com a cabeça inclinada para trás, Lysette imaginou seu próprio rosto na mesma posição, seus próprios braços escorregando por aquele amplo ombro... —Ah, *Mon Dieu*, o que estou fazendo? Ela sussurrou ao mesmo tempo em que apertava suas mãos nas têmporas para banir esses pensamentos indecorosos de sua mente.

—*Mademoiselle!*

A voz de Philippe a interrompeu e Lysette olhou para vê-lo vindo em sua direção. Justin o seguiu sem pressa, com uma marcha cheia de autoconfiança que lhe lembrava seu pai.

—A que vem tanta tristeza? —perguntou Philippe, com os olhos azuis dançando com animação. — Ou acaso não te comprazes que amanhã *mon père* duelará em defesa de sua honra?

—Comprazer? —murmurou Lysette.— Como eu poderia fazer algo parecido? É horrível.

— Mas é o maior elogio que pode ser feito para uma mulher. Imagine o choque do aço, sangue, tudo por você!

—O duelo não será travado por ela. — Justin disse secamente, seus olhos

azuis fixos no rosto pálido de Lysette. — Não é verdade, Lysette?

—Sim. — ela disse com uma voz fraca. — É certo.

—Como? — Philip pareceu perplexo. — Claro, que o duelo é por você. Isso é o que todos dizem.

—Idiota. —Justin murmurou, e sentou-se no sofá ao lado de Lysette, aparentemente consciente de seus medos. — Nosso pai será o vencedor, você sabe? Ele nunca perde.

—E se o que me preocupa não é ele? —Ela respondeu sem perder a calma.

—Não é? Então, por que você está aqui esperando para vê-lo retornar?

—Não estou fazendo tal coisa!

—Se estiver. Você pode ter que esperar a noite toda. Às vezes, ele não retorna até o amanhecer. Você sabe com quem ele está agora, certo?

—Eu não sei, e não... —A voz de Lysette se perdeu no silêncio, e ela corou. —Com quem está?

—Não diga a ela, Justin! — disse Philippe, visivelmente enfadado.

—Ele está com Mariame. — Justin disse, olhando para Lysette com um sorriso presunçoso em seus lábios. —Durante anos foi sua *placée*. Mas ele não a ama.

Lysette queria fazer mais perguntas, mas ela as engoliu com extrema dificuldade.

—Eu não quero ouvir mais nada. — ela disse, e Justin riu com desdém.

—Você adoraria ouvir mais. — disse ele. —Mas não vou te dizer.

De repente, houve um grito feminino cheio de indignação do andar de cima.

—Justin! Philippe! Oh, vocês já tornaram a fazer das suas! Venham aqui imediatamente!

Como Justin não parecia disposto a se levantar do sofá, Philippe puxou sua manga com impaciência.

—Justin, vamos lá! *Grand-mère* está nos chamando!

—Vá e veja o que ela quer. —Justin disse languidamente.

Os olhos azuis de Philippe se estreitaram de desgosto.

— Não sem você!— Ele esperou enquanto Irénée os chamava de volta, mas Justin sentou-se sem mover um músculo. Com um resmungo de exasperação, Philippe saiu da sala.

Lysette cruzou os braços e olhou para o menino com todo o cinismo de que era capaz. —Há algo mais que você queira me dizer? —ela perguntou.

—Eu estava pensando, se você sabia a história do que meu pai fez com

minha mãe. — disse Justin.

Ele era um rapaz muito cruel, pensou Lysette, e ainda assim sentiu pena dele. Tinha que ser terrível viver com a suspeita de que seu próprio pai tinha sido capaz de fazer algo parecido, terrível saber que sua mãe tinha sido uma adúltera. —Você não precisa me dizer. —disse ela. — Isso não tem nada a ver comigo.

—Oh, é claro que tem haver. — retorquiu Justin. —Porque você verá, meu pai vai se casar com você.

Lysette deixou o ar sair de seus pulmões em uma exalação repentina. Olhou para Justin como se tivesse ficado louco. —Não, ele não fará tal coisa!

—Não seja estúpida. Por que mais a nossa *grande-mère* o permitiria comprometer-te dessa maneira, se ela não estivesse segura de que ele te compensará o devido?

—Não vou me casar com ninguém. — Justin riu.

—Já o veremos. Nosso pai sempre consegue o que quer.

—Ele não quer me ter. — insistiu Lysette.— Tudo o que ele quer é vingança. O duelo com *monsieur* Sagesse.

—Antes que a semana tenha chegado ao fim, você será uma Vallerand. — afirmou o menino. — A menos que, é claro, nosso pai seja derrotado no duelo... e não será assim.

O som de uma pena a arranhar um pergaminho fino era o único som na sala enquanto Etienne Sagesse continuava inclinado sobre a pequena mesa. Uma palavra após outra estava enchendo a folha de marfim, e o rosto acima dela estava vermelho pelo esforço. Ele cuidadosamente secou a carta, dobrou-a e selou-a, e então segurou-a nas mãos tão cuidadosamente como se fosse uma arma muito delicada. Uma suavidade há muito esquecida apareceu por um momento fugaz em seus olhos turquesa enquanto velhas lembranças dançavam ante ele.

—Etienne? —Sua irmã mais velha, Renée Sagesse Dubois, entrou na sala. Ela era uma mulher impressionante de grande estatura, admirada por sua autoconfiança, respeitada por ser uma esposa exemplar e a mãe de três filhos que gozavam de boa saúde.

Fazia anos que Etienne era para ela uma preocupação tão intensa como havia sido antes para sua mãe, e embora ela fechasse os olhos para suas faltas, não podia deixar de estar ciente de sua verdadeira natureza.

—O que você está fazendo? — ela perguntou.

Ele acenou a carta em resposta.

—No caso de amanhã, as coisas não saírem de acordo com os meus desejos. —disse ele. —Quero que isso seja entregue a Maximilien Vallerand.

—Mas por quê?— Renée perguntou. —O que você escreveu aí?

—Isso é algo que só corresponde saber ao Max. —Renée foi até a cadeira e descansou a mão longa no respaldo.

—Por que você tem que lutar em duelo por causa dessa criança?— Ela perguntou com voz por uma vez apaixonada.

—Por muitas razões. E o fato de Lysette Kersaint ser a única mulher com quem eu queira me casar não é o menor delas.

—Mas por quê? Não é nem mesmo bonita!

—É a mulher mais desejável que já conheci. Não, quero dizer, muito serio. Lysette é inteligente, é cheia de vida e não há outra como ela. Eu adorarei matar Vallerand para que ela possa ser minha.

—Você poderá viver com você se ele morrer?— Um sorriso estranho curvou os lábios de Etienne.

—Isso ainda está para ser visto. No entanto, posso ter certeza de que Max não pode continuar a viver consigo mesmo se ele ganhar a partida. — Ele deixou a carta na mesa do escritório. — Se isso acontecer, não esqueça esta nota. Estarei observando do túmulo enquanto a lê.

Uma centelha de raiva iluminou os olhos azuis de Renée. —Nunca entendi sua atitude em relação a esse homem amargo e cruel. Maximilien Vallerand não merece um único momento do seu tempo, e ainda assim você insiste em jogar com sua vida para satisfazer sua necessidade de vingança!

Etienne pareceu ter escutado apenas a metade.

—Você se lembra de como era?— Ele perguntou distraidamente. —Você se lembra de como todas o desejavam? Incluindo você.

Uma sombra de rubor subiu pelo rosto de sua irmã, mas Renée era muito honesta para negar isso. Como muitas outras mulheres, ela tinha amado Maximilien quando ele tinha aquela galanteria juvenil que sempre fazia com que o coração de Renée batesse rapidamente.

—Sim, claro, lembro. — disse ela. —Mas esse não é o mesmo homem, Etienne. O Maximilien Vallerand com quem você vai lutar um duelo amanhã está além da redenção.

O lago Pontchartrain era uma pequena massa de água que não tinha mais de três metros de profundidade, onde era mais profundo. No entanto, esse lago

aparentemente dócil poderia se tornar perigoso. Às vezes, um forte vento agitava a superfície até que as ondas se tornassem violentas o suficiente para virar os barcos e tirar a vida de muitos homens.

Naquela manhã, no entanto, a água era um espelho cinza suspenso abaixo do pálido céu do amanhecer. Apenas a sombra de uma brisa soprava sobre o lago e acariciava a costa. O duelo entre Max e Etienne seria longe da praia, ao lado do início de uma floresta de pinheiros onde o terreno era firme e plano. Enquanto os padrinhos e o grupo de espectadores esperavam em seus lugares, Max e Étienne os deixaram para uma reunião privada. Os dois homens eram muito semelhantes em estatura e corpulência, ambos experientes e bem versados na arte da esgrima. Nenhuma das testemunhas presentes teria ousado dizer qual dos dois adversários que eles prefeririam enfrentar, embora vários teriam percebido que os excessos de vida desregrada não tardariam a cobrar o preço na agilidade de Sagesse, supondo que já não tivesse feito isso. Se permitia desfrutar com frequência dos bons vinhos e dos manjares suculentos que os criouloss gostavam tanto, e ele levava uma vida dissipada que não lhe permitiria ostentar por muito tempo sua preeminência como duelista.

Etienne Sagesse parou na frente de Max com um sorriso fraco em seu rosto grosseiramente bonito.

—Vallerand. —Ele murmurou. —Você poderia ter encontrado alguma outra desculpa anos atrás. Por que você usou minha pequena noiva para causar o duelo? Não havia necessidade de me privar de um bocado tão suculento.

—Parecia apropriado.

— Suponho que a você possa parecer apropriado, mas o troco não pode ser mais desigual. Lysette era casta e modesta, então valia muito mais do que aquela prostituta que você tinha por esposa.

Max tragou ar com um suspiro. —Eu vou matar você.

—Como você fez com Corinne? — Etienne sorriu indiferente. —Nunca tive a chance de lhe dizer que foi um alívio imenso. Eu já estava muito cansado dela. —Ele parecia desfrutar de ver como escurecia o rosto de Max. — Cuidado. — Ele murmurou. —Se você se deixar levar por suas emoções, você me dará uma grande vantagem.

—Vamos terminar logo com isso, — disse Max com um tom sombrio.

Eles trocaram um último olhar antes de pegar suas armas novamente. Max colocou de lado uma lembrança indesejável que começou a flutuar nos limites de sua consciência, uma lembrança dos dias de infância. Ele se perguntou se a

Etienne tinha passado pela cabeça um fato que poucas pessoas se lembravam em Nova Orleans: que houve um tempo em que os dois tinham sido amigos inseparáveis.

Capítulo 5

Max sempre se perguntou por que Sagesse tinha ido para a cama com sua esposa, e ele finalmente entendeu que tinha sido inevitável. Quando crianças, eles eram muito amigos e juraram que eram irmãos de sangue, mas mesmo assim Etienne também era o maior rival de Max.

Por serem amigos, Etienne se esforçou para conter seu ciúme. Com o passar do tempo, no entanto, quando se tornaram homens, sua amizade foi obscurecida por muita discussão e crescente concorrência, e por muitos anos foi mantida uma cuidadosa distância do outro homem. Quando Max se apaixonou por Corinne Quérand e se casou com ela, a ideia de seduzi-la logo se arraigou na mente de Etienne. Uma vez que Étienne o conseguiu, ficou claro que o encantamento de Corinne, demorou pouco para se dissipar. Agora Max havia reparado a dívida manchando sua noiva, Etienne estava determinado a liquidar a conta pendente de uma vez por todas. Ele havia chegado a pensar estar meio apaixonado por Lysette Kersaint, e Max pagaria caro por ter arrebatado esse sentimento.

Lysette desceu as escadas depois de passar a noite em claro. A casa estava em silêncio, ainda era cedo para que os gêmeos estivessem acordados. Sentia-se oprimida por uma emoção estranha, e não podia fingir que era algo além de preocupação por Max. Mas por que ela se importava tanto com o que aconteceria com ele era impossível de explicar. Foi até a sala de estar, olhou pela janela e viu que o amanhecer já havia chegado. Sagesse e Max podem estar lutando em duelo nesse mesmo momento, com os sabres cruzados como a ponta de uma tesoura e brilhando na luz pálida. — Isso deve terminar. — Ela ouviu Irénée dizer atrás dela. A senhora sentou-se na mesa de café da manhã vazia.

— Às vezes, parece-me que passei por mil manhãs assim. — Continuou ela, abatida e um pouco cansada. — Porque este não é o primeiro duelo que Maximilien luta. E ele não é o único de meus filhos que empunha a espada. Ninguém pode entender o sofrimento que uma mulher sente quando a vida de seu filho está ameaçada.

—Eu não acho que ele será derrotado, madame.

— E se ele não conseguir ganhar? Quanto mais negro seu coração ficará, quando ele tiver que viver com a morte de Etienne em sua consciência? Talvez fosse melhor para ele... ele perder esse duelo em vez de ficar tão cheio de amargura.

—Não. — Murmurou Lysette.

Os minutos pareciam muito mais lentos que o habitual. Se nada tivesse acontecido com ele, certamente agora Max teria retornado. Lysette tentou conversar, mas depois de um tempo ela ficou em silêncio e contemplou sem ver o líquido que estava esfriando em seu copo.

—Madame! — Ela ouviu Noeline exclamar. Tanto ela quanto Irénée viraram-se com um sobressalto. A criada estava de pé na entrada, seus nervosos braços segurando o batente da porta. — O filho de Retta acabou de chegar para dizer que *Monsieur* se aproxima ao longo do caminho!

—E ele se encontra bem?— Irénée perguntou com uma voz temerosa.

—Estupendamente!

Irénée levantou-se com uma velocidade surpreendente e correu para o hall de entrada. Lysette foi atrás dela, o coração batendo com uma emoção inexplicável.

A tensão aumentou consideravelmente quando Max entrou na casa, seu rosto estava sombreado pela frustração. Ele fechou a enorme porta, franziu o cenho para as duas mulheres na frente dele e foi até a biblioteca. Irene apressou-se a segui-lo, enquanto Lysette congelava no corredor.

—Max?— Ouviu o tênue pedido de Irénée. — Maximilien? O que aconteceu?

Não houve resposta.

—Você ganhou o duelo? —Irénée insistiu. — Étienne Sagesse está morto?

—Não, Sagesse não está morto.

—Mas eu não estou entendendo.

Lysette permaneceu imóvel na entrada enquanto Max dirigia-se a estante de livros e olhava as capas coloridas dos volumes em couro.

—Pouco depois do duelo ter começado, tive minha misericórdia por Sagesse, —disse ele. —Seus reflexos já não são como antes. Ele só poderia vencer o mais desajeitado dos principiantes. — Ele olhou para a mão direita como se ainda segurasse o sabre.

—Foi um jogo infantil, — continuou, com um franzir de lábios. — Eu mal o arranhei, apenas o suficiente para o sangue começar a fluir. Nossos padrinhos

conferiram e nos perguntaram se a honra havia sido satisfeita. Sagesse disse que não, essa honra exigia que lutássemos até a morte. Eu estava prestes a concordar, mas então...

Max gemeu e virou-se para ela enquanto levava as mãos à cabeça.

—Deus, eu não sei o que me levou a fazê-lo. Eu queria tanto mata—lo... Teria sido tão fácil, tão malditamente fácil.

—Você deixou o duelo terminar nesse ponto. — Irénée disse com incredulidade. — Você não o matou.

Max assentiu, com o rosto sombrio por uma careta em que a perplexidade misturou-se com a aversão.

—Isso me agrada muito, — disse Irénée. —Você fez o certo, Max.

Ele fez um som de desgosto.

—Preciso de uma bebida. —Ele virou o olhar para a bandeja de prata em que os licores estavam, e viu Lysette imóvel na entrada.

Observaram-se mutuamente em um silêncio repentinamente tenso. A Lysette faltavam as palavras. Estava claro que não havia nada que pudesse ser dito para acalmá-lo. Max estava cheio de intensa hostilidade masculina que não tinha permitido encontrar nenhum alívio. Era evidente que ele estava furioso por não ter conseguido se forçar a matar seu inimigo odiado. Sem dúvida, ele considerava isso um sinal de fraqueza.

Lysette, por outro lado, reconheceu essa mudança inesperada nos eventos como evidência de que ela sempre tinha tido razão: tanto quanto o resto de Nova Orleans estava determinado a acreditar de outra forma, Vallerand não era um assassino. — Bem, — murmurou. —E agora, o que, *monsieur*?

—Será sensato e finalmente esquecerá tudo isso? Provavelmente não, fará tudo o que estiver ao seu alcance para encontrar outra desculpa que lhe permita lutar contra Sagesse, e na próxima vez encontrará coragem suficiente para matá-lo. Embora eu duvide. De qualquer forma, graças a Deus, não estarei aqui para vê-lo.

Ela deu a Irénée um olhar expectante.

—Se você não se importa, madame, agora eu gostaria de ir ao convento das Ursulinas. Duvido que seja metade de tão interessante quanto residir na mansão Vallerand... mas eu ousaria dizer que não me desagradaria aproveitar alguns dias de paz e tranquilidade.

Vallerand cravou nela um olhar cuja ameaça velada fez com que os nervos de Lysette vibrassem com um leve tremor.

—Você não vai a lugar nenhum.

—Você tem um plano alternativo? — Ela perguntou secamente.

—Sua reputação foi arruinada. — Ele observou. — Agora, não haverá ninguém em todo o território que deseje acolher-te. Todos pensam que você é uma mercadoria arruinada.

— Sim, graças a você, o casamento deixou de ser uma opção para mim. Mas as irmãs vão abrir as portas para mim. Então, se você me desculpar, vou pegar meus pertences e, então, espero que uma carruagem...

—Você vai se casar comigo.

Embora, Lysette esperasse, a súbita proposta – ou, para ser mais exata, o anúncio – fez com que seu coração parasse de bater. No momento de maior alarme, uma parte dela ainda era capaz de reconsiderar e entender que, se ela agisse com um pouco de astúcia, poderia conseguir algo que só naquele momento ela percebeu que queria ter.

—De verdade? E como uma ideia tão absurda lhe ocorreu?

—Preciso de uma esposa.

—Só por causa do que te fez à primeira. —Ela respondeu e se virou.

No momento em que Max conseguiu articular uma réplica, Lysette já estava a meio caminho da escada e suas pernas a impulsionavam rapidamente para a segurança de seu quarto.

Max olhou para sua mãe sorrindo sardonicamente. Irénée se desculpou com um encolher de ombros.

—Parece que não se mostra muito receptiva com a ideia. — Comentou...

Max riu da delicadeza que Irénée expressara, e sua fúria pareceu se dissipar. Ele foi até ela e colocou um beijo em sua testa franzida.

—Você não deve sair por aí contando as minhas futuras prometidas que matei minha primeira esposa, *maman*. Isso não ajuda em nada a me tornar mais atraente.

—Você acha que será capaz de persuadi-la a se casar com você, Max?

—Comece a fazer planos para celebrar um casamento dentro de uma semana.

—Só uma semana? Mas como posso me preparar...? Não, não, é absolutamente impossível.

—Não será uma grande cerimônia. Eu conheço você, *maman*. Você poderia organizá-lo em um quarto de hora se você quisesse.

—Mas, esta pressa...

—É completamente necessária. Tenho medo de que a reputação da minha prometida não suporte um compromisso mais longo.

—Se pudéssemos esperar um pouco mais, Alexandre e Bernard estarão aqui. Seus irmãos vão querer participar de seu casamento, Max!

—Eu lhe asseguro. —disse ele sarcasticamente, — Que meu casamento resultará igualmente emocionante apesar de suas ausências. Agora, se você me desculpar, vou subir para conversar com Lysette. — Ele fez uma pausa, carregado de significado. —Certifique-se de não sermos incomodados.

Irénée não passou por alto a indecorosidade de suas intenções.

—Você não ficará sozinho com ela por muito tempo, não é, Max?

— Talvez eu tenha que fazer isso. Após as confidências que você compartilhou com Lysette, talvez precise recorrer a medidas desesperadas para convencê-la a se casar comigo.

—Que tipo de medidas?

Um sorriso diabólico apareceu em seu rosto.

—Não faça perguntas, mãe, quando você sabe que não quer ouvir as respostas.

Lysette inclinou-se contra a cama e observou a porta com grande atenção. O trinco foi acionado e o bloqueio impediu que ele girasse.

—Lysette, abra a maldita porta.

—Eu não lhe dei permissão para usar meu primeiro nome. —Disse ela. — E palavras dissonantes dificilmente tornarão sua proposta de casamento mais atraente.

A porta foi sacudida com mais vigor e as dobradiças rangeram em protesto.

—*Mademoiselle* Kersaint, não tenho vontade de deitar abaixo a porta, pois, com toda a probabilidade, eu serei o único a se encarregar de consertá-la. Abra agora ou...

Virando a chave na fechadura, Lysette abriu a porta com a mão. — Entre. — Ela voltou para sua posição anterior e cruzou os braços. —Estou ansiosa para ouvir a razão pela qual eu deveria aceitar sua proposta.

Vallerand entrou no quarto e fechou a porta. Seus olhos meio fechados lançaram um rápido olhar para a cama em que Lysette estava inclinada, e ela quase podia sentir a força de seu desejo. Para dizer a verdade, saber até que ponto Vallerand a desejava, fazia com que desfrutasse desse confronto, com o homem enorme e cheio de excitação na frente dela. Então ele pensou que simplesmente

iria informá-la de que eles se casariam, e então ela iria cair em seus braços cheia de gratidão, certo? Oh não. Se ela aceitasse Maximilien Vallerand – e isso ainda era um grande “se”, ele teria que convencê-la de que merecia o risco que deveria correr ao fazê-lo.

—*Mademoiselle...*

—Agora você pode usar meu primeiro nome.

—Lysette. —Disse ele, soltando um suspiro tenso. — Não matei minha esposa. —Ele acrescentou com relutância.

Não havia nenhuma sugestão de humildade em seu tom, nenhum sinal de vulnerabilidade em seu rosto... mas a névoa de suor em sua testa traiu sua agitação, e Lysette sentiu-se um pouco melhor assim que o viu.

—Corinne já estava morta quando a encontrei. Eu não sei quem fez isso. No início, pensei que era Sagesse, mas ele tem muitas testemunhas para confirmar que ele não estava com ela naquela noite. Todas as evidências me apontam. Ninguém pensa que eu sou inocente. Nem mesmo minha própria mãe. Eu também não posso esperar que você vá acreditar nisso, mas eu juro ...

—É claro que eu acredito em você. —Disse Lysette sem perder a compostura.

Max se apressou a desviar o olhar, mas não antes de ver o espanto no rosto dele. Embora seu corpo estivesse muito rígido, ela sentiu um leve estremecimento nele. De repente, percebendo o peso que ele sustentou por tanto tempo e a forma como o afetou, Lysette pensou com compaixão do quão solitário tinha sido por tantos anos. —Obviamente, você não é um assassino. — Ela continuou, dando-lhe tempo para se recuperar. — Esta manhã nem sequer conseguiu decidir matar Etienne Sagesse em um duelo justificável. Apesar de todos os seus grunhidos, acho que é basicamente inofensivo. Mas isso está longe de ser suficiente para recomendá-lo como marido.

—Inofensivo?— Ele repetiu, levantando a cabeça bruscamente, franzindo a testa.

—E de pouca confiança. —Disse ela. — Desde o dia em que nos conhecemos, tem mentido para mim, traído e me manipulado.

—As circunstâncias estavam longe de ser habituais.

— É uma desculpa? Não soa como tal.

—Me desculpe. — Ele murmurou enquanto se aproximava dela.

—Muito bem. — Lysette examinou sua figura desgredada com um olhar cheio de atrevimento que o cobriu da cabeça aos pés. — Como sou otimista por

natureza, assumirei que esse comportamento não é habitual em você. E agora, explique-me, por que eu deveria me casar com você.

Max a contemplou em silêncio, ele estava começando a entender que tentar impor sua vontade era algo que não funcionaria com ela. Ele estreitou os olhos decidido a negociar.

—O que ninguém pode negar é que eu sou muito rico. Ao se tornar minha esposa, você poderia ter tudo o que quiser.

Que típico de um homem, pensar que sua riqueza era sua principal atração. Lysette não mostrou nenhuma reação ao que acabara de ouvir.

—Que mais? —Ela perguntou.

Ele continuou aproximando-se com o sigilo de um predador faminto.

—Eu cuidaria de você. Você já sabe disso.

A lembrança de como ele a tratou durante a febre suavizou Lysette ainda mais, mas ela se certificou de não deixá-lo ver.

—Sobre a nossa diferença de idade?

—Diferença de idade? — Seu orgulho masculino estava ferido.

Lysette reprimiu o sorriso.

—Estamos separados pelo menos por quinze anos.

—Isso não é incomum. —Ele observou.

Era verdade. Muitos homens crioulos, especialmente aqueles de famílias ricas, passaram anos tendo aventuras e curtindo a vida antes que acabassem casando—se após terem trinta ou quarenta anos. Muitos outros perderam sua primeira e até sua segunda esposa por causa do parto ou doença, e depois se casaram com garotas recém-saídas da sala de aula.

—Mesmo assim, — insistiu Lysette. —Um casal em que há tanta diferença na idade pode enfrentar certas dificuldades.

—Ao contrário. Eu posso garantir que eu serei muito mais complacente do que um marido de sua idade. Se você se casar comigo, eu lhe permitirei uma grande liberdade.

Foi o argumento mais forte de todos os que expôs até agora, mas Lysette manteve o rosto sem expressão.

—Há algo mais que eu deveria levar em consideração?

Max estendeu as mãos para ela, rápido, como uma pantera ao atacar.

—Isso. — Murmurou, puxando-a para dentro de seus braços. Lysette engoliu em seco, muito aturdida para se mover. A boca de Max era quente, e seus lábios buscavam e apertavam com uma insistência suave. Lysette tentou

resistir com um leve empurrão, e ele agarrou os pulsos e colocou-os ao redor do pescoço. O corpo delgado de Lysette foi pressionado contra o de Max do peito até os joelhos, ancorados ali pela pressão que sua mão exercia em suas costas. Sentir de tão perto seu sabor sombrio, doce e masculino era o suficiente para uma repentina embriaguez se apoderar dela. A emoção e o prazer tomaram posse de seu ser, e ela não podia deixar de se apoiar no corpo duro do homem. Max saboreou o lábio superior de Lysette e depois tocou o centro do inferior com a língua, em uma carícia úmida e sedosa que inflamou os nervos de Lysette. — Abra a boca. — Ele sussurrou, envolvendo sua mão ao redor de seu pescoço. — Abra para mim, Lysette, sim, sim... — Lysette ficou maravilhada ao sentir a língua de Max passar por seus dentes e explorar o interior de sua boca. Um gemido formou-se em sua garganta. Beijá-lo era ainda mais delicioso do que imaginara, e agora não podia mais negar, que tinha imaginado isso muitas vezes. Lysette começou a estar ciente da presença de Max no momento em que se conheceram, e esse novo conhecimento que parecia tão sensual para ela finalmente cresceu para algo elementar e incontrollável.

Max reivindicou-a com beijos delicados que exploravam a boca de Lysette, enquanto suas mãos puxavam seus quadris pedindo-lhes que se juntasse a ele ainda mais. Ele pegou as nádegas de Lysette, pressionando a forma dura e inconfundível de sua ereção na parte mais vulnerável dela. Lysette soltou uma exclamação sufocada com o novo calor que, ao crescer dentro dela, fazia com que ela quisesse arrancar suas roupas e as dele, até que ela despisse a ambos.

Percebendo que estava prestes a perder o controle, para não falar da sanidade, Lysette afastou a boca para longe dele e tragou ar em grandes sopros. Os lábios de Max tocavam seu pescoço, lambendo e beliscando gentilmente os lugares mais sensíveis. Ele murmurava em francês e inglês, com súplicas que a excitavam ainda mais do que ela já estava e promessas que a encheram de assombro.

—Max... —Ela disse sem fôlego. —Não tenho certeza de que a atração física seja uma razão suficiente para contrair um matrimônio.

—Para mim é, pelo amor de Deus. — Ele resmungou, e beijou seus lábios novamente. Seu sabor era viciante. Lysette não pôde deixar de responder avidamente às carícias profundas e lânguidas de sua língua. Max percorreu o corpo de Lysette com a mão livre, subindo lentamente até a curva do peito. O calor que emanava daquela mão ultrapassou o algodão delicado, e seu polegar se moveu em círculos cada vez menores até que acabou alcançando o centro

exageradamente endurecido. Max pegou a delicada ponta do mamilo de Lysette entre os dedos, e o prazer a atingiu na boca do estômago. Agarrando-se aos músculos duros de suas costas, Lysette pressionou-se contra ele.

Um gemido reverberou no peito de Max, ele a pegou em seus braços e a levou para a cama. Enquanto ele caminhava os poucos passos que precisava para alcançá-la, Lysette entendeu o que estava acontecendo. Embora seu corpo exigisse que ela se entregasse ali mesmo e sem perder um instante, sua mente não esqueceu as razões pelas quais ainda era muito cedo.

Assim que ele a depositou na cama, Lysette se afastou dele e sentou-se. Então, vendo que Max estava começando a deslizar sobre ela, estendeu a mão para detê-lo.

—Não. — Ela ofegou. — Não, não faça isso.

Logo se surpreendeu que meras palavras tivessem o poder de detê-lo, quando Max a devorava com os olhos como se estivesse faminto e todo seu corpo estava tão claramente resolvido a tomar posse dela. No entanto, ele congelou e respirou profundamente enquanto lutava para se controlar.

—Se eu aceitasse sua proposta... — Lysette fez uma pausa para respirar fundo. —Eu precisaria de um pouco de tempo para me acostumar antes de permitir que você viesse para minha cama. Ainda somos estranhos, afinal.

Um brilho de satisfação queimou nos olhos de Max quando ele percebeu que eles chegaram a um acordo e que já estavam negociando os detalhes.

—De minha perspectiva, *petite*, já nos conhecemos muito intimamente.

Ela sabia a que ele estava se referindo.

—Por ter passado a maior parte desse tempo inconsciente, isso dificilmente conta.

—Muito bem. Eu vou te dar um pouco de tempo antes de compartilharmos uma cama. No entanto, me reservo o direito de tentar convencê-la a não esperar.

Ele estendeu as mãos para ela novamente, mas Lysette recuou na cama, fazendo com que seus joelhos se interpusessem entre eles.

—Eu também deveria deixar claro que não sou uma mulher naturalmente obediente.

Um sorriso repentino espreitava nos cantos de sua boca.

—Eu soube disso desde o momento em que te conheci. Em troca, deixe-me informá-la de que minha paciência tem seus limites. Não faça isso com muita frequência, *d'accord*?

—*D'accord*. — Ela concordou. Abaixando o olhar para os joelhos, ela falou

com o tom mais tímido que era capaz. —E se eu engravidar? Você ficaria muito chateado se fosse o caso?

—Não de todo. — Max disse secamente, olhando seu ventre de uma maneira que fez Lysette sentir um tremor. —Ainda que talvez você deseje esperar até um ou dois anos antes. Você já terá mudanças suficientes para enfrentar em sua vida.

—Uma vez que começemos a dormir juntos, não vou ter escolha. —Disse Lysette. — Essas coisas são decididas por Deus.

Por alguma razão, ele parecia divertido.

—Por fim, algo que você não conhece. — Ele brincou com alegria. — Há sempre maneiras de evitar engravidar.

—Como?

—No momento carece de relevância, certo? Vou instruí-la sobre isso quando você me convidar para sua cama.

Ele parecia tão bonito e tão descarado, com os cabelos escuros que caíam sobre sua testa e um sorriso flutuando em seus lábios, que Lysette foi abalada por uma pontada repentina de prazer. Ela mal podia acreditar que este homem magnífico seria dela. Nenhuma outra mulher o teria em seus braços ou o levaria para a cama. Lysette pretendia atraí-lo até o ponto em que nunca lhe ocorreria ser infiel. Naturalmente, ela sabia que Max não tinha intenção de se apaixonar por ela. Ele planejou desfrutar seu corpo e assumir o papel de marido sem que seu coração fosse comprometido por isso. Lysette, no entanto, tinha outros planos.

Os olhos de Max escureceram. —Por que você está sorrindo assim?

Lysette respondeu com sinceridade.

—Estou pensando, Max, que logo vou fazer o que quero contigo.

Essa declaração o fez rir. —Lysette, — ele respondeu suavemente, — Eu sou o único que não vai demorar em fazer o que quiser com você.

O clã Vallerand bem como toda Nova Orleans reagiu com uma mistura de escândalo e prazer com a notícia de que Maximilien se casaria. Os crioulos, que sempre deram grande importância a temas como o cortejo e ao matrimônio, já começaram a fazer previsões sobre o destino da noiva. Alguns disseram que o casamento nunca aconteceria, enquanto outros alegavam saber de uma fonte confiável que a menina já estava grávida. Uma coisa era certa: se Lysette trouxer um bebê ao mundo, assim que nascer, uma contagem meticulosa de dias começaria a determinar quando foi concebida.

A genealogia de Lysette foi analisada em cada sala de estar crioula. Sua ascendência era irrepreensível, mas isso não ajudou muito a silenciar os rumores que atravessaram Nova Orleans. Afinal, nem um único membro da família da noiva assistiria ao casamento. Os pais aconselhavam suas filhas com a situação de Lysette, como um exemplo dos muitos perigos que sem dúvida se expunha uma jovem desobediente.

Devido aos eventos que levaram ao pedido de casamento, não celebrariam uma grande cerimônia na catedral de San Luís, mas uma breve e discreta cerimônia religiosa. Mesmo assim, depois, haveria um grande banquete na plantação Vallerand. E independentemente de quão indecentes fossem os rumores, em Nova Orleans, todos suplicaram serem convidados para o banquete.

Era esperado que a música, a comida e o vinho tornassem aquela celebração lembrada por muitos anos. Nos velhos tempos, a hospitalidade dos Vallerands não tinha rival em todo o território. Um pedido desesperado de Irénée, fez um reputado e já aposentado chefe francês, abandonar temporariamente seu retiro para preparar o bolo de casamento de muitos andares. O dia escolhido para o casamento, uma segunda-feira, não foi uma escolha ruim, embora a terça-feira tenha sido o dia que esteve mais na moda nos últimos anos. Considerava-se vulgar casar em um sábado, ou numa sexta-feira, que geralmente era o dia em que ocorrem as execuções públicas. Como exigia a tradição, Lysette foi mantida em estrita reclusão antes do casamento, enquanto todos estavam especulando sobre sua aparência. As expectativas não pararam de crescer, uma vez que a opinião da maioria era que tinha que ser de uma beleza verdadeiramente extraordinária. *Vraiment*, que outro tipo de mulher poderia fazer Maximilien Vallerand sucumbir à tentação do casamento, depois de todos esses anos?

Capítulo 6

Com um sorriso de satisfação, Irénée percorreu os dois salões para certificar-se de que os convidados não encontrariam a menor imperfeição e se não havia nenhuma marca de dedos nos cristais, nem nenhuma flor murcha. A cerimônia nupcial seria realizada à tarde, de acordo com a tradição crioula.

Enormes guirlandas de rosas decoravam a casa e tanto a prata como os cristais brilhavam. O bolo de casamento era uma criação esplêndida e imponente, e as flores de pasta de açúcar que o adornavam tinham sido coloridas com tanta habilidade que era quase impossível distingui-las das de verdade. Nesse momento, a poucas horas do casamento, havia pouco com o que preocupar-se.

O sorriso de Irénée diminuiu um pouco quando ouviu uma pequena comoção na entrada. Certa de que os gêmeos estavam fazendo alguma de suas travessuras, se dirigiu a entrada com uma severa reprimenda nos lábios. — Justin! Philipe! *Pas de ce charabia! Pas de ce...*

Deteve-se com uma exclamação sufocada quando viu as altas figuras de seus filhos mais novos. Alexandre e Bernard estavam em casa.

— Meus filhos — exclamou com incredulidade! — O que estão fazendo aqui?

Os dois irmãos altos e de cabelos escuros, se entreolharam e então se voltaram para ela.

— Tínhamos a impressão de que vivíamos aqui mamãe — respondeu Alexandre em um tom levemente divertido.

— Sim, mas vocês voltaram um pouco antes do que se esperava.

— Decidimos que já havíamos visto o suficiente da França — disse Bernard secamente. — Essas filhas de Fontaine, mamãe... meu Deus, alguns de nossos cavalos são mais bonitos que as mais atraentes do lote.

— Bernard, que falta de sensibilidade! Estou certa de que está exagerando.

Alexandre girava lentamente sobre seus pés enquanto contemplava a casa enfeitada com flores.

— A que se deve tudo isto? — pergunto cheio de perplexidade. — Alguém morreu?

Enquanto Lysette permanecia em boas mãos no andar de cima, arrumando o cabelo, os Vallerands se reuniram na sala para uma reunião de família. Com a roupa enrugada e cheia de pó e cansados por conta da longa viagem, Alexandre e Bernard contemplavam com incredulidade sua mãe e seu irmão mais velho.

– Você vai se casar? – exclamou Alexandre, se apoiando no encosto do sofá ao mesmo tempo em que cruzava seus braços compridos. Riu suavemente e contemplou Max que o olhou com expressão gelada. – De todas as coisas que esperava encontrar quando chegasse... – Por alguma razão, ver seu irmão mais velho elegantemente vestido para o casamento lhe parecia muito divertido. Alex sempre foi o mais irreverente dos filhos de Irénée. – Então, finalmente lhe apanharam! — A hilaridade foi demais para ele que começou a rir estrondosamente e até a seriedade de Bernard amenizou-se com um sorriso.

– Não vejo o que lhe parece tão divertido, — disse Max com expressão severa.

Nessa altura, Alexandre quase caiu ao solo de tanto rir.

– Eu gostaria de saber que tipo de mulher conseguiu lhe arrastar até o altar! Utilizou um garrote muito forte?

Bernard olhou para Max com a maior seriedade. – Quem é ela? Ninguém a quem conheçamos, eu suponho. Você nunca se incomodou em olhar duas vezes a nenhuma das mulheres daqui.

Irénée respondeu pelo seu filho mais velho.

– Lysette é uma jovem de excelente família natural de Natchez. Lembra-se de Jeanne Magnier? A prometida de Max é filha de Jeanne.

– Uma Magnier? – repetiu Bernard dirigindo um olhar especulativo a Max. — Uma família muito atraente, segundo recordo. Apostaria que não necessitou levar consigo nenhum garrote.

Max sorriu inesperadamente.

– Lysette possui muitas virtudes, a beleza entre elas.

– Realmente tem que ser notável para que você corra o risco de voltar a se casar. – observou Bernard.

Todos ficaram em silêncio por um instante, recordando aquele outro casamento anos atrás.

Irene rompeu o feitiço falando com veemência. – Lysette fará Max muito feliz, vocês verão. O passado ficou para trás.

A mão de Lysette tremia tão violentamente que Max a duras penas conseguiu deslizar o anel de ouro em seu dedo. Ainda que ambos desejassem casar-se, a cerimônia não foi um momento particularmente alegre. Max estava tenso, mantinha uma expressão sombria e sua mão estava estranhamente fria. A Lysette não ficou nenhuma dúvida de que recordava seu primeiro casamento e a tragédia que não podia afastar de seus pensamentos desde então. Provavelmente temia a possibilidade de que seu segundo matrimônio se convertesse em um inferno sobre a terra, tal como ocorreu com o primeiro.

De seu lado, Lysette se esforçava para controlar suas próprias dúvidas. As palavras que se dispunha a pronunciar a prenderiam para sempre ao homem que estava ao seu lado. Legalmente Maximilien Vallerand tinha o poder de castigá-la, maltratá-la, submetê-la a qualquer capricho, sem importar o irracional que esse fosse. Dentro do contexto da cultura crioula, possuía um poder absoluto sobre Lysette.

A única coisa que ela podia fazer, era esperar que não tivesse se enganado ao julgá-lo. Talvez cometesse uma loucura ao colocar-se nas mãos de um homem que mal conhecia. Entretanto, Lysette recordou-se pragmaticamente que a maioria das noivas e noivos mal se conheciam, seus compromissos eram acordados pelos pais que rara vez solicitavam aprovação.

O incenso impregnava a atmosfera com seu aroma penetrante quando Lysette se ajoelhou perante o sacerdote e rezou a Deus pedindo-lhe que abençoasse o matrimônio. Quando terminou, colocou as mãos nas de Max e deixou-lhe que a ajudasse a levantar.

Embora a cerimônia houvesse sido íntima, ao banquete assistiram tantos convidados que Lysette não pode contá-los. Inclusive perdeu Max de vista, que foi monopolizado por uma multidão de parentes. Lysette permaneceu junto a Irénée, tratando de ignorar os pedaços de conversa que ia captando ao redor.

– Não é tão bonita como se esperava...

– Não tem a aparência de que sua reputação tenha ficado muito arruinada, mamãe.

– Esse cabelo...

– Ele não demorará muito em ser infiel...

– Ah, eu não queria estar no seu lugar nem por todo o ouro do mundo!

Irénée a levou até a mesa onde o enorme bolo de casamento, uma impressionante fortaleza de açúcar e rosas, se erguia em todo seu esplendor.

– É hora de cortar o bolo, Lysette.

As jovens casadoiras se apressaram ao redor delas. Segundo a tradição, cada uma receberia um pedaço que deveria ser levado para casa e colocado embaixo das almofadas junto com o nome de três possíveis pretendentes, um dos quais talvez se sentisse tentado a pedi-las em matrimônio.

Lysette apanhou a faca e estudou a imponente criação, perguntando-se onde fazer o primeiro corte. Logo percebeu que Max estava atrás dela. Um murmúrio de excitação percorreu a fileira de moças quando ele colocou a mão nas costas de Lysette e lhe murmurou no ouvido: – Posso te ajudar?

Ela o olhou com um meio sorriso. Com alívio, viu que sua tensão anterior tinha se desvanecido e que a expressão de seu rosto não podia ser mais tranquila.

– Sim, por favor – o convidou dirigindo toda a sua atenção ao bolo. – Não creio que esta faca será o suficiente? Por acaso não tem uma maior a mão?

Ele riu.

– É um bolo realmente impressionante, não é mesmo?

Sua grande mão se fechou sobre a dela e fazendo-a retroceder suavemente, a apoio em seu peito. Os convidados riram e lhes dirigiram palavras de encorajamento enquanto Max ajudava a sua noiva a cortar vários pedaços, sua mão sobre a dela enquanto guiava a faca. Lysette estava intensamente consciente do calor entre seus corpos e o modo no qual o seu hálito roçava seu pescoço cada vez que Max se inclinava para frente.

– Você está olhando dentro do meu decote, não é mesmo? – Murmurou, deixando sobre a mesa a faca manchada de creme.

– É claro que não. Estou te ajudando com o bolo.

– Mentiroso. – disse ela sem tratar de esconder sua diversão e o sentiu sorrir apoiado em seus cabelos.

– Se vai me privar de uma noite de núpcias, não deveria negar-me um pequeno vislumbre de seus seios. E se não queria que eu olhasse, não deveria ter colocado um vestido tão decotado...

– Escolhi um vestido bem decotado porque esperava desviar a atenção de todos do meu cabelo – disse ela secamente. – Por desgracia, não parece ter servido de nada. Todos falam dele.

Max lhe tocou o queixo com as pontas dos dedos e levantou seu rosto para ele. Enquanto todos lhes olhavam, acariciou um dos pequenos cachos que tinham escapado de sua rebelde cabeleira ruiva. A humidade tinha feito com que ficasse mais enrolado do que o normal e se parecia com um halo de chamas

envolvendo seu penteado.

– Seu cabelo é uma das coisas que acho mais belas em você. – inclinando-se um pouco sobre ela, deixou que sua boca encostasse à borda delicada de sua orelha. – Mas ainda assim prefiro olhar seus seios.

Ela riu e o empurrou suavemente. Segurando sua mão, Max lhe beijou a ponta do polegar, onde havia se acumulado um pouco do creme do bolo. Lysette deixou escapar uma exclamação abafada quando sentiu a língua dele lambe aquele ponto de doçura.

– Como és malvado. – disse, sabendo que seu rosto corado contrastava violentamente com a cor de seus cabelos.

– Deixe que eu vá te visitar esta noite. Mostrarei-lhe quão malvado posso ser.

– Não, – disse ela com um sorriso provocativo. – Terá que honrar nosso acordo. Preciso mais tempo.

– Sinto ouvir isso. – Dirigiu-lhe um breve sorriso e em seguida soltou-lhe a mão.

Logo se iniciou o baile, assinalando o momento em que a noiva deveria ser conduzida ao dormitório onde aguardaria a dura prova por chegar. Tradicionalmente a mãe da noiva a ajudava a preparar-se e lhe explicava o que ocorreria quando o noivo chegasse para reclamar seus direitos conjugais. Irénee apareceu e dirigiu a Lysette um sorriso maternal.

– Agora te acompanharei ao andar superior, Lysette. Uma vez que sua mãe não se encontra aqui, para mim será uma honra acompanhá-la ao seu dormitório.

Max chegou perto de Lysette ao mesmo tempo em que Irénee. Seus dedos se fecharam sobre os da noiva enquanto se dirigia a sua mãe.

– Não há nenhuma necessidade de que deixe os convidados, mamãe.

Irenee olhou a seu filho com uma careta.

– Mas eu tenho de levá-la para cima e ajudá-la a trocar-se... Max, sabe muito bem que você tem de esperar aqui embaixo. É a tradição.

– Tenho a intenção de rompê-la esta noite, – disse Max. Lysette o olhou com perplexidade, mas se manteve em silêncio.

Irénee forçou um sorriso, consciente de que seus convidados estavam observando-os.

– O que vão pensar estas pessoas se desaparece desta maneira com Lysette?

– Que pensem o que quiserem. De todo modo sempre o fazem.

– Maximilien – insistiu Irénee, – vou te explicar de maneira mais clara

possível. Lysette ainda não foi preparada para o que ocorrerá esta noite. Não lhe expliquei nada.

Max sorriu.

– Se Lysette tiver perguntas, ficarei encantado em respondê-las. E agora nos deixe ir embora, *Maman*.

– Maximilien, isto é indecente!

Fazendo ouvidos surdos aos protestos de sua mãe, Max levou Lysette embora da sala. Tal como lhes havia advertido Irénee, as línguas se puseram a falar e os olhos a se arregalarem. O fato dos noivos abandonarem a festa de casamento, era considerado de mau gosto, já que os convidados sabiam onde os noivos se dirigiam e o que ocorreria entre eles.

Alexandre os deteve na porta e, pondo as mãos sobre os ombros de Lysette, a beijou carinhosamente nas bochechas. Seus olhos escuros brilharam suavemente enquanto a contemplava.

– Tua presença é muito bem vinda entre nós, irmãzinha. Maximilien deve se considerar afortunado de que não tenha te conhecido antes dele.

Sua combinação de descaro e encanto fez com que Lysette risse, enquanto Max a separava de seu irmão enquanto franzia a testa. Então manteve a mão de Lysette apertada entre as suas enquanto subiam as escadas. E não se falaram até chegarem ao dormitório principal.

– Agora, – disse Lysette com um sorriso irônico, – me diga por que não permitiu que sua mãe me acompanhasse até aqui. Eu queria muito escutar sua explicação sobre o que se sucede entre marido e mulher quando dividem o leito.

Max fechou a porta e desfez o nó engomado da gravata branca que usava.

– O que eu temia. Se você me permitir fazer amor ou não, doçura, não quero que minha mãe lhe dê informações erradas sobre a relação entre casados.

– Depois de ter trazido ao mundo três filhos, imagino que sua mãe tenha algo a ensinar a respeito.

– Minha mãe pensa que o ato sexual não deve ocorrer, salvo se for por motivos de procriação – disse ele – é católica.

– Você também é.

– Sim, mas eu sou um mal católico.

Lysette começou a rir.

– Muito bem. Se é seu desejo, pode me ensinar. Mas não se esqueça de sua promessa.

– É claro que não me esquecerei – disse ele.

Foi tirando o casaco sem pressa. Seu olhar se encontrou com o de Lysette em uma íntima união e o silêncio preenchido de tensão. Mesmo com a intenção de não perder a compostura, Lysette sentiu que o coração lhe batia fortemente quando se deu conta de que estavam casados. Max podia fazer o que quisesse com ela e ninguém iria interferir. Lysette se sentia bastante segura de que Max não trairia sua confiança neste instante, porque isso poderia destruir a confiança que ela depositava nele. Por outro lado... o considerava perfeitamente capaz de colocá-la um pouco a prova.

Com um sorriso nervoso, ela brincava com as ondas de renda que transbordavam das mangas compridas até o cotovelo de seu vestido de seda de cor da espuma de mar.

Depois de se desfazer de sua gravata e casaco no encosto da cadeira próxima à lareira, Max a olhou com olhos escuros como o café.

– Sabe o que acontece no leito marital, Lysette?

– É obvio que sim.

– Lembro-me que tem uma irmã casada. E não pode evitar ouvir coisas aqui e acolá. Então, me diga o que sabes.

Lysette adotou uma expressão de profunda preocupação. – Faz tanto tempo desde a última vez que já não se lembra, Max?

A resposta desavergonhada o fez sorrir. – Não, só quero ouvir sua versão e talvez fazer uma ou mais correções se for necessário.

– Muito bem, eu... – ela se encolheu ao ver que Max se dirigia a ela. Tomando-a delicadamente pelos ombros, fez com que se voltasse até ficar de costas para ele. Sentir o toque dos dedos de Max em sua coluna fez com que lhe faltasse o ar. Ele começou a desabotoar os botões do seu vestido de casamento. Quando voltou a falar, Lysette descobriu um nó em sua garganta. – O que está fazendo, Max?

– Deixando-a mais confortável.

– Estou muito bem, como estou, obrigada, – Um estremecimento lhe percorreu o estômago quando sentiu os dedos dele mover-se distraidamente ao lado da fileira de diminutos botões recobertos de seda.

– Max, você prometeu...

– Concordei em não fazer amor com você – disse ele, o suave calor de seu hálito sobre a nuca de Lysette. – Mas não disse que não poderia olhar-te.

– Pensei que tivesse tido o suficiente com as quase três semanas que passaste me vendo nua.

– Uma vez que permaneceste inconsciente durante a maior parte desse tempo, isso não conta.

Lysette não pôde evitar que escapasse um riso nervoso enquanto ouvia como lhe eram repetidas suas próprias palavras. Depois de terminar com a fileira de botões, Max inclinou-se sobre os cachos que se elevavam de seu pescoço para roçar-lhe com os lábios.

O corpete do vestido escorregou e Lysette se apressou a fechar suas mãos sobre a seda e os laços para mantê-los firmemente sujeitos sobre a fina camisola. Max se encontrava tão perto dela que podia perceber o calor e o peso de seu corpo, sentir a irresistível fragrância de sua pele, o tênue aroma do rum e os vestígios de amido na sua camisa. Mas não a tocou.

Lysette respirou fundo, se afastou dele e foi até o guarda-roupa onde haviam deixado preparados suas roupas para a noite. Como era habitual para a maioria dos casais crioulos, haviam combinado dormir em quartos separados.

– A relação entre casais me parece bastante simples, – disse tentando manter o corpete no lugar enquanto retirava uma camisola de uma das gavetas. Enquanto se trocava, viu o reflexo de Max no espelho do tocador. Ele havia tirado os sapatos e estava sentado na cama, com as pernas espalhadas.

Lysette se concentrou na camisola que tinha em suas mãos enquanto continuava a falar.

– Marido e mulher se abraçam e se beijam, até ele ficar excitado. Então ele introduz sua... sua... parte masculina dentro dela e isso dói. Depois da primeira vez não será tão desagradável, mas é uma obrigação que uma esposa não pode recusar muitas vezes. A não ser em seu período ou que alguma outra enfermidade lhe proporcione um descanso das atenções de seu marido.

– Um descanso – repetiu Max num tom muito estranho. Reunindo coragem para lançar-lhe uma olhada de soslaio, Lysette viu em seu rosto uma mesclar de diversão e consternação o que lhe parecia quase cômico.

– Bom, sim. Não consigo imaginar a nenhuma mulher tendo vontade de que um homem lhe faça isso. Minha irmã Jacqueline me disse que é francamente desagradável.

– Sua irmã, ama a seu marido?

– Acredito que não. Foi um compromisso acordado e eles não foram feitos um para o outro. Ele é um pouco mais velho que ela.

– Quantos anos ele tem?

– Deve ter uns cento e cinquenta anos – disse Lysette tristemente e Max

soltou uma ruidosa gargalhada.

– E você estava preocupada com nossa diferença de idade?

Lysette deu de ombros e sorriu sem poder evitar comparar o decrépito esposo de sua irmã com a viril criatura que tinha a sua frente.

– Na realidade não estava preocupada – admitiu. – Só estava te provocando.

– Pois então você conseguiu – ele lhe informou e Lysette riu.

Lysette olhou o vestido que espremia entre os dedos e se perguntou como ia se trocar sem deixar de preservar seu pudor. Não parecia possível. Tratou de se consolar com a reflexão de que, em qualquer caso, ela já não tinha segredos com ele. Sem permitir-se pensar demais, tirou o vestido e a roupa de baixo, desatou as ligas e baixou as meias. Todo o processo requereu menos de um minuto, mas sentiu o olhar abrasador de seu esposo em cima dela durante todo o tempo e lhe pareceu levar uma eternidade antes de conseguir colocar a camisola.

Quando por fim o olhou tinha o rosto intensamente ruborizado.

–É muito bela – disse Max com voz rouca.

Lysette sabia que dificilmente poderia se considerar como uma dessas belezas que fazem enlouquecer de paixão aos homens, mas pelo modo como Max a olhava, não ficava dúvida nenhuma de que ele pensava o contrário. E certamente ela não ia discutir com ele.

– Obrigada – murmurou. Caminhou até a cama com passos cautelosos e se deteve junto a ele e ergueu as sobrancelhas com expectativa. – E então? Minha versão da relação marital corresponde com a realidade ou deseja modificá-la?

Max lhe fez um gesto para se aproximar. Estendeu uma mão e puxou Lysette para subi-la na cama, onde se acomodou com as pernas parcialmente dobradas debaixo dela.

– Tem umas coisas que quero esclarecer – disse Max. Levou as mãos aos cabelos de Lysette e alisou suavemente os cachos ruivos até encontrar as presilhas que mantinham preso seu penteado. Com muito cuidado, lhe soltou os cabelos enquanto seus dedos procuravam suavemente entre a desordem. Lysette sentiu um tremor de êxtase pelas costas. As minúsculas dores produzidas pelos puxões dos grampos logo se tornaram um formigamento agradável.

– Em primeiro lugar – disse Max, – não é uma obrigação que só se pode fugir em caso de enfermidade ou durante seu período. Pode rechaçar minhas atenções em qualquer momento, sem ter de dar uma razão para isso. Seu corpo te pertence para ser compartilhado ou preservado de acordo com os seus desejos. Eu não acho prazeroso me impor a uma mulher que não esteja disposta a me

aceitar, o que nos leva ao segundo ponto. Existem certas coisas que um homem pode fazer para que torne o ato sexual agradável a sua parceira. Não tem o porquê de ser incomodo depois da primeira vez.

Lysette permanecia muito quieta, envolvida pela carícia das mãos dele em seus cabelos.

– Max... – Uma súbita onda de calor lhe incendiou o rosto, se sentiu sufocada de vergonha. – Quando nos beijamos outro dia... te senti, é que, senti tua ... e não creio que ...

– Sim? – Ele lhe encorajou com voz enrouquecida ante seu silêncio confuso.

– É impossível que possa me fazer sentir-me cômoda – disse ela atropeladamente.

Para sua eterna gratidão, Max não começou a rir, mas ele respondeu “Lysette” com muita seriedade. Após, ele a beijou no alto da cabeça e foi baixando pouco a pouco até sua orelha. Lysette sentiu como seus lábios lhe roçavam a delicada pele do lóbulo. – Creio que seu corpo aprenderá a dar-me espaço – sussurrou ele. – Confia em mim para isso, de acordo?

– Está bem.

Um instante depois se surpreendeu ao vê-lo levantar-se da cama.

– Agora tenho de deixar-te, *petite*.

– Mas ainda tenho muitas perguntas a fazer.

– Desgraçadamente existem certos limites que não devo exceder se não quero perder o controle. – sua mão desceu até o pescoço de Lysette e o apertou suavemente. – Deixe que me vá, Lysette para que assim possa manter minha promessa de não te possuir. Mas, prometo que em breve falaremos mais.

– Não pode ficar um pouco mais? – Perguntou ela, estendendo a mão para tocar-lhe no peito. Sentiu que os músculos de Max se moviam debaixo de sua camisa e aquela súbita tensão lhe revelou a intensidade do desejo que ele mantinha sob controle tão firmemente. A tênue claridade das pequenas lamparinas do tocador e das mesinhas de cabeceira, dançava delicadamente sobre os firmes contornos de sua bochecha e mandíbula.

Com visível esforço, Max lhe tomou a mão e a apertou contra o peito.

– Não se desejias seguir sendo virgem esta noite. – disse em um tom bastante mal-humorado.

De repente, Lysette se sentiu tentada a convidá-lo a ficar. No entanto, não podia permitir que um impulso repentino interferisse em sua resolução. Só poderia consentir que Max lhe fizesse amor quando estivesse segura de que ele

realmente a amava ou pelo menos de que sentia algo muito próximo ao amor. E sabia que a atração ainda não havia amadurecido até convertesse nessa emoção mais profunda que só poderia chegar com o tempo.

– Então boa noite – disse e se inclinou para tocar-lhe os lábios com um beijo rápido.

Max sacudiu a cabeça melancolicamente.

– Eu pretendo ganhar a sua confiança e você não está tornando isto fácil, querida. – Disse. – É muito tentadora e eu não estou acostumado a renunciar ao que desejo. – Recolheu seu casaco, o vestiu e caminhou até a porta.

– Max? – Suas ações encheram Lysette de inquietação. Max não vestiria seu casaco se não planejasse voltar para baixo. Mas seguramente não estaria pensando em voltar a reunir-se novamente com seus convidados, já que isso teria sido de muito mau gosto. Pode ser que tivesse a intenção de sair até a plantação?

Ele se deteve e a olhou por cima do ombro. – Sim?

– Vai sair esta noite?

Um sorriso tão breve como irritante surgiu por um momento em seus lábios como se soubesse com exatidão o que era que Lysette temia: que aquela noite pudesse ir satisfazer seus desejos em outro lugar, dado que sua esposa não estava disponível para ele.

– Algum dia, *ma petite*, meu paradeiro durante a noite será assunto de sua incumbência – disse. E após, com um brilho malvado nos olhos, acrescentou: – Mas agora não é.

E com essas últimas palavras se foi, fechando a porta suavemente atrás de si.

Lysette permaneceu olhando-a, consciente pela primeira vez em sua vida do gosto amargo dos ciúmes.

Max se deteve ante a porta do dormitório, contrariado por ter de deixar Lysette quando cada um de seus impulsos lhe exigia que voltasse para ela. Sua consciência sabia que seria capaz de persuadi-la a se entregar e que ela desfrutaria do ato tanto como ele. No entanto, a confiança de Lysette era muito importante para arriscar perdê-la. Esperaria o tempo que ela precisasse, ainda que fosse difícil.

Havia desejado Corinne assim? A lembrança de sua primeira noite com ela era pouco mais que um borrão confuso, mas se lembrava de que Corinne – a primeira e única virgem com quem havia dormido – sempre lhe havia olhado com ressentimento e reprovação. Apesar do muito que ele se esforçava para tratá-la com delicadeza, aquela noite tinha sido uma experiência muito dolorosa e

mortificante para ela. A tinham educado para temer qualquer tipo de intimidade com seu esposo, do mesmo modo que a Max tinham lhe ensinado a pensar que o amor que se sentia pela esposa não tinha nada a ver com o que se sentia por uma amante.

Graças a Deus, a idade e a experiência lhe haviam levado a crer em outra coisa.

No dia seguinte, Bernard segurava um copo cheio de vinho tinto enquanto contemplava seu irmão mais velho. Era a primeira oportunidade que tinham de falarem em privado desde que ele havia retornado da França. Max havia passado todo o dia fora da mansão, supervisionando a reparação de pontos defeituosos da propriedade. Então ele foi até a biblioteca sem trocar de roupa, com a intenção de tomar uma bebida enquanto lhe preparavam o banho.

Bernard não conseguiu evitar sentir-se divertido pelo aspecto de seu irmão.

– Este não é o modo como eu esperava que você passasse o dia seguinte de seu casamento. – disse ele.

– Eu tampouco esperava que fosse assim – disse Max sarcasticamente enquanto se sentava e cruzava as pernas, sem prestar atenção no barro que se desprendia de suas botas para cair no magnífico tapete Aubusson.

– Vejo que há um aspecto em que não mudou; nada ficará bem a não ser que o faça você mesmo. Porque de fato não há nenhuma necessidade de que ande pelo barro e sue como um camponês, certo?

Max apertou os lábios numa careta de irritação. Nem Bernard nem Alexandre queriam se encarregar de nenhuma das responsabilidades de se cuidar de uma plantação. Quando entravam na biblioteca, era somente para levar o braço até os licores ou estender a palma de suas mãos para receber suas retiradas mensais.

No entanto, ambos, Bernard – em particular – criticavam Max com toda a liberdade quando não estavam de acordo com as decisões que tomava acerca da plantação. O mais irônico de tudo aquilo era que Max nem sequer gostava de agricultura e só havia herdado uma pequena parte do intenso amor pela terra que sentia seu pai. Seus interesses tinham mais a ver com os negócios e a política.

Além disso, suas crescentes atividades políticas haviam modificado sua maneira de enxergar certas coisas. Muitos políticos do norte que vinham visitá-lo, não escondiam que eram a favor do abolicionismo e no transcorrer dos debates que mantinha com eles, Max tinha descoberto que cada vez custava mais

defender o sistema de escravidão que tinha herdado.

Tinha ouvido dizer que nem sequer o presidente Jefferson tinha formado uma opinião muito clara sobre o tema da escravidão e que tinha intenção de equilibrar as questões éticas com os interesses econômicos. O dilema moral que Max teria pela frente, combinado com sua falta de interesse pelo cultivo da terra, tinha feito com que as plantações dos Vallerand se convertessem em uma carga pesada da qual gostaria de poder livrar-se.

– Dado que sou o único Vallerand que se encontra disponível para levar a plantação – disse Max sardonicamente – me parece que farei o que considere mais adequado. No entanto, se você ou Alexandre desejam assumir alguma responsabilidade, eu a transferirei de muito boa vontade.

– Nosso pai decidiu há muito tempo quais seriam os papéis que assumiríamos – disse Bernard com um filosófico encolher de ombros. – Você seria o modelo, o mais seletivo representante de toda descendência aristocrática de Nova Orleans... o cabeça da família. Eu seria o pródigo e Alexandre o libertino. Como te atreves a sugerir que saíamos dos papéis que nos designaram?

Max o olhou com ceticismo.

– É uma desculpa muito cômoda, Bernard. A realidade é que nosso pai já se foi deste mundo e agora pode fazer o que quiser.

– Suponho que sim – murmurou Bernard, estudando suas botas.

Durante o incômodo silêncio que se seguiu, Max tentou encontrar uma maneira de abordar o assunto que tinham de discutir.

– De verdade, eram tão pouco atrativas as filhas dos Fontaine, Bernard?

Seu irmão deixou escapar um suspiro de cansaço. – Não, não, mas como vou pensar em matrimônio quando em algum lugar do mundo tenho uma mulher e um filho ilegítimo que necessitam de proteção?

– Já faz dez anos – disse Max num tom bastante seco. – A estas alturas, ela provavelmente já encontrou um esposo.

– E supõe que isso deva me servir de consolo? O fato de que agora outro homem está criando meu filho? Meu Deus, durante os últimos dez anos não tem havido nem uma só noite em que não me pergunte por que ela me deixou sem dizer a mim ou a sua família aonde ia!

– Eu sinto muito, Bernard. – disse Max suavemente. – Quisera ter podido fazer algo a respeito, mas em vez disso... – Se calou. Naquele tempo havia estado muito enrolado na teia criada pelo assassinato de Corinne para dedicar um instante de seus pensamentos a infeliz aventura de seu irmão com Ryla Curran, a

filha de um madeireiro americano. Bernard e a jovem sabiam que o matrimônio entre um católico e uma protestante significava desastre a um deles ou para ambos. Quando Ryla descobriu que estava grávida, desapareceu. Apesar de todos os esforços de Bernard para encontrá-la e ao bebê, já haviam se passado dez anos sem que houvesse nem o menor rastro deles.

– Bernard – disse Max, – já dedicou tempo suficiente na busca deles. Agora debes renunciar de uma vez ao passado.

– É isso que você decidiu fazer? – perguntou Bernard, mudando abruptamente de tema. – É essa a razão para este teu matrimônio tão precipitado?

– Me casei com ela porque a desejo – disse Max sem perder a calma.

– Não passaste a noite com ela. A casa toda sabe.

– Ao diabo com a casa. É meu matrimônio e o levarei como me convenha.

– Sei que o farás. – Disse Bernard alegremente. – Mas me parece que comete uma estupidez ao dar as costas a tradição. Lembra que deverias passar ao menos uma semana a sós com a tua nova esposa. – Sorriu sugestivamente. – Como esposo tem o dever de domá-la apropriadamente, Max.

– Pode ser que algum dia eu peça a sua opinião a respeito. Entretanto...

– Sim, já sei – Uma centelha de humor brilhou nos olhos escuros de Bernard

– Por certo, você decidiu renunciar a Mariame?

Quando se preparava para responder, algum instinto impulsionou Max a olhar para a porta. Lysette estava de pé na entrada da biblioteca, a que acabava de acudir em busca de Max. Sua expressão deixava muito claro que tinha ouvido a pergunta de Bernard. – Oh, diabos, pensou Max com exasperação.

Lysette assumiu rapidamente um alegre e resolutivo sorriso enquanto entrava na sala.

– Perdoem-me que os interrompa, meu marido – disse amavelmente. Com aquele vestido de cor pêssego que ressaltava a forma de seus peitos ao unir-los e se estendia delicadamente sobre sua esbelta figura, e a mostrava fresca e cheia de vida. Max logo queria tomá-la em seus braços, mesmo com suas roupas manchadas de barro e suor, e tomar possessivamente sua boca com um beijo apaixonado. – Sua banheira já está preparada. Suponho que deseja tomar banho antes do jantar.

Max estava ao seu lado imediatamente, e sentiu que seu humor melhorava com a presença de Lysette. Sua esposa surtia um efeito realmente notável sobre ele, recordando-lhe a época de sua vida em que era jovem, cheio de ideais e o

mundo só lhe prometia felicidade.

– Já estou indo. Falaremos depois, Bernard.

Seu irmão murmurou uma resposta inaudível enquanto eles saíam da sala.

– Está muito sujo – disse Lysette. – O que esteve fazendo hoje, Max?

Max fingiu que não tinha ouvido e se perguntou se alguém mais na família havia especulado sobre seu possível paradeiro na noite anterior.

– Minha mãe fez alguma menção à minha partida na noite passada?

– Oh, sim, – respondeu Lysette com um tom irônico na voz. – Aconselhou-me a te perdoar por não ter me atendido como é devido durante nossa noite de núpcias e tentou me convencer de que melhorará com o tempo.

Ele a segurava pelo cotovelo enquanto caminhavam. – Você gostaria de saber aonde eu fui ontem à noite?

– Não particularmente, – disse Lysette e ele sorriu, pois era claro que ela estava mentindo. – No entanto – acrescentou, – se deseja contar-me, prossiga.

– Fui ver a minha antiga *placée*. – A diversão de Max persistiu quando Lysette afastou bruscamente o cotovelo da mão com a qual ela a segurava. – Quer que eu te conte o que aconteceu entre nós?

– Não – respondeu ela e então se deteve para olhá-lo com receio. – Você disse antiga?

– Sim, isso foi o que disse. E não aconteceu nada, a não ser que concordamos em por um fim a nosso acordo.

– Nada? – Perguntou ela com suspeita. – Nem sequer um beijo de despedida.

– Oh. – Com um inesperado e intenso alívio Lysette tratou de ocultar o prazer que sentia. Deixou que ele voltasse a pegá-la pelo braço e entraram em seu dormitório onde lhe aguardavam um banho quente. Uma barra de caro sabão feito à mão e uma pequena montanha de toalhas dobradas haviam sido colocadas encima de um balde de cabeça para baixo junto à banheira. Max fez um som de aprovação e tirou a camisa.

Lysette se deteve sem poder evitar admirar o seu corpo. Musculoso e bronzeado pelo sol, Max era um magnífico exemplar de varão. Uma grossa camada de pelo negro cobria seu peito e descia estreitando-se em uma sedosa capa, sobre a tensa musculatura de seu abdômen. Seus braços desnudos apareciam fortalecidos pelo trabalho na plantação e também por muitos anos da prática de esgrima. Lysette engasgou ao vê-lo ir para a cama e sentar-se na beira dela.

Max a olhou com seus olhos escuros como café. Um sorriso surgiu num dos cantos da boca quando se inteirou do interesse com que Lysette o observava. Livrando-se com um grunhido de suas botas enlameadas, deixou cair ao solo aqueles dois objetos inapresentáveis e sacudiu as crostas de barro seco que haviam se agarrado as suas mãos. Os músculos se tencionavam debaixo de sua pele reluzente e bronzeada com cada movimento que fazia. Lysette viu que tinha algumas marcas no torso, inclusive uma cicatriz em forma de estrela sobre o ombro.

– Como você conseguiu essas cicatrizes? – perguntou.

– São feridas de duelos. Como minha honra é insignificante, tive que recorrer a toda minha destreza para defendê-la.

O atrativo aroma almiscarado de sua pele chegou ao nariz de Lysette. Sentilo fez com que quisesse ir até Max e apertar o rosto contra o calor salgado de seu pescoço. Lentamente se aproximou dele, voltando a olhar suas cicatrizes.

– Suponho que alguns dos jovens crioulos da cidade pretendem demonstrar sua virilidade enfrentando-te. – disse. – Como lobos que desafiam ao líder da manada. Alguma vez você feriu alguém de morte?

Max sacudiu a cabeça.

– O normal é que a honra fique satisfeita com um único ataque. Sempre procurei evitar os duelos, salvo no caso de Sagesse. Só luto quando os demais me obrigam.

– Compreendo – disse Lysette com doçura enquanto estendia a mão para tocar a cicatriz do ombro. Não era consciente de ter-se aproximado de seu corpo meio desnudo, mas agora estava junto a ele e seu hálito fez com o pelo do peito de Max tremesse suavemente. Quantas vezes ele teve de enfrentar a ponta de uma espada? Quão perto da morte havia chegado a estar? O pensamento a encheu de uma profunda inquietação. Desconcertada, Lysette se apressou a dar-lhe as costas.

– Deve estar muito cansado depois de tanto exercício. – disse. – Sem dúvida estará impaciente para desfrutar seu banho. Te deixarei a sós com ...

Um leve rumor atrás dela fez com que não completasse a frase. Compreendeu que Max tinha tirado as calças. Agora estava completamente nu. Paralisada pela indecisão, Lysette tentou decidir se queria ir ou preferia ficar.

Ouviu o ruído que fez o corpo de Max ao meter-se na água.

– Por que não me ajuda a banhar-me, *petite*?

Lysette se voltou, sem poder evitar que seus olhos absorvessem com avidez a

visão de toda aquela reluzente pele masculina, as duras curvas de seus ombros erguendo-se sobre a borda de madeira da banheira.

– Necessita ajuda? – Sentia os pulmões quentes e dilatados, como se tivesse inalado uma parte do abundante vapor que envolvia Max.

– Disse que queria acostumar-se comigo. Agora estou te dando uma oportunidade de fazê-lo.

– Quanta consideração de sua parte.

Max sorriu e se recostou na banheira, deixando escapar um suspiro quando a água banhou seus músculos tensos. Logo, semicerrou os olhos, com a expressão de um gato prazerosamente reclinado ao sol.

– Poderia pelo menos me passar o sabão, *ma petite*. – Um sorriso surgiu em seus lábios quando acrescentou provocativamente: – Seja valente!

Lysette não era o tipo de mulher que retrocedesse ante um desafio. E sua curiosidade era maior que sua apreensão. – Certamente, meu marido. – Apanhou a barra de sabão e a cheirou, sentindo o aroma de erva cidreira.

Max se endireitou na banheira, oferecendo a Lysette suas costas largas e musculosas. O movimento lembrou-lhe um gato quando pede silenciosamente para ser acariciado.

Um estremecimento de prazer percorreu o estômago de Lysette.

– Por que não? – disse. – Te lavarei as costas, meu marido, mas o resto terá de lavá-lo você mesmo. – Erguendo as mangas até os cotovelos caminhou até a banheira. A água estava muito clara debaixo do vapor que se erguia dela, proporcionando-lhe uma boa visão da crescente ereção que havia sob a superfície. Ainda que tentasse não reagir aquele espetáculo impressionante, um súbito rubor subiu até a raiz dos seus cabelos.

Max levantou uma sobrancelha, como se houvesse esperado um grito de surpresa. Lysette rodeou a banheira até deter-se atrás dele.

– Parece que isto doi. – comentou.

Ele levantou a cabeça para trás para observá-la da banheira.

– A ti ou a mim?

Lysette não pôde evitar sorrir ante o provocativo tom da pergunta e se ruborizou.

– A ambos, imagino.

Sem mais comentários, Max voltou a inclinar-se para frente. Lysette meteu as mãos na água e apanhou o sabão, até que o intenso aroma de erva-cidreira encheu o ar. Deixou o sabão de um lado e começou a espalhar a espuma cremosa

sobre as costas de Max, seguindo com os dedos os duros contornos dos músculos e a grossa linha de sua coluna. Filetes de água e sabão escorriam pela pele bronzeada.

Lavar-lhe o cabelo parecia um ato extraordinariamente íntimo, mas Lysette também o fez, movendo seus dedos ensaboados por entre os cachos escuros e molhados esfregando o coro cabeludo. Max não escondeu o quanto desfrutava de seus cuidados. Lysette se ergueu para apanhar o balde cheio de água fresca e derramá-la por sua cabeça, para retirar o sabão.

Logo voltou a deixar o balde no solo com muito cuidado, enquanto Max afastava as mechas molhadas da testa. Suas pestanas cheias de gotas de água se ergueram quando a olhou.

– Por que você não se junta a mim?

A sugestão a excitou e surpreendeu. Uma deliciosa dor floresceu em seu peito e se espalhou até os bicos de seus seios, convertidos em dois pontos muitos sensíveis. Quando por fim conseguiu falar, Lysette sentiu que a garganta lhe formigava como se tivesse bebido mel quente.

– Não há espaço suficiente para duas pessoas, – disse.

– Haverá se nos sentarmos muito perto um do outro.

Ao ver que Lysette permanecia imóvel, Max se inclinou até ela. Sua boca encontrou um ponto vulnerável no pescoço da jovem e começou a lambê-lo e mordiscá-lo suavemente. Lysette tragou o ar, enquanto respondia a carícia masculina de sua mandíbula. O mundo parecia inclinar-se pouco a pouco, como se Lysette estivesse dentro de alguma enorme bola de cristal que tivesse começado a rodar languidamente sobre suas costas.

Quando ela estendeu os braços em uma tentativa de manter o equilíbrio, uma das mãos de Lysette descansou na superfície peluda do peito de Max. Seus dedos afundaram em uma esteira de cachos encharcados de água quente. Seu polegar descansou no bico sedoso do mamilo de Max, e Lysette não pôde deixar de acariciá-lo até que ela sentiu o contato em uma ponta dura. Max soltou um murmúrio e pôs a mão na nuca. Lysette deixou que ele puxasse sua boca para a dele, e Max a beijou avidamente, mas com delicadeza.

Uma onda de prazer se agitou dentro de Lysette e sua pele se tornou sensível ao mais leve dos contatos. Abriu a boca como em sonhos e permitiu que Max lhe explorasse com lentas carícias de sua língua. Não protestou quando ele lhe segurou a mão e a guiou sob a água, onde o calor não se comparava com o fogo abrasador de sua excitação.

Dóceis e obedientes, os dedos de Lysette se curvaram em torno da longa virilidade de Max. Seu contato não se parecia em nada com o que ela tinha esperado. A pele de Max era como um suave acetinado firmemente estendido sobre a dureza de seu membro. Lysette percorreu-o com a mão, explorando-o delicadamente sob a água. Max continuou beijando-a, seu hálito parecia exercer pressão contra seu rosto e Lysette se sentiu estranhamente zonzá ao dar-se conta de sua crescente excitação.

Lysette moveu-se para frente até tê-lo mais perto, até que o peitilho de seu vestido ficou empapado e a dura borda da banheira se alojar em seu estômago. Foi neste momento que a dor a fez voltar a si. Lysette afastou a cabeça e se afastou com um pesado suspiro.

O rosto de Max estava relaxado e profundamente concentrado ao mesmo tempo. Lysette piscou e enxugou as mãos molhadas no rosto.

Max estendeu o braço e passou o polegar por uma gota de água que descia lentamente entre seus seios.

– Beija—me outra vez – murmurou.

Lysette deixou escapar um riso trêmulo e se levantou penosamente estremecendo ao sentir o tecido empapado de seu vestido no peito.

– Parece-me que já tiveste mais do que o suficiente de mim por hora, *monsieur*.

Ele se pôs de pé dentro da banheira, a água escorrendo em uma reluzente cascata ao lado de seu corpo tomado pela excitação.

– Se houvesse tido o suficiente de ti, *ma petite*, agora não me apresentaria neste estado.

Com um suspiro, Lysette se apressou a afastar-se dele. Sentiu que a mão de Max lhe roçava quando tentou agarrá-la e se esquivou agilmente. Uma explosão de risos entrecortados escapou de seus lábios.

– Não te atrevas, Max! Não me toques!

Ele saiu da banheira e a seguiu enquanto ela corria para a porta. A mão de Lysette se fechou sobre o puxador de porcelana ao mesmo tempo em que lhe ocorria pensar que não podia sair pela casa com o vestido empapado. Tão pouco podia bater-se em retirada até seu quarto para trocar de roupa, já que as donzelas provavelmente estariam varrendo os tapetes e trocando as roupas de cama. – Vamos, Max – lhe disse em tom mais razoável do que foi capaz e ao mesmo tempo dando-lhe as costas. – Já basta, te trarei uma toalha e...

Os braços molhados de Max se curvaram ao redor dela, que sentiu quando a

água de seu peito lhe empapava as costas do vestido. Outra corrente de risadas escapou de seus lábios e ela se xingou por haver perdido a compostura até esse ponto.

– Max, me molhou toda!

A boca dele desceu sobre a sua nuca e a beijou suavemente.

– Minha doce esposa – sussurrou. – Deixe que eu tenha só um pouquinho mais de você. Não faltarei a minha promessa, te juro. Só me deixe te tocar. Por favor.

Lysette o sentiu puxar o tecido de seu vestido e as fitas logo cederam para liberar num impetuoso estalo sua carne confinada. O corpete começou a deslizar e antes que ela pudesse evitar, o vestido caiu no chão num confuso monte de tecido molhado. Lysette permaneceu vestida com uma camisola molhada e as meias. A mão de Max percorreu a curva apertada de suas nádegas desnudas e Lysette deu um salto ao sentir o inesperado contato de seus dedos.

Ela ouviu o zumbido suave que escapou dos lábios de Max quando sentiu a pressão delicada de seu peito nas costas com cada uma de suas profundas inspirações. A mão de Max deslizou sobre seu quadril e então ele se moveu para frente, até que as pontas de seus dedos gentilmente roçaram a cavidade de seu umbigo. Lysette colocou as palmas das mãos na madeira dura do painel da porta e apertou-a.

– Max – conseguiu balbuciar, – não deverias...

– Pararei assim que você me pedir. – A palma de sua mão se deslizou em uma delicada carícia por cima de tufo de pelos que crescia entre as coxas de Lysette. Os dentes de Max capturaram sua nuca em uma tênue mordidela e logo mitigou a pressão com delicados movimentos de sua língua.

– Não tenha medo. Só quero lhe dar prazer. Como é doce.

Sua garganta traiçoeira se fechou e ela engoliu o protesto que queria proferir, enquanto a proximidade de Max fazia com que todo o seu corpo começasse a doer nos lugares mais íntimos. Continuou de costas para ele, ladeando enquanto Max lhe subia a camisola até a cintura. Logo sentiu que a abrasadora longitude de sua ereção lhe pressionava as nádegas. A ponta do membro parecia marcá-la como ferro em brasa. A realidade que apenas podia perceber se escorreu definitivamente entre seus dedos e Lysette se apertou contra a tórrida forma masculina.

Os dedos de Max vagaram por seus cachos ruivos, explorando suavemente o delicado montículo feminino. Lysette abriu a boca, mas não foi capaz de dizer-

lhe que parasse, A sensação era muito deliciosa. Max prosseguiu sua exploração do macio triângulo, até que Lysette gemeu e separou as pernas em uma súplica involuntária. A boca de Max lhe tocou a orelha e depois foi até a sua úmida bochecha.

Seus hábeis dedos separaram delicadamente os lábios inchados do sexo de Lysette e entraram em sua delicada fenda.

– *Petite*, tenho sonhado em tocar-lhe aqui... deste modo... sim, deixe-me fazê-lo, *ma belle*... – Encontrou a diminuta protuberância de carne que havia começado a palpitar com uma nova e intensa sensação e as pontas umedecidas de seus dedos tocaram, descrevendo círculos e excitando até que Lysette começou a gemer e apoiar-se na porta. O seu coração batia desenfreado e o sangue corria por suas veias com a força de uma torrente.

– Max, – disse com voz entrecortada. – oh, Max...

O dedo médio de Max entrou nela, deslizando sem nenhuma dificuldade através da apertada abertura. Lysette paralisou ante aquela delicada invasão ao mesmo tempo em que sentia um estranho calor que se estendia por todo seu corpo.

– Quer que eu pare? – Sussurrou ele. Retirou o dedo, o que a fez estremecer-se.

– Diga-me, Lysette. Diga-me o que quer e o darei.

Lysette se voltou para ele, passou os braços por seu pescoço, apertou seus seios contra seu peito. Todos os seus princípios tinham caídos, reduzidos a cinzas naquela devastadora conflagração do desejo.

– Max, faça amor comigo, agora, por favor, por favor, por favor...

– Ainda não quero tomar sua virgindade. – Sua mão desceu pelas costas de Lysette numa carícia que pretendia acalmar, mas só serviu para fazê-la debater-se freneticamente. – Não até que esteja segura do que realmente deseja.

– O desejo – gemeu ela. – De verdade.

A mão dele se deslizou entre suas pernas, seus dedos regressaram infalivelmente ao lugar em que ela mais necessitava tê-los.

– Não quero fazê-la sofrer. Só pretendia assegurar-me do que desejava.

Se Lysette o tivesse desejado mais, arderia como uma tocha. Sua cabeça caiu para trás sobre os braços que a sustentava ao mesmo tempo em que seus quadris realizavam movimentos circulares em resposta a cada uma de suas carícias. As sensações se inflamaram rapidamente, muito rápidas, muito abrasadoras e Lysette gritou quando um grande espasmo se apoderou subitamente de seu

corpo, fazendo com que seus nervos ardessem e o prazer a inundasse até deixá-la sem forças e tremendo. Ela se deixou cair sobre Max e enterrou o rosto em seu ombro.

– Max... leve-me para a cama.

– Não, – disse ele, roubando-lhe um duro beijo de seus úmidos lábios. – Não quero aproveitar-me de ti, *petite*.

– Nunca me ocorreria pensar tal coisa. Por favor, Max.

– Não. Depois poderia culpar-me por isso.

Lysette se espantou quando ele se recusou a fazer o que lhe pedia, quando era óbvio que ele também queria o mesmo. Ele não se importava com os seus sentimentos? Pensar nisso lhe acelerou o pulso e voltou a oferecer-lhe a boca. Quando seus lábios se separaram, disse com um fio de voz:

– Se com isso você está dizendo que não sei o que faço...

– Não, você não sabe.

– Mas é claro que eu sei!

– Uma boa esposa crioula nunca contraria seu marido. – disse ele.

Lysette soltou uma gargalhada, apesar de tudo, e lhe acariciou o peito. – Max... – esfregou o rosto contra a suave lisura de seu ombro. – Você acredita que a água do banho ainda esteja quente?

– Provavelmente. – Levantou-lhe o queixo e sorriu. – Agora caberá a mim lhe banhar? Perguntou e a tomou em seus braços antes que ela pudesse responder.

Capítulo 7

Mesmo que houvesse passado a maior parte de sua vida em uma casa onde praticamente só havia mulheres, Lysette se encontrava agora rodeada de homens. Não demorou em perceber que seus cunhados eram muito diferentes do seu padrao.

Os Vallerands se irritavam com a mesma facilidade que Gaspard, mas não recorriam a palavras inadequadas nem mesmo quando se enfureciam. A diferença de Gaspard, cujos gritos não surtiavam nenhum efeito sobre os demais, eles sabiam como ferir com algumas poucas palavras bem escolhidas e às vezes os irmãos eram implacáveis uns com os outros. Na presença de uma mulher, no entanto, punham freio as discussões e a conversa se suavizava.

Lysette estava começando a acreditar no que Noeline havia dito um dia, quando ela lhe assegurou que os homens da família Vallerand nasceram sabendo como encantar as mulheres. Desde sua infância, Lysette estava acostumada com o desdém dissimulado que Gaspard sentia por ela, e essa era a razão pela qual ela agora se via desarmada tão facilmente pelas atenções que os Vallerands lhes dedicavam.

Alexandre costumava fazer cenas melodramáticas com ela para lhe pedir conselhos sobre assuntos do coração, assegurando, com uma piscadela travessa, que uma mulher que conseguiu pegar seu irmão à força teria de ser uma grande autoridade no assunto. Bernard entretinha-a com histórias de suas viagens ao exterior. Philippe compartilhou seus livros favoritos com ela, e Justin acompanhava-a quando ela saía andando pela plantação.

Os Vallerands eram uma família muito instruída e estavam sempre devorando livros, jornais e caixas cheias de publicações importadas da Europa. Lysette logo aprendeu a aproveitar os encontros familiares que ocorreriam na sala de estar todas as manhãs, quando os Vallerands liam em voz alta, ou se divertiam com jogos de palavras ou debatiam questões políticas enquanto os gêmeos encenavam batalhas inventivas com regimentos de soldados de chumbo pintados.

Ironicamente, agora Lysette via os outros Vallerand com mais frequência do

que o seu marido. Max estava sempre muito ocupado ou com os assuntos da plantação ou com suas atividades políticas e suas operações de transporte marítimo. Ele embarcou em uma negociação complicada para adquirir outro navio para adicionar aos seis com os quais sua frota já contava. Além disso, ele estava preparando outra rota para as Índias Ocidentais e precisava nomear um gerente para abrir uma delegação por lá.

Além disso, ele supervisionava a construção de mais armazéns na doca do rio. Essas atividades sempre o mantinham ocupado durante a maior parte do dia, até que ele voltasse para a plantação na hora da refeição. Ao anoitecer, Max relaxava com a família na sala de estar ou compartilhava uma garrafa de vinho com Lysette na privacidade de seu quarto.

Desde aquele interlúdio apaixonado há duas semanas, Max não fez novos avanços. Lysette tinha sido tentada em mais de uma ocasião a pedir-lhe para fazer amor com ela, mas ela pensava que não era o momento certo e agora ela estava mais determinada do que nunca a ganhar seu afeto. Enquanto isso, ela disfrutava das horas que passavam juntos falando, discutindo e flertando. Quanto mais ela conhecia seu marido, mais ela o apreciava. Max era um homem que sabia enfrentar resolutamente suas responsabilidades sem reclamar, motivado pelo dever e um senso de proteção para com a família. No entanto, ele também tinha uma tendência a dominar tudo e uma firmeza implacável que a fascinava. Era claro que se ela fosse uma esposa dócil e pacífica, ela não teria durado cinco minutos com ele. Mas em vez de ser intimidada por sua força de vontade, Lysette se encantava em desafiá-lo e ele sabia disso.

Embora não compartilhassem uma cama, Lysette estava ciente das idas e vindas de Max. Cerca de duas vezes por semana, seu marido saía de casa à meia-noite e não retornava até as três ou quatro da manhã. Lysette não achava que ele tivesse uma amante, mas se ele não estava com uma mulher, o que diabos estava fazendo?

Finalmente, Lysette decidiu interrogá-lo sem rodeios quando ele voltou de uma de suas misteriosas saídas. Max entrou no quarto dele tarde da noite para encontrar sua esposa esperando por ele, com a lâmpada de cabeceira acesa. Deitada nos travesseiros que ela tinha empilhado na cama, Lysette o cumprimentou sem perder a compostura.

– *Bon soir*, Max. Eu estava me perguntando o que você poderia estar fazendo tão tarde da noite.

Max sorriu sarcasticamente.

– Nada que deva se preocupar–, disse ele. – Agora volte para sua cama ou assumirei que sua presença aqui significa que você finalmente decidiu cumprir suas obrigações como esposa.

A ameaça não a incomodava nem um pouco.

– Não acho que seja tão fácil me tirar daqui, Max. Se isso tivesse acontecido uma ou duas vezes, eu poderia ter negligenciado, mas você tem feito desses passeios à meia-noite um hábito, e eu quero saber o que está acontecendo.

Max colocou as mãos sobre a cama e se inclinou sobre Lysette até que suas bocas quase se tocaram.

– Eu estou atendendo algumas questões relacionadas às minhas operações de transporte.

– Qual a razão para que este trabalho não possa ser realizado durante o dia?

– Alguns negócios, minha querida, são preferíveis fazê-los à noite.

– Você não está fazendo nada de ilegal, certo?

Max ergueu o polegar e o indicador, mantendo-os separados a alguns centímetros de distância.

– É só um pouco ilegal. Nada demais, somente um carregamento de meias de seda, algumas balas de canela... e vários milhares de libras inglesas.

– Libras inglesas? Mas, por quê?

– Quando os americanos tomaram posse do território da Louisiana, ficamos sem o fornecimento de moeda forte que recebemos do México, e ninguém confia na moeda francesa ou espanhola que está disponível. Tenho medo de que o plano de distribuição de papel-moeda americana que o governador Claiborne esteja prestes a implementar leve tempo para se tornar efetivo e, entretanto ...

– Mas você não quer contribuir com os esforços do governador Claiborne?

Seu sorriso era despreocupado e implacável. –Oh, eu não tenho nenhum tipo de obrigação especial com Claiborne. Eu ajudo quando posso. Também me ajudo, quando surge à oportunidade.

Lysette não gostou da ideia de seu marido negociar itens de contrabando, por mais inocentes que fossem.

– Se te descobrem...

–Vamos, você precisa dormir–, ele a interrompeu. – Você tem sombras debaixo de seus olhos.

–Eu não as teria se você ficasse em casa durante a noite–, ela rosnou, e bocejou alto quando ele a tirou da cama e colocou um braço em volta de sua cintura.

Max franziu a testa enquanto a acompanhava até o quarto.

– Estes últimos dias você tem se cansado. Minha mãe me disse que você tem feito muitas coisas ao mesmo tempo. Eu quero que você descanse mais, *petite*, especialmente porque esteve muito doente não faz muito tempo.

Lysette rejeitou suas preocupações com um gesto de mão. Ela estava se familiarizando com a plantação e procurando maneiras de ser útil. Havia suprimentos para pedir, livros de contas para acompanhar, uma cozinha para administrar e muito pão para cozinhar, grandes quantidades de móveis, tapetes, cortinas e roupas de cama a serem limpas e uma infinita variedade de roupas para fazer e coisas para consertar. Embora lhe parecesse que Irénée e Noeline estavam fazendo um bom trabalho ao cuidarem da plantação Vallerand, ela via algumas coisas que poderiam ser melhoradas. No entanto, temia que as duas mulheres mais velhas se ofendessem se tentasse alterar qualquer um dos hábitos que vinham seguindo há tanto tempo.

–Max–, ela disse, colocando a mão sobre a dele, bem maior, – eu gostaria que você me desse sua opinião sobre algo...

– Sim?

– Você não acha que algumas coisas nesta casa são feitas de forma bastante antiquada?

Ele parou diante do quarto de Lysette. – Bem, a verdade é que eu não tinha notado.

– Oh, suponho que não é nada que um homem preste muita atenção. São pequenas coisas, realmente... Teria que treinar pelo menos mais duas donzelas para manter a enorme mansão tão limpa como deveria ser. Em vários quartos há tapetes e cortinas descoloridas pelo sol que tinham de ser substituídas. – Lysette descobriu um verdadeiro tesouro em objetos de prata que não eram polidas há anos. E, a julgar pelo que ela observou, nunca havia roupa de cama limpa à mão. Esse foi apenas o início da lista. Havia coisas que Irénée simplesmente não via, por conta de sua idade. Mas como abordar tais assuntos com ela sem ser indelicada? Esse era o seu problema.

– Eu acredito que entendo–, disse Max maliciosamente, tomando os ombros magros com as mãos. – Ouça-me, *petite*: você tem o direito de virar toda a casa, se esse for o seu desejo. Noeline fará o que você disser, mesmo que ela não concorde com você. Quanto à minha mãe, não demorará muito para apreciar a capacidade de ter a ociosidade desfrutada por outras mulheres de sua idade. Enquanto isso, não duvido da sua capacidade de resistir à sua teimosia. Tome-o

como você entender, e você terá meu apoio total.

– Mas eu não quero dar-lhe motivos para preocupação...

– Oh, eu não acho que você vai lhe dar mais motivos para preocupação do que ela possa suportar. – Ele sorriu. – Isso só pode ser feito por seus netos.

– Está bem. Obrigado, Max.

Ele acariciou as bordas de suas clavículas com os dedos, e apertou languidamente antes de roçar-lhe a testa com um beijo.

– Boa noite.

Lysette esperava que ele a soltasse, mas ele hesitou e, com as mãos flexionadas suavemente em seus ombros, o seu coração disparou e ela não pôde evitar sentir um súbito tremor em seus joelhos.

Seria agora, ela pensou de repente. Agora, Max pediria que ela dormisse com ele, e ela não tinha mais a desculpa de ser recém-casada para mantê-lo à distância. Para sua surpresa, ela queria isso tão intensamente que já não parecia ser imperativo ganhar seu coração primeiro.

– Max... – ela disse com uma voz trêmula, tentando encontrar as palavras para encorajá-lo.

– Boa noite –, ele disse ao mesmo tempo, beijando sua testa novamente. – Descanse um pouco, *doucette*.

Então ele virou-se e deixou-a sozinha, debatendo-se contra uma sensação peculiar de decepção.

– Burr chegará amanhã, sem dúvida –, disse o governador Claiborne, limpando a transpiração do rosto com um lenço. – Maldito calor. E eles me disseram que o barco que os trará foi um presente de Wilkinson. Nosso Wilkinson.

Ele lançou um olhar assassino pela janela como se pudesse ver o governador do Upper Louisiana através dela.

Max se instalou no assento. Uma sombra de diversão passou por seu rosto.

– Nosso? – ele repetiu. – Ele pode ser o seu Wilkinson, senhor, mas asseguro-lhe que não tenho interesse em reivindicá-lo como meu.

– Maldição, como você pode sorrir? Ou você não se preocupa com o que pode acontecer? Esses dois, Burr e Wilkinson, são uma dupla muito poderosa!

– Estou preocupado, é claro. Mas se os planos de Burr forem, como suspeitamos, unir o território da Louisiana com o Texas...

– E com o México! – Claiborne lembrou-o teimosamente.

– E com o México–, continuou Max, – então você precisará de recursos consideráveis de várias fontes. Fundos que não poderão obter, com ou sem a influência de Wilkinson. Os crioulos têm um ditado, senhor: *Il va croquer d'une dent*.

– O que quer dizer?

– Que só terá um dente para mastigar. – Claiborne se recusou a sorrir da brincadeira – Existe a possibilidade de que Burr receba todo o dinheiro que ele precisa da Inglaterra. Ele se dá bem com o embaixador da Grã-Bretanha.

– Os britânicos não o financiarão.

– Eles poderão fazê-lo–, insistiu Claiborne. – Neste momento, os Estados Unidos não mantêm relações muito amigáveis com a Grã-Bretanha.

– No entanto, a guerra que os britânicos estão travando com a França significa que eles não podem se permitir apoiar uma causa perdida. E Burr muitas vezes, passa dos limites, para colocar seus planos em ação.

– Bem. – Claiborne ficou em silêncio por um momento. – Sim, isso é verdade. Seu sucesso depende de que tudo seja feito em segredo e fiquei surpreso com os rumores que correm sobre certas coisas que ele disse publicamente. Não é adequado que Burr seja tão imprudente com suas palavras. Esse patife se sente muito seguro de si mesmo!

Ele franziu a testa. – Se os britânicos não quiserem financiar a Burr, então eles recorrerão à Espanha.

– Como você sabe?

– Eu e muitos outros suspeitamos já há algum tempo que Wilkinson está trabalhando para a Espanha.

– Existe alguma prova disso?

– Não, mas a suspeita não é injustificada.

– E, naturalmente–, disse Max, falando vagarosamente. – a sua muito católica Majestade ficaria encantada se a Louisiana fosse devolvida à proteção dos espanhóis. Sim, para a Espanha seria muito lógico fazer de Burr um patrono.

– Wilkinson mantém boas relações com o Alto Comissário espanhol em Nova Orleans, Don Carlos, o Marquês da Casa Irujo–, observou Claiborne. – Burr provavelmente passará algum tempo com Irujo durante sua visita. Mas o meu pessoal não conseguiu obter informações sobre isso. No momento, as relações entre a Espanha e os americanos são muito hostis. A disputa para determinar quem tem o direito de ficar com a Florida pode acabar em uma guerra.

– Eu conheço Irujo–, respondeu Max. – Eu vou ver o que consigo descobrir. Claiborne enxugou o rosto novamente.

– Alguém saberá. A intriga é algo no qual os espanhóis não têm rival. Eles provavelmente estão cientes de cada movimento que Burr faz. Espero que consiga fazer Irujo revelar um pouco do que sabe, Vallerand... pelo bem de todos nós.

– Farei tudo o que estiver em minhas mãos–, Max disse secamente.

– Deus santo, que confusão. Que tipo de homem pode ser capaz de manipular pessoas e até mesmo países de tal forma? De onde vem toda essa ambição de Burr?

Ao ver que Max estava em silêncio, Claiborne continuou como se estivesse falando consigo mesmo. – Um de seus informantes pensava que Burr não participaria de todas essas conspirações se ele não tivesse perdido sua esposa alguns anos atrás. Ela morreu de algum tipo de câncer e, infelizmente, foi uma morte muito lenta.

Max perambulava distraidamente os dedos no braço do assento.

– Eu não acredito que isso tenha exercido qualquer tipo de influência sobre suas ambições políticas, senhor.

– Oh, bem, Burr era louco por ela, e quando ele não a teve mais ao seu lado... – Os olhos do governador ficaram distantes quando ele pensou em sua própria esposa, recentemente falecida. –Perder uma mulher, uma esposa, pode mudar um homem... embora você certamente já saiba...

Claiborne se calou quando seus olhos se encontraram com os de Max, no qual não havia nenhum traço de emoção.

Fez-se silêncio.

– Há esposas e esposas–, Max disse finalmente, com dureza. –A primeira que tive não foi uma grande perda.

Claiborne quase estremeceu com a frieza do homem. Quão ousado era admitir quão pouco gostava da mulher que se supunha que ele havia assassinado. De vez em quando, Claiborne era forçado a lembrar-se do que ele já tinha sido avisado por seus assistentes, que Maximilien Vallerand possuía uma inteligência aguda e podia ser encantador, mas que também era completamente implacável.

– Como se encontra seu segundo casamento? – Ele não pode resistir a perguntar.

Max encolheu os ombros ligeiramente. – Muito bem, obrigado.

– Eu gostaria de conhecer a nova Madame Vallerand.

Max ergueu as sobrancelhas diante do comentário. Era raro que suas conversas se voltassem para questões pessoais. Claiborne e ele estavam em bons termos porque suas opiniões e objetivos políticos eram semelhantes, mas eles não falavam sobre família, filhos ou sentimentos pessoais, e cada um estava ciente de que ele não manteria nenhum tipo de relacionamento com o outro se não fosse por razões de natureza política.

– Espero que não demore muito antes de ter a oportunidade de apresentá-la, – disse Max.

Claiborne parecia entusiasmado com a perspectiva.

– Tenho que admitir que as mulheres crioulas me intrigam. São criaturas bonitas e com muita energia. – Max franziu a testa com impaciência e mudou de assunto. – Você pretende receber a Burr assim que ele chegar?

Claiborne assentiu abatido. – O meu discurso já está escrito.

– Bem–, disse Max com secura. – Seria bom você agir como se não tivesse nada a temer dele.

– Pensei que tivéssemos concordado em que não havia motivo para ter medo de Burr!

– Mas você não deve esquecer–, disse Max maliciosamente, – que eu nem sempre estou certo.

Lysette atravessou o minúsculo jardim atrás da cozinha, colhendo ervas que serviriam para temperar os ensopados uma vez que estivessem secos. Ver a sombra que a touca projetava no chão a fez soltar um suspiro de frustração.

A tradição dizia que uma esposa não poderia aparecer em público durante as cinco semanas após o casamento. Como resultado, Lysette foi obrigada a ficar em casa enquanto todos os outros saíam e participavam de festas e encontros. E, embora quisesse desafiar a tradição, e sem dúvida, Max iria encorajá-la a fazer o que quisesse, ela não queria antagonizar tão rapidamente com metade da população de Nova Orleans. Nunca tinha se aborrecido tanto. Bernard e Alexander estiveram ausentes à noite passada e naquela manhã, procuraram por divertimentos que os mantiveram ocupados durante boa parte do dia. Como de costume, Max não estava lá. E os gêmeos estavam ocupados dentro da casa com suas lições.

Naquela manhã, Irénée saiu bem cedo para ir ao mercado em companhia da cozinheira. Ela encontrava um prazer especial em ser conhecida como uma mulher que gostava de pechinchar e era "agarrada" ao seu dinheiro. Todos os

comerciantes sentiam um considerável respeito pela habilidade que ela mostrava quando se tratava de negociar os preços mais baratos. Depois de falar com todas as pessoas que estavam na praça do mercado, Irénée voltaria para casa com as últimas fofocas e repetiria várias partes das conversas. Enquanto isso, havia pouco que Lysette poderia fazer além de esperar.

De repente, ela ouviu sussurros e passos sigilosos se aproximando do lado da casa. Depois de deixar a cesta no chão, Lysette viu duas cabeças escuras aparecerem. Eram Justin e Philippe, transportando furtivamente um objeto bastante volumoso dentro de um saco que gotejava. Segurando cada extremidade do pacote, os gêmeos viraram a esquina e foram para o cipreste ao lado da torre do sino. Quando Justin viu Lysette, parou abruptamente, o que levou Philippe a ir de encontro a ele. O saco pesado que eles estavam carregando quase caiu de suas mãos.

Justin olhou para o irmão sem tentar esconder sua raiva. – Eu pensei que você tivesse dito que não havia ninguém aqui!

– Não a tinha visto! – Disse Philippe.

Lysette olhou para eles com ironia. – O que vocês têm aí?

Os gêmeos trocaram um olhar. Justin franziu a testa.

– Agora ela vai contar–, ele resmungou.

Philippe suspirou.

– O que vamos fazer com ela?

Lysette olhou para eles com desconfiança. – Vocês estão roubando algo?

Justin apanhou o objeto pesado em seus braços e apontou para Lysette com a cabeça.

– Sequestrá-la, – disse ele bruscamente. – Se a envolvermos, ela não poderá contar isso a ninguém.

– Me implicar no quê? – Perguntou Lysette.

– Oh, cale-se. Ou você quer que sejamos pegos? – disse Philippe, agarrando-lhe os pulsos e puxando-a freneticamente.

– Vocês deveriam estar estudando–, Lysette os repreendeu. – Aonde vamos? O que há nesse saco? Se vocês se meterem numa encrenca, quero que fique claro que minha participação foi completamente involuntária. Sou vítima *Mon Diem*, por que está gotejando?

– Vem da cozinha–, disse Philippe com uma voz desafiadora.

Lysette soube imediatamente o que era.

– Vocês não fizeram o que eu estou pensando–, disse ela. – Não, não podem

ter feito isso.

Uma enorme melancia trazida do outro lado do lago estava de molho fazia horas na cozinha, onde a colocaram numa bacia cheia de água fria. A ideia era surpreender a família com uma sobremesa especial depois do jantar naquela noite. Roubar essa melancia era realmente um crime muito grave. Berté, a cozinheira, teria um ataque quando descobrisse que havia desaparecido.

– Vocês têm de esperar até a noite–, ela acrescentou num tom inflexível. – Não vale a pena causar tantos problemas apenas pelo prazer de roubar.

– Mas, é claro que vale a pena–, Justin disse com firmeza.

Lysette balançou a cabeça.

– Devolvam-na agora mesmo ao seu lugar, antes que percebam que desapareceu. Imediatamente. Phillippe, como você pode deixar Justin convencê-lo a fazer algo parecido?

– A ideia foi minha–, disse Philippe calmamente.

Eles se esconderam entre as árvores e depositaram seu espólio em um grande tronco. Lysette sentou-se num tronco caído e observou, desanimada, os gêmeos desembrulharem o reluzente globo de cor esmeralda.

– Vou fazer as honras–, Justin disse, e pegou a melancia, que era mais pesada do que pensava.

– Eu não consigo olhar–, Lysette gemeu e encolheu os ombros com temor e Philippe colocou uma mão sobre os seus olhos quando a melancia caiu sobre o tronco da árvore... Lysette ouviu um som de algo que se separava entre um derramamento de líquido e a risada triunfante de Justin.

– Nós fomos longe demais para voltar atrás–, disse Philippe, muito satisfeito.

Lysette removeu cautelosamente a mão do menino de seu rosto e contemplou a visão esplêndida. Embora estivesse horrorizada com o crime, não podia evitar que sua boca se enchesse de água ao ver a fruta vermelha e fria.

– Vocês deveriam se sentir culpados–, disse ela severamente, – por ter privado o resto da família desta melancia.

– Eles deveriam saber o que aconteceria com uma melancia sem supervisão–, retrucou Justin, puxando uma faca velha, mas afiada, do lenço amarrado ao redor da coxa e começou a cortar o fruto vermelho e verde. – Além disso, eles nos privaram de muitas coisas. Esta melancia nada é que apenas um primeiro passo para começar a igualar as contas.

– Não é só uma melancia–, disse Lysette. – É uma melancia muito grande. Enorme, na verdade.

Justin entregou-lhe uma fatia gotejante. – Prove-a.

– Você está tentando comprar meu silêncio? – Lysette perguntou severamente.

– Isso não é um suborno–, disse Philippe. – É apenas um presente.

– É um suborno–, corrigiu Justin. – E você vai aceitá-lo. Não é, Lysette?

– Eu acho que seria incapaz de desfrutar de uma melancia roubada–, disse ela, sentindo-se dividida entre seus princípios e o desejo.

– A melancia é mais saborosa quando é roubada–, assegurou Justin. – Experimente.

Com um pouco de relutância, Lysette cobriu o colo com o avental e aceitou a fatia que lhe foi oferecida. O doce suco percorreu o queixo logo que ela mordeu e Lysette se apressou a secá-lo com um canto de seu avental. A melancia estava muito deliciosa e foi o manjar perfeito para um dia quente. Lysette nunca tinha provado nada tão delicioso.

– Você tem razão–, ela admitiu relutantemente. – É mais saboroso quando é roubado.

Durante os minutos seguintes, os três permaneceram silenciosos porque concentraram-se na melancia. Foi somente quando Lysette sentiu o estômago agradavelmente cheio, havia alguns pedaços de casca espalhados por seus pés, que ela levantou a cabeça e viu uma silhueta muito alta se aproximando.

– Justin? Philippe? Seu pai está vindo para cá.

–Corre! – exclamou Justin, que já havia se posto de pé.

–Para que? – Philippe respondeu. – Ele já nos viu.

Determinada a se salvar, Lysette apressou-se a se levantar e assumiu uma expressão sombria.

– Espero ter conseguido fazê-los entender que vocês se comportaram de maneira muito errada–, disse ela, levantando a voz. – Porque se isso acontecer novamente...

O braço de Max deslizou pela frente de seu vestido, e ela soltou uma risadinha enquanto ele sussurrava em sua orelha: – Bom truque, *petite*, mas suas bochechas pegajosas te delatam.

Lysette sorriu e Max roçou sua boca com a dele, saboreando a doçura da melancia em seus lábios. – Traidora–, Justin a acusou, ao mesmo tempo em que ria com o abandono de um menino.

O olhar cáldo de Max examinou os três.

– Aparentemente, o que temos aqui é uma conspiração.

Philippe apelou para o pai com os olhos.

–Você não vai dizer a Berté, certo, pai?

– Claro que não. Mas tenho medo de que vocês se delatem com a quantidade de comida que deixarão intacta em seus pratos esta noite.

– Ainda é cedo—, disse Justin. – Quando a hora do jantar chegar, teremos fome novamente.

– Não tenho dúvidas de que, para os meus dois meninos, em idade de crescer como estão, será assim—, disse Max, e então olhou para Lysette com uma expressão especulativa. – No entanto, eu me pergunto como minha pequena esposa conseguirá sair dessa.

Lysette deu-lhe um sorriso radiante.

– Você me ajudará a pensar em algo. Porque você tem o dever de me defender, *n'est-ce pas?*

– Claro que sim—, disse Max, sentando-se ao lado dela no tronco caído e gesticulando para Justin para lhe dar uma fatia de melancia.

– Como você nos encontrou? – Lysette tirou o avental e passou para os meninos para que pudessem limpar as mãos e os rostos com ele.

– De acordo com Noeline, você estava no jardim. Quando fui procurá-la, só encontrei sua cesta e uma trilha de pegadas—, disse Max; Ele mordeu um pedaço da melancia e fez uma expressão de prazer.

Lysette viu que uma das mangas de sua camisa ameaçava cair no antebraço. Ela estendeu a mão para segurá-la.

– E agora você também faz parte da conspiração—, disse ela.

Max trocou um sorriso com ela.

– Oh, estou apenas tentando ajudá-los a eliminar as provas.

Sentada ao lado de seu marido, Lysette desfrutou de alguns minutos de conversa agradável em que os meninos apresentaram histórias de suas últimas aventuras no pântano. Ela ficou emocionada com a admiração óbvia que os gêmeos tinham por seu pai e seu desejo de obter sua aprovação. O que ela achou ainda mais pungente, no entanto, foi à paciência que Max tinha com eles e a atenção carinhosa com a qual ele os tratou. Ele era um bom pai, severo, mas inegavelmente cheio de amor.

Lysette tentou imaginar como seria ter um filho com Max. Ela não podia deixar de sentir um pouco de tristeza quando pensou que seus filhos, como Justin e Philippe, teriam de lidar com os rumores perniciosos e as suspeitas obscuras sobre o passado de Max que corria entre as pessoas. No entanto, ela

ensinaria seus filhos a fazer ouvidos surdos do que as pessoas poderiam dizer sobre seu pai e a amá-lo da maneira que ele merecia.

Como ela estava começando a amá-lo.

O pensamento a deixou atônita e ela ficou muito quieta. Sim, pensou, atordoada pela súbita percepção de que era verdade, realmente estava apaixonada por ele. Um arrepio de medo surgiu dentro dela quando disse a si mesma que deveria manter esses pensamentos secretos por um tempo. Porque era possível que Max não quisesse seu amor, que levaria muito tempo para estar preparado para aceitá-lo. Havia muitas sombras em seu passado... Max não suportava conversar com ela sobre seu primeiro casamento, e ficava brusco e irritado toda vez que ela tentava obter alguma informação sobre isso.

Absorvido em seus pensamentos, Lysette parou de prestar atenção à conversa até ouvir Max dizer às crianças: – Estou certo de que vocês aprenderam todas as aulas, porque, de outra forma, vocês dois não teriam tempo suficiente para planejar roubo de melancias.

Nenhum dos gêmeos encontrou seu olhar.

– Não havia muito para estudar–, disse Philippe.

Max riu.

– Então sugiro que vocês terminem antes do jantar. Mas primeiro encontrem uma maneira de fazer toda essa bagunça desaparecer.

– E Berté? –, Perguntou Justin. – Assim que ela descobrir, tentará nos matar.

Max sorriu tranquilamente para o filho. – Eu cuidarei de Berté–, prometeu.

– Obrigado, pai–, disseram os gêmeos enquanto observavam Max ajudar Lysette a se erguer do tronco.

Com seus dedos pegajosos de açúcar suavemente apertados pelos de Max, Lysette ficou em silêncio enquanto se dirigiam para a casa. Ele lhe deu um sorriso zombeteiro.

– Por que você estava tão quieta?

– Estava pensando sobre o pai maravilhoso que você é. É óbvio que os gêmeos te adoram. Justin e Philippe têm muita sorte de ter um pai que os ama tanto.

– Justin e Philippe são bons meninos–, ele disse bruscamente. – O sortudo sou eu.

– Você tem todas as desculpas do mundo para se recusar a amá-los e fingir que eles não existem, – disse Lysette, – depois de todas aquelas experiências terríveis que você passou com a mãe deles. Tenho certeza de que algumas coisas

fazem você se lembrar dela, e eu sei que Irénée diz que os gêmeos têm os mesmos olhos de Corinne. Mas você parece não permitir que isso interfira no que sente por eles.

Ao ouvi-la, mencionar sua primeira esposa, Max soltou sua mão.

– Não vejo nada de Corinne nos gêmeos. – Seu tom foi bem frio.

– Você já falou com eles, sobre ela alguma vez?

– Não, – disse ele laconicamente.

– Poderia ser bom para eles. Para Justin, em particular. Se você explicar...

– Passei dez anos tentando esquecer Corinne–, disse ele, olhando para frente com uma expressão sombria. – E os gêmeos também tentaram esquecê-la. A última coisa que precisamos agora é falar sobre ela.

– Mas Corinne era a mãe deles. Você não pode agir como se ela não tivesse existido. Talvez se você...

– Esqueça isso, – disse ele com uma súbita veemência que a assustou. – Você não sabe do que está falando.

Lysette ficou em silêncio se sentindo ofendida e perguntou-se se ela tinha errado ao abordar o assunto. Mas se Max se recusasse a compartilhar uma parte tão significativa de seu passado, a parte que o mudara tão drasticamente, como poderia realmente conhecê-lo? Porque desejava ter uma autêntica relação de intimidade com ele... para poder contar com sua confiança, falar livremente de qualquer coisa, mesmo quando o assunto era doloroso ou desagradável. Embora talvez estivesse cometendo um erro ao querer se sentir tão perto dele. A maioria das mulheres se conformaria com a manutenção de um relacionamento agradável com seus maridos. Lysette perguntou-se com tristeza como podia se sentir satisfeita com o que Max estava disposto a dar e não pedir nada, além disso.

Depois de um tempo, ela conseguiu armar-se de coragem e falou novamente.

– Desculpe–, disse com dificuldade. – Não queria te aborrecer.

Ele assentiu, mas não disse uma palavra. Max pensou ter recuperado o controle de suas emoções quando chegou à biblioteca, mas a opressão em seu peito recusava a se dissipar. Ele fechou a porta e bebeu de um só gole um copo de conhaque, agradecido pela suave trilha de fogo que descia pela garganta. Durante anos, ele conseguiu se proteger, mantendo o passado seguro atrás das portas que ele acreditava que nunca mais iria abrir. Os sentimentos, as necessidades e as vulnerabilidades ferviam e se agitavam atrás das barreiras que ele havia construído. E se apenas uma dessas portas se abrisse, o resto seguiria rapidamente, e Max se sentiria devastado.

Não permitiria que isso acontecesse. Mas agora ele sentia como se algo tivesse se quebrado para sempre dentro dele, sem ser possível juntá-lo novamente.

Antes, o amor lhe custara tudo o que tinha. De certa forma, foi tão fatal para ele como tinha sido para Corinne. O antigo Maximilien morreu há dez anos, para sempre, ele esperava. Mas parecia que depois de todo esse tempo ainda havia algo em seu coração, e que doía cada vez que Lysette se aproximava dele.

Max deixou a plantação antes do jantar, sem contar a ninguém para onde estava indo. Quando teve que enfrentar a visão do lugar vazio onde seu marido deveria estar, Lysette ficou tão brava que não conseguiu jantar. Ela moveu a comida de um lado a outro do prato, enquanto a família falava com animação forçada. Vivendo na mesma casa, não podiam deixar de notar que Max e sua esposa haviam discutido.

Lysette teve o infortúnio de ouvir a conversa privada entre Bernard e Alexandre enquanto eles apreciavam o vinho e os charutos em uma das duas salas adjacentes depois do jantar. Ela estava procurando o trabalho de costura que tinha deixado antes, quando os ouviu falar suavemente pela porta meio fechada e hesitou ao ouvir seu nome.

– Eu não posso deixar de sentir lástima por Lysette–, Alexandre estava dizendo com um tom um tanto jocoso. – O problema é que Lysette é muito jovem para Max, e isso é algo sobre o qual ela não pode fazer nada.

Bernard falou em um tom mais pensativo e sua voz soou muito mais devagar.

– Não diria que o problema seja esse, Alex. Apesar de toda a juventude, Lysette é inteligente e sabe como chegar a Max.

– Desde quando a inteligência é desejável em uma mulher? – Alex perguntou secamente. – Eu sei que nunca a procuro.

– Bem, isso explica muito sobre o tipo de mulheres com quem você é visto. Alex soltou uma risada.

–*Dites-moi, mon frère...* qual a sua opinião sobre a incapacidade da nossa doce cunhada para manter Maximilien em casa durante a noite?

– Muito simples. Ela não é Corinne.

Alexandre parecia perplexo.

– Você está dizendo que Max ainda ama Corinne? Mas era uma prostituta.

– Sim–, disse Bernard calmamente. – Mas era linda, encantadora e

irresistível. Nenhum homem poderia evitar desejá-la ou se apaixonar por ela. E nenhuma mulher poderia igualar-se a ela, aos olhos de Max quero dizer.

– Aparentemente, aos seus também—, disse Alexandre devagar. – Eu nunca soube que Corinne produzisse esse efeito sobre você.

– Era o efeito que produzia em cada homem que conhecia, irmãozinho. Você era muito novo para perceber isso.

– Talvez—, foi à resposta não muito convencida de Alexandre. – Mas, no que diz respeito a esta mulher, você acha que existe alguma chance de que Max a ame?

– Nem a mínima possibilidade.

Lysette recuou, sentindo a cor subir pelo seu rosto. Dor e ofensa lutavam com a raiva. Sem perceber o que estava fazendo, colocou a mão nos cabelos eternamente rebeldes que a faziam se sentir tão infeliz na juventude. Corinne deve possuir o tipo de cabelos escuros e brilhantes que os crioulos valorizam. Corinne deve ter flertado perfeitamente com os homens que a admiravam, e ela saberia como hipnotizá-los com sua beleza.

Sentindo uma presença atrás de si voltou-se, começando a falar, mas balbuciou e ficou em silêncio quando viu apenas um espaço vazio no salão mal iluminado. Um fantasma, pensou caprichosamente e suspirou, imaginando se não havia algum fantasma que possuísse Max sem que ele pudesse impedi-lo.

Max voltou à meia-noite, trazendo consigo uma cortina de chuva e o ruído surdo do trovão quando entrou pela porta. A chuva pesada começara no início da noite, pondo fim ao calor opressivo e espalhando seu contato refrescante pelos pântanos cheios de névoa da Louisiana. O aguaceiro transformou as ruas e estradas em poças profundas, quase impossíveis de saltar para os cascos de um cavalo e ainda mais difícil de viajar pelas rodas de uma carruagem.

Enquanto caminhava pela casa silenciosa, Max franziu os lábios ao pensar que sua esposa estaria dormindo pacificamente no andar de cima. Para ele, as noites não traziam descanso, apenas tormento, uma agitação incessante e voltas e voltas na cama. Foi até a curva da grande escadaria, movendo-se com a excessiva cautela de um homem que levantou muito o cotovelo durante as últimas horas. Estava bêbado, porque passara a noite em uma taverna local bebendo bebidas destiladas em vez dos delicados borgonha e portos com os quais os cavaleiros crioulos se conformavam em circunstâncias normais. Infelizmente, não estava bêbado o suficiente.

A água escorria de seus cabelos e roupas para cair nas passadeiras que cobriam o chão durante o verão e manchar o tapete na escada. Isso fez com que Max se sentisse satisfeito, porque sabia que, pela manhã, Noeline ficaria furiosa quando visse os rastros lamacentos de suas botas, mas não ousaria dizer qualquer coisa sobre isso. Ninguém se atrevia a repreendê-lo quando ele estava de mau humor. Em tais ocasiões, toda a família, juntamente com os servos, mantinham-se o mais longe possível dele, sabendo de experiências anteriores que eles não deveriam cruzar seu caminho.

– Max – ouviu uma voz chamando-o suavemente assim que chegou ao final da escada.

Se deteve quando viu Lysette, de camisola e com sua grossa trança, que lhe caía sobre o ombro e alcançava a cintura. A palidez de seu rosto e a brancura de sua camisola a deixaram quase brilhando na escuridão.

– Você parece um pequeno fantasma–, disse ele, dando um passo em direção a ela e, de repente, parou como se tivesse batido numa parede invisível.

– Ouvi você entrar. Você bebeu, não é? – Ela foi até ele e tocou seu braço. – Deixe-me ajudá-lo a chegar a seu quarto.

– Não preciso de ajuda.

– Vou reservar a minha opinião sobre isso–, disse ela, e levou-o firmemente pelo braço. – Por favor, Max.

Emitindo com um grunhido mal-humorado, Max estremeceu com o frio de suas roupas molhadas. Eles entraram em seu quarto e Lysette acendeu uma das lamparinas que estavam ao lado da cama.

– Não se preocupe–, murmurou Max. – Em breve dormirei. Tudo o que tenho a fazer é... me livrar dessas roupas.

Ele sentou em uma cadeira e tirou suas botas lamacentas enquanto Lysette lhe trazia algumas toalhas dobradas. Quando ele levou as mãos á gravata para desatar, descobriu que o nó já havia se afrouxado. Tirou-a, jogou-a no chão e tirou o casaco e o colete, que ficaram colados ao corpo. Sua camisa encharcada seguiu o mesmo caminho, até que Max ficou só com as calças, enquanto Lysette secava seu peito e as costas com uma toalha. Ela estava limpa, seca e perfeitamente apresentável, enquanto ele, sujo e bêbado, mal podia ficar em pé.

– Agora você tem que ir, Lysette–, ele disse com irritação.

Ela fez uma pausa no que estava fazendo.

– Por quê?

– Porque estou muito bêbado para fazer algo além da única coisa que você

não quer que eu faça. Então é melhor você ir para sua cama, ou dentro de um momento você se encontrará nua na minha.

Um relâmpago banhou o quarto com um brilho azulado. Durante a fração de segundo que a iluminação súbita durou, o olhar de Lysette fixou em Max com tanta intensidade que sentiu os pelos na parte de trás do pescoço arrepiar-se. Ele permaneceu imóvel, tentando forçar seu cérebro nublado pelo licor a entender o significado da expressão que acabara de ver no rosto de Lysette.

Um momento depois, as pequenas mãos de Lysette se moveram sobre suas calças e Max sentiu seus dedos abrirem os botões da cintura. A respiração veio de sua garganta em uma exalação súbita e seu membro ganhou vida, endurecendo e inchando incontrolavelmente.

– Lysette... – disse quase sem fôlego. – Não, não faça isso. Não. Se você me tocar, não posso... – ele interrompeu com uma exclamação sufocada quando o cinto se abriu e a mão quente de Lysette começou a se mover lentamente pelo eixo, subindo e descendo. Max sentiu-se palpar em resposta a esse contato que não poderia ter sido mais deliberado. Lysette circundou seus testículos com a outra mão, segurando seu peso com a palma da mão enquanto lhe acariciava gentilmente. – Eu não posso... – Ele conseguiu articular pela segunda vez, levantando as mãos para fechá-las trêmula sobre os ombros magros dela.

– O que é que você não pode? – Lysette perguntou, respirando sobre o mamilo de Max. A ponta da língua tocou o bico pequeno. Max sentiu seu peito encher de fogo, e o sangue rugiu em seus ouvidos até que ele mal podia ouvi-lo. – Fazer amor comigo, talvez? – lhe perguntou.

Max enrolou o punho na trança de Lysette e puxou-a, forçando-a a jogar a cabeça para trás.

– Eu não poderei parar—, ele respondeu com uma voz rouca, e uniu sua boca à dela.

Capítulo 8

Max tirou as calças e, depois de arrancar a camisola de Lysette, levou-a para cama.

– Desejo você desde o primeiro momento em que a vi – disse com voz rouca. – Mesmo suja, coberta de arranhões e com os seios apertados por aquela atadura, parecia bonita para mim. Estava tão cansada que mal conseguiu se manter em pé, mas me desafiou como nunca antes alguém tinha feito.

– Desejou-me – disse com prazer, arqueando-se quando ele beijou sua garganta.

Max respondeu-lhe nas pausas entre os beijos que ia dando, cada um deles como um rastro de fogo que ardia lentamente.

– Tanto que prometi a mim mesmo... que faria qualquer coisa para tê-la ao meu lado. – O ritmo de sua respiração entrecortada acelerou enquanto olhava para o corpo nu. – Lysette... não mude de ideia esta noite. Pois, tenho medo de não ser capaz de parar...

Lysette o interrompeu com a boca e, pegando sua mão, levou-a até seu seio nu.

– Não vou mudar de ideia – disse. – Faça o que quiser. Faça... tudo comigo.

– Não, tudo não – murmurou enquanto acariciava o seio de Lysette com a ponta dos dedos. – Você é muito inocente para isso, *ma petite*.

Um delicioso calafrio percorreu as costas de Lysette.

– Então, faça o máximo que você acha que posso lidar. – Esse convite foi suficiente para Max. Seu corpo desceu sobre o dela e deixou uma parte de seu peso se acomodar entre as coxas de Lysette, mantendo-a imobilizada onde estava. Seu sexo pressionou contra a fenda escondida no triângulo de cachos sedosos. Lysette relaxou debaixo dele e fechou os olhos quando sentiu Max pegar o mamilo entre os dedos com delicadas carícias até ficarem endurecidos. Max baixou a cabeça e o calor suave e úmido de sua boca se fechou em torno do bico delicado, que então sugou e moveu suavemente com a língua até que Lysette não conseguisse mais conter os gemidos que estavam tentando escapar de sua garganta. A boca de Max deslizou sobre o seio, descendo docemente no pequeno

vale central e depois subindo a segunda curva delicada. Suave como um veludo, a língua de Max lambeu o seio e o fez vibrar com um palpitir insuportável. Lysette puxou cabeça de Max, exortando-o a levá-lo mais fundo em sua boca, e ele cumpriu o pedido com uma lentidão que quase a fez gritar. Lysette começou a entender o tipo de jogo sensual que estava praticando com ela e sabia que pretendia prolongar seu desejo insuportável, bem como o dele mesmo, até que não aguentassem mais.

Lysette ergueu-se um pouco mais alto com cada puxão suave da língua de Max, levantando os quadris contra a parte inferior da sua masculinidade. A sensação de seu toque era tão quente que Lysette começou a se concentrar no movimento, chutando as pernas e esfregando seu corpo contra o dele em um ritmo cada vez mais rápido.

Uma risada sufocada escapou dos lábios de Max e rolou de lado para longe dela.

– Não – Lysette ofegou. – Max, deixe-me...

– Ainda não – disse docemente, sua voz já rouca de paixão. – Darei a satisfação que você procura, *petite*... mas ainda não.

Lysette pôs-se em cima dele e empurrou os seios contra o grosso e escuro veludo de seu peito. Sua boca capturou a de Max e pressionou contra seu largo corpo esforçando-se para sabotar o controle dele mesmo. Durante alguns momentos abrasadores, Max permitiu que fizesse amor com ele sem responder às suas ações, apenas movendo suas mãos sobre as costas e as nádegas de Lysette. Logo, no entanto, forçou-a a virar-se e segurou seus braços nas laterais.

– Deixe-me tocar em você – implorou Lysette, fincando os dedos no colchão.

Fingindo que não ouviu, Max introduziu as coxas entre as dela.

– Max – Lysette gemeu, – preciso tocar em você. Solte as minhas mãos, por favor. Preciso senti-lo...

Sua boca se afastou da delicada curva das costelas de Lysette para descer até seu estômago, os músculos do abdômen responderam com uma tensão crescente. Um instante depois, a língua de Max entrou com um suave movimento de giro no seu umbigo. Os pulsos de Lysette resistiram contra a garra com a qual ele os segurava e ofegou alto. Max continuou excitando-a e acariciando-a até que Lysette estava rígida e suada debaixo dele. Então a boca de Max desceu um pouco mais e começou a se mover languidamente sobre seu estômago.

Lysette ficou chocada ao sentir que seus lábios se aproximavam lentamente

do triângulo entre suas coxas.

– Max... – gemeu enquanto os longos dedos de Max trabalhavam delicadamente por entre seus pelos. Max sentiu seu salgado aroma feminino e inalou profundamente. Lysette quis morrer ante essa intimidade insuportável e procurou a cabeça de Max com as mãos, afundando os dedos naqueles cabelos molhados pela chuva. – Não o faça – ofegou, tratando de afastá-lo.

–Você disse que podia fazer o que quisesse – replicou Max, seus dedos procuraram a delicada entrada do corpo dela.

– Não sabia o que estava dizendo. Não pensei que... Oh, Deus.

Max fez o impensável, invadiu com a boca a fenda delicada para enviar sua língua para além dos pequenos lábios sensíveis. Lysette soluçou e apertou os cabelos escuros e molhados da cabeça que descansavam entre suas coxas. Max explorou-a avidamente, apertando os quadris com as mãos para mantê-la imóvel. Com cada novo movimento de sua língua, a inocência de Lysette se dissolvia como açúcar na água. As atenções de Max logo se concentraram no pequeno e ereto cume que pulsava com anseio vibrante. Max começou a chupar, suave e ritmicamente a pequena carne vulnerável.

Lysette abriu ainda mais as pernas em um apelo desesperado, onde não havia mais espaço para o constrangimento. Compadecendo-se dela, Max passou a excitá-la com carícias rápidas e suaves da língua, enquanto o dedo médio de sua mão encontrou a abertura que dava acesso ao interior de Lysette e deslizou dentro dela. Lysette chegou ao clímax com uma respiração entrecortada e fechou as pernas ao redor da cabeça de Max enquanto estremecia de prazer. Entretanto a boca de Max permaneceu sobre ela por um tempo e sua língua alimentava amorosamente cada tremor de prazer até que a sentiu quedar-se imóvel debaixo dele.

Max foi sobre ela, colocando-se entre as pernas abertas e penetrou-a com uma rápida estocada. Seu membro a encheu completamente, distendendo e deslizando mais e mais fundo até que não pôde ir mais longe. Lysette mordeu o lábio e arqueou o corpo contra o dele ante aquela intrusão dolorosa em sua delicada carne.

Max imediatamente parou quando sentiu os punhos apertarem sobre suas costas.

– Dói? – Tomou sua cabeça entre as mãos e gentilmente roçou os lábios com sua boca que tinha sabor de sal. – Desculpe, *ma petite*. Vou tentar ir com cuidado. Sinto muito...

– Não pare – gemeu, envolvendo-o com seu corpo. Max grunhiu e começou a empurrar dentro dela, sempre com muito cuidado para não machucá-la. Beijou seus seios e boca, inconsciente do que não fosse ela. Seus suspiros violentos contrastavam com o lento movimento de seus quadris, e Lysette entendeu o quão rigoroso devia ser o limite que impôs sobre ele mesmo. Pressionou o rosto na curva úmida de seu pescoço.

– Sabia que seria assim – sussurrou enquanto acariciava as costas duras como ferro. Sua pele estava escorregadia da chuva e do suor. – Sabia que seria delicado. Não se contenha. Quero possuí-lo por inteiro.

Ante essas palavras, Max pareceu perder o controle. Gemeu e enfiou profundamente, seu corpo robusto estremeceu contra o dela. Lysette soltou um suspiro de prazer ao sentir a dura seda do membro de Max pulsar dentro dela. Era estranho que pudesse se sentir tão vulnerável e ainda tão forte, com seu corpo satisfeito, preso e cercado pelo homem que amava. E o que era ainda mais estranho, finalmente se entregou a Max sem saber se correspondia ao seu amor. Queria dar tudo o que podia de si mesma, sem quaisquer condições ou expectativas.

Max virou até que ficou de costas e puxou-a contra o peito. Com um suave suspiro, Lysette insinuou uma de suas coxas entre as suas, deleitando-se com o calor e a textura de seu corpo. O cheiro da tormenta entrava pela janela aberta e formava uma mistura inebriante com o cheiro almiscarado de sexo e pele úmida.

Max colocou a mão em seu seio. Quando falou, sua voz era profunda e lânguida.

– A próxima vez será melhor, prometo – disse.

– Espero que não. – Lysette acariciou sua cintura, e seus dedos foram para a linha onde a pele escurecida pelo sol se dissipava no território mais pálido do quadril. – Não sei se poderei sobreviver a algo melhor que isso.

Max riu, e gentilmente pressionou os lábios em seus cabelos.

– Que mulherzinha apaixonada tenho. – sussurrou.

– Sou mais apaixonada que sua *placée*? (*sua mantida) A pergunta o fez ficar imóvel.

– Entre você e Mariame não pode haver comparação possível, *ma chère*. – Nunca desejou tanto a nenhuma mulher nem encontrou um prazer semelhante com ela.

– Mas ainda sente algo por Mariame, *oui*?

– Bem, é claro. Mariame tem sido uma boa amiga e foi muito generosa

comigo. Devo muito a ela.

– Em que sentido? – Lysette perguntou, sentindo uma pontada de ciúmes.

– Após a morte de Corinne, nunca pensei que desejaria outra mulher. Em Nova Orleans, não havia uma única mulher que não tivesse medo de mim, e eu... – Fez uma pausa, como se as palavras estivessem presas na garganta. Surpresa que Max se aventurou em falar de seu misterioso passado, Lysette esperou pacientemente que continuasse. – De certa forma, tinha medo de mim mesmo – finalmente disse. – Tudo se tornou diferente. Estava acostumado a ser amado e admirado, e de repente todos me trataram com desprezo, frieza ou medo. Por quase dois anos, fiquei celibatário. Então ouvi dizer que Mariame acabara de ser abandonada pelo homem que a mantinha. Já a tinha visto antes e admirava sua beleza. Mariame precisava de alguém para cuidar dela e de seu filho... e eu precisava de alguém como Mariame.

– Como ela é? – Lysette perguntou.

– Faz com que se sinta confortável – disse depois de um momento. – Mariame tem uma natureza muito agradável. Raramente a vi se irritar, e ela nunca foi exigente ou impaciente por alguma coisa.

– Ao contrário de mim – Lysette lamentou.

Max ergueu-se acima dela, ocultando os raios do relâmpago da tempestade com seus amplos ombros.

– Você sabe o que eu mudaria sobre você, *petite*? – perguntou docemente.

– O quê? – perguntou, meio com medo da resposta.

– Nada em absoluto.

Depois a cabeça dele desceu sobre a de Lysette, e durante um longo período a manteve muito ocupada para que ela pudesse falar.

Capítulo 9

Max acordou com a sensação de que demônios invisíveis atingiam sua cabeça com enormes golpes. Abriu os olhos e estremeceu de surpresa e dor quando um raio de sol pareceu perfurá-los. Murmurando xingamentos em francês e inglês, deitou de bruços e escondeu a cabeça sob o travesseiro.

– *Mon mari* – disse Lysette, divertida, mas também com uma clara simpatia em sua voz. Sua mão delicada roçou suas costas nuas. – Diga-me como posso ajudá-lo. Qual é a sua cura habitual para... como os americanos chamam? Sustentar o cotovelo no alto, talvez? Tomar um pouco de café? Água? Um chá de sabugueiro?

Max sentiu que seu estômago se revolia apenas em pensar em engolir algo.

– *Dieu*, não. Deixe-me... – Não disse nada mais, porque então o roçar da mão de Lysette fez que algumas lembranças da noite anterior voltassem a sua memória. Muitos dos detalhes se dissiparam em uma névoa embebida de álcool, mas ele se lembrou de vê-la quando chegou em casa... ela o ajudou a tirar a roupa... e em algum momento depois disso, havia...

Lançando o travesseiro para o lado, Max ergueu-se de súbito da cama sem prestar atenção à pontada de agonia que perfurou a cabeça com a intensidade de uma facada.

– Lysette – disse.

Sentada ao lado dele na cama, Lysette vestia uma túnica branca com um babado sobre os seios e havia feito uma trança nos cabelos amarrando com uma faixa de renda. Max pensou que parecia um anjo... se não fosse que nenhum anjo tinha os lábios inchados pelos beijos que havia recebido.

– Na noite passada... – disse com uma voz trêmula, sentindo como se uma garra gelada lhe oprimisse as entranhas. – Estava com você. Não me lembro de tudo, mas sei que você e eu...

– Sim, nós fizemos.

A informação deixou Max atordoado e cheio de vergonha. Nenhum cavalheiro jamais levaria sua esposa enquanto estava bêbado... muito menos uma esposa que ainda era virgem, algo que exigiria delicadeza, habilidade e grande

autocontrole. Havia roubado sua inocência enquanto estava bêbado. Sabê-lo, abateu-o. Devia tê-la machucado. Santo Deus, agora Lysette nunca permitiria que se aproximasse dela novamente, e não a culparia por isso.

– Lysette... – Começou a estender as mãos até ela, mas se deteve. – Tomei-a a força? – perguntou com uma voz rouca.

Ela olhou para ele com os olhos arregalados e cheia de surpresa.

– Não – disse ela. – Claro que não.

– Machuquei você? Fui muito bruto?

O fato de que ela riu deixou-o perplexo.

– Você não se lembra do que aconteceu, *mon mari*? Você não parecia tão bêbado.

– Lembro-me de partes do que aconteceu. Mas não me lembro de tudo.

Sorrindo, Lysette inclinou-se para frente e tocou o lábio inferior com a ponta do dedo.

– Nesse caso, vou contar. Você me torturou, *mon cher*, e me fez sofrer muitíssimo. E amei até o último momento daquela tortura terrível.

– Logo não me ocupei de você – disse Max com um vago horror. – Não lhe trouxe água, nem um pano, ou... – Então, foi como se de repente pensasse em algo e afastasse os lençóis, descobrindo que a brancura nevada do linho estava manchada de vermelho. Lysette sangrou e ele não fez nada por ela. – *Mon Dieu* – murmurou.

– Depois de todos os seus esforços, você adormeceu de repente – admitiu Lysette com um sorriso, passando os dedos por sua coxa peluda. – Mas não me incomodou ter de cuidar de mim mesma. Isso não criou nenhum problema para mim, *mon mari*.

Max não entendia como ela podia sorrir depois do que fez com ela, humilhando-a tarde da noite quando estava tão bêbado que mal podia ficar em pé. Levando as mãos até cabeça, abriu os dedos entre os cabelos para esfregar o couro cabeludo dolorido.

– Lysette – disse sem olhar para ela, – se você puder encontrar algum jeito de me perdoar, algum dia... Juro que o que ocorreu a noite passada nunca mais irá acontecer. Estou seguro que agora você não pensa que vai ser assim, mas...

– Vou perdoá-lo com uma condição – disse gentilmente.

– Qualquer que seja. Qualquer uma. Você só precisa me dizer.

– Minha condição é... – Aproximando-se dele, gentilmente beijou a bochecha que estava começando a se cobrir com uma barba. – Você deve fazer

isso novamente esta noite – sussurrou, e deixou a cama antes que ele pudesse responder.

Max começou a entender que a noite anterior não foi à catástrofe que podia ter se tornado, encostou suas costas na cabeceira da cama e começou a relaxar. O alívio espalhou lentamente por todo o seu ser e soltou um tenso suspiro.

– Um pouco de café? – Lysette sugeriu. – Pode melhorar sua cabeça.

Max fez um som mal-humorado de consentimento. Lysette foi até a bandeja de prata na mesa junto à janela e derramou o líquido fumegante em uma xícara de porcelana de Sévres. Voltou para a cama com a xícara e um pires e ajudou Max a colocar um travesseiro atrás das costas antes de lhe entregar o café.

– Então – disse com naturalidade, – agora que finalmente dormimos juntos, quem sabe agora deixarei de encontrar pedaços de pano vermelho debaixo do meu travesseiro.

Max parou no ato de levar a xícara aos lábios. – Tiras de tecido vermelho? – Repetiu com cautela.

– Sim. Noeline os escondeu lá para atrair Miché Agoussou.

– O demônio crioulo do amor. Bem, você já pode dizer a Noeline que desta vez Agoussou realmente fez uma visita.

Lysette sorriu e um leve rubor apareceu na linha de sardas de suas bochechas.

– Não acredito que haja necessidade de dizer nada a Noeline. Toda a casa parece estar ciente do que aconteceu ontem à noite. Uma das desvantagens de viver com uma família tão grande.

– A falta de privacidade a incomoda? – Perguntou, já que nunca havia pensado nisso antes.

Lysette encolheu os ombros.

– A casa é grande o suficiente, de modo que tenho muitos lugares para ir quando quero estar sozinha. E a companhia de sua família é muito agradável para mim, embora seria melhor se houvesse mais mulheres. Acho que devemos procurar esposas para seus irmãos.

– Nenhum deles vê necessidade de se casar. Vivem em uma casa bem gerida e têm toda a liberdade que desejam. Quando eles querem desfrutar de um pouco de companhia feminina, há muitas mulheres na cidade dispostas a dar-lhes esse prazer. Por que eles deveriam querer uma esposa?

Lysette olhou para ele com indignação.

– E as crianças?

Max olhou para ela sarcástico.

– Provavelmente depois de viverem com os gêmeos, meus irmãos receberam uma impressão bastante negativa das alegrias da paternidade.

– Nem todas as crianças são como os gêmeos.

– Graças a Deus por isso.

– Além disso, se a vida de solteiro é tão maravilhosa, por que se casou comigo?

Max estudou Lysette por cima da xícara de porcelana, admirando a forma de seu corpo sob a tela fina de sua túnica.

– Acho que já deixei bem claro para você ontem à noite.

– Ah! – Lysette foi até ele, seus movimentos imbuídos de uma nova confiança em sua própria sexualidade que levou Max a perceber a mudança que acabava de ocorrer nela. "Valha-me Deus!", pensou ironicamente. – Você se casou comigo pelo meu corpo, então, – disse Lysette, inclinando-se o suficiente para que Max pudesse ver dentro do decote de sua túnica, desde as pontas de seus seios até os cachos vermelhos exuberantes entre suas coxas.

Max bebeu o que restava do café, mas seu calor abrasador não era nada em comparação com a temperatura que começava a crescer em seu sangue.

– Exatamente – disse, e Lysette soltou uma risada suave.

– E quem sabe me casei com você pelo seu, *mon mari*.

– Não vou reclamar sobre isso – disse Max, aproximando-se para beijá-la.

No entanto, eles foram interrompidos por uma batida forte na porta. Max observou com desgosto quando Lysette foi atender a chamada. O intruso era Noeline, trazendo uma bandeja carregada com café da manhã. Franzindo o cenho, Max puxou a colcha para cobrir seu peito nu.

A situação mereceu a aprovação da governanta. A expressão de Noeline permaneceu tão calma como de costume, mas agora havia satisfação em seus olhos escuros quando colocou a bandeja em uma pequena mesa ao lado da janela.

– *Bon main* – disse calmamente. – Já era hora de encontrar madame aqui com você, *monsieur*.

Lysette sentou-se ao lado da bandeja e pegou um croissant, que mordeu com óbvio prazer.

– Agora, – continuou Noeline, – se Deus quiser, haverá novas crianças nesta casa novamente. Faz muito tempo desde os gêmeos – Conhecendo Max desde seus anos de juventude como conhecia, a governanta costumava dizer-lhe livremente o que queria, não importando quão pessoal fosse.

– Noeline – disse Max bruscamente, – peça que me preparem um banho imediatamente. Vou chegar atrasado para um encontro que tenho na cidade.

A governanta franziu a testa, sem se preocupar em esconder seu desagrado.

– Vai sair, *monsieur*? E deixará uma linda esposa aqui sem nenhum bebê? – No que diz respeito aos crioulos, a primeira responsabilidade de um homem era dar filhos a sua esposa. Tanto na alta sociedade como nas classes baixas, todos concordavam que um recém-casado deveria investir todos os dias e noites em um esforço tenaz para fazer sua esposa engravidar. Afinal, a lua de mel não tinha outro propósito além desse.

Max perfurou a governanta com um olhar ameaçador.

– Vá, Noeline.

– *Oui, monsieur* – respondeu Noeline sem perder a paciência, e depois murmurou para si mesma quando saiu. – O que não sei é como ela vai arrumar para ter bebês sozinha...

– Quando voltará? – Lysette perguntou, deixando cair um pouco de mel em seu croissant.

– No início da tarde, espero.

– Acho que hoje vou fazer um passeio á cavalo na plantação – disse ela. – Ainda há partes que não vi.

– Leve alguém com você.

– Ah, mas não há necessidade...

– Sim, existe. No caso de ter alguma dificuldade (o cavalo perde uma ferradura, ou tropeça), não quero que esteja sozinha.

– Está bem – Lysette inclinou a cabeça para trás quando deixou cair um pedaço de croissant molhado com mel na boca. Aquilo se encontrava tão delicioso que excitou Max ainda mais, e se virou para observá-la.

– Lysette – disse com uma voz enrouquecida, – traga esse mel aqui.

– Com um croissant?

– Não, apenas o mel.

O olhar perplexo de Lysette encontrou-se com o dele e um momento depois, quando começou a entender, balançou a cabeça com veemência: – Não, homem cruel.

– Venha aqui agora – insistiu, acariciando o lençol. – Prometeu me obedecer, *chérie*. Já está faltando aos seus votos?

– Não prometi uma coisa dessas.

– Sim, você fez. No casamento.

– Cruzei meus dedos durante essa parte. – Ao ver que Max não a entendeu, acrescentou: – É o que os americanos fazem quando dizem algo que realmente não sentem.

Max afastou a colcha, revelando seu corpo nu e foi buscar sua esposa que não parava de rir. Ao carregá-la nos braços, levou-a para a cama e trouxe o pote de mel com ele.

– Sabe o que os crioulos fazem com as esposas rebeldes? – perguntou, colocando-a sobre o colchão.

– Vou descobrir? – perguntou, seu rosto corado com um rubor intenso.

– Oh, sim – murmurou e se juntou a ela na cama.

Tal como Lisette esperava, foi submetida a um escrutínio fora do comum quando, depois do desjejum, juntou-se aos Vallerands na sala. Mesmo Alexandre, que sofria os efeitos de uma forte ressaca como resultado de ter se divertido a noite anterior na cidade, voltou atentamente os olhos injetados de sangue para ela.

– Bom dia – disse Lysette alegremente.

Justin que estava apoiado no canto comendo um bolo polvilhado de açúcar, dissipou a tensão com seu típico descaramento.

– Estamos tentando descobrir como passou a noite com o papai? Bem, parece-me que tem mesmo um bom aspecto.

A observação não foi feita com malícia e, de fato, era impossível resistir ao charme de seus olhos azuis. Lysette sorriu no preciso momento em que o resto da família reagiu com desgosto, exigindo que Justin saísse da sala. Ela tocou seu ombro enquanto estava saindo.

– Você não precisa sair, Justin – disse.

– Bem, ia fazer isso de qualquer forma. Philippe e eu temos uma lição de esgrima na cidade.

– Espero que se saia bem.

Justin sorriu enquanto passava os dedos pelos cabelos, que estava tão desgrenhado como de costume.

– Oh, sempre me dou bem. Sou o melhor espadachim da cidade, nisso saí ao nosso pai. *Bon matin, belle-mère* – disse alegremente, e foi procurar seu irmão. Sua bravata juvenil fez com que Lysette sorrisse, mas os outros Vallerand não pareciam achá-la tão divertida.

– Esse menino... – Irénée não completou a queixa, mas sua irritação não

poderia ser mais clara.

– Já faz muitos anos que Max devia ter lhe dado uma boa surra com a vara – disse Alexandre sombriamente, bebendo um pequeno gole de café e segurando a cabeça como se fosse desprender dos ombros. – Agora, os resultados de criá-los mal estão começando a ficar muito óbvios.

– Justin só tenta chamar a atenção dos demais – Lysette respondeu quando sentou-se ao lado de Irénée. – Philippe ganha atenção através de sua boa conduta. Naturalmente, a única opção deixada para Justin é ser ruim. Se nos mostrarmos pacientes com ele, não tenho dúvidas de que melhorará. – Voltou-se para sua sogra, determinada a mudar o assunto. – Pensei que hoje poderia dar um passeio a cavalo pela plantação.

– Faça Ellas acompanhá-la – disse Irénée. – É um bom menino, quieto e com excelentes maneiras.

– Aonde você vai? – Perguntou Bernard.

Lysette deu de ombros. – Talvez ao leste, além dos ciprestes.

– Não há nada para ver lá – disse Bernard secamente. – Exceto as ruínas da casa do antigo capataz.

A menção desse lugar fez com que o grupo familiar afundasse em um estranho silêncio. Lysette olhou para Irénée, que de repente concentrou toda sua atenção na tarefa de verter mais açúcar no café e retirá-lo. Perguntando quais podiam ser os motivos de uma reação tão estranha, Lysette percebeu que a casa do capataz devia ter sido o lugar onde Corinne havia sido assassinada.

– Pensei que havia sido derrubada – disse.

– Isso é o que devia ter acontecido – disse Irénée. – Infelizmente, ninguém da plantação, ou de Nova Orleans, está disposto a fazê-lo. Superstição, você entende?

Lysette entendeu. A cultura crioula dava grande importância a todos os lugares onde um assassinato foi cometido ou onde alguém morreu. Tudo que fazia parte da casa – seja um pedaço de madeira, um tijolo ou um gesso – continha a essência do mal e podia ser usado para preparar um amuleto poderoso que desgraçasse para sempre sua vítima e isso acabaria causando a sua morte. Ninguém estava disposto a fazer que a maldição caísse sobre si por profanar um lugar tão cheio de espíritos malignos.

– Alguns dizem que viram fantasmas lá – disse Irénée. – Até mesmo Justin afirmou ter visto eles, embora suspeite que em seu caso era apenas mais uma das suas mentiras.

– Nenhum escravo irá àquele lugar – disse Bernard. – Se você tentar visitá-lo, não conseguirá chegar a cinquenta metros dele antes de Ellas se recusar a dar mais um passo.

Lysette não demorou em descobrir que Bernard estava certo. Ellas, que estava seguindo sua égua, montado em uma mula tranquila, deteve-se quando viu os contornos arruinados da casa do capataz ante eles. A estrutura não podia ser vista da casa principal. Foi construída à beira dos campos que uma vez foi produtivo, mas não foram tocados há dez anos. Uma abundante vegetação cobria o chão em torno da casa do capataz. Com tempo suficiente, o clima tropical destruiria a construção precária, que já havia sido seriamente afetada pela umidade, mofo e animais.

– Ellas? – Lysette perguntou, olhando para trás e vendo que o menino permanecia rígido e imóvel. Com os olhos bem abertos e as narinas dilatadas, olhando fixamente a casa.

– Você quer ir lá, madame? – Ellas perguntou sem elevar a voz.

– Sim, apenas um momento – disse ela, fazendo sua égua dar alguns passos.

– *Allons*. (*continue, avance) O menino não se moveu.

– Não podemos, madame. Há fantasmas lá dentro.

– Não pedirei que venha comigo – disse Lysette de maneira tranquilizadora.

– Espere fora até eu voltar.

Mas quando seus olhos se encontraram com os dela, viu que ele estava muito chateado. Um brilho nos olhos do menino revelou a dúvida entre seu medo de se aproximar da casa e o desejo de não incorrer no descontentamento de sua senhora. Ellas não disse nada, e seu olhar foi nervoso de Lysette para a estrutura ameaçadora que se erguia diante deles.

– Não se afaste daqui, Ellas. Volto em breve.

– Mas, madame...

– Nada acontecerá comigo. Só estarei dentro alguns minutos.

Lysette foi para a casa meio arruinada e amarrou sua égua ao corrimão de madeira prestes a cair da pequena varanda. Então desatou distraidamente as fitas do chapéu de palha que estava usando e deixou em cima do degrau que começara a se inclinar. A casa tinha sido construída em apoios que a mantinham a meio metro de distância do chão como precaução no caso, como acontecia de vez em quando, o pântano nas proximidades decidia inundar suas margens. Lysette colocou o pé com cautela em uma dos degraus, perguntando-se se iria aguentar seu peso. A madeira rangeu alto, mas não quebrou. Lysette foi até a

porta, enquadrada pelo batente com as bordas cheias de lama seca. Uma atmosfera opressiva de escuridão fluía ao redor do lugar. Era como se o crime que aconteceu lá tivesse se tornado parte de todas as tábuas e vigas.

Lysette tentou imaginar como a casa teria sido há uma década, quando Corinne Vallerand entrava ali escondida para seus encontros clandestinos com Etienne Sagesse. Como Corinne poderia trair Maximilien em um lugar tão perto da casa que ambos compartilhavam? Quase parecia que queria ser descoberta.

Empurrou a porta para o lado enquanto se esquivava para passar debaixo das teias de aranha que se acumularam na entrada, Lysette entrou na casa. Parecia um túmulo. A habitação estava suja e cheirava muito mal, e o mofo escurecia suas paredes. Centímetros de poeira e uma substância amarelada cobriam os minúsculos painéis das janelas, de modo que o sol mal podia entrar no ambiente. As aranhas corriam pelos cantos e fendas das paredes, fugindo da intrusão de Lysette.

Impulsionada pela curiosidade, Lysette foi até o cômodo dos fundos, atravessando os entulhos. Enquanto olhava em volta, sentiu que os pelos de seus braços se eriçavam. Embora não houvesse nada tangível para distinguir esse cômodo do outro, de alguma forma soube imediatamente que era ali que Corinne havia sido assassinada. Uma sensação de devastação a prendeu, e permaneceu imóvel onde estava.

Então ouviu passos, o som de alguém afastando os restos de uma panela de cozinha quebrada. Seu coração deu um salto e apressou-se em dar a volta.

– Ellas.

– Não.

Era o marido dela, que estava à porta do pequeno cômodo sem tirar os olhos de Lysette.

As feições de Max pareciam ser esculpidas em granito, mas seu olhar era o de um homem perseguido. Ele não perguntou a Lysette por que tinha ido lá. Parecia achar difícil falar, e sua garganta estremecia violentamente. Ele estava muito pálido, e Lysette viu o resíduo de horror em seus olhos quando as memórias escapavam dos cantos escuros de sua mente.

Ela caminhou até ele e tocou seu rosto suavemente com a mão. Essa carícia cheia de compaixão pareceu libertar as palavras que permaneceram presas atrás de uma barricada invisível. Max lambeu os lábios secos antes de dizer com voz rouca: – Encontrei Corinne lá, naquele canto, deitada no chão – disse. – Logo soube o que aconteceu... a cor de sua pele, os sinais no pescoço. Ouvi dizer que

não é fácil estrangular uma pessoa. É necessário muita raiva ou ódio para matar alguém dessa maneira.

Sem se afastar dele, Lysette acariciou seu peito com as palmas das mãos.

– Sei que não foi você – murmurou.

– Podia ter feito – Max sussurrou. – Queria fazê-lo. Corinne fazia e dizia coisas inimagináveis... Isso me fazia sentir como se estivesse envenenado. Não era difícil odiá-la. Não sei o que teria me tornado se tivesse vivido mais tempo com ela.

– Por que era assim? – Lysette perguntou suavemente.

– Não sei – disse Max, e seus olhos eram os de um homem angustiado. – Acho que havia algo errado com ela. Havia rumores que havia alguns casos de loucura em sua família, mas os Quérands sempre o negaram. – Seu olhar foi ao canto cheio de entulho. – Quando entendi que Corinne estava morta, fiquei atordoado. Senti pena dela. Mas, ao mesmo tempo, uma parte de mim sentiu... alívio. O pensamento de que finalmente estava livre dela, que Corinne havia ido para sempre... – Max calou-se. Estava corado e sua mandíbula tremia. – Senti-me tão feliz por estar morta – disse em um sussurro estrangulado. – Sentir isso me fez tão culpado quanto aquele que a matou, você não acha?

Lysette o abraçou.

– Não diga bobagem. Porque essa é uma das cargas que teve que levar durante tanto tempo, certo? Os sentimentos não são iguais às ações. Você não machucou Corinne. Você não tem motivos para se sentir culpado. – Embora Max não estivesse respondendo a seu contato, Lysette descansou a cabeça no peito dele. – Como sabia que estava aqui? – perguntou contra o palpitar de seu coração.

Max lutou para recuperar o controle de sua voz.

– A reunião que tinha na cidade foi cancelada, porque a Claiborne surgiram assuntos mais urgentes para atender em outros lugares. Quando voltei à fazenda alguns minutos atrás, vi Elas, que estava indo para casa tão rápido quanto a mula podia levar. Ele me disse onde você estava.

– Desculpe – disse ela. – Não pretendia fazê-lo passar por um momento difícil. Só estava curiosa.

– Imagino. Já sabia que era apenas uma questão de tempo antes de encontrar esse lugar. Vou pedir para ser demolida, ou o farei com minhas próprias mãos.

Lysette percorreu com os olhos a habitação, de repente ansiosa para fugir das memórias horríveis que seu esposo guardava.

– Max, me leve para casa. Por favor. – Ele não pareceu ouvi-la. – Venha – insistiu, começando a se afastar. De repente, Max lhe deu um susto quando a tomou, tremendo entre seus braços.

– Por que você não tem medo de mim? – perguntou com uma voz entrecortada. – Você deve ter dúvidas, porque ainda sou um estranho para você. Não pode ter certeza de que sou inocente. Às vezes nem eu mesmo penso que sou.

– Cale-se. Não diga outra palavra – sussurrou, virando a boca para a dele. – Conheço você. Sei exatamente que tipo de homem você é.

Max apenas se deixou beijar por um momento antes de se afastar, claramente relutante em compartilhar um momento de intimidade com ela naquele lugar.

– Vamos sair daqui – murmurou.

Quando viu o quão preocupado e silencioso Max ficou durante o restante do dia, Lysette imediatamente se arrependeu de ter ido à casa do capataz. Nunca causaria tal preocupação de propósito. Embora Max evitasse ver alguém e passou o resto da tarde trabalhando na biblioteca, seu humor sombrio parecia infundir uma tensão na atmosfera da casa. No entanto, ninguém disse nada a Lysette... até que Bernard dirigiu-se a ela depois do jantar. Cruzaram-se por acaso no corredor, quando ele ia para a casa de hóspedes em que morava. Olhando ao redor para se certificar de que ninguém os ouviria, Bernard falou com uma voz áspera.

– Só vou dizê-lo uma vez, Lysette, e não faço isso apenas por sua causa, mas também por Max. Livre-se da curiosidade que você sente por Corinne. É perigoso, você entende? O passado está no passado, e você deve deixar que siga assim... ou então do contrário regressará para arruinar sua vida.

Lysette ficou tão espantada que não conseguiu responder. Depois de olhá-la com uma expressão de desagrado que nunca viu antes em seus olhos escuros, Bernard se foi.

Capítulo 10

– Outra carta para sua mãe? – Perguntou Max, aproximando-se da mesinha de nogueira em que Lysette estava sentada.

– Não consigo encontrar as palavras apropriadas – respondeu ela, apontando algumas folhas de pergaminho que havia amassado.

Max sorriu ao notar que a escrivaninha de Lysette e a cadeira com pés em forma de garra que fazia jogo com ela haviam sido misteriosamente transportadas do dormitório dela para o seu. Era outro sinal de que a invasão feminina, ao que parece, estava acontecendo.

Pensando bem nisso, supôs que devia agradecer que seu quarto fosse tão grande. Apesar de seu acordo inicial de manter dormitórios separados, Lysette havia levado um crescente número de pertences ao território que antes pertencia somente a ele. Max descobria a cada dia novos objetos espalhados sobre sua cômoda e sua mesinha de cabeceira. Havia garrafinhas de perfumes e caixas de pó, leques, luvas e adornos para o cabelo enfeitados com diferentes flores, assim como grampos, pentes, meias, ligas e rendas.

Quando Max ia se deitar à noite, encontrava Lysette em sua cama, infringindo dessa maneira o costume crioulo de que uma esposa devia permanecer em seu próprio leito até que o marido decidisse o contrário. No entanto, não se atrevia a dizer nada a respeito. Não só queria evitar ferir os sentimentos de Lysette. Por algum motivo que não conseguia explicar, a situação lhe agradava muito.

Depois de anos de isolamento e solidão, Max descobriu que gostava muito da companhia que Lysette lhe oferecia e das atenções que tão generosamente lhe dedicava. Havia esperado que a súbita falta de intimidade fosse difícil de suportar, mas o caso era que não o desagradava. E que Lysette estivesse tão à mão também tinha suas vantagens. Agora ele podia vê-la quando quisesse enquanto se banhava, se penteava, se vestia... e se desnudava. Descobriu que adorava observar os rituais de asseio de sua esposa, assim como o deleitava a visão de Lysette provando os brincos, fazendo um penteado no cabelo, tirando as meias ou aplicando um pouco de perfume atrás das orelhas.

Voltando a concentrar sua atenção no motivo de interesse mais imediato, Max apoiou os braços nos lados de Lysette e se inclinou sobre a mesa para ler a carta inacabada.

– Nem mamãe nem Jacqueline responderam às primeiras cartas que lhes escrevi – explicou Lysette. – No caso de mamãe, pode ser que Gaspar não lhe permita escrever-me. Talvez nem sequer lhe permita receber algo que venha de mim... mas esperava algum tipo de resposta de Jacqueline!

Max lhe roçou o alto de sua cabeça com os lábios.

- Dê-lhes um pouco de tempo. Só se passou um mês desde o casamento. E você se casou com um dos patifes mais notórios de Nova Orleans.

- É muito modesto, *mon mari*. Você não tem rival como patife.

Ele sorriu e se vergou inclinando-lhe a cadeira para trás, o que lhe causou um sobressalto de surpresa e uma gargalhada. Lysette se agarrou a seus braços.

- Max!

- Calma, querida... não permitirei que caia.

- Max, faça o favor de comportar-se!

A cadeira foi devolvida lentamente à sua posição original e Lysette se apressou em se levantar com um sorriso receoso.

Sustentando-lhe o olhar, Max foi para a escrivaninha e sua mão fez uma bola com a carta.

Lysette ficou boquiaberta.

– Por que fez isso?

– Porque não me agrada – respondeu ele sem o menor remorso. – Não quero que se humilhe suplicando-lhes um pouco de atenção.

Ela lhe lançou um olhar furioso.

– Escreverei o que quiser à minha mãe.

Max a fitou com o cenho franzido e em seguida inspirou profundamente.

– Lamento – disse finalmente. – Não pretendia ser arrogante. Mas não quero que alguém fira seus sentimentos. Especialmente sua própria família.

Lysette, cuja ira se desvaneceu, disse em tom mais doce: – Max, não pode me proteger de tudo.

– Mas posso tentar.

Ela riu e sacudiu a cabeça.

– Suponho que o tenha merecido por ter me casado com um crioulo.

– Pensa em começar a escrever outra carta nesse mesmo instante? – Perguntou ele.

– Provavelmente não. *Pourquoi?*

– Porque gostaria que me acompanhasse à cidade. Esta manhã chegou um visitante muito importante, e espero ouvir alguns discursos interessantes na Place D’Armes.

– Oh, adoraria sair da fazenda – exclamou Lysette. – Não pus os pés fora dela nem uma só vez desde que cheguei aqui. Mas falta ainda uma semana antes que se considere correto me ver em público, e não quero ser a causa de que toda Nova Orleans comece a cochichar...

– Não sairemos da carruagem – Max a interrompeu, divertido por sua excitação. – De qualquer forma teríamos que ficar nela, porque haverá muita gente para que possamos nos mover livremente. Salvas de canhões, desfiles, música. Tudo para comemorar a chegada de Aaron Burr.

– Quem é esse? Oh, sim, esse homem de que você e o governador Claiborne não gostam. – Correndo à penteadeira, Lysette começou a remexer na gaveta de cima para pegar suas luvas.

A Place D’Armes, praça principal que dava ao rio, acolhia uma ruidosa multidão, chegada de vários quilômetros ao redor, para ver e ouvir o famoso coronel Burr. Naquela manhã, em vinte e cinco de junho, o coronel havia chegado à Nova Orleans depois de ter feito um longo circuito através de Ohio, Kentucky, Tennessee e Natchez, em que havia visitado poderosos aliados e pronunciado discursos ante multidões de seguidores.

Burr havia sido recebido em todas as partes com hospitalidade e aclamações, já que assegurava que os interesses do Oeste eram primordiais para ele, e que só queria contribuir para que o território crescesse e prosperasse. Poucas pessoas suspeitavam o propósito muito mais sinistro que ocultava por trás de sua viagem.

Apesar de toda efervescente atividade das festividades, a carruagem dourada e negra dos Vallerand atraiu quase tanta atenção quanto à aparição de Aaron Burr. O rumor de que a nova esposa de Maximilien Vallerand se encontrava ali circulou rapidamente e, ao redor do veículo, não tardaram em aparecer grupos de espectadores, tanto americanos como crioulos, que esticavam o pescoço para olhar em seu interior. Nem sequer Max havia esperado a atenção que a presença de Lysette atrairia.

Lysette se manteve afastada das janelas da carruagem, procurando permanecer oculta, mas ainda assim pôde ouvir as vozes cheias de excitação que soavam lá fora e que se referiam a ela chamando-a de *mariée du diable*, a esposa

do diabo. Olhou para Max com olhos cheios de surpresa.

– Por que me chamam assim?

– Já a adverti do que devia esperar – disse ele. – Casou-se comigo, o que já é razão suficiente. E sem dúvida o vermelho de seus cabelos faz com que o povo dê por certo que é muito geniosa, que se zanga por qualquer coisa.

– Que eu me zango por qualquer coisa? Mas se tenho muito bom temperamento – disse ela, e franziu o cenho ao ouvi-lo bufar. Antes que pudessem debater o assunto, entretanto, o governador Claiborne deu início a seu discurso de boas-vindas. Lysette se inclinou para diante no assento da carruagem, desejando poder estar do lado de fora.

Mais além das paredes da carruagem havia um mundo inteiro de imagens, cheiros e sons que eram totalmente novos para ela: os pregões dos vendedores que ofereciam fruta e pão, o ladrar dos cachorros, o cacarejar das galinhas.

De vez em quando captava um potente cheiro de perfume francês quando algumas damas elegantes passavam junto à carruagem, e a brisa procedente do cais do rio transportava até eles os cheiros do sal, do peixe e dos refugos. Os barqueiros passavam a seu lado falando em línguas que Lysette nunca havia ouvido antes. E, como sempre que os crioulos e os americanos compartilhavam o mesmo espaço, havia discursões zangadas, disputas e rápidos desafios a duelos.

O governador Claiborne tentava se fazer ouvir por cima da algazarra. Conforme progredia o discurso, Lysette aceitou uma taça de vinho das mãos de seu esposo e descansou um momento os pés em seu colo enquanto ele lhe retirava os sapatos e lhe fazia massagem na sola do pé. As mãos de Max eram fortes e experientes, e Lysette estremecia de prazer enquanto iam desaparecendo as dores de seus pés.

Relaxada pelo vinho e pela delicada massagem, Lysette deixou vagar à vontade os pensamentos enquanto o governador detalhava muitos dos sucessos do passado de Burr.

– Diria que gosta de falar – observou, e Max soltou uma risadinha.

– Essa é a descrição mais caridosa de um advogado que já ouvi – replicou.

– Soa como se o governador Claiborne admirasse muitíssimo o coronel Burr – disse Lysette.

– O governador despreza Burr – corrigiu Max com um sorriso.

– Então por quê...?

– Os políticos, querida, costumam se ver obrigados a render homenagens a seus inimigos.

– Não entendo... – disse Lysette, e se calou ao ouvir um abafado rugir que começou no início da multidão e foi crescendo até converter-se em uma grande onda de som. – O que ocorre? – Perguntou, abrindo muito os olhos.

– Burr deve ter aparecido – disse Max. – Graças a Deus. Agora Claiborne terá que pôr fim ao seu discurso. – Foi à porta e a abriu. – Vou sair para escutar.

– Max, posso...?

– Será melhor que não se mova daqui – disse ele, pedindo-lhe desculpas com o olhar. – Lamento.

Lysette cruzou os braços, muito desgostosa, enquanto ele saía da carruagem.

– Bem, – resmungou para si – não vejo para que me serve deixar a fazenda se tenho que passar todo o tempo sentada aqui dentro.

O tumulto no exterior se intensificou, e Lysette deslizou sobre o assento para se aproximar bem da janelinha e colocar a cabeça em um esforço para ver muito além da massa de gente, carruagens e cavalos. Ouviu ao longe uma nova voz, potente e cheia de força, que abriu passagem através da comoção para saudar a multidão primeiro em francês, depois em espanhol e inglês. A congregação respondeu com uma corrente de aplausos, gritos e assovios.

As aclamações não cessaram durante o prelúdio do discurso, mas gradualmente Lysette voltou a ouvir a voz de Aaron Burr.

Colocou a cabeça um pouco mais pela janela da carruagem. As mulheres repreenderam seus maridos por terem ficado olhando a jovem que tinha os cabelos da cor do fogo, os jovens esqueceram seus discursos e a observavam atentamente, e as idosas trocaram fofocas e sussurros enquanto os idosos desejavam em voz alta ter ainda que somente dez ou vinte anos menos.

A um par de metros da carruagem, Max notou a crescente agitação e seguiu a direção dos olhares dos que o rodeavam. Suspirou com desânimo quando viu sua esposa com meio corpo aparecendo pela janela da carruagem em um esforço para ter a visão mais clara de Aaron Burr. Ao dar-se conta de que seu esposo a estava observando, Lysette lhe dirigiu um olhar culpado e desapareceu como uma tartaruga que se encolhe no interior de seu casco.

Contendo o riso, Max foi para a carruagem, abriu a porta e estendeu as mãos para Lysette.

– Venha aqui – disse, passando-lhe um braço ao redor da cintura e descendo-a ao solo. – Mas depois não se queixe quando todo mundo ficar olhando para você.

– *Mon Dieu* – acrescentou em voz baixa um instante depois quando ouviu as

palavras com que Burr havia começado a inflamar a sua audiência. – O que está dizendo aproxima-se de traição. Nem sequer ele pode pensar que Jefferson vai ficar de braços cruzados quando essas declarações chegarem a seus ouvidos.

Lysette se pôs nas pontas dos pés.

– Não posso ver nada – disse. – Que aspecto tem Burr?

– Já o conhecerá – Max lhe prometeu. – Na semana que vem compareceremos a um baile que darão em sua honra.

– É? – Perguntou Lysette, fitando-o fixamente nos olhos. – Quando pensava em dizer-me?

– Acabo de fazê-lo.

Escutaram até que a multidão mostrou sinais de que não demoraria em tornar-se incontrollável. Os temperamentos se inflamavam sob o sol da Louisiana, e os brindes e as celebrações que já se haviam iniciado diminuían as inibições. A presença de Lysette estava atraindo uma atenção excessiva. O povo ficava fitando-a e assinalando abertamente, o público mais jovem começava a reunir-se em grupos, e se ouvia como os garotos se desafiavam mutuamente a correr até ela e tocar numa mecha de seu cabelo da cor das chamas.

– É hora de irmos – disse Max zombeteiramente enquanto puxava sua esposa fazendo com que voltasse ao interior da carruagem. - Ou dentro de alguns minutos me verei obrigado a travar uma dezena de duelos por sua causa.

Em parte porque tinha suas próprias razões para isso e em parte como um favor para Claiborne, Max organizou um encontro privado com o ministro espanhol em Nova Orleans, Don Carlos, o marquês da Casa Irujo. Desde que Aaron Burr chegou à cidade no dia anterior, houve muitas idas e vindas entre os diplomatas espanhóis residentes em Nova Orleans. Max esperava poder persuadir Irujo a lhe revelar alguma informação pertinente acerca do general Wilkinson, o companheiro de conspiração de Burr.

Irujo era um diplomata com muita experiência. Seus olhos castanhos, seu rosto de feições finas e pele azeitonada, não revelavam nada. Apesar da meia hora de esgrima verbal que haviam tido, Irujo ainda não havia dito nada que desmascarasse o governador Wilkinson como um agente espanhol, e tampouco havia revelado o que sabia acerca da traidora conspiração de Burr. No entanto, Max não tinha dúvida de que Irujo sabia muitas coisas.

- Para mim é um enigma muito interessante como Claiborne conseguiu obter seu apoio, Vallerand – observou Irujo afavelmente; enquanto falavam, os

dois homens bebiam de suas taças e fumavam finos charutos negros. A conversa se aproximava de uma conclusão à medida que ambos se davam conta de que nenhum deles poderia conseguir algo um do outro. – Nunca o tomei por estúpido – continuou o espanhol. – Por que, então, o senhor quis aliar-se com um homem a quem estão a ponto de arrebatado o controle do território? O senhor tem muito que perder.

– Por quem lhe será arrebatado? – Replicou Max por sua vez, lançando um fio de fumaça para o lado.

– Primeiro minha pergunta, por favor.

O sorriso de Max não chegou a se fazer visível em seus olhos.

– Claiborne está sendo subestimado – disse com tranquilidade.

Irujo riu, em um claro escárnio pela resposta.

– Terá que fazê-lo um pouco melhor, Vallerand! O que o governador lhe prometeu? Suponho que a retenção de todas as concessões de terra que forem abolidas quando os americanos tomarem posse do território. Ou talvez se conforme com a esperança de que assim acumulará influência política. Não lhe parece que corre um grande risco ao arriscar tudo na carta de que os americanos poderão impedir a secessão da Louisiana?

Agora é minha vez de perguntar – disse Max. – Quem pensa que vai arrebatado o controle do território de Claiborne?

– O coronel Burr, é claro. Não é nenhum segredo que ele espera que a desunião termine impondo-se.

– Sim, mas Burr está fazendo algo mais que limitar-se a esperar que isso ocorra – disse Max, sem tirar os olhos de cima de Irujo para ver como reagia.

A expressão do espanhol nada revelou.

– Isso, meu amigo, é algo que ninguém sabe com certeza. Nem sequer eu.

Max sabia que aquilo era uma mentira. Se Wilkinson conspirava com Burr ao mesmo tempo em que estava sendo pago pelos espanhóis, então Irujo tinha que estar sabendo quais eram suas intenções.

Inclinando-se para frente em seu assento, Max retomou a ofensiva verbal.

– Não faz muito tempo, Don Carlos, o senhor se negou a entregar um passaporte para o México ao coronel Burr. Obviamente a ideia de lhe permitir a entrada em território espanhol não era de seu agrado. Que foi que fez com que naquele momento suspeitasse de Burr?

– Meu contato com esse home sempre foi regido pela cautela – disse Irujo abruptamente.

– Nem sempre. Em uma ocasião o senhor lhe concedeu permissão para entrar em Las Floridas.

O ministro espanhol riu ruidosamente, mas havia muito pouca diversão em seus olhos.

- Suas fontes, Vallerand, são melhores do que suspeitava.

Sem dizer nada, Max voltou a dar uma tragada em seu charuto enquanto se perguntava quanto Irujo saberia na realidade. Burr e Wilkinson tinham a firme intenção de ficar com Las Floridas e sem dúvida tentavam que seus verdadeiros propósitos permanecessem ocultos aos olhos dos espanhóis, que nunca renunciariam voluntariamente ao território. Se no final este fosse arrebatado da Espanha, Irujo seria considerado responsável pelo ocorrido. Essa perspectiva teria que alarmá-lo.

– Don Carlos, - disse finalmente – espero que não se deixe enganar por nada do que possa dizer Burr quando assegure que tenta servir aos interesses da Espanha.

O olhar que trocaram os dois homens deixou muito claro que cada um entendia ao outro.

– Somos perfeitamente conscientes – continuou Irujo depois de uma pausa deliberada – de que o coronel não serve mais que os seus próprios interesses.

Max decidiu seguir outra forma de agir.

– Então talvez o senhor não tenha inconveniente em contar-me o que sabe acerca da carta de preservação a um dos encarregados dos territórios espanhóis que residem em Nova Orleans, o Marquês de Casa Calvo.

– Não sei nada acerca de uma carta.

– Se suspeita que várias cartas similares foram entregues àqueles que poderiam simpatizar com a causa de Burr. – Max observou a ponta de sua bota antes de acrescentar. – Incluído o marquês de Casa Calvo. – Depois seus olhos dourados voltaram a escrutinar o implacável espanhol.

– Estou certo de que teria ouvido falar dela, no caso de que Casa Calvo teria recebido uma carta dessas. Lamento.

A ênfase na voz de Irujo não deixava espaço para novas indagações. Max apagou seu charuto, bastante desgostoso apesar de haver esperado mais do que acabava de obter. Teria ficado encantado em saber o que havia naquela carta, ter alguma prova escrita das intenções de Burr.

A noite estava chegando rapidamente enquanto Max cavalgava de regresso à plantação Vallerand. Fez com que seu corcel negro diminuísse o passo até que se

pôs a trote quando viu uma carruagem fechada parada a um lado do caminho. Tinha uma roda quebrada, e só havia um cavalo atrelado ao veículo. Não se via o cocheiro em parte alguma. Ao deter-se junto à carruagem, Max percebeu um movimento dentro dela. Levou a mão a uma das duas pistolas que sempre levava à mão quando viajava.

- Posso ajudar-lhe? – Perguntou, detendo o cavalo com um suave puxão das rédeas ao ver que este começava a remexer-se nervosamente.

Um rosto de mulher apareceu na janelinha da carruagem. Era jovem e razoavelmente bonita, e decididamente muito francesa, ainda que Max não recordasse tê-la visto antes.

Julgando evidentemente por sua aparência que Max não era um ladrão de viajantes, mas sim um cavalheiro, a mulher apoiou o antebraço na borda da janelinha e sorriu.

– *Merci, monsieur...* mas não tenho necessidade de nada. Nosso cocheiro foi em busca de ajuda e regressará a qualquer momento.

– Não fale com ele, Serina – disse de dentro da carruagem uma estridente voz feminina de censura. – Não vê que não sabe quem é? - Um segundo rosto apareceu na janelinha.

Max olhou para a mulher e franziu o cenho; soube que já a havia encontrado antes, embora não conseguisse recordar seu nome. Devia ter a mesma idade que ele, talvez alguns anos mais, sua pele era branca e ressecada, e suas maçãs do rosto muito acentuadas. Seus olhos, de um verde pálido, expressavam malícia, e os cantos de seus lábios se inclinavam para baixo como se puxados por um peso invisível.

- Não me reconhece? – sussurrou. – Não, já imaginava que não me reconheceria. Os Vallerands nunca tiveram muito boa memória.

- Aimée... – protestou a mulher mais jovem.

Com súbito choque, Max compreendeu que aquela mulher era Aimée Langlois. A havia conhecido quando ambos eram adolescentes. Até havia chegado a cortejá-la durante um tempo, antes que conhecesse Corinne. Mas então Aimée era muito bonita. Max recordava que seus avanços lhe haviam arrancado um e outro sorriso fugidio e até um ou dois beijos quando sua tia, que era bastante míope, havia baixado um pouco a guarda.

– *Mademoiselle* Langlois – disse com gélida cortesia, recordando-se de que Irénée havia mencionado em uma ocasião que Aimée não havia chegado a casar-se. Ao ver aqueles lábios apertados, Max imaginou por quê. Nenhum homem

jamais teria a coragem necessária para beijá-la. Mas o que havia provocado semelhante mudança nela? O que havia feito com que chegasse a estar tão cheia de amargura?

Sem deixar de fitá-lo friamente, Aimée falou à jovem sentada a seu lado.

- Este é Maximilian Vallerand, Serina. O homem que assassinou a sua esposa. Ouviu as histórias, não é?

Visivelmente incômoda, a jovem lhe segurou o antebraço numa tentativa de acalmá-la.

– Rogo-lhe que desculpe minha cunhada, *monsieur*. O dia tem sido tão esgotante, e nós...

– Não se atreva a oferecer desculpas em meu nome! – Gritou Aimée enquanto olhava fixamente para Max. – Deixe-nos em paz!

Nada o teria agradado mais, mas estavam sozinhas e precisavam de proteção, e nenhum cavalheiro as teria deixado abandonadas em semelhante situação.

– Permitam-me esperar próximo daqui até que seu cocheiro regresse – disse. – Está anoitecendo, e é perigoso...

– Não corremos mais perigo além do que implica sua presença – o interrompeu Aimée. – Portanto, agradeceria se partisse imediatamente!

Max assentiu secamente.

– Boa noite, senhoras – murmurou, e fez seu cavalo se afastar da carruagem.

Após cavalgar um trecho do caminho abaixo, deteve-se e não tirou a vista de cima do veículo até que chegou outra carruagem para as duas mulheres. Muito afetado pelo encontro, tentou deixar de pensar no passado, mas este se empenhava em voltar à sua mente. Recordou os dias cheios de inocência de sua juventude, aquela felicidade que havia dado por certa, a severa, mas reconfortante presença de seu pai, as temerárias aventuras que costumava viver com seus amigos, e sua despreocupada segurança de que sempre poderia fazer sua qualquer garota que despertasse seu desejo.

A reserva de Aimée havia parecido um atraente desafio, até que lhe apresentaram Corinne e Max se esqueceu de tudo o que não fosse ela. Corinne o havia deslumbrado, enchendo-o de desejo e fazendo com que enlouquecesse com a necessidade de possuí-la.

No entanto, pouco depois de seu casamento, aquelas súbitas mudanças de humor que antes ele achava tão encantadoras pioraram bruscamente e logo já não soube como tratá-la. Um dia Corinne se mostrava alegre e vivaz, e em seguida rude e calada. Podia enfurecer-se porque Max não lhe prestava suficiente

atenção logo em seguida gritar que deixasse de estar atento a ela.

Max havia dado ingenuamente por certo que o comportamento de Corinne iria melhorando com o tempo. Infelizmente, deteriorou-se ainda mais, e não demorou em ter violentos acessos de raiva sem nenhuma razão aparente. Quando ficou grávida, começou a tratá-lo abertamente com ódio. Dar à luz a gêmeos quase a matou, e Corinne o considerou responsável por isso. Perplexo e ferido, havia lhe rogado que o perdoasse o que quer que tivesse feito. Cada vez que se aproximava dela, Corinne lhe jogava seu amor na cara, até que o preço do desprezo que sentia por ele terminou sendo insuportável. Foi à última vez que Max havia pedido algo a uma mulher... até Lysette.

Pensar em Lysette o acalmou e aliviou a dor que aquelas recordações haviam reavivado. Necessitava de Lysette, necessitava perder-se no prazer de seu corpo. Por maior que chegasse a ser, a satisfação física que ela lhe oferecia não era nada comparada com o poder curativo da fé que tinha nele. Lysette era a única pessoa no mundo que não acreditava no pior sobre Max. Se alguma vez ocorresse algo que fizesse com que Lysette duvidasse dele, Max sabia que não poderia suportá-lo. Detestava depender tanto dela, mas não parecia ter nenhuma escolha a respeito.

Tão logo chegou em casa e entrou pela porta principal, Alexandre procurou detê-lo.

- Max, estive esperando-o. Há um assunto que gostaria de falar com você...
- Falaremos amanhã.
- Sim, mas... este mês tive alguns gastos extras...
- Dívida de jogo? – Max foi para a escadaria com Alex pisando-lhe nos calcanhares.
- Deixei uma conta sobre sua escrivaninha.
- Deveria encontrar um hábito menos caro com que se divertir.
- Tentarei – disse Alex. – Enquanto isso, no entanto, se encarregará deste por mim?
- *Bien sûr* – assegurou-lhe Max com aspereza. Deixando-o ao pé da escadaria. Tinha tanto desejo de ver Lysette que não estava disposto a esperar nem que fosse somente um minuto.

Alex se tranquilizou, e um sorriso de alívio se estendeu por seu rosto enquanto o via subir os degraus.

– *Merci*, Max. Não faz muito tempo teria me dado um sermão durante uma hora.

- E ainda o faria, se pensasse que isso iria servir para algo.
- Parece que alguém fez muito para adoçar seu temperamento, *mon frère*.

Max não se deteve para responder, nem sequer quando a voz de Irénée subiu até seus ouvidos.

- Essa voz que acabo de escutar era a de Max, Alex? Ceou?
- Bem, por que não lhe pergunta?
- Parecia faminto?

Max entrou em seu dormitório, fechou a porta com o pé e deixou cair a jaqueta no chão. Lysette saiu do closet anexo, um pequeno cômodo que se usava para se vestir e em algumas ocasiões para se tomar banho. Ver Max fez com que lhe brilhassem os olhos.

- Esteve fora durante muito tempo, *mon mari*.

O som de sua voz dissipou imediatamente o abatimento que havia se apoderado de Max. Ao que parecia, Lysette esteve provando alguns vestidos, pois havia roupas de seda e rendas espalhadas por todo o cômodo, e vários pares de sapatilhas de brocado formavam um reluzente monte ao lado da cama. Lysette usava um vestido de baile azul claro, com franjas de gaze da mesma cor adornando o corpete. O decote, que era muito profundo e elevava os seios, estava coberto por uma gaze transparente que servia mais para realçar do que para ocultar. Lysette tinha um aspecto esbelto e felino, o azul da seda incrementava a luminosidade de seus olhos e fazia com que seus cabelos cintilassem como chamas.

Quando a viu vir para ele com a clara intenção de saudá-lo com um beijo, Max ergueu as mãos em um gesto que lhe dizia que ficasse onde estava.

– *Petite*, espera. Estou coberto de pó, e cheiro á cavalos – disse com um sorriso. – Deixe-me contemplá-la.

Lysette deu um par de voltas para agradá-lo enquanto lhe lançava um olhar sedutor por cima do ombro. A parte de trás do vestido não estava completamente abotoada, e Max deixou que seu olhar se detivesse na vulnerável curva da coluna vertebral de Lysette. Sentiu o desejo de devorá-la.

- Muito bonito – disse.

– O vestirei no baile, quando conhecerei o coronel Burr. Deu-se conta de que será minha primeira aparição pública como sua esposa?

Max não demonstrou nenhuma reação, mas no íntimo não pôde evitar sentir-se um pouco perturbado. Lysette não estava preparada para enfrentar as perguntas mordazes e a curiosidade com que provavelmente se encontraria na

celebração. Ele já havia se acostumado a isso, mas para alguém que havia levado uma vida protegida como Lysette, a experiência talvez parecesse agonizante.

– Deveria estar prevenida acerca do que acontecerá, Lysette. O de ontem não foi nada comparado com o que será o baile. Estou coberto de injúria, e aqui as recordações sempre perduram durante muito tempo. Como já sabe, alguns acreditam que se casou com o próprio diabo encarnado.

Lysette o observou com expressão pensativa. Depois foi até ele e pôs uma esbelta mão em sua bochecha.

– Mas você não é o diabo. Isso eu já sei.

Incapaz de se conter por mais tempo, Max se inclinou sobre ela e lhe roçou o colo com os lábios.

– Não creio que uma parte tão grande de minha esposa exposta aos olhares de outros vá ser muito de meu agrado – disse, medindo com os dedos a quantidade de pele que o generoso decote deixava descoberto.

– Oh, mas se é um vestido dos mais recatados. Muitas outras mulheres usarão modelos muito mais atrevidos.

– Talvez, mas não estou casado com elas.

– Não havia me dado conta de que fosse tão ciumento – disse Lysette, claramente encantada com sua possessividade.

Sua esposa era tão doce e adorável que Max a pegou nos braços e a deitou na cama.

– Pois então deixe que me encarregue de eliminar toda dúvida – disse, pondo-se encima dela, com as botas e tudo mais. O peso de seu corpo fez com que a seda das saias ficasse amassada entre eles. Lysette riu ante aquela exibição de ardor, e começou a se debater. Max a submeteu sem nenhuma dificuldade, subindo-lhe as saias para acomodar-se entre suas coxas.

– Max, – protestou ela, sem poder conter o riso – meu vestido, vai estragá-lo!

– Comprarei outro para você. Uma dezena a mais. E agora deixe que faça com você o que mais gosto.

Fechou os dentes sobre o bico coberto com a seda da frente de seu vestido, e Lysette deixou de lhe resistir. Não usava camisão, e quando Max umedeceu o fino tecido com a língua, sentiu que o suave cume se elevava contra ele. Passou a boca por aquela delicada ponta, lambendo-a e mordicando-a até que Lysette ficou imóvel com um suave ofego debaixo dele.

Max meteu a mão entre seus corpos, encontrou o suave calor do sexo feminino e deslizou um dedo dentro dele. Lysette estava úmida e disposta, e seu

corpo o aceitou de boa vontade. Deslizando um segundo dedo dentro dela, Max lhe cobriu a boca com sua. Lysette gemeu e se retorceu para poder estar ainda mais próxima dele, arqueando o quadril para o calor de sua palma.

Max a beijou e continuou excitando-a, adorando os pequenos sons que fazia e o retorcer cheio de urgência de seu corpo. Quando a sentiu se retesar ante a proximidade do clímax, retirou os dedos e desabotoou suas calças.

Lysette procurou avidamente o seu membro e o guiou para o lugar onde queria que estivesse. Seu corpo o cingiu com uma delicada e deliciosa pressão, embainhando-o docemente. Depois não demorou em começar a gemer de prazer enquanto ele afundava seu membro em uma série de profundas arremetidas que não demoraram a levá-la a um trêmulo orgasmo. Obedecendo ao rouco murmúrio que Max lhe dirigiu, Lysette lhe rodeou a cintura com as pernas e ele fez amor com ela até que sua paixão foi consumida em uma súbita explosão de êxtase.

Na noite do baile, Max e Alexandre esperavam tomando uma taça na biblioteca enquanto Irénée e Lysette estavam muito atarefadas no andar de cima.

– As mulheres e seu modo de emperiquitar-se – grunhiu Alex.

Max sorriu placidamente e levou a taça de Borgonha aos lábios.

– De onde vem essa súbita preocupação em chegar na hora certa ao baile, Alex? Não creio que seja para ver Aaron Burr.

– Talvez a política tenha começado a despertar meu interesse – replicou Alexander, e Max soltou um muxoxo de céptica descrença.

Voltou a encher a taça de seu irmão e apoiou o cotovelo na prateleira da lareira.

– Suponho que saiba, Alex, que, por ser um homem solteiro, para você toda a noitada se reduzirá a um contínuo desfile de mães muito empenhadas em exhibir suas jovens pupilas. Normalmente você não consegue suportar esse tipo de reuniões sociais.

– Ah, bem, por uma noite posso suportar.

Max sorriu, suspeitando que alguma jovem havia atraído o olhar sempre alerta de seu irmão.

– Quem é ela? – Perguntou.

Alex sorriu envergonhadamente.

– Henriette Clement.

– A irmã mais nova de Jacques? – Indagou Max com surpresa, recordando-se

da última vez que havia visto a jovem diante de uma loja de sombrinhas, acompanhada por seu irmão mais velho. – Hmmm... uma garota muito atraente, se não me falha a memória.

– *Sang de Dieu*, mas se nem sequer dancei com ela! Que você se tenha lançado de cabeça no casamento não significa que a ideia seja atraente para mim.

Max lhe sorriu.

– Eu não mencionei o casamento.

Um pouco ruborizado, Alex apertou os dentes em busca de alguma resposta e foi salvo pelo som das vozes das mulheres.

– Bem, já estão prontas – disse, apressando-se em largar sua taça.

Max seguiu seu irmão ao hall com sua taça ainda na mão e se deteve no vão da porta. A princípio não viu Lysette, que estava de pé atrás de Irénée e Noeline, mas então ambas foram até o espelho para inspecionar um cacho dos cabelos de Irénée. Max contemplou sua esposa sem procurar dissimular o orgulho que sentia. Lysette estava impressionante com seu vestido, de cor âmbar e corte deliciosamente simples, que realçava de uma maneira admirável o tom de sua tez e o intenso vermelho de sua cabeleira. O generoso decote e o franzido na cintura exibiam magnificamente a esbeltez de sua silhueta.

Lysette possuía uma compostura assombrosa para uma jovem de sua idade, assim como uma nítida inteligência, claramente visível em seus olhos azuis. Normalmente, Max não era um homem modesto, mas enquanto a via descer pela escadaria em direção a ele, sentiu-se invadido por uma intensa gratidão e uma profunda surpresa. O destino o havia tratado com crueldade em muitas ocasiões, mas agora ter Lysette como esposa o compensava totalmente.

Ela estudou os franzidos de sua camisa branca e sua gravata-borboleta metodicamente engomada.

– Como está bonito – disse, enquanto tirava um fio da lapela de sua jaqueta negra.

Max inclinou a cabeça e a beijou no pescoço.

– Esta noite será inigualável, madame Vallerand. Nunca a vi tão linda. Venha, quero lhe dar algo.

Lysette se deixou levar enquanto ele a conduzia ao vestíbulo, onde não poderiam ser vistos pelos demais. Uma vez ali Max retirou do bolso uma pequena bolsa de veludo negro e deu a ela.

– Em honra á seu primeiro baile.

– Não esperava nenhum presente, Max – disse ela com um sorriso.

Lysette deslizou o fecho da bolsa e verteu o conteúdo em sua mão. Era um par de brincos com um bracelete formando um conjunto, feito de diamantes incrustados em motivo floral. O centro dos dez botões eram diamantes rosados lapidados de dois quilates.

Lysette sacudiu a cabeça: lhe faltaram palavras.

– Gosta? – Perguntou ele.

– Oh, Max, é muito generoso. São magníficos! – Deslizou o reluzente bracelete sobre sua munheca enluvada, e depois ficou quieta enquanto Max lhe colocava os brincos nas orelhas. O intenso reluzir das pedras preciosas pareceu empalidecer em comparação com seu sorriso. Lysette sacudiu a cabeça para fazer com que os pendentes balançassem em suas orelhas. – Como poderei agradecer-lhe por um presente tão lindo, *mon mari*?

– Para começar, com um beijo. – Sorriu enquanto Lysette lhe colocava os braços no pescoço e colava ardentemente seus lábios aos dele. – E depois... – murmurou. – Bom, lhe direi o que pode fazer para ganhar o colar que faz parte do conjunto.

Ela enrubesceu e riu, e depois o acompanhou de regresso ao hall de entrada.

– Ah, deixe-me ver! – Exclamou Irénée, reparando imediatamente nos novos enfeites que sua nora usava. Segurou-lhe a munheca e a virou de um lado a outro, avaliando o bracelete com o experiente olhar de um joalheiro. – Realmente primoroso, *mon fils* – disse a Max. – As pedras são de uma excelente qualidade.

Alex limpou a garganta com um ruidoso pigarro, alertando-os assim de que já era hora de sair.

– Não queremos nos atrasar, certamente?

Lysette segurou o braço de Max e murmurou: – Bernard não virá?

Max sacudiu a cabeça e ficou sério.

– Bernard nunca foi muito amigo deste tipo de evento social. E esta noite quer se manter afastado de mim, porque antes tivemos uma discussão.

– Sobre o quê?

– Explicarei depois.

O baile iria ocorrer em Seraphiné, uma das propriedades que havia ao longo do caminho do rio. Lysette pensou que a casa principal era magnífica, com espaçosas galerias e fileiras de janelas francesas para os dormitórios que apareciam sob o teto inclinado de telhas verdes. O interior da mansão era igualmente impressionante, com seus candelabros de cristais venezianos, tapetes de

magníficas cores e imponentes retratos dos grandes antepassados da família Seraphiné.

Aos lados do grande salão de baile, as damas fatigadas pela dança tinham um pouco de repouso para seus pés, e as acompanhantes que fiscalizavam as jovens crioulas em idade para comparecer permaneciam sentadas sem perder de vista suas pupilas. Grupos de homens jovens se mantinham posicionados próximos dali, a maioria deles armados de pequenos, mas mortíferos punhais. Os jovens de temperamento mais ardente eram propensos a discutir em semelhantes celebrações, e os duelos eram o resultado natural até da mais insignificante disputa.

Alexandre entreteve Lysette com o relato do último baile a que havia assistido, em que havia ocorrido um duelo no centro do salão, em vez de ser realizado lá fora. Os homens haviam escolhido seu lado, as cadeiras e os bancos haviam sido afastados para um lado, as mulheres haviam desmaiado, e a guarda militar não havia tido outra solução a não ser irromper no salão para pôr fim ao distúrbio.

– O quê causou o duelo? – Perguntou Lysette.

Alexandre sorriu.

– Um dos jovens pisou no pé do outro. Isso foi interpretado como um insulto deliberado, *et ainsi de suite...* um duelo.

– Os jovens crioulos são homens horríveis – disse Lysette com uma gargalhada, enquanto punha a mão no braço de seu esposo. – Por que não usa um punhal, Max? Ou não tem intenção de defender os dedos de seus pés se tiver a necessidade de fazê-lo?

– Você os defenderá por mim – replicou ele, fitando-a com afeto.

Uma onda de murmúrios e especulações acolheu os Vallerands quando estes entraram no salão de baile. Recordando-se que nada tinha a temer, Lysette se obrigou a sorrir. Imediatamente um par de olhos negros como o azeviche cravaram nela seu intenso olhar. Pertenciam a um homem não muito alto e de feições delicadas que estava de pé no outro extremo da sala, rodeado por um grande grupo. O homem continuou fitando-a, o que fez com que um leve rubor se estendesse pelo rosto de Lysette.

– Ao que parece, – ouviu Max lhe sussurrar – atraiu a atenção do coronel Burr.

– Esse ali é ele? – Exclamou Lysette em um murmúrio. – Mas não pode ser. Eu esperava que fosse...

– O quê? – Max perguntou, visivelmente divertido – Mais alto – gaguejou ela, e ele riu suavemente.

À distância, Burr murmurou algo a um de seus acompanhantes.

– E agora, - sussurrou Max – está perguntando quem é você. E se lhe prestar muita atenção, terá um duelo nas mãos. Esperemos que um de seus ajudantes não o previna de que sou muito melhor atirador que Alexander Hamilton.

Lysette empalideceu ao recordar que, segundo se dizia, o coronel Burr havia forçado Hamilton, um patriota que havia ajudado a redigir a nova constituição, a participar de um duelo que Burr estava certo de ganhar. Muitos o haviam qualificado de assassinato a sangue frio, já que todos sabiam que Burr era muito melhor duelista que Hamilton. Se espalhara que depois Burr não pareceu lamentar em nenhum momento a morte de Hamilton.

– Não falemos mais de duelos – apressou-se em dizer. Antes que Max pudesse responder, o prefeito de Nova Orleans, o senhor John Watkins, apareceu junto dele. Depois de saudá-los efusivamente, o prefeito os informou de que o coronel Burr desejava conhecê-los.

– Sentimo-nos muito honrados – disse Max mecanicamente, seguindo o prefeito com Lysette segurando seu braço.

O coronel Burr vestia-se com a requintada atenção própria de um *dandy*. Lysette gostou que não usasse peruca, apesar de que já havia perdido muito cabelo na frente e no alto da cabeça. Max lhe havia dito que tinha ao menos quarenta e oito anos, mas o coronel aparentava uma idade muito menor. Seu rosto estava muito bronzeado, e tinha um sorriso fácil e permanente. E aqueles olhos negros como o azeviche eram ainda mais notáveis vistos de perto, cheios de intensa energia e vitalidade.

Embora um homem do tamanho de Burr ficasse fisicamente diminuído pela superioridade da estatura de Max, o antigo vice-presidente possuía uma presença magnética que se fazia notar. Beijou as mãos de Irénée e Lysette com muita formalidade, e depois elevou a vista para Max.

– *Monsieur* Vallerand, - disse em inglês – por fim nos conhecemos. – Fitou Lysette com um suave lampejo nos olhos enquanto continuava falando. – Minhas felicitações por seu casamento, senhor. Agora que vi sua linda noiva, considero-o o mais afortunado dos homens.

Antes que Max pudesse replicar, Lysette lhe respondeu falando no idioma do coronel.

– O senhor tem uma grande facilidade em falar, *monsieur*. Naturalmente,

isso não é nenhuma surpresa.

Burr olhou para Lysette com um novo interesse. Como a maioria das crioulas somente falavam francês, não havia esperado que ela entendesse o que acabava de dizer.

– Posso apresentar meus cumprimentos por seu inglês, madame? Fala-o muito bem.

Lysette lhe agradeceu com uma inclinação de cabeça.

– Tive sorte, coronel, de poder ouvir seu discurso na Place D’Armes na semana passada sem a necessidade de que o traduzissem para mim.

– Agradou-lhe, madame?

– Oh, sim – respondeu ela sem vacilar. – O senhor tem grandes dotes para a oratória, e o discurso pareceu muito convincente. Até me senti tentada a aplaudir nas partes com que estava de acordo.

Burr riu tão alegremente que a metade dos presentes se esforçou para prestar atenção neles.

– Posso saber, madame, quais são as partes com as quais não está de acordo?

Lysette respondeu com um sorriso provocador.

– Minhas opiniões não podem ser mais que insignificantes, coronel Burr. São as de meu esposo as que deveria levar em consideração.

– E o farei – disse Burr com uma risadinha. Seu olhar pousou no rosto inexpressivo de Max. – Sua esposa não é só muito formosa e elegante, mas também é inteligente. O senhor é um homem afortunado, *monsieur* Vallerand.

Embora Max não respondesse ao comentário, Lysette sentiu a súbita elevação de seus ciúmes. Mudou abruptamente de assunto.

– O que acha do clima de Nova Orleans, coronel?

A pergunta fez Burr sorrir.

– Creio que se refere ao clima político, certo? Pois o acho muito agradável, *monsieur* Vallerand. A viagem até aqui também foi muito agradável, já que nos encontramos com muitos amigos inesperados.

– Isso tenho ouvido.

– É verdade que é proprietário de uma firma de navegação, *monsieur*? Tenho entendido que isso não costuma ser muito habitual em um homem com suas origens. Não é certo que, geralmente, os crioulos consideram todas as atividades mercantis como algo indigno deles?

– Geralmente, sim. Mas eu raramente sigo as regras.

– Eu tampouco – disse Burr afavelmente, e, lhe lançou um olhar

especulativo. – Estive conhecendo muitos cavalheiros desta comunidade, *monsieur*, a maioria dos quais pertence à Associação Mexicana. Pergunto-me se o senhor também subscreve suas opiniões.

Lysette recordou-se do que Max lhe havia contado sobre a Associação Mexicana, um grupo a quem pertenciam muitos cidadãos proeminentes que desejavam a libertação do México, e que todos os benefícios comerciais que derivassem disso fossem outorgados aos comerciantes de Nova Orleans. Qualquer um que pertencesse ao grupo sem dúvida simpatizaria com a causa de Burr.

– Não, não as subscrevo – replicou Max. – Descobri que pertencer a qualquer classe de organização sempre acarreta obrigações não desejadas.

– Interessante – comentou Burr, e seus olhos brilharam de alegria ante a agradável perspectiva de um desafio. – Adoraria ter uma ocasião para tentar persuadi-lo do contrário, *monsieur*. Crê que poderemos nos reunir um desses dias para falar do assunto?

– Sim, me parece que seria possível.

A atenção do coronel não demorou em ser reclamada por outras pessoas que desejavam ser-lhe apresentadas, e Max se afastou com Lysette.

– Que impressão lhe causou? – Perguntou-lhe.

– É perigoso – replicou Lysette. – Não creio que se mostraria tão seguro de si mesmo se não tivesse boas razões para isso. Provavelmente já terá persuadido muitos homens a se juntar à sua causa, Max.

– Sim, eu penso o mesmo que você – disse ele com pesar. Alexandre foi até eles depois de ter deixado Irénée com suas amigas, que estavam trocando mexericos em um dos lados da sala.

– Minha linda cunhada, - disse a Lysette – dance comigo, *s'il vous plaît*.

Lysette lhe segurou o braço.

– Tem alguma objeção, Max?

Seu esposo sacudiu a cabeça, mas dirigiu um duro olhar a seu irmão mais novo.

– Não a deixe só.

– Espero que não me considere capaz de ter tal falta de educação, *mon frère* – disse Alexandre com indignação.

Levou Lysette com ele e se deteve ali onde começava a multidão.

– Vê a jovem de vestido verde? – Perguntou-lhe. – A com cabelo escuro.

– Não, não vejo...

– É alta. Usa fita amarela no cabelo. O homem louro que está dançando com ela é seu primo. Viu-a? Essa é Henriette Clement. Quero atrair sua atenção. Assegure-se de que pareça que está se divertindo. Ria como se estivesse dizendo algo espirituoso.

– Farei o que puder. – Lysette sorriu e pôs a mão na dele. – Tem intenção de cortejá-la, Alexandre?

Alex olhou por cima do ombro de Lysette e virou o olhar para ela.

– Quero fazê-lo – admitiu. – MUITÍSSIMO. Mas sua família não me aprova.

– E *mademoiselle* Clement sente algum interesse por você?

– Não tenho certeza. Se pudesse passar um pouco de tempo com ela... mas cada vez que me aproximo a menos de dez metros de Henriette, toda família Clement se lança sobre mim como uma matilha de sabujos.

– Se quer falar com *mademoiselle* Clement, terá que fazê-lo com a ajuda de *su tante*.

– *Su tante* é um dragão – disse Alexandre de mal humor.

– Bom, então terá que dedicar um pouco de esforço ao trabalho de lhe causar boa impressão. Se conseguir que *su tante* o ache agradável e souber defender muito bem seus argumentos, talvez possa persuadi-la a que o ajude a ter um encontro com *mademoiselle* Clement.

– Agora? – Perguntou Alexander, que não parecia nada convencido. – Mas não posso deixá-la sozinha. Max me quebrará o nariz se não ficar com você.

– Irénée está bem aqui, a cinco metros de distância. Ficarei com ela.

– E a nossa dança?

– Dançaremos depois – prometeu Lysette com uma gargalhada. – No momento, isto é o menos importante.

– Está bem – murmurou Alexandre enquanto dava de ombros. – Suponho que não tenho nada a perder, *n'est ce pas*?

Com um sorriso nos lábios, Lysette foi até Irénée e o grupo de mulheres de cabelos grisalhos que a rodeava. Não pôde evitar perceber os olhares indiscretos que a seguiram. Um grupo de rapazes chegou ao extremo de interromper sua conversa para observar cada um de seus movimentos. Lysette sentiu-se absurdamente coibida, e quando chegou a seu destino, sentiu que um leve rubor lhe subia pelas bochechas. Irénée lhe deu as boas vindas carinhosamente.

– *Belle-mère*, – disse Lysette – está se divertindo?

– É claro que sim! – Respondeu Irénée alegremente. – E a julgar por tudo que me disseram, está fazendo um grande sucesso, minha querida. Ora, mas se

ouviram a Diron Clement, esse velho cavalheiro que vê ali, dizer que em sua opinião era uma beleza única!

Lysette riu.

– Alguém deveria limpar-lhe os óculos.

– Ele não o teria dito se não fosse verdade. – Irénée deu uma cotovelada em uma imponente matrona próxima a ela que usava um vestido com motivos florais. – Diga-lhe que é assim, Yvonne, diga-lhe!

Yvonne, uma prima mais velha de Irénée, dirigiu a Lysette um sorriso de bochechas gordinhas.

– É uma jovem muito atraente, Lysette. Recordo-me de que com sua mãe acontecia exatamente o mesmo quando era jovem. Que linda era e quão cheia de vida estava, e como todos ficavam olhando quando entrava em um local!

Lysette pensou melancolicamente que naqueles momentos ninguém consideraria sua mãe uma beleza, depois dos estragos causados por seu casamento com Gaspard.

Yvonne tentou mudar de assunto ao ver a sombra de tristeza que apareceu em sua expressão.

– Que diamantes mais esplêndidos, Lysette! Irénée me contou que foram presenteados por Max.

Lysette sorriu, baixando o olhar para o bracelete que brilhava em seu pulso.

– Meu esposo é muito generoso.

A matrona se inclinou para frente e lhe falou em um tom confidencial.

– Estou segura de que sim, querida. Mas, lembre-se bem do que lhe digo, seu esposo será ainda mais generoso quando lhe dê filhos. Tem que conceber o mais rápido possível.

Divertida pela obsessão crioula com a produção de bebês, Lysette procurou parecer apropriadamente impressionada.

– *Oui*, madame.

– Como esposa de um Vallerand, – continuou Yvonne com um crescente entusiasmo – terá que dar exemplo a todas as jovens senhoras crioulas. Com todas essas americanas cheias de descaso que estão vindo para Nova Orleans, precisamos dispor de bons exemplos! – Estalou a língua, visivelmente desgostosa. – São umas sem-vergonhas que não conhecem nem o pudor e nem a delicadeza. Ora, mas se são capazes de ir por aí sem nenhum acompanhante, e se acham autorizadas a interromper com toda liberdade a seus esposos! Bah! As jovens crioulas têm que assumir a responsabilidade de manter os antigos valores.

Mas até que tenha trazido meninos ao mundo, carecerá de autêntica autoridade.

– Sim, isso é muito certo – concordou Irénée significativamente.

Lysette assentiu solenemente, enquanto intimamente queria rir, porque temia que ela se parecesse muito mais a essas americanas tão descaradas do que às jovens crioulas.

– Rezarei para ver-me abençoada com filhos o mais breve possível, madame.

– *Bien sûr* – respondeu Yvonne, satisfeita de que tivesse prestado atenção a suas admoestações.

Continuaram conversando até que um súbito ar de excitação passou pelo grupo de senhoras e Lysette deu meia volta para encontrar a sombria figura de seu esposo junto a ela. Max saudou educadamente as mulheres e ofereceu sua mão enluvada a Lysette.

– Roubo-a para uma dança – informou-lhe.

Lysette foi de boa vontade com ele, atraída pela alegre melodia de uma quadrilha.

– Gosta de dançar, Max?

– Sim, me agrada. Mas nem sempre me foi fácil encontrar uma parceira de dança. Minha reputação de homem malvado, lembra-se?

– Agora tem uma parceira – disse Lysette enquanto ocupavam seus lugares na quadrilha. – Que além do mais tem muita vontade de dançar com você.

Depois de ter dançado várias músicas, detiveram-se enquanto os músicos tiravam um breve descanso. Max levou Lysette para um dos lados do salão de baile, junto a uma fileira de portas envidraçadas que davam para a galeria externa.

Quando um criado passou a seu lado com uma bandeja de champanhe, Max pegou duas taças da borbulhante bebida e deu uma a Lysette. Ela a aceitou sem vacilar e bebeu com avidez, sem fazer nenhum caso dos olhares de desaprovação que lhe lançaram as senhoras ao redor. Não se considerava correto que uma mulher jovem bebesse em público, nem sequer uma casada. Max, no entanto, parecia achar isso divertido, como se se sentisse divertido pelas travessuras de uma gatinha com vontade de brincar.

– Mmmm... sinto-me um pouco tonta – disse Lysette sem fôlego quando terminou a champanhe. Sorrindo, Max entregou as taças vazias a outro criado que passou junto a eles.

– Um pouco de ar fresco a despertará – disse. – Gostaria de sair?

Ela o fitou com suspeita – Pergunto-me se me fará objeto de algum tipo de

avanço caso o faça.

– É claro – replicou ele sem nenhuma vacilação. – Nesse caso, sim.

Max a levou para as portas de vidro e a tirou do salão por uma delas. Lysette riu enquanto ele a levava para o jardim, deixando para trás grandes cercas-vivas e muros cobertos de alecrim. Sentia-se atrevida e um pouco tonta, como se estivesse tendo um encontro clandestino com um amante. Max a pegou nos braços e deu um par de voltas, fazendo-a rir. Lysette lhe passou os braços pelo pescoço e se apoiou nele, enquanto lhe vinha à cabeça um pensamento que a fez ficar séria.

– Max... e se tivéssemos nos conhecido esta noite e eu fosse a esposa de Étienne Sagesse? – Lysette jogou os braços ao pescoço dele. – Teria sido mais fácil que me casasse com ele em vez de com você. Se eu não tivesse fugido, ou se Justin e Phillippe não tivessem me encontrado... ou se você tivesse decidido devolver-me aos Sagesse...

– Nunca a teria devolvido. E se tivesse casado com Sagesse, então a teria levado para bem longe dele. Sem importar como.

Vindo de qualquer outro homem, aquilo teria soado como uma bravata. Dos lábios de Max, entretanto, parecia inteiramente crível. Lysette o fitou com assombro, contemplando seu rosto envolto em sombras e a silhueta de sua cabeça contra o céu escuro cravejado de estrelas.

– *Mon mari*, – disselhe com doçura – às vezes quase me assusta.

Max acariciou-lhe a garganta e deixou que seus dedos descessem pelo vale de seu decote umedecido pela transpiração.

Lysette entrecerrou os olhos quando os dedos dele se introduziram no corpete para lhe tocar o mamilo.

– É tão implacável quando se trata de conseguir o quer. Pergunto-me se algo poderia detê-lo.

Max brincou delicadamente com a suave protuberância do seio de Lysette até que esta se elevou entre seus dedos. – Isso já o saberá.

A boca dele desceu sobre seu pescoço, e Lysette suspirou de prazer.

– Então se alguma vez lhe pedir que faça algo contra sua vontade... o faria?

– É claro.

Lysette sentiu que sua respiração se acelerava quando percebeu o quente deslizar dos lábios dele sobre sua garganta. Colocando a mão atrás do pescoço dela, roçou seus espessos cabelos com a boca.

– Max... tenho que lhe dizer o quanto eu...

Então se calou, sobressaltada, quando uma sombra emergiu dentre os pinheiros. Primeiro pensou que se tratasse de algum tipo de animal, mas a sombra assumiu rapidamente os contornos de um homem que vinha até eles. Max se voltou e automaticamente pôs Lysette protegida atrás dele com um brusco puxão enquanto fazia frente à figura que se aproximava.

Lysette sentiu uma desagradável comoção, muito parecida à vertigem que se sente quando se está a ponto de cair, quando ouviu a voz de Étienne Sagesse.

– Ah, Lysette – disse ele, arrastando as palavras enquanto se aproximava um pouco mais. Era óbvio que estava bêbado, já que falava com voz pastosa e tinha as bochechas um pouco inchadas. – Parece que está se divertindo muito, *ma chérie*. Mas tenho pena de você. Algum dia se dará conta de que teria feito melhor ficando comigo. E temo que a pobre Corinne estaria de acordo comigo.

Capítulo 11

Lysette já sabia que era inevitável que um dia ficasse cara a cara com Etienne Sagesse. No entanto, isso não significava que ela estava preparada para isso. Lembrou-se da aversão que sentira por ele, do medo e do desespero que a levaram a cometer a temeridade de atravessar o pântano sozinha, enfrentando todos os riscos. Não duvidou nem por um momento que sua opinião sobre ele fosse bem fundamentada. Se ela tivesse se casado com Sagesse, ele teria insultado-a e degradado-a de uma centena de maneiras diferentes com sua arrogância. Lysette procurou cegamente a mão de Max e sentiu os dedos dele fecharem-se tranquilamente sobre os dela.

– O que você quer? – Max perguntou secamente.

– Oh, parabenizá-lo–, respondeu Sagesse. – Como não me convidaram para o casamento, eu não tive a oportunidade de fazê-lo até agora. – Seu frio olhar de réptil nunca deixou o rosto corado de Lysette. – Parece estar muito feliz de ser um Vallerand, Lysette. Mas se a memória não me falha, Corinne também se sentiu assim... no começo.

– Se você quiser outro duelo–, rosnou Max, – você vai ter. E desta vez chegarei ao fim.

– Isso é um desafio?

– Não–, disse Lysette rapidamente. – Max...

– Não é um desafio, é um aviso–, interrompeu Max. Sua mão apertou-se um pouco mais sobre a sua para silenciá-la, e Lysette fez uma careta ao sentir os dedos dele.

– Você acha que ganhou–, Etienne disse a Max. – tem tudo o que quer, certo? Mas é apenas uma questão de tempo até você perder tudo e, para mim, será um grande prazer testemunhar sua queda.

Ele quase perdeu o equilíbrio quando saiu, demonstrando seu estado de embriaguez pelo jardim.

Lysette e Max o seguiram com os olhos sem abrir a boca até que ele desapareceu.

– Espero que sua família o leve para casa antes que ele arme uma cena em

público—, disse Lysette. — Parece que quer causar sua própria ruína. É estranho, mas por mais que já o tenha odiado... agora sinto compaixão por ele.

Max olhou para ela com uma expressão sardônica. — Você não? — ela perguntou.

— Não.

— Eu acho que sentiu. — Lysette pressionou-se contra a frente de sua camisa, respirando o cheiro familiar de seu corpo. — Nós não vamos deixar Sagesse arruinar a nossa noite, Max. Me leve para dentro. Eu quero dançar de novo.

Infelizmente, a presença de Sagesse projetou uma sombra escura sobre o resto da noite, apesar de todos os esforços determinados de Lysette para aproveitar a celebração. De pé em um canto da grande sala, Étienne não desviou o olhar dela enquanto os outros Sagesse tentavam mantê-lo calmo. Os olhos dos convidados iam de Sagesse para Vallerand para voltar a fixar-se em Sagesse até que finalmente Lysette desistiu e pediu a Max relutantemente para levá-la para casa.

Max mal abriu a boca no caminho de volta para a plantação Vallerand. Lysette dedicou-se a conversar sobre qualquer coisa com Irénée e Alexandre, trocando observações e fofocas.

— Como foi sua noite? — ela perguntou a Alexandre. — Já conseguiu falar com Henriette Clement?

— Oh, sim—, Alex disse com uma expressão sombria. — Lá estava eu rondando como um perfeito imbecil por pelo menos um quarto de hora. Aparentemente, ela acredita que nenhuma jovem inocente estaria segura na companhia de um Vallerand, nem mesmo com dez carabinas presentes.

— Não entendo porque ela imagina uma coisa dessas—, disse secamente Lysette, e olhou para Max com um sorriso nos lábios. — *Qu'est-ce que c'est?* — Ela perguntou em voz baixa, enquanto Irénée e Alexandre começaram a falar sobre os Clements. — Você ainda está pensando em Étienne Sagesse?

Max sacudiu a cabeça, sem tirar os olhos da paisagem enquanto a carruagem rolava lentamente pela estrada lamacenta.

— Não... não tem nada a ver com ele, mas tenho um mau pressentimento. Não sei por quê. Mas ficarei muito feliz quando chegarmos em casa.

Infelizmente, a premonição de Max foi logo confirmada. Assim que entraram na casa, Noeline saiu para encontrá-los com uma carranca de preocupação sombria, em seu rosto normalmente imperturbável. Philippe estava sentado em um dos bancos estreitos da entrada, parecendo muito triste.

–*Monsieur*, Justin esteve fora de casa o dia todo–, Noeline explicou concisamente. – Esta noite não veio jantar.

Max se virou para Philippe. – Onde está seu irmão?

Philippe levantou-se para olhá-lo com uma expressão preocupada.

– Eu não sei pai. A canoa desapareceu e isso significa que Justin deve ter ido a algum lugar com ela.

– Quando foi à última vez que você o viu?

– Esta manhã. Justin se gabou de que ele saiu de casa ontem à noite sem ser visto depois da hora de dormir. Ele disse que conheceu alguns tripulantes em uma barca na Rua Tchoupitoulas e que planejava se encontrar com eles hoje à noite. Mas eu não achei que ele realmente fosse fazer isso.

– Oh meu pobre Justin! – Irénée exclamou, cheia de preocupação.

Max amaldiçoou em voz baixa. Os homens das barcas viviam, comiam e dormiam no convés de seus barcos sem qualquer proteção contra a inclinação do tempo. Sua idéia de diversão era beber uísque de centeio, brigas e desaparecer em favelas imundas onde a violência e a doença vagavam à vontade. Quando brigavam, mordiam, chutavam e tiravam seus olhos com os dedos, mutilando o oponente impiedosamente. A estas alturas, já teriam dado conta de Justin.

– Que tripulação? – Max queria saber. – Que barcaça?

Philippe balançou a cabeça, impotente.

Max virou-se para a porta, onde Alexandre permanecia imóvel, olhando para eles com a boca aberta.

– Temos que encontrá-lo.

Alex deu um passo para trás.

– Oh não. Eu sempre tento o meu melhor para ficar longe daqueles caras. Não vou arriscar meu pescoço apenas para resgatar o idiota do seu filho, que não quer ser encontrado para começar. Vá para a cama. Amanhã de manhã provavelmente já terá retornado.

– Ou terminará flutuando no rio depois que seu pescoço for cortado–, disse Max, passando por seu irmão e saindo de casa.

– Você não conseguirá encontrá-lo–, advertiu Alexandre.

– Ah, sim, vou encontrá-lo. E assim que eu me certificar de que nada aconteceu com ele, vou lhe arrancar os membros um por um.

Lysette foi atrás dele.

– Cuidado, – disse.

Ele apenas fez um breve gesto com a mão, sem se incomodar em olhar para

trás. Lysette mordeu o lábio, querendo voltar a chamá-lo porque sabia o quanto temia por seu filho. Ela se virou e foi até Alexandre, agarrou seu braço e o puxou com todas as suas forças.

– Você tem que ir com ele. Você tem que ajudá-lo.

– Isso não é nada.

– Max precisa da sua ajuda—, ela insistiu com urgência.

– Ah, tente ser útil pelo menos uma vez, Alexandre! – Irénée se apressou em intervir, ajudando Lysette a empurrar Alexandre para a porta.

– Sim, você tem que acompanhar Max, *mon fils*!

– Estou cansado—, disse ele, franzindo a testa.

– Pense em Justin! – Irénée ordenou, puxando o outro braço. – Talvez agora ele esteja em alguma confusão. Ele pode estar passando por um momento muito ruim!

– Se há alguma justiça neste mundo, assim será —, Alex murmurou, sacudindo as duas mãos enquanto se apressava para seguir seu irmão mais velho.

Fecharam a porta imediatamente, meio temendo que ele pudesse tentar entrar novamente.

– Um dia desses, Justin vai me matar de desgosto—, disse Irénée. Olhou para Philippe. – Por que ele não pode ser como você?

De repente, Philippe explodiu.

– Por que todo mundo tem que perguntar isso? Eu não sou o irmão bom. Justin não é o irmão mau.

Irénée suspirou, os sinais de cansaço claramente visíveis em seu rosto.

– Estou exausta demais para falar sobre isso agora. Noeline, me ajude a subir.

Todos ficaram em silêncio enquanto as duas mulheres iam em direção à grande escadaria. Philippe escondeu o rosto nas mãos e apertou os olhos com os nós dos dedos. Cheia de simpatia, Lysette sentou ao lado dele.

– Justin não é como eu —, disse Philippe com a voz embargada. – Para ele aqui tudo é muito lento e chato. Ele sempre quis ir longe. Na maioria das vezes ele se sente como se estivesse vivendo dentro de uma gaiola.

– É por causa do que aconteceu com sua mãe? – Lysette perguntou. – Por que as pessoas acham que Max a matou?

– Sim, em parte—, Philippe admitiu com um suspiro pesado. – Não é fácil ser um Vallerand. Justin e eu sabemos o que as pessoas pensam de nós. Ouvimos o que dizem sobre nossa mãe: que ela era louca, ou que era uma qualquer, ou ambos. E todos em Nova Orleans pensam que nosso pai tem as mãos manchadas

de sangue.

– Eu não acho que Max matou sua mãe–, disse Lysette com firmeza. – E você também não deveria acreditar.

– Eu não penso assim a maior parte do tempo. – Seu olhar de garoto acuado atravessou o de Lysette. – Mas Justin acredita e isso torna as coisas muito difíceis para ele.

Max e Alexandre passaram toda a noite fora, mas voltaram sem Justin no começo da tarde seguinte. Lysette nunca tinha visto Max tão fora de si. Seus pensamentos pareciam fluir mais rápido que suas palavras.

– Nenhum vestígio dele, – ele disse com voz rouca, tomando meia xícara de café em um gole. – Encontramos um barqueiro que alegou ter visto um menino no cais que correspondia à descrição de Justin. Vá saber se ele estava mentindo. Justin poderia ter se juntado a uma tripulação, mas não acho que seja tão louco.

– Eu vou para a cama–, Alex falou, com o rosto branco como farinha e os olhos injetados.

Lysette se pôs atrás do marido e suas mãos foram para os ombros tensos dele na tentativa de relaxá-los um pouco. – Você também precisa descansar.

Ele chamou Noeline com um gesto para servir mais café.

– Voltarei a sair em alguns minutos. Bernard virá comigo. Vou pedir a Jacques Clement e a um ou dois outros para ajudar na busca.

Lysette queria saber como consolá-lo.

– Eu não acho que Justin tenha escapado–, disse ela, sentando-se ao lado de Max. – Eu acho que isso é apenas mais uma tentativa de chamar atenção. Ele deliberadamente fica longe daqui, e agora ele vai esperar até ter certeza de que causou uma grande comoção antes de retornar.

Max levantou a xícara de café com os dedos que tremiam um pouco.

– Quando eu conseguir achá-lo, terá mais atenção do que jamais sonhou.

Lysette pegou a mão livre de Max entre as suas e a apertou com firmeza.

– Sei que agora está muito zangado com ele, mas me parece que acima de tudo, o que sente é medo do que pode acontecer a ele. Talvez devesse dizer a Justin como se sente quando encontrá-lo.

Max apoiou os cotovelos na mesa e massageou as têmporas.

– Justin é teimoso demais para ouvir qualquer coisa que eu diga.

– Eu acho–, ela disse maliciosamente–, que em algumas ocasiões ele fez a mesma observação sobre você.

Max sorriu levemente.

– Às vezes vejo a mim mesmo nele – admitiu – Mas na sua idade eu não era tão teimoso.

– Vou perguntar a Irénée o que ela acha disso–, disse Lysette, brincando delicadamente. – Eu suspeito que possa não está de acordo.

Max levou a mão de Lysette ao rosto, que já começava a mostrar uma sombra de barba e pressionou suavemente às costas dela com os lábios.

– Se eu não encontrar Justin, Lysette...

– Você vai encontrá-lo.

A busca continuou por mais um dia e outra noite. Max apelou para a maioria daqueles que trabalhavam em sua empresa de transporte para descobrir o que podiam. Alguns bargemen admitiram que Justin, ou um menino que se parecia muito com ele, estava com eles. Depois de algumas horas bebendo e jogando cartas, eles disseram que ele havia saído com uma prostituta do cais e depois nunca mais o viu.

– Esplêndido–, Bernard dissera quando ouviu essa informação. – Agora parece que deveríamos começar a nos preocupar se Justin consegue umas purgações.

– Se ao menos isso fosse a pior coisa que temos a temer... – Max respondeu sombriamente.

Depois de ter interrogado dezenas de homens e de ter visitado todas as balsas, jangadas, barças e rebocadores que podiam ser vistos nas docas, se viram obrigados a se separarem por um tempo com o acordo de que se encontrariam novamente na manhã seguinte para continuar procurando. Durante dois dias e duas noites, Max mal havia parado para descansar os pés e o esforço começava a aparecer. Com um aspecto muito parecido com o dos marinheiros sujos e sem barbear com os quais ele vinha lidando nas últimas quarenta ou oito horas, ele entrou em casa com cautela exagerada, piscando freneticamente para ficar acordado.

Já eram três horas da manhã, mas Lysette ainda estava acordada esperando por ele. Vê-lo tão derrotado e consumido pela preocupação partiu seu coração. Ela tentou levá-lo para o andar de cima, mas Max se recusou a ir ao seu quarto porque estava com medo de cair em um sono profundo demais. Ele só teve tempo para descansar algumas horas. Juntos, Lysette e Philippe o ajudaram a ir para a sala de estar e tirar as botas. Max deitou-se no sofá, apoiou a cabeça no colo de Lysette e fechou os olhos. Philippe os deixou sozinhos, dando-lhes um

último e nervoso olhar por cima do ombro antes de sair.

– Ele se foi–, Max murmurou, virando o rosto sobre a coxa de Lysette. – É como se ele tivesse desaparecido da face da terra.

Lysette gentilmente acariciou sua testa. – Durma. Não é muito tempo até o amanhecer.

–Não paro de lembrar quando Justin era bebê. Às vezes eu o segurava em meus braços enquanto ele dormia. Queria mantê-lo seguro e feliz pelo resto de sua vida. Mas eu não posso mantê-lo a salvo de tudo.

– Agora descanse. Amanhã você vai encontrá-lo, *bien-aimé*.

Depois de Max ter adormecido, Lysette o contemplou por um longo tempo. Ficou surpresa ao perceber o quanto havia chegado a preocupar-se com Justin e Philippe no curto tempo desde que se conheceram. Compartilhava a preocupação de Max com os gêmeos e queria ajudá-los a serem felizes. Quão injusta a vida poderia ser, deixando cair esse fardo sobre ombros inocentes e permitindo que sofressem as conseqüências de erros cometidos por outros.

Enrolada ao lado de Max, Lysette cochilou. O céu estava mudando do lado de fora, a escuridão lentamente se transformando em uma lavanda cinza. Enquanto observava o nascer do sol, Lysette esfregou os olhos, movendo-se com muito cuidado para não perturbar o marido adormecido.

Recobrou a consciência em um lampejo repentino quando ouviu um guincho fraco no hall de entrada. Era à porta principal ao abrir-se. O intruso entrou na casa e parou na porta da sala.

Era Justin, sujo e desganhado, mas parecendo muito melhor que Max. Ele observou Lysette em silêncio e a longa forma de seu pai deitado no sofá. Lysette pensou em fazer um sinal para que ele subisse ao piso de cima e assim deixasse Max dormir, mas este gostaria de ter notícias imediatas de seu filho. Ele ficaria furioso ao saber que ele havia sido impedido de enfrentar Justin quando ele chegou em casa.

– Entre–, disse Lysette em voz baixa.

Ao ouvir o som de sua voz, Max se mexeu nervosamente e ela se inclinou sobre a cabeça escura.

– Acorde–, sussurrou. – Tudo acabou, *bien-aimé*. Ele já voltou para casa.

Max se apressou em sentar no sofá, balançando a cabeça para afastar as últimas névoas de sono.

– Justin? Onde você esteve?

– Com uns amigos.

– Está bem? – Lysette perguntou. – Eles não te machucaram, certo?

– Mas é claro que estou bem. Por que não estaria?

Lysette torceu a expressão, sabendo que o menor sinal de humildade ou arrependimento da parte do menino teria sido suficiente para impedir que Max perdesse a paciência. Mas nessa atitude, Max empalideceu de frustração.

– Da próxima vez que você decidir sair sem dizer a ninguém para onde está indo ou quando planeja voltar–, disse ele entre os dentes cerrados, – não volte.

– Eu não tenho que viver debaixo do seu teto nem depender de você! – Justin explodiu. – Quer que eu vá? Bem, então eu vou e nunca mais olharei para trás! – Virando-se, ele correu de volta pelo caminho que tinha vindo.

– Justin, não! – Lysette se levantou do sofá. Max não se mexeu. Ela olhou para ele com os olhos arregalados. – Você não vai ir atrás dele?

Era óbvio que Max estava zangado demais para pensar com clareza.

– Deixe-o ir.

Lysette olhou para ele indignada.

– Eu não sei qual dos dois é mais teimoso, se você ou ele! – exclamou, e então se apressou a seguir Justin enquanto Max proferia juramentos.

Ela estava indo tão rápido que tropeçou nos degraus da varanda e machucou os dedos dos pés.

– Ah! – gritou: – Justin, pare agora!

Surpreendentemente, o menino obedeceu. Permaneceu imóvel, de costas para ela e suas mãos pressionadas contra os lados do corpo. Lysette mancou pelo caminho.

– Max estava desesperado procurando-o–, disse. – Interrogou não sei quantas pessoas procurando por você em todos os lugares. Não comeu. Dormiu apenas três ou quatro horas, a última noite, no sofá.

– Se você está tentando me fazer dizer que sinto muito, não o direi.

– Eu estava tentando fazer você entender o quão preocupado seu pai estava. Estava com medo de pensar que algo havia acontecido com você.

Justin bufou com uma expressão sardônica.

– Não me pareceu que ele estivesse tão aterrorizado.

– Você está sendo injusto com ele – Ele não é justo comigo! Todas as coisas e todas as pessoas têm que estar sob seu controle.

Lysette fechou os olhos e murmurou uma rápida oração pedindo ao céu que lhe desse paciência.

– Justin –, disse, mantendo a voz tão calma quanto possível–, por favor, vire-

se. Não posso falar com suas costas.

O garoto a encarou, seus olhos azuis brilhando de raiva. Lysette, no entanto, não recuou.

– Você não percebe o quanto ele te ama?

– Meu pai é incapaz de amar alguém—, disse Justin duramente. – Nem ama você.

Embora soubesse que Justin não estava falando sério, suas palavras deixaram Lysette perplexa.

– Isso não é verdade!

– E você é estúpida em acreditar que não foi ele quem assassinou sua esposa—, disse o menino, olhando para o chão enquanto tremia.

– Justin —, ela disse suavemente, — no fundo do seu coração você sabe que seu pai nunca faria algo assim.

– Não. Não sei. — Justin respirou fundo, os olhos ainda fixos no chão. — Eu poderia ter feito isso. Qualquer um pode ser arrastado para o assassinato.

– Não, Justin. — Lysette se aproximou dele. — Entre comigo — acrescentou ela, agarrando o pulso dele.

– Ele não quer que eu volte para casa—, disse Justin, se libertando.

– Suponho que essa seja a razão pela qual ele está exausto de tanto procurar por você. — Lysette absteve-se de tocá-lo novamente. — Justin, você ficou longe de casa todo esse tempo porque sabia que isso o encheria de preocupação?

– Não. Foi porque ... eu tive que fugir.

– De que?

– De tudo. Eu não posso fazer o que eles querem. Querem que eu seja um bom menino como Philippe, e não faça perguntas que os façam se sentir desconfortáveis, e não os force a pensar em minha mãe. — Seus olhos brilhavam e ele cerrou os punhos, lutando para controlar as lágrimas traiçoeiras. — Mas eu sou como ela, eu sei.

Lysette teve que se conter de segurá-lo nos braços e consolá-lo como teria feito com uma criança. Não tentou discutir com ele, sabia que Justin estava exausto e era vítima de emoções muito intensas para ele pensar claramente.

– Venha comigo—, ela murmurou. — Sua família está bastante preocupada. E você precisa descansar. — Se virou para a casa e prendeu a respiração até ouvir os passos lentos de Justin atrás dela.

Com medo de que, por raiva, dissesse a Justin algo que mais tarde iria se

arrepender, Max evitou encontrá-lo no dia seguinte. Lysette insistiu cautelosamente que ele deveria falar com o rapaz e finalmente concordou com relutância; eles falariam imediatamente após o encontro com o coronel Burr.

Era quase meia-noite quando Max recebeu Burr em sua biblioteca, ciente de que o coronel esperava conquistar outro empresário bem-sucedido para sua causa. Daniel Clark, um comerciante de Nova Orleans que tinha uma grande frota de navios mercantes e possuía muitos armazéns, supostamente lhe dera pelo menos vinte e cinco mil dólares em dinheiro, e então vários outros tinham combinado essa quantia. Max não tinha intenção de contribuir para sua causa com um único centavo, mas estava muito interessado em ouvir o que o ambicioso coronel tinha a dizer.

Burr conseguira que quase todo o território de Nova Orleans o apoiasse, e nem mesmo as freiras ursulinas conseguiram resistir ao seu charme. Ele havia sido recebido em toda parte com hospitalidade elaborada. As autoridades católicas e a Associação Mexicana, que vinham fazendo campanha pela conquista do México há muito tempo, haviam dado seu apoio. A opinião geral era de que Burr planejava atacar os espanhóis e que ele havia assegurado o apoio secreto do governo de Jefferson. No entanto, aos ouvidos de Max, informações confidenciais vieram de diferentes fontes e ele sabia que não era assim. Burr certamente não era aliado de Jefferson, mas sim estava planejando uma conspiração para seu próprio benefício.

Com uma falta deliberada de circunlocuções, ele perguntou a Burr por que ele queria aquela reunião, privada e altamente confidencial, quando ele já tinha embolsado todos os homens importantes.

– Afinal de contas–, disse Max, – um a mais ou um a menos não fará qualquer diferença em seus planos... sejam quais forem.

– É conhecido como um homem muito empreendedor, *Monsieur Vallerand*. Eu valorizaria muito o seu apoio político. E, francamente, é tão rico que não posso me dar ao luxo de esquecer isso.

Max sorriu, pensando que a franqueza do homem era realmente do seu agrado.

– Talvez você não tenha levado em conta minha má reputação, coronel. Isso pode representar um grande inconveniente para qualquer político que escolha se associar comigo.

Burr deu de ombros como se isso não fosse importante.

– Ouvi os rumores sobre você, mas não acho que eles vão interferir nos meus

planos.

– Que são...? – Essas duas palavras pareciam tornar a atmosfera carregada de tensão. Houve um silêncio.

– Parece-me—, Burr disse finalmente, — que já foi feita uma certa idéia a respeito.

– Não, na verdade não—, Max mentiu, imperturbável.

Burr recusou o copo oferecido a ele, sentou-se em uma grande poltrona de couro e fez a conversa seguir um curso aparentemente longe de seus objetivos. Bonito e misterioso sentado ali, do lado de fora do círculo de luz que projetava uma lâmpada, ele silenciosamente questionou Max com uma longa série de perguntas sobre Nova Orleans, sua família e suas opiniões políticas.

Max entendia perfeitamente o dilema que Burr estava enfrentando. O coronel teria que se arriscar a revelar informações suficientes para conseguir o apoio de Max, mas não até o extremo de que o que revelasse colocassem em risco seus planos. O ex-vice-presidente explicou que pretendia usar Nova Orleans como base para tomar o México e arrebatrar as flóridas dos espanhóis; se, claro, a guerra entre os Estados Unidos e a Espanha estourasse.

Depois que Burr terminou de falar, Max sorriu com uma indiferença irritante.

– E para benefício de quem tudo isso será feito? – ele perguntou. Como Max esperava, Burr se absteve de assegurar que planejava ser o único governante desse novo império.

– Vamos dizer que todo o território da Louisiana se beneficiará disso.

– E sua fortuna também experimentará uma melhoria, *n'est ce pas?*

– Assim como a sua —, respondeu Burr, — se posso contar com você.

Max deixou o momento passar o maior tempo possível antes de responder: — Eu acho impossível comprometer-me a dar o meu apoio a uma causa exposta de maneira tão imprecisa. A menos que você me dê mais detalhes...

Burr franziu a testa, claramente surpreso com a falta de entusiasmo de Max.

– Eu já te dei todas as informações que posso permitir agora. Na minha opinião, você tem muito poucas razões para não se juntar a mim.

Max abriu as mãos com as palmas para cima. — Tenho certa lealdade, coronel.

– Se refere à Claiborne?

– E também aos Estados Unidos.

– Receio, Vallerand, que não compreendo sua lealdade a um país que se

recusou a conceder cidadania a seu povo. Deveria ter mais em conta os interesses do território e os da sua família. Está claro que suas lealdades não apontam para onde deveriam estar.

– A passagem do tempo talvez prove que este é o caso. No entanto, por enquanto, vou manter o rumo que escolhi. Gostei muito da nossa conversa, coronel, mas parece que está na hora de partir.

Burr respondeu com uma fúria mal controlada. – Chegará um dia em que vai se arrepender de ter se aliado com meus adversários, Vallerand.

Depois que o coronel foi embora, Max exalou um suspiro lento. Refletiu que era possível que Burr realizasse o que planejava, e algum dia Nova Orleans seria parte de um novo império separado dos Estados Unidos. Se Max tivesse escolhido o caminho errado, ele poderia perder uma parte considerável de sua riqueza e propriedades. Todos sabiam que Burr sempre se certificava de que seus oponentes pagassem caro por enfrentá-lo.

– Não é muito convincente, na minha opinião. Não dar a mínima para o território ou para aqueles que ele chama de amigos. Burr quer poder para si mesmo.

Ao som da voz de sua esposa, Max se virou para ela e a questionou com os olhos. Lysette estava de pé a alguns metros dele, usando um casaco de pele branco enfeitado com renda e abotoado do pescoço até o chão.

– Estava ouvindo–, ele disse ironicamente.

Ela não se incomodou em negar isso.

– As vozes vindas desta sala podem ser ouvidas muito bem, mesmo com a porta fechada. Se você quer privacidade, deve tentar a outra sala de estar.

Max riu secamente. – Eu vou lembrar.

Lysette franziu a testa.

– Acha que é possível que o coronel se saia bem nisso? Ele poderia criar seu próprio império e fazer que Nova Orleans forme parte dele?

– Talvez eu esteja subestimando Burr–, admitiu Max. – Não acho que alguém poderia ter previsto o quão popular seria depois de sua apresentação pelo Oeste. Recentemente se ouviu dizer que ele esperava que um dia um rei sentasse no trono dos Estados Unidos. Sem dúvida, ele já terá feito as medidas da cabeça por uma coroa.

– Um rei? Não acredita em democracia, então?

– Não, *petite*.

– E você, Max? – ela perguntou, sabendo que muitos crioulos tinham sérias

dúvidas sobre o sistema americano de governo.

Max sorriu e tomou-a nos braços. – Em qualquer lugar, exceto em casa.

Lysette insistiu em interrogá-lo enquanto ele a levava escada acima.

– Você acha que pode se arrepender de não ter apoiado *Monsieur* Burr?

– Suponho que poderia chegar a lamentar, se ele conseguir dominar a Louisiana.

Lysette se perguntou por que ele não parecia mais preocupado. – Se conseguir, você pode sofrer grandes perdas, certo?

– Tomei as medidas necessárias para lidar com qualquer circunstância–, disse ele, pressionando-a gentilmente contra o peito como se quisesse tranquilizá-la. – Não se esqueça que o território mudou de mãos em muitas ocasiões, e que os Vallerands sempre souberam como resistir à tempestade. Você duvida da minha capacidade de cuidar de você?

– Não, claro que não. – Lysette enrolou a mão ao redor do ombro de Max, e a ponta do dedo dela descrevia uma linha do ouvido até o lado do pescoço. – Max... você nunca me contou por que você discutiu com Bernard, no dia do baile na mansão dos Seraphiné.

Ele suspirou, tenso.

– É algo muito complicado para explicar para você agora. Estou cansado, querida. Amanhã...

– Vamos, me diga, mesmo que seja apenas uma pequena parte–, ela insistiu.

Ele obedeceu relutantemente. – Muito bem. Depois de todos os comentários que fiz a Bernard de que ele deveria assumir parte das responsabilidades na plantação, ele finalmente fez. Para meu grande pesar.

– Ele fez algo que não deveria?

– Pior que isso. Ele fez algo realmente abominável, para não dizer cruel e tolo. Você conhece Newland, o gerente da plantação? Bem, outro dia Bernard ordenou que ele chicoteasse um escravo porque ele não rendia o suficiente. Na semana passada, o escravo sofreu uma febre e não pôde ir trabalhar nos campos. Assim, Newland não obedeceu às ordens, e então Bernard mandou chicoteá-lo. Naquele momento, eu estava na cidade, coisa que sempre me arrependerei: gostaria de ter estado aqui para evitá-lo.

– Oh, Max–, ela murmurou, sentindo seu estômago revirar.

Eles haviam chegado ao quarto e Max a colocou na cama.

– Quando descobri, havia pouco tempo para ele rasgar a pele de Newland. Ele não vê que há algo errado com o que ele fez. É claro que eu nunca posso

permitir que ela assuma a plantação, e na verdade ele não sente nenhum interesse por ela. Como Alex. Enquanto eu continuar a confiar-lhes seus subsídios mensais, eles ficarão satisfeitos em passar a maior parte do tempo na cidade. Na verdade, eu tampouco tentei esconder que nunca gostei de cultivar a terra.

– Eu sei–, disse Lysette, estendendo as mãos para ele para remover a gravata borboleta. – Para você, isso nada mais é do que uma obrigação.

Max suspirou pesadamente.

– Meu pai adorava ver as plantações crescerem. Ele era um homem da terra e amava a vida na plantação de uma maneira que nunca compartilharei. Talvez seja uma sorte que ele não tenha vivido o suficiente para ver que nenhum de seus filhos herdou sua paixão por este lugar. Muito antes desse incidente com Newland e Bernard, eu já pensara em vender a plantação, ou pelo menos reduzir seu tamanho. Mas sempre me pareceu que essas idéias representavam uma traição ao meu pai e de tudo o que ele se esforçara para alcançar.

– E a plantação se tornou um modo de vida para todos os Vallerands–, disse Lysette, empurrando a gravata borboleta para fora do pescoço do marido. – Se rejeitar, haverá consequências. Seus amigos e seus conhecidos podem se sentir traídos.

– Oh, eles vão se sentir traídos–, Max assegurou com expressão sombria. – Felizmente, faz tanto tempo que me acostumei a ser objeto de desaprovação pública que suas opiniões não são importantes para mim. – Estava muito quieto e seus olhos escuros se encheram de preocupação quando seu olhar buscou o de Lysette. – Mas você se importa.

– Eu sou forte o suficiente para saber como lidar com qualquer controvérsia–, Lysette murmurou com um leve sorriso. – Já me acostumei a ser conhecida como a *mariée du diable*.

Max acariciou-a com seu olhar enquanto estendia a mão ao cabelo dela para envolver seu dedo em um cacho vermelho brilhante.

– Você não está preso, sabe? – disse Lysette. – Você não tem que manter este lugar. Faça o que quiser com ele. Quaisquer que sejam as consequências, vou enfrentá-las com você.

– Minha pequena rebelde–, Max murmurou com um rápido sorriso enquanto sua mão brincava com o cabelo de Lysette. – Eu deveria saber que você me incentivaria a optar pelo menos convencional. Muito bem, eu lhe direi a verdade: detesto este maldito lugar, por todo o trabalho que requer, pelas memórias que guarda e pelos compromissos morais que exige.

– Você vai vender então?

– Não na sua totalidade. Estive pensando em vender metade da plantação para nossos vizinhos, os Archambault. Eles pagariam qualquer preço que eu pedisse.

– E os escravos?

– Não quero possuir escravos. É algo que me enoja e estou cansado de tentar adorná-los com referências a política, economia e tradição. – Max franziu a testa e continuou: – Estou errado no lado errado há muito tempo e não posso mais defender a escravidão. Eu não quero viver assim, e não quero que meus filhos conheçam esse estilo de vida também. Deus sabe por que eu não posso compartilhar as crenças de meu pai, ou as crenças de minha família e meus amigos, mas... – Ele fez uma cara de impaciência. – O que estou tentando dizer é que quero libertar os escravos dos Vallerands.

– Todos eles?

– Sim, todos. E então darei trabalho como assalariados àqueles que decidam ficar. – Ele sorriu sarcasticamente para o rosto perplexo que Lysette estava exibindo. – Já foi feito antes, na verdade. Em Nova Orleans, há um mestiço que possui uma plantação de cana-de-açúcar, Maurice Manville, que libertou seus escravos e agora lhes paga salários; e ademais consegue benefícios, ainda que seja necessário admitir que modestos. Se faço como ele e cortar a plantação pela metade, terei muito mais tempo para dedicar à nossa serraria e ao negócio de transporte.

Lysette estava tentando absorver tudo o que ele acabara de propor.

– É muito difícil prever o que vai acontecer, *n'est ce pas?* – Estendeu a mão para a testa de Max para acariciar os sulcos entre as sobrancelhas. – Haverá repercussões financeiras, Max?

– Você me pergunta se perderemos dinheiro? Sim, no começo. Mas o negócio de transporte está crescendo. Você terá que confiar em mim para torná-lo um sucesso.

Lysette sorriu e concentrou-se na tarefa de terminar a gravata borboleta.

– Isso não será problema algum, *mon cher*.

– Mas e a herança dos meus filhos, Justin e Philippe...?

– Há coisas muito mais importantes do que um pedaço de terra que você pode legar a eles. E eles continuarão sendo Vallerands, com ou sem uma grande plantação.

Puxando o pedaço de linho engomado do pescoço de Max, Lysette

pressionou o rosto contra sua garganta quente.

– Mmm... como você cheira bem. – Ela beijou o pulso pulsando na cavidade triangular. – Faça o que você acha que está certo, Max.

Ele recuou um pouco e pegou a cabeça dela entre as mãos. Seu olhar sombrio estava cheio de ternura.

– Essa é uma das vantagens de ter uma jovem esposa – disse ele com um sorriso. – É óbvio que você ainda tem muito a aprender antes de conseguir me dissuadir.

– Há outras vantagens em ter uma jovem esposa–, ela explicou, quando começou a puxar a ponta da camisa para tirá-la da calça.

– Mostre-me quais–, ele sussurrou, e Lysette assim o fez.

Que a família Vallerand pudesse ter um pouco de paz por um tempo não era muito para pedir, mas aparentemente isso não era possível. O novo problema foi inadvertidamente iniciado por Philippe, que estava prestes a receber uma aula de esgrima.

Quando desmontou de seu cavalo e se dirigiu ao estabelecimento do mestre de esgrima Navarre, Philippe não prestou muita atenção ao som de vozes próximas. Como de costume, seus olhos azuis permaneciam fixos no chão e seus pensamentos não poderiam estar mais longe da rotina da vida cotidiana. Como Justin costumava dizer ironicamente, Philippe era um sonhador nada realista.

De repente, Philippe foi bruscamente afastado de suas reflexões quando um ombro muito, muito duro atingiu o seu, fazendo-o perder o equilíbrio. Depois de dar alguns passos para trás, levantou os olhos cheios de perplexidade. Encontrou-se diante de um grupo de três meninos que tinham acabado de terminar a aula de esgrima com Navarre. Excitados por todo o exercício que tinham acabado de fazer e cheios de vigor, ficou claro que eles ardiam de desejo em encontrar uma briga. A colisão não foi um acidente. O líder do grupo, Louis Picotte, já tinha tido algumas diferenças com Justin antes, e não era segredo que ele e Justin se odiavam.

Philippe, no entanto, não tinha nenhuma conta pendente com ninguém e preferia que as coisas continuassem assim. Ele pediu desculpas imediatamente, algo que seu irmão nunca teria feito.

– *Pardonnez-moi...* Eu não olhei para onde estava indo.

– Tinha que ser um Vallerand–, zombou Louis, um garoto alto e corpulento com uma abundância de cabelos loiros como palha. – Acreditam que todas as ruas da cidade pertencem a eles.

Philippe sentiu sua alma cair a seus pés.

– Estou atrasado–, ele murmurou enquanto se afastava, mas os três lhe cortaram o caminho.

– Seu pedido de desculpas não foi bom o suficiente–, Louis disse com um sorriso zombeteiro nos lábios.

Philippe levantou seus preocupados olhos azuis para os do menino.

– Me desculpe por ter tropeçado em você. Agora me deixe passar.

Louis apontou para o chão e sorriu desdenhosamente. – Coloque-se de joelhos e diga.

Philippe corou. Ele queria se virar e fugir, mas sabia que, se o fizesse, Louis nunca deixaria de atormentá-lo. Os olhos de Philippe foram de um lado para o outro e não viram nada além de ódio, o tipo de ódio que ele e Justin aprenderam a esperar depois de anos sendo conhecidos como os filhos de Maximilien Vallerand. – Eu não vou fazer isso–, ele disse sem olhar para baixo.

– Então vamos levar o assunto para algum lugar onde possamos ficar sozinhos–, Louis disse, apontando com o polegar para um pequeno lote onde duelos apressados eram às vezes realizados. Estava escondido pelas árvores e edifícios, e não podia ser visto pelos transeuntes. Ele colocou a mão no punho da espada que pendia de sua cintura.

Muito surpreso, Philippe entendeu que o menino queria mais do que uma simples troca de socos. Ele já havia se resignado a ficar cheio de hematomas. Afinal, Justin conseguira sobreviver em muitas ocasiões. Mas espadas... isso era muito perigoso.

– Não–, ele disse, apontando para o estabelecimento do mestre de esgrima. – Nós vamos resolver isso lá.

Navarre costumava supervisionar esse tipo de reuniões entre seus alunos. O mestre de esgrima os havia proibido de resolver suas disputas fora da escola, a menos que usassem seus punhos em vez de espadas.

– Tem medo? – Louis perguntou.

– Não, é só que...

– Sim, você está com medo. É o que o mundo inteiro diz. Você é um covarde. Se eu fosse você, não ficaria tão orgulhoso do sobrenome sujo que você usa. – Louis cuspiu no chão. – Seu pai é um assassino, seu irmão é um fanfarrão que está sempre mexendo com os outros... e você é um covarde.

Philippe estremeceu de raiva repentina.

– Ah, olha como treme–, Louis zombou. – Olha como...

De repente ele parou e fez uma careta, porque tinha acabado de sentir um golpe na parte de trás do seu pescoço. Levou a mão ao pescoço e virou-se. – O que...?

Outro impacto, desta vez no peito. Louis olhou incrédulo para Justin, que acabara de aparecer atrás deles e começou a atirar pedrinhas nele. Justin examinou cuidadosamente a pequena pedra que ele segurava entre o dedo indicador e o polegar.

– O que ele estava dizendo, Philippe?

Philippe engoliu com uma mistura de alívio e apreensão.

– Nada Justin, vamos nos atrasar para...

– Eu pensei ter ouvido ele te chamando de covarde. – Justin deixou cair a pedra que ele estava examinando no chão e selecionou uma do punhado em sua mão. – Nós sabemos que você não é um covarde. E também me pareceu ouvi-lo dizer que eu era um fanfarrão. Eu também não concordo com isso.

– Não se esqueça–, Louis zombou. – Eu também disse que seu pai era um assassino.

O punhado de pedrinhas foi abruptamente atirado e espalhado aos pés de Louis. Justin sorriu, seus olhos azuis se tornaram tão escuros que agora estavam quase pretos.

– Philippe, me dê sua espada.

– Não–, disse Philippe, indo rapidamente até seu irmão. – Com espadas, não, Justin. – Cada um claramente entendia os pensamentos um do outro. – Deveria ser eu –, acrescentou Philippe.

– Ele não quer brigar com você–, disse Justin. – Ele veio até você por minha causa.

– Não com espadas–, repetiu Philippe.

– Você vai deixar seu irmão fazer de você um covarde também, Justin? – Louis desafiou zombeteiramente.

Justin prendeu a respiração, muito zangado. Então ele olhou nos olhos de Philippe e jurou: – Vou despedaçá-lo antes que tenha tempo de piscar!

– Hoje estive praticando e você não–, disse Philippe, abandonando os argumentos morais em favor dos práticos. – Ele estará em muito melhor forma que você, Justin.

Louis os interrompeu impacientemente. – Vamos começar de uma vez, Justin.

– Philippe–, grunhiu Justin, – me dê essa maldita coisa!

– Não a menos que você prometa parar depois de derramar o primeiro sangue.

– Eu não posso...

– Prometa!

Eles se encararam, e então Justin assentiu. – Está bem, droga. – Ele estendeu a mão para a espada.

Muito pálido, Philippe deu a ele.

O pequeno grupo foi até o local. Por um consenso tácito, todos se moveram furtivamente e tentaram não fazer barulho, sabendo que o duelo seria interrompido se alguém estivesse em teraba. Os meninos de sua idade geralmente não resolviam suas diferenças de tal maneira, que não seria considerado adequado para eles até que fossem alguns anos mais velhos.

De acordo com as regras que aprenderam na escola de esgrima de Navarre, nomearam os padrinhos. Louis tirou a jaqueta sem pressa, olhando os gêmeos por cima do ombro enquanto fazia. Philippe esperou com os punhos cerrados, a tensão rígida de sua postura revelando toda a ansiedade que sentia. Justin esperou com uma paciência surpreendente.

Louis quase começou a se arrepender de ter desafiado Vallenrand. O olhar de Philippe tinha sido monótono e temeroso, mas os duros olhos azuis de Justin prometiam algo muito mais sério para se lidar. Ele também sabia que Justin era muito bom em esgrima, refletiu, quase tanto quanto ele. Ele o vira praticar na escola de Navarre e, como disse o mestre de esgrima, Justin seria um excelente espadachim, se não fosse por uma certa falta de disciplina. Louis avançou até que eles só foram separados por alguns metros e adotaram a postura apropriada.

O grupo ficou em silêncio enquanto os dois esgrimistas se cumprimentavam e começavam o duelo com um estalo de aço contra aço. Prepararam algumas combinações mentais, cada uma tentando descobrir o que precisavam saber para superar seu oponente. Dupla finta, impulso, parada, seguida de uma resposta rápida. Ambos se moviam com excelente coordenação e habilidade idêntica. Um dos companheiros de Louis não pôde deixar de murmurar para o outro que teria adorado se Navarre o visse. A luta foi realmente impressionante.

O duelo acelerou seu ritmo e o equilíbrio se alterou. Louis começou a suar profusamente enquanto tentava manter o foco. Justin lutou com uma agressão fria, cheia de técnica que ele nunca exibiu na escola. Philippe foi o único que entendeu a sombra de temeridade que fazia seu irmão tão eficiente. Justin não se importava com o que acontecesse com ele, e quanto mais tempo passasse, menos

se importaria. Seu irmão não tinha medo da dor ou da solidão, talvez nem mesmo da morte... e isso encheu Philippe de terror.

Louis recuou surpreso quando sentiu a ponta da espada de Justin tocar seu ombro. Ele olhou para baixo, incrédulo, com o pequeno ponto de sangue em sua camisa. Os meninos explodiram em exclamações, e Justin correu para o padrinho de Louis.

– A honra foi satisfeita–, ele murmurou, enxugando o suor em sua testa.

Louis se sentiu terrivelmente humilhado. Ele viu Justin através de uma névoa de fúria, incapaz de acreditar que um erro tão pequeno, uma pequena abertura em sua guarda, o tivesse levado a uma derrota. Seus amigos riram dele. Ainda mais insuportável do que isso foi o surpreendente silêncio de Justin. Louis esperava que um Vallerand se gabasse de sua vitória. Em vez disso, Justin mostrou uma expressão muito séria ao ver os padrinhos conferindo... e por algum motivo, a Louis isso lhe pareceu um desprezo muito maior que o ferimento ridículo.

– Acabou–, disse Philippe, não se esforçando em esconder a alegria em sua voz. Ele sorriu levemente quando viu o alívio nos olhos de Justin.

– Ainda não acabou! – Louis rugiu, mas eles não prestaram atenção.

Justin partiu em direção a Philippe, pretendendo devolver a espada e, um momento depois, parou quando viu a expressão de horror que atravessou rapidamente o rosto de seu irmão.

– Não! – Foi tudo o que Philippe teve tempo de gritar antes de Justin se virar rapidamente e ver que Louis estava prestes a atacá-lo.

Surpreso, Justin sentiu um calor intenso em seu lado, olhou para baixo e viu a fina lâmina de aço se retirar. Então ele sentiu uma pontada de dor. Justin caiu de joelhos, nunca tirando os olhos da mancha de sangue que começou a se espalhar em sua camisa. Ele colocou a mão na ferida e desmoronou quando sentiu a cabeça girar. Respirando com dificuldade, sentiu o cheiro intenso de seu próprio sangue e apertou a cintura com mais força.

– Oh, Justin–, Philippe engasgou, ajoelhado no chão ao lado dele. – Ah, Justin.

Louis levou um momento para perceber o que havia feito. Seus amigos olhavam para ele com espanto e nojo.

– Eu não quis dizer... – ele começou a dizer, e sua voz se dissipou em um silêncio embaraçoso. Ele fizera algo muito desonroso, pouco viril, indizível. Recuou devagar, virou-se e fugiu.

Finalmente, o som dos ansiosos rogos de Philippe fez Justin se mover novamente e abrir seus aturdidos olhos azuis. Ele virou a cabeça, virando o rosto para longe da grama fria e olhou para o irmão.

– É só um arranhão–, disse ele, tentando encontrar seu antigo tom de desgosto.

Philippe soltou uma risada estrangulada. – Você está sangrando, Justin.

– Onde está o traidor de Louis? Maldito covarde...

– Ele se foi–, respondeu Philippe, sentindo que parte de seu medo inicial começava a se dissolver. – Eu acho que ele ficou tão surpreso quanto o resto de nós.

Justin lutou desajeitadamente para se levantar. – chocado? Eu vou matá-lo! Eu... – Ele parou e engasgou, sentindo uma dor repentina em seu lado. Um novo jato de fluido quente começou a fluir sob seus dedos.

– Não se mova! – Philippe gritou, agarrando-o por trás dos ombros. – O sangue... precisamos de um médico. Agora eu vou deixar você aqui, mas apenas por alguns momentos, e...

– Não. Eu irei para casa, onde nosso pai provavelmente dará o golpe de misericórdia.

– Mas...

– Me leve para casa–, Justin sussurrou com uma intensidade que reduziu seu irmão ao silêncio.

Philippe tentou parar o sangramento com a pressão de sua mão, desencadeando uma nova série de juramentos por parte de Justin. Ele não notou que os outros dois meninos estavam de pé ao lado deles até que um deles se inclinou sobre ele para lhe oferecer seu colete enrolado.

– Obrigado–, disse Philippe em voz baixa; Ele pegou a roupa e colocou-a dentro da camisa de Justin, sobre a ferida.

– Louis não deveria ter feito isso–, disse o doador do colete. – Eu nunca mais vou servir como padrinho.

– Para começar, não deveria ter havido um duelo! – exclamou Philippe com fúria. Justin tinha fechado os olhos e ficou em silêncio. Suas mãos ensangüentadas permaneceram imóveis no chão com as palmas viradas para cima.

O outro garoto olhou com admiração para a longa forma de Justin deitado diante dele.

– Ele tem coragem.

- E nenhum cérebro—, murmurou Philippe.
- Vai ganhar muitos duelos antes de ir para o outro mundo.
- Ele vai morrer antes dos vinte anos—, disse Philippe em voz baixa.

Justin abriu os olhos, que não refletiam sua energia habitual e intensa. Levantou o braço com um esforço doloroso para agarrar Philippe pelo colarinho de sua camisa, manchando-o de sangue.

- Vamos sair daqui.

Philippe não se incomodou em perguntar a Justin como ele havia chegado à cidade. Um dos amigos de Louis trouxe-lhe o cavalo e os três juntos conseguiram levar Justin a garupa. Philippe montou atrás dele, certificando-se de que seu irmão ainda segurasse o colete enrolado sobre a ferida. – Estou pronto—, Justin disse com voz rouca, inclinando-se sobre o pescoço do cavalo. – Vamos, antes que eu caia.

O regresso a casa foi uma verdadeira tortura. O sofrimento de Philippe não tinha nada que invejar o de Justin. Pensar que seu irmão morreria o aterrorizava.

– Por que você quis brigar com Louis? – Perguntou, intrigado, quando estavam na metade do caminho. – Você o odeia tanto assim?

Agora que a ferida tinha parado de sangrar, Justin sentia a mente um pouco mais clara.

– Eu queria lutar, só isso—, ele respondeu com uma voz fraca. – Isso faz você se sentir tão bem... sempre tenho vontade de lutar.

– Por quê?

– Satisfaz alguma coisa dentro de mim... não sei o que.

– Algo dentro de você que quer que você se destrua—, disse Philippe. – Mas eu não vou deixar você fazer isso, Justin. Eu não posso te perder.

Justin sabia que Philippe estava lhe dizendo algo mais, mas logo as palavras se tornaram sons indistinguíveis, e ele sentiu os olhos começarem a girar. Era como se ele estivesse entrando em um sonho estranho para em seguida despertar rapidamente. Estavam em casa e mãos se aproximavam dele, e ele estava caindo em um mar de roxo escuro, onde foi arrastado pela crista de uma onda. Sua cabeça doía, seu lado doía. Ele sentiu como se fosse pequeno novamente. Então percebeu que o colocavam com muito cuidado em sua cama, com a cabeça para baixo no travesseiro, e descansou durante o que pareceram horas até que foi despertado por um terrível sentimento de solidão.

– *Mon pere*—, murmurou, movendo a mão nervosamente até que foi rodeada por outra mão, grande e forte. A força vital desse aperto parecia trazê-lo de volta

a si mesmo. Ele viu o rosto tenso de seu pai e a ternura em seus olhos. Isso não fazia qualquer sentido, mas de repente pareceu-lhe que, enquanto seu pai segurava sua mão, estaria em segurança.

Sentindo a necessidade de Justin, Max não soltou, nem mesmo na presença do médico.

Justin não parou de se contorcer de dor enquanto limpavam a ferida, mas ficou em silêncio, o suor escorrendo de seu rosto. Era como se alguém estivesse mexendo suas entranhas com um atizador incandescente.

– Ainda não terminou? – perguntou quando não podia mais suportar.

Seu pai o abraçou e tentou acalmá-lo enquanto o médico terminava de limpar sua ferida. Depois que ele fez um curativo, eles lhe deram um remédio que parecia nojento, e Justin insistiu em segurar o copo com a própria mão.

– Você não vai gritar e me fazer pagar caro? – resmungou quando os últimos remanescentes do remédio amargo desapareceram.

– Haverá tempo para isso amanhã–, disse Max, colocando a colcha ao redor do filho. Nesse momento, só posso sentir alívio ao ver que você está bem.

Justin bocejou enfaticamente, o medicamento começava a deixá-lo sonolento. Seus olhos se abriram quando ele sentiu a posição de mudança de peso de Max.

– Vai embora?

– Não, *mon fils*.

– Se você quiser, pode ir–, disse Justin, embora desejasse que ele ficasse lá.

– Eu não te deixaria por nenhuma razão no mundo–, foi à réplica suave de seu pai, e Justin relaxou aliviado. Ele voltou a encontrar a mão do pai e adormeceu segurando-a.

Capítulo 12

– Como se encontra? – Alexandre perguntou enquanto se preparava para dar uma bebida a Max. Ele indicou com um gesto que deveria deixar a garrafa.

– Vai ficar bem. – Max tinha acabado de descer do piso superior, onde Justin estava dormindo confortavelmente, para se juntar a seus irmãos na biblioteca. Lysette e Noeline estavam ocupadas com a tarefa de ajudar a muito alterada Irénée a se deitar, para a qual administravam generosas doses de café reforçado com conhaque. – A ferida não é grave, graças a Deus. – Ele balançou a cabeça, o rosto pálido de tensão. – Eu não posso acreditar que algo assim aconteceu com o meu filho.

– Isso foi uma surpresa para você? – Bernard perguntou. – A única coisa que me surpreende é que isso não aconteceu antes.

– Justin está seguindo os passos de seu pai, certo? – Alexandre acrescentou.

Max olhou para os dois.

– Bem, é verdade–, disse Bernard. – Max, você sabe como é o garoto. Você não pode dizer que não esperava isso. E será um idiota se não espera que isso aconteça novamente.

Antes que Max pudesse soltar sua fúria, a voz calma de Lysette interveio.

– Max–, disse, entrando na sala e pegando-o pelo braço, – não quero privá-lo de semelhante amostra de compaixão e simpatia de seus irmãos, mas Berté aqueceu um pouco de comida para nosso jantar. Vamos comer alguma coisa.

– Eu não estou com fome...

– Só um pouquinho de alguma coisa–, encorajou-o em seu tom mais paquerador. – Você não quer que eu tenha que comer sozinha, certo? Por favor... faça por mim.

Com um grunhido abafado, Max se virou para acompanhá-la e a discussão foi esquecida no momento. Quando chegaram à entrada, Lysette virou a cabeça e lançou um rápido olhar de reprovação para os irmãos antes de seguir calmamente o marido para fora da biblioteca. Esse olhar contrastava tanto com a doçura da expressão que havia usado antes com Max que Alexandre não pôde deixar de rir.

– A sua maneira suave e delicada–, ele disse com um sorriso, – Lysette é um déspota.

– Eu não vejo a graça–, disse Bernard.

– Porque não? É óbvio que sua presença está fazendo muito bem a Max.

– Eu não diria tanto. – Bernard tomou um longo gole do copo, mantendo os olhos na entrada vazia.

Alexandre inclinou a cabeça pensativamente.

– Você não gosta de Lysette, certo? Eu nunca havia percebido isso antes.

– Não, não gosto –, Bernard respondeu friamente. – Eu não gosto do efeito que Lysette tem sobre Max, nem dos problemas que ela cria na família. Tudo estava indo muito bem antes dela chegar.

Quando Justin acordou na manhã seguinte a seu duelo, encontrou seu quarto invadido por seu irmão, seu pai e sua madrasta. Lysette estava de pé, servindo-lhe o café da manhã e amarrando um guardanapo ao redor de seu pescoço como se Justin tivesse cinco em vez de quinze. Ele estava grato por sua presença, devido ao seu acordo tácito de que ela usaria em benefício de Justin a influência que tinha sobre seu pai. Justin não tinha certeza de quando ou como Lysette se tornara sua aliada, mas quando ele olhou para seus olhos azuis e calmos, sentiu uma repentina adoração por ela.

Seu pai naturalmente começou a manhã exigindo uma explicação completa dos eventos do dia anterior.

– Diga-me que papel você teve nisso, Plillippe–, disse Max, que estava sentado ao lado da cama em uma cadeira de mogno. Como sempre, Philippe escolheu suas palavras com cuidado.

– Eram três caras, um dos quais queria me provocar para que nos enfretássemos em um duelo. Eu recusei, e foi quando Justin apareceu...

– E você correu para pegar a luva–, disse Max em um tom de reprovação.

Justin fez uma careta.

– Eles o chamaram de covarde–, disse ele defensivamente. – Ninguém insulta um Vallerand sem pagar caro.

– Isso é tudo que eles disseram?

– Não. – O olhar de Justin caiu para a colcha cobrindo seu colo. – Eles me chamaram de fanfarrão e você... – Ele parou abruptamente, e uma súbita mancha vermelha se espalhou pelo seu rosto.

– E do que eles me chamaram? – Max perguntou suavemente, embora

estivesse claro que ele já sabia.

O rubor se espalhou pelo pescoço e pelas orelhas de Justin. – O mesmo que eles sempre chamam você–, disse com voz rouca.

– E que é?

– Porque me perguntas? Já sabe!

– Eu quero ouvir você dizer.

Justin passou as mãos pelo cabelo algumas vezes, nervoso como um animal enjaulado.

– Diga, *mon fils*–, Max insistiu sem levantar a voz. – Por favor.

Era como se Lysette e Philippe nem estivessem presentes na sala. A tensão cresceu até que nenhum dos quatro se atreveu a se mexer ou respirar.

De repente, as lágrimas brilharam nos olhos azuis de Justin, que apertou os dentes com uma expressão de raiva.

– Eles te chamaram de assassino. Isso é o que eles sempre dizem. Todos. E você me pergunta por que eu lutei? Eu nunca soube o que é ter um amigo. Philippe também. – Ele virou a cabeça para o irmão e olhou para ele. – Diga a ele!

Max foi para a cama e sentou-se ao lado de seu filho. – Me escute, Justin. Eu entendo tudo...

– Não...

– Pelo amor de Deus, não me interrompa! Você nunca pode mudar o que as pessoas dizem. Você nunca vai conseguir que eles parem de dizer isso. Os rumores continuarão circulando e você não conseguirá silenciá-los. Você pode matar um homem, Justin, ou dezenas deles, mas o passado não vai mudar, e você ainda será meu filho. Amaldiçoe esse fato se você quiser, mas você não pode alterá-lo. Você vai morrer se tentar... e isso me destruiria mais do que qualquer coisa no mundo.

– O que aconteceu com minha mãe? – Justin perguntou com lágrimas nas bochechas.

– Eu não posso te dizer muito –, respondeu Max duramente. – Eu me casei com sua mãe porque a amava. Mas nosso casamento logo foi estragado, e logo depois que você nasceu entendi que Corinne estava tendo um caso com outro homem.

– Com quem? – Justin queria saber.

– Isso não é importante...

– Etienne Sagesse?

– Sim – Por quê? – Philippe perguntou de alguns metros de distância. – O que poderia ter levado ela a fazer isso?

– Eu acho que ela pensou que tinha se apaixonado por ele – respondeu Max, mantendo a calma. Só Lysette sabia o quão imenso foi o esforço que ele teve de fazer para falar sobre o passado. – Não consegui deixar Corinne feliz. Isso, em parte, levou-a a procurar outro homem.

– Você não tem que tentar desculpá-la–, disse Justin. – Estou feliz que esteja morta.

– Não, Justin. Tenha pena dela, mas não a odeie.

– Etienne Sagesse matou-a? – o menino perguntou.

– Não, eu não acho que ele fez isso.

– Então foi você? – Justin perguntou, sua voz tremendo.

– Não–, disse Max, com óbvia dificuldade. – Eu a encontrei morta. Não sei o que aconteceu com ela.

– Mas você deveria saber! – Justin exclamou com uma mistura de raiva e descrença. – Você tem que saber.

– Eu gostaria de saber–, disse Max. – E se existe, algo que desejo acima de tudo é que você não tivesse crescido sob a sombra de tudo isso. Eu faria qualquer coisa para mudar isso, Justin. Sua felicidade é o que mais importa para mim no mundo.

Justin fechou os olhos e descansou a cabeça no travesseiro.

– Você não suspeita de alguém? Existe alguém que queria vê-la morta?

– Anos atrás eu falei com Etienne Sagesse, pensando que ele poderia estar em posição de revelar algo para mim.

– E?

– Acha que eu matei Corinne por ciúme.

– Você deveria ter matado Sagesse naquele duelo–, disse Justin.

– Olhe para mim. – Max esperou silenciosamente que Justin o olhasse e continuou: – Você deve ter muito cuidado ao escolher seus combates. Eu prefiro ter você como um covarde do que aceitar o desafio de qualquer menino mimado. Quanto mais temível a sua reputação, mais tentarão te provocar, e quanto mais você usar sua espada, mais você terá que usá-la. Eu não quero isso para você ou para o seu irmão. Você significa muito para mim, Justin. Da próxima vez você tem que se virar e sair... por mim. Por favor.

Justin engoliu em seco e sentou-se na cama, inclinando-se para Max.

– *Je t'aime, mon père* –, disse ele em voz embargada.

Max colocou os braços ao redor dele, tomando cuidado para não machucá-lo, e bagunçou seu cabelo enquanto falava em um suave murmúrio. Lysette notou que Philippe estava dando um passo hesitante para frente, e então parou ao perceber que esse momento pertencia exclusivamente a Justin e seu pai. Quão generoso Philippe sabia ser, pensou, e estendeu a mão para ele. O garoto olhou para ela quando sentiu os dedos de Lysette em volta de sua mão, e a tensão desapareceu de seu rosto quando ela se esticou para beijar sua bochecha.

Depois de alcançar todos os objetivos estabelecidos em Nova Orleans, Aaron Burr retornou a San Luis para conspirar com o General Wilkinson. Ele começou a viagem por terra, indo em direção a Natchez, com cavalos fornecidos por Daniel Clark, o comerciante mais influente e respeitado em todo o território. A visita de Burr ao Oeste foi coroada de sucesso. Se tudo corresse de acordo com seus cálculos, não seria difícil para ele incitar a população contra os espanhóis a fim de tomar o México e o oeste da Flórida.

Burr tinha certeza que tinha conseguido esconder dos altos dignitários espanhóis e, especialmente, Irujo, quais eram as suas verdadeiras intenções, e que tinha conseguido convencê-los de que não tinha interesse pelas suas terras. Em menos de um ano, raciocinou Burr, ele seria capaz de organizar uma expedição e realizar todas as suas ambições. E todos aqueles que tentaram impedir seus planos - Maximilien Vallerand, por exemplo - suplicariam para ficar do seu lado.

O mensageiro partiu da residência de Don Carlos, o Marquês de Irujo, no início da manhã. Enquanto ia para o sul sem se apressar em deixar a cidade, ele foi subitamente forçado a puxar as rédeas de sua montaria. Dois soldados armados com pistolas vieram até ele. Pálido de medo, o mensageiro começou a balbuciar em espanhol. Claro que eles pretendiam roubar, disse que não tinha dinheiro nem nada para oferecer. Um dos assaltantes, um homem muito corpulento com cabelos escuros, disselhe para desmontar com um gesto de mão.

– Dê-me as cartas que você está carregando–, disse o homem de cabelos escuros, cujo espanhol era um pouco áspero, mas compreensível. – N... eu não posso–, gaguejou o mensageiro, sacudindo a cabeça. – Elas são privadas, altamente confidenciais. Eu tenho... eu empenhei minha vida à missão de entregá-las sem...

– Sua vida é precisamente o que está em jogo–, interrompeu o homem. –Se você quiser mantê-la, me dê as cartas.

O mensageiro vasculhou o forro de sua jaqueta e tirou meia dúzia de cartas, todas com o selo oficial usado por Irujo. Então ele enxugou a testa suada com a manga enquanto o homem de cabelos escuros as examinava rapidamente. Uma delas pareceu despertar seu interesse, e ele a manteve enquanto devolvia as outras.

Max olhou para Jacques Clement com um meio sorriso irônico nos lábios.

– É dirigido a um comissário de fronteira espanhol que, por razões que não são explicadas, permaneceu em Nova Orleans.

– Talvez ele goste da cidade–, Clement observou timidamente.

Max abriu a carta, ignorando o fraco grito de protesto do mensageiro. Seu sorriso desapareceu rapidamente quando ele leu. Então olhou para Clement com um olhar de satisfação em seus olhos.

– Eu amo como os dignitários se despedem de um amigo, desejando-lhe o melhor futuro possível para logo em seguida (e sempre com a maior cortesia) apunhalá-lo pelas costas.

Sem entender o que eles estavam falando, o mensageiro os observou com preocupação, até que finalmente se atreveu a exclamar.

– Senhor, eu não posso entregar a carta com o selo quebrado! O que vou fazer? O que...

– Você não vai entregar esta carta –, interrompeu Max, – porque vou mantê-la.

O mensageiro respondeu a essa afirmação com uma torrente de palavras em espanhol. Ele falou rápido demais para Max seguir, mas estava claro que ele se sentia muito infeliz.

– Provavelmente irá para a prisão quando for descoberto –, disse Jacques. – Eles não vão te perdoar por permitir que a carta seja roubada.

Max jogou uma sacolinha ao mensageiro, que interrompeu sua ladainha por tempo suficiente para segurá-la no ar. A bolsa caiu em sua palma com um tinido metálico alto.

– Há dinheiro suficiente para fazer você desaparecer e viver confortavelmente por muito tempo.

Outro discurso rápido seguiu o primeiro. Max olhou para Jacques, cujo comando do espanhol era maior que o dele.

– O que está dizendo?

– Ele precisa de mais, para sua esposa e filhos.

Max deu um sorriso sarcástico.

– Dê a ele o que você tem—, disse ele a Jacques. – Eu vou te reembolsar mais tarde.

– Essa carta vale tanto assim? – Clement perguntou incrédulo.

Max a guardou com grande satisfação no bolso da jaqueta.

– Eu acho que sim.

Max desfrutou do choque que Claiborne mostrava enquanto lia a carta várias vezes.

– Os espanhóis sabem que temos isso? – o governador finalmente perguntou. Max encolheu os ombros.

– Se eles sabem disso ou não, não é importante. Isso não alterará seus planos.

– Esta é uma ótima notícia—, disse Claiborne devagar. – Eles não apenas não confiam em Burr, como também criam sérios problemas para ele. Se o que esta carta diz é verdade, ela irá desacreditá-lo completamente! – Voltou a ler a carta.

– E os bastardos são tão espertos que estão usando um americano para fazer isso! Você conheceu Stephen Nlinor?

– Eu tive um breve encontro com ele.

– Sabia antes de ler essa carta que trabalhava para os espanhóis?

– Não. – Max sorriu com indiferença. – Mas também não se pode esperar de mim que tenha localizado todos os americanos que estão a mando dos espanhóis.

– Crioulo insolente – Claiborne respondeu com um sorriso de orelha a orelha. – Você está insinuando que pode comprar americanos facilmente?

– Parece que é assim, senhor.

Claiborne reprimiu seu júbilo e assumiu uma expressão mais apropriada a um estadista.

– Por enquanto, tudo o que temos a fazer é esperar. Se esta informação estiver correta, Minor espalhará pelo território rumores de que Burr planeja separar o Oeste do resto da nação, uni-lo com certas possessões espanholas e depois reivindicá-lo como seu próprio império. Isso deveria ser suficiente para todo o país levantar-se em armas daqui até o nordeste.

– Os rumores devem chegar a San Luis ao mesmo tempo em que Burr –, concordou Max.

– Daria uma fortuna para ver a cara que o General Wilkinson vai ficar. Não deve demorar muito para cortar qualquer tipo de relação com Burr.

Max se levantou e estendeu a mão.

– Agora tenho que ir. Se você precisar de mim para outra coisa...

– Sim Sim. – Claiborne levantou-se e lhe apertou a mão, apertando-a com mais calor do que o habitual. – Vallerand, hoje mostrou sua lealdade.

Max levantou uma sobrancelha.

– Alguém duvidou dela?

– Me perguntava o que havia omitido quando descreveu seu encontro com Burr–, admitiu Claiborne. – O coronel é um homem muito persuasivo. Ele poderia ter compartilhado parte de sua glória se você ficasse ao seu lado.

– Não sinto nenhum desejo de alcançar a glória. Eu só quero manter o que é meu –, disse Max, muito a sério. – Bom dia excelência.

Em uma decisão totalmente inesperada de sua parte, Max disse a Justin para supervisionar a destruição da casa do antigo encarregado. A notícia foi muito agradável para Lysette, que imediatamente entendeu o seu significado. O passado começava a perder o poder terrível que exercia sobre Max e seus filhos. Justin estava muito orgulhoso de que essa responsabilidade lhe fora confiada e ele organizou um esquadrão de trabalhadores para ajudá-lo a quebrar a estrutura precária e queimar os escombros. Philippe preferiu se aplicar em seus estudos, sentindo-se feliz em seu mundo de livros.

Lysette, por sua vez, teve que enfrentar desafios de natureza diferente. Embora ela e Irénée professassem uma grande apreciação mútua, restavam os inevitáveis pontos de desacordo entre uma nora e sua sogra. Irénée se mantinha fiel às antigas tradições crioulas, enquanto Lysette era uma forte defensora das mudanças que começavam a aparecer em sua pequena sociedade. Irénée nunca se sentira mais horrorizada do que a primeira vez em que Lysette convidou algumas das jovens matronas americanas em Nova Orleans para visitar sua fazenda.

– São mulheres amáveis e têm boas maneiras–, dissera Lysette docemente.

– São americanas! O que meus amigos vão pensar quando descobrirem isso?

– Agora os americanos são tão parte de Nova Orleans quanto os crioulos. Nós compartilhamos muitas preocupações.

Irénée olhou para ela escandalizada.

– A próxima coisa que você vai dizer é que parece perfeitamente aceitável que os crioulos se casem com os americanos.

– Oh, isso nunca–, disse Lysette.

Irénée estreitou os olhos e olhou para ela com desconfiança. – Maximilien está ciente disso?

Lysette sorriu, sabendo que a velha senhora estava planejando ir atrás de Max.

– Eu aprovo com todo o meu coração, mamãe.

Irénée soltou um suspiro de nojo e jurou em silêncio que iria discutir o assunto com o filho naquela mesma noite.

Mas Max não prestou atenção às queixas de Irénée, e disse que não via que prejuízo isso lhes causaria se Lysette fizesse amizade com algumas americanas.

Irénée também estava muito preocupada com a maneira como Max concordava com todos os caprichos de Lysette, encorajando-a a falar francamente sobre tudo e fazendo confissões sobre assuntos mundanos que os cavalheiros crioulos nunca mencionavam para suas esposas. O que era ainda pior, Max parecia esperar que toda a família prestasse atenção às opiniões de Lysette.

Não muito tempo atrás, ninguém teria acreditado que qualquer mulher conseguiria manejar com tal habilidade o temível capitão da família da plantação Vallerand. O fato de que uma jovem desprovida de experiência e com um aspecto que não era nada excepcional era capaz de tal feito era simplesmente incrível.

Apanhada entre o prazer que sentia pela óbvia felicidade de seu filho e a inquietação que inspirava os modos não convencionais de Lysette, Irénée estava discutindo o problema consigo mesma por um tempo até decidir falar com Max em particular.

– Se Lysette fosse uma menina –, ela disse, – eu consideraria que a estão mimando. Você a encoraja a acreditar que ela pode dizer, fazer ou ter o que ela quer.

– Mas ela pode–, disse ele sem perder a calma.

– Lysette acha que está autorizada a perturbar qualquer pessoa com quem discorde, independentemente da idade ou autoridade dessa pessoa. Uma jovem matrona crioula nunca sonharia em dizer a um homem o que fazer. Esta mesma manhã, Lysette estava tentando impor suas opiniões ao pobre Bernard, dizendo-lhe que ele deveria trabalhar mais e beber menos!

Isso fez Max rir.

– Nesse caso, receio que Lysette estivesse apenas repetindo minha opinião. E você já sabe que eu concordo com ela.

– Não é onde eu quero chegar!

– E aonde você quer chegar, mamãe?

– Por falta de uma expressão melhor, eu vou dizer que você tem quem impor limites a Lysette, Max. Tanto por ela como por todos os outros. O fato de poder desfrutar dessa liberdade não é bom para ela.

Max lançou-lhe um olhar cheio de perplexidade, como se Irénée não entendesse algo que deveria ser óbvio. – Impor limites? Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que Lysette se sinta tão confiante quanto puder. Deveria temer-me, e ainda assim, ela tem a coragem de me enfrentar de igual para igual. Eu não mereço tal presente do céu, e Deus sabe que cometeria uma estupidez se eu tentasse prescindir disso. Antes corto meu pescoço do que pedir a Lysette que se curve às regras de nossa sociedade insignificante.

– Você parece esquecer, Maximilien, que sua família e todos os seus amigos fazem parte dessa sociedade que você chama de insignificante!

– Uma sociedade que faz dez anos me expulsou de seu seio. – Ele parou ao ver a expressão de Irénée. – Já não culpo mais ninguém disso. Mas você não pode negar que a sombra desse assunto recai sobre todas as pessoas que importam para mim, inclusive Lysette. Especialmente sobre ela.

– Não diga bobagens! – exclamou Irénée. – Você tem muitos amigos.

– Relações comerciais, você quer dizer. Jacques Clement é o único homem em toda Nova Orleans que se considera um amigo meu por outras razões que não a quantidade de dinheiro que posso ganhar. Você mesmo viu como todo mundo muda de lado na rua para não precisar admitir que estou lá.

– As pessoas vêm aqui para visitar...

– É a você a quem vem visitar, não a mim.

– Você é convidado para eventos sociais...

– Sim, e esses convites são enviados por parentes por interesse ou por aqueles que acreditam que devem isso à memória de meu pai. Quando assisto a esses eventos sociais, me vejo rodeado por sorrisos congelados e conversas ensaiadas. Você sabe que, se não fosse um Vallerand, já há muito tempo que teria me visto forçado a deixar Nova Orleans. Aqui os fofoqueiros permanecem como um veneno de ação lenta. E agora Lysette terá que sofrer por um passado com o qual ela não teve nada a ver.

Max ficou em silêncio por um momento, sabendo que sua mãe não conseguia entender completamente o medo que perfurava seu coração toda vez que ele pensava sobre isso. O ódio e a suspeita das pessoas que antes haviam sido dirigidos apenas a ele, poderiam se voltar contra sua esposa. Havia a possibilidade de que no futuro Lysette teria que enfrentar muitos desprezos só

porque tinha tomado seu sobrenome.

– Para Lysette, não é fácil ser minha esposa, embora nunca tenha chegado a pronunciar uma única palavra de reclamação.

– Max, acho que você exagera a dificuldade...

– Exagerar? Não, em todo caso, o que estou fazendo é subestimá-la.

– Precisa controlar a indisciplina de Lysette o mais rápido possível, ou ela logo ficará ingovernável–, advertiu Irénée. – Você não quer que se torne como Corinne, certo?

Foi quando Max perdeu a cabeça e respondeu com tamanha veemência que Irénée não se dirigiu a ele durante dias. Finalmente, Irénée entendeu que não podia mais influenciar Max como fizera no passado. Ele nunca tomaria partido de ninguém contra Lysette. E o resto da família foi forçado a aceitar o fato de que, se alguém ousasse criticar Lysette, ela definitivamente enfrentaria a ira de Max.

Frustrada pelo modo como Max se comportara durante uma das tardes dominicais dos Vallerands, Lysette decidiu repreendê-lo em particular. Max fora tão rude com um convidado que acompanhava um de seus primos, o qual não se incomodou em tentar esconder a hostilidade que sentia em relação ao governador Claiborne e aos americanos. Embora Lysette soubesse que tais observações obrigariam Max a escalar as paredes, ela lançou um olhar suplicante na esperança de que ele segurasse a língua.

Ignorando seu apelo silencioso, Max respondera com tamanha dureza que a reunião social tornou-se muito desagradável para todos. Normalmente, nas noites crioulas, havia música, conversas e um pouco de dança, todas seguidas de bebidas servidas às onze horas da noite, e os assistentes saíam por volta da meia-noite. Esta noite terminou às onze horas, quando os refrescos nem sequer tinham sido servidos.

Cheia de resolução, Lysette foi até a biblioteca, onde o marido havia encontrado Bernard para um drinque depois que os convidados saíram. Max se virou para ela sem dar tempo para dizer qualquer coisa e a olhou sem revelar a menor surpresa.

– Estou de muito mau humor–, avisou.

– Eu também–, ela apenas retrucou.

Bernardo entendeu que uma tempestade se aproximava e deixou a taça.

– Estou exausto –, disse, sem saber que cara colocar. – Boa noite.

Nenhum deles notou sua partida.

– Não havia necessidade de ser tão desagradável com *Monsieur* Gregoire só porque ele fez algumas observações sobre o governador—, disse Lysette, com desgosto. – Eu ouvi você dizer coisas muito piores sobre Claiborne!

– Quando critico Claiborne, pelo menos sei do que estou falando. Gregoire é um idiota.

– Sua opinião não é a única correta, Max. E um homem não é um idiota só porque ele discorda de você.

– Nesse caso, sim—, disse Max, teimoso.

Embora estivesse muito chateada, Lysette não pôde deixar de achar aquela réplica engraçada, e se apressou a apertar os lábios para esconder sua diversão. Decidiu tentar a sorte com outro argumento.

– Ser um bom anfitrião consiste, em parte, em ignorar as tolices de um hóspede para que outros possam aproveitar a noite.

– Quem ditou essa regra? – ele perguntou, arqueando uma sobrancelha.

– Eu.

Max deu-lhe o olhar mais severo de que era capaz. – Eu sou o chefe da família e posso fazer ou dizer o que quero.

Sem se deixar impressionar por aquela exibição de autoridade, Lysette colocou as mãos nos quadris.

– Isso não foi nada mal—, disse secamente. – Mas você terá que encontrar outra maneira de vencer esta discussão.

Max se levantou de seu assento; Parecia ainda mais alto e mais imponente do que o habitual em seu traje de noite, as pernas musculosas realçadas pelas calças cinza justas e os ombros largos claramente definidos por sua jaqueta preta.

– Você está desafiando minha autoridade?

Lysette estava ciente de uma mudança repentina na atmosfera, o desafio entre eles se tornando sexual de alguma forma indefinível. Seu coração começou a bater, e ela sentiu uma torrente de desejo percorrer seu corpo enquanto ela e Max se abraçavam.

– E o que acontece se eu estiver fazendo isso? – perguntou, em um tom ainda mais suave que o dele. Reconhecendo o desencadeamento da alegria predatória que apareceu nos olhos de Max, tomou uma rota estratégica para a mesa redonda de mogno que ocupava o centro da biblioteca, mantendo-a entre eles.

Max a seguiu sem se apressar.

– Então, como marido crioulo e chefe desta família, terei que deixar claro

para você quem dita as regras... e quem as cumpre.

Lysette sorriu provocativamente enquanto ambos circulavam a mesa.

– *Mon mari...* a verdade é que você é realmente adorável, no seu jeito dominador e arrogante.

– Bom–, ele repetiu com uma voz pensativa, sem abandonar sua lenta busca.

– Eu não acho que alguém já tenha me chamado assim antes.

– É porque ninguém mais sabe como lidar com você.

Ele reprimiu o riso e disse: – Mas você sabe como fazer isso, certo?

– Claro.

A chama do desejo que queimava no olhar de Max e a crescente excitação que tomou posse de seu corpo não podiam ser mais claras.

– *Ma femme*, você precisa aprender uma lição–, ele murmurou, seu tom tão deliciosamente ameaçador que Lysette sentiu seus mamilos endurecerem em resposta a essas palavras. O olhar de Max desceu até os painéis de seda de seu corpete, e ele notou os inconfundíveis picos que acabavam de subir sob o brilho do tecido. – Ore para que eu não te pegue antes que você chegue a essa porta.

Lysette descansou as palmas das mãos sobre a mesa brilhante entre elas, inclinou-se para Max e olhou para ele.

– A lição a qual você está se referindo será, talvez, que mesmo quando você parecer arrogante, rude e insoportável, eu tenho de resignar-me, porque você é o marido e isso te faz onipotente?

Um lampejo de malícia brilhou em seus olhos. – Sim, é isso.

– Eu não penso assim, *mon mari*. Dado que sou mais rápida que você, eu sairei por aquela porta e subirei ao meu quarto sem que você consiga me capturar. Quando você finalmente chegar à minha porta, a encontrará trancada. E então você pode passar o resto do tempo, ou seja, à noite fazendo companhia a si mesmo. Isso lhe dará um pouco de tempo para meditar sobre o quanto você esteve bebendo durante o jantar.

– Tente–, ele a convidou com um sorriso.

Lysette caminhou em direção à porta. No entanto, não contava que a saia de seu vestido iria impedi-la ou que Max tinha as pernas muito mais longas que as suas. Apesar da vantagem inicial de Lysette, ele chegou à porta da biblioteca no mesmo instante em que ela, e a fechou para evitar que ela fugisse. Com uma risada, Lysette deixou Max virá-la e abraçá-la.

– Não foi justo–, disse, sentindo que não estava respirando. – Eu uso saias.

– Logo vai deixar de usá-las–, Max ofegou, então a beijou na boca. Lysette

colocou as mãos atrás da cabeça e pediu-lhe para beijá-la com mais paixão, sentindo como seus lábios se abriam amoldando-se aos dele. O peso de Max a pressionava contra a porta e gemeu ao sentir a excitante forma de seu corpo contra o seu, a dureza do peito e estômago, e do rígido promontório masculino que podia ser sentido através das várias camadas de tecido de seu vestido. Beijando-a avidamente, Max alcançou a porta com a mão e girou a chave na fechadura. Então suas mãos se fecharam sobre as nádegas de Lysette para levantá-la um pouco mais alto e deixá-la ainda mais apertada contra seus quadris. Lysette queria devorá-lo, mordê-lo, lambê-lo, beijá-lo, levá-lo completamente para dentro dela. Ele pertencia a ela, e isso incluía cada centímetro extra de seu corpo.

A boca de Max se liberou da sua, e levou-a para a mesa como um predador que arrasta sua presa vencida. Lysette emergiu da abrasadora névoa de desejo o tempo suficiente para ofegar: – Aqui não. Alguém vai nos interromper.

Max levantou-a e sentou-a na mesa, levantando as suas saias.

– A porta está trancada.

– Ainda assim vão saber–, protestou Lysette, tentando afastar aquelas mãos que estavam tão ocupadas com ela. Muito excitado para que isso pudesse incomodá-lo, Max encontrou as fitas de suas ligas e acariciou suas coxas nuas. Sentir aqueles dedos calejados em sua delicada pele fez que Lysette estremecesse de prazer, e suas coxas se separaram, apesar de toda a sua firme decisão de negar o que ele queria tanto.

– Max, vamos subir – choramingou, sentindo os dedos dele tocarem as mecha de cabelo castanho que separavam os cachos molhados.

– Eu não posso esperar, – ele murmurou, acariciando o broto suavemente escorregadio que em seguida inchou sob seu contato delicado. A ponta do dedo começou a se mover sobre o pequeno broto rosa e Lysette se retorcia com um desespero repentino. Colocando as mãos sobre a jaqueta de Max, arranhou freneticamente sua camisa em um súbito anseio de tocar sua cálida pele masculina.

A boca de Max capturou a dela em outro beijo apaixonado, enquanto usava o pé para puxar uma cadeira perto dele. Max conduziu Lysette até a beirada da mesa, sentou-se na cadeira e enterrou a boca nas delicadas dobras do sexo de Lysette, fazendo com que sua língua buscasse avidamente seu sabor íntimo. Ela mordeu o lábio para reprimir um grito involuntário enquanto seu corpo se curvava para cima para se afundar no calor devastador da boca de Max. Incapaz de aguentar mais, correu os dedos pelos grossos fios negros dos cabelos dele e

engasgou com a sensação de sentir que deslizava sua língua dentro dela.

– Max? Você está aí? Por que está trancado?

A voz abafada de Alexandre chegou até eles pela porta, e o trinco vibrou com um estalo metálico. Lysette ficou imóvel e lançou um olhar horrorizado para a porta. Quando ficou claro que Max não tinha intenção de responder, forçou-o a levantar a cabeça, puxando-lhe o cabelo.

Embora a respiração de Max tivesse se tornado tão rápida quanto a dela, a voz com a qual ele respondeu ao irmão parecia bastante normal.

– Vá embora Alex.

– Eu quero tomar uma bebida.

Max deslizou dois dedos no canal mais íntimo do corpo de Lysette, que instantaneamente ficou ruborizada.

– Vá buscar seu licor lá na cozinha–, ele disse secamente para seu irmão.

– Mas meu conhaque especial está aí–, reclamou Alexandre. – Se você me deixar entrar mesmo que seja só um momento, eu vou pegar e sair...

– Alex, minha esposa e eu estamos tendo uma disputa. De um momento para o outro ela vai começar a jogar coisas em mim. – Os longos dedos de Max se moveram lentamente, fazendo Lysette suspirar de prazer. – Você não quer estar na linha de fogo, acredite em mim. – Ele abaixou a cabeça e passou a língua sobre o pico rosado do sexo de Lysette em uma série de lambidas que correspondiam aos movimentos de seus dedos. Lysette cobriu a boca com a mão para silenciar seus gemidos. O ritmo de Max acelerou; Sua boca era exigente e cheia de ternura, seus dedos penetrando profundamente em seu sexo.

Lysette mal ouviu as últimas palavras de Alex. – Lysette, se você está discutindo com meu irmão sobre as observações que ele fez para Gregoire durante o jantar, eu estou completamente do seu lado.

– Obr... obrigada–, ela gaguejou.

– *Bon soir*–, disse ele tristemente, e saiu.

Max acrescentou um terceiro dedo aos dois que já estavam dentro de Lysette, e começou a chupar sua carne dolorida com movimentos rápidos e delicados. Lysette soluçou quando um clímax a atravessou, cegador, escuro e ardentemente doce, pulsando dentro de seu corpo em uma sucessão de ondas incontrolláveis. Enquanto ela estremecia sob os últimos suspiros de prazer, Max a colocou sobre a mesa, mantendo as pernas estendidas em seus quadris. Seus olhos pareciam queimar e seu rosto brilhava com a transpiração. Ele entrou nela muito lentamente, delicadamente cortejando sua carne túrgida e avançando até que

Lysette tinha engolido o último centímetro de sua masculinidade. Então agarrou seus quadris nus e a manipulou com um ritmo que a obrigou a mover-se para frente e para trás sobre a mesa, que fez seu vestido de seda deslizar graciosamente na madeira reluzente. Lysette nunca teria acreditado que tal coisa fosse possível, mas o prazer cresceu dentro dela novamente, aumentando a cada novo ataque de seu membro endurecido. Ela convulsionou em um segundo clímax, e Max seguiu-a com um gemido estrangulado, enquanto seu robusto corpo estremecia sobre ela.

Lysette gradualmente recuperou seus sentidos, encontrando-se presa entre a mesa dura e o peso de sua cabeça em seu peito. O peito de Max subia e descia em uma série rápida de inspirações que ela sentia como um leve formigamento em seu mamilo. Completamente exausta e com o corpo cheio de deliciosas sensações, levantou a mão para acariciar o cabelo dele.

– Quem ganhou a vitória na discussão? – perguntou languidamente.

Ela sentiu Max sorrir em seu peito.

– Ah, sim, a discussão. – Esfregando a pele avermelhada com os lábios, ele deslizou a língua lentamente de uma sarda dourada para outra. – O que você acha se declarássemos que a coisa terminou empatada?

Com um ronronar de aprovação, Lysette passou os braços em volta do pescoço dele.

Às vezes Max era um homem com quem era difícil viver, mas Lysette não duvidou nem por um momento de que ela era capaz de estar a sua altura. Seu marido havia se tornado tudo para ela: amigo, amante, protetor, uma fonte de excitação, um santuário para se sentir segura. Havia momentos em que Lysette tinha a sensação de que os braços de Max eram o único lugar no mundo onde ela estaria segura. E havia outras ocasiões em que Max dissipava qualquer ilusão de segurança. Poderia ser diabólicamente paciente, dedicando horas para levá-la até um estado de loucura... ou ele poderia ser cruel e selvagem, fazendo com que todos os seus nervos ardessem em chamas a consumindo em deflagração.

Para deleite de Lysette, Max não hesitou em levá-la com ele para todos os lados, mesmo quando estava trabalhando. Interessada por seu negócio de transporte, Lysette frequentemente acompanhava—o até o cais em Nova Orleans, onde havia tantas barcas e navios que se podia percorrer um quilômetro completo através de seus decks. Quando algum dos navios de Vallerand que se dedicavam ao comércio marítimo chegava ao porto carregado com mercadorias procedentes da Europa e dos trópicos, Lysette subia a bordo

com o marido enquanto a carga era inspecionada e descarregada.

Max deixou Lysette aos cuidados de um oficial enquanto descia às caves com o capitão para examinar as mercadorias que tinham sido danificadas pela água durante a travessia. Enquanto estava ao lado da fragata, observando enquanto a tripulação de uma barça próxima descarregava as caixas e suprimentos de uma companhia de teatro, muitos dos tripulantes da fragata tinham corrido ao seu redor, acompanhando-a a uma distância respeitosa. Desgrenhada e de aparência duvidosa, a tripulação usava roupas muito soltas de aparência bastante estranha e usava camisas presas por pequenos pinos de madeira inseridos nos ilhós. A parte superior de seus sapatos havia sido cortada, deixando apenas dois ou três buracos para os atacadores.

– Não tenha medo, minha senhora–, disse o primeiro oficial. – Eles só querem olhá-la.

– Para que?

– Ah, logo fará um mês que não vê uma mulher.

Lysette deu-lhes um sorriso hesitante que arrancou um murmúrio apreciativo da tripulação. Enquanto apontava seus pés, Lysette perguntou em Inglês o que tinha acontecido aos seus sapatos porque a parte de cima tinha sido cortada e os buracos para os cordões foram costuradas.

– Eles são nossos chinelos–, explicou um dos marinheiros. – Quando o contramestre grita para nós subirmos ao cordame, não temos tempo para amarrar nossos cadarços.

Intrigada, Lysette fez mais algumas perguntas, e então eles começaram a competir entre si para ganhar a sua atenção, cantando canções de marinheiros em um tom muito alto, mostrando-lhe o punho de ferro e fazendo as pessoas rirem assegurando que ela era uma sereia que tinha subido a fragata durante sua viagem.

Quando saiu dos porões do navio, Max parou quando viu sua esposa sorrindo entre os gracejos dos marinheiros. Uma brisa ligava o tecido amarelo de seu vestido à forma esbelta de seu corpo, enquanto seu cabelo brilhava com a cor das chamas contra o azul intenso do céu. Um súbito orgulho possessivo tomou conta dele.

– Bem, bem–, disse o capitão Tierney, parando ao lado de Max para admirar a imagem. – Você me dá licença, Sr. Vallerand, mas não invejo um homem que tem uma esposa tão linda. Se fosse minha, eu a manteria trancada onde ninguém pudesse vê-la.

– A idéia é tentadora—, disse Max, e riu. – Mas eu prefiro tê-la comigo.

– Eu posso entender o porquê—, disse Tierney fervorosamente.

Quando Max descobriu o quanto Lysette gostava de teatro, ele começou a levá-la para St. Pierre, onde as personalidades mais ilustres da comunidade se reuniam as terças e sábados para apreciar música, teatro e ópera. Durante os intervalos, as pessoas circulavam pelo teatro para fazer um pouco de vida social e trocar fofocas.

Muitos casais gradualmente adquiriram o costume de passar pelo camarote dos Vallerands e conversar com eles por um tempo, pois era notório que desde o seu matrimônio Maximilien tinha experimentado uma mudança acentuada em seu caráter. Embora ainda mostrasse uma certa reserva, agora ele se comportava de uma maneira muito mais afável e relaxada, e lembrava muito o jovem encantador que havia sido nos anos antes de seu casamento com Corinne Quérand. Os velhos rumores estavam perdendo uma parte de seu poder, já que crioulos e americanos viam que a nova esposa de Maximilien não tinha medo dele. Talvez, se sussurrava, Maximilien não era um demônio afinal. Nenhum homem que estivesse tão preocupado com sua esposa poderia ser de todo ruim.

– *Maman*, – Lysette disse suavemente, colocando a mão no ombro de Irénée enquanto estava debruçada sobre o trabalho de costura na sala de estar, – Eu tenho que te perguntar uma coisa.

– Sim – Você se oporia se eu desse uma olhada nas coisas que estão guardadas no sótão?

Irénée permaneceu com a cabeça inclinada sobre o trabalho, mas seus dedos pararam de se mover. Ficou claro que ela se sentia desconfortável.

– Por que você quer fazer isso?

Lysette encolheu os ombros gentilmente.

– Por nenhuma razão em particular. Justin mencionou que há algumas coisas que podem interessá-lo: retratos e roupas, brinquedos antigos. Um dia desses, talvez haja necessidade de ajustar o berçário e...

– O quarto das crianças? – Irénée repetiu, tornando-se alerta. – Você suspeita que possa estar grávida, Lysette?

– Não.

– É incompreensível—, murmurou Irénée. A princípio, o desejo voraz que o filho sentia pela nova esposa parecia divertido, mas agora estava começando a achar que era vagamente inexplicável. Com satisfação, Noeline atribuiu isso aos amuletos de vodu que ela havia escondido sob o travesseiro de Lysette durante as

primeiras semanas de seu casamento.

Lysette sorriu distraidamente.

– Agora que eu já falei sobre isso, vou colocar um avental e ver o que posso encontrar lá em cima.

– Espere—, disse Irénée, com um tom afiado na voz que Lysette nunca tinha ouvido. – Você vai até lá para pesquisar as coisas dela, certo?

– Sim—, admitiu Lysette, sem que seus olhos azuis piscassem uma única vez.

– O que você espera encontrar?

– Não sei. Mas não vejo o mal que possa causar a alguém que olhe dentro de algumas caixas e malas velhas.

– Max sabe?

– Ainda não. Eu vou lhe dizer hoje à noite, quando ele voltar para casa.

Irénée guardou para si o conselho de esperar e consultar Max. Ela esperava que ele ficasse furioso quando Lysette dissesse a ele o que tinha feito. Talvez então ele a colocasse no seu lugar de uma vez e Lysette parasse de agir ao seu capricho. Max precisava perceber que estava permitindo que ela desfrutasse de muita liberdade.

– Muito bem—, disse suavemente. – Peça as chaves dos baús a Noeline.

Lysette e Justin subiram ao sótão e abriram um espaço entre as pilhas de lixo velho. No canto havia um conjunto de lâmpadas de latão e uma baioneta antiga. Atrás dos baús havia uma cama desmontada, um berço e uma banheira de madeira.

Lysette espirrou repetidamente e depois acenou com a mão para dissipar a nuvem de poeira que ela havia produzido enquanto lutava com a enorme tampa de um baú. Quando finalmente continuou a abri-lo, suas dobradiças se encheram de rangidos farfalhantes. Houve um barulho de protesto de Justin, que estava tentando virar uma chave na fechadura de outro baú próximo.

– *Sande de Dieu*, não faça isso de novo—, exclamou o menino. – Eu odeio esse som. É pior que as unhas arranhando uma lousa!

– Eu não sabia que você tinha nervos tão frágeis, Justin. – Lysette riu ao tirar uma manta dobrada do baú, bordada com um suntuoso motivo rococó feito de delicadas trepadeiras, flores e pergaminhos. Milhares de pequenos pontos e trabalho meticuloso de costura contribuíram para sua textura requintada. – O que Philippe disse quando lhe contou que estávamos fazendo – perguntou.

– Se alegrou de que eu estivesse contigo. Alguém tem que te proteger se o fantasma de *mamá* sair de repente de um dos baús.

Lysette franziu a testa. – Justin não diga essas coisas!

Ele sorriu.

– Tem medo?

– Eu vou ter se continuar falando sobre fantasmas! – sorriu com tristeza. Os grãos de poeira dançavam no feixe de luz que entrava pela janela do sótão. – Justin, vai ficar nervoso que eu olhe essas coisas?

– Não, estou tão curioso quanto você. Você espera encontrar alguma pista sobre quem poderia tê-la matado, *n'est ce pas?* Bem, você fará melhor com a minha ajuda. Eu poderia encontrar algo que você...

O garoto parou de falar e olhou para a colcha que Lysette estava segurando.

– Eu me lembro disso! – Ele disse, abrindo os olhos arregalados.

Lysette olhou para a colcha e passou a mão pelo intrincado bordado.

– De verdade?

– Estava na cama de *maman*. Deveria haver uma mancha em uma das bordas. Uma vez subi de um salto em sua cama e a fiz derramar café. – Uma expressão distante apareceu em seu rosto –. Ficou muito irritada. *Dieu*, tinha um temperamento forte.

– Tinha medo dela?

Justin contemplou a colcha com expressão meditativa. – As vezes era doce e delicada. Mas quando tinha um de seus arranques de fúria... *oui*, então eu ficava com medo. É estranho amar muito alguém e ao mesmo tempo temer que possa te matar.

– Justin, não tem por que estar aqui em cima comigo. Se te traz lembranças tristes...

– Foi estranho, o modo como aconteceu–, continuou ele distraidamente. – Um dia, mamãe estava lá e no dia seguinte se foi. Sem deixar o menor vestígio. Nosso pai garantiu que todos os vestígios dela desaparecessem. *Grand-mère* me disse que ela tinha ido fazer uma longa viagem. Então nosso pai ficou fora de casa por vários dias. Quando ele voltou, não parecia o mesmo. Tornou-se frio e duro... como o retrato do diabo em um dos meus livros. Parecia tanto que eu achava que ele realmente era o diabo. Pensei que ele tivesse levado mamãe.

Pensar no quão terrível haviam sido aqueles dias para Max e seus filhos encheu Lysette de pena. Deixou de lado a colcha e voltou a rebuscar dentro do baú, tirando dele um punhado de gorrinhos e diminutas roupinhas de bebê.

– Não é difícil advinhar a quem pertenciam – disse–. Tudo vem em pares.

Justin estendeu a mão e pegou um dos trajes em miniatura entre seus longos

dedos endurecidos.

– É fácil distingui-los. Tudo o que eu usava tem uma mancha ou um rasgo. Tudo o que Phillipe usava está imaculado.

Lysette começou a rir. Logo seguiu examinando o interior do baú e encontrou pilhas de babadores de renda, luvas bordadas e delicados leques pintados. Todos eles devem ter pertencido a Corinne. Ela pegou um par de luvas feitas de renda de seda e depois se apressou a soltá-las, sentindo-se culpada por procurar pelas posses de uma mulher morta. Para aumentar ainda mais seu incômodo, também sentiu uma pontada de ciúme. Vendo todos aqueles pertences pessoais de repente fez tudo parecer real, mostrou a ela que realmente houve outra mulher que Max amou o suficiente para se casar com ela. Ele fizera amor com ela e ela lhe dera dois filhos.

Vasculhando dentro de mais baús, Lysette encontrou complementos recortados embelezados com fileiras de contas, vestidos lindos e roupas íntimas delicadas. Tudo havia sido feito para uma mulher alta e magra. A sensação de ser uma intrusa que Lysette começou a experimentar estava se tornando mais intensa a cada nova revelação. Descobriu uma caixa de bronze contendo duas camadas secas de tinta facial vermelha e um pente decorado com pérolas e uma caneta airon. Dois ou três cabelos longos e escuros estavam presos entre os dentes do pente. Eram cabelos de Corinne, pensou Lysette, e uma sensação gelada desceu pelas costas.

– Justin – perguntou com relutância – Aqui em cima há algum retrato de sua mãe?

Necessitava saber qual era a aparência de Corine. Sua curiosidade era quase insurportável.

– Eu suponho que sim—, disse Justin, e subiu ao lado de um armário para alcançar uma pilha de quadros cobertos por uma lona amarrada com cordas. Ele pegou sua faca, cortou as cordas e puxou o pano coberto de poeira. Lysette se levantou do chão, um pouco dolorida por ter ficado de joelhos por tanto tempo. Caminhou até Justin e, olhando por cima de seu ombro, olhou para um retrato após o outro. Um deles representava uma mulher muito atraente.

– É ela? – perguntou esperançosa.

– Não. Essa é *grand-mère*. Não percebeu?

– Oh, sim – disse Lysette, reconhecendo os escuros olhos de Irénée naquele rosto tão jovem e cheio de solenidade.

– Aqui está *maman* – disse Justin, afastando o retrato para mostrar o

seguinte.

O assombro que Lysette sentiu diante da beleza daquela mulher foi tanto que por um instante se sentiu incapaz de mover-se. Seus olhos eram de um violeta azulado - assim como os de Justin - e seus cílios eram grossos, seus cabelos eram encaracolados e negros como as asas de um corvo, e seus lábios eram muito vermelhos. Apesar de toda a sua beleza deslumbrante, no entanto, Corinne possuía uma qualidade delicada e vulnerável. Não é de admirar que Max tenha sucumbido a ela.

– Realmente era assim? – perguntou Lysette, e Justin sorriu ante o tom lamentoso que havia em sua voz.

– Sim, *belle-mère*. Mas você também é muito bonita.

Lysette sorriu com pesar e sentou-se em um baú. Uma nuvem de poeira subiu do chão e girou em torno dela. Ouviu Justin soltar uma risada zombeteira.

– O que houve? – lhe perguntou. – Está com o cabelo todo branco. E a cara também.

Lysette lhe devolveu o sorriso, para logo perceber que seus cabelos negros estavam cobertos de pó e teias de aranhas, e que havia rastros de sujeira em seu rosto.

– Você também.

Ele sorriu torcidamente.

– Já viu o suficiente por hoje *Belle-mère*?

– Sim. – respondeu ela—. *Allons*, Justin.

– Bem, então já podemos ir.

Ele começou a descer do sótão através de uma abertura quadrada emoldurada por vigas, até uma escada encostada na parede abaixo. Justin avisou-a para tentar não perder o equilíbrio, já que havia uma longa distância até o chão de madeira de cipreste do andar de baixo. – Cuidado—, disse, vendo-a descer os primeiros passos. – Antes havia um corrimão, mas quebrou.

– Por que alguém não conserta isso?

– Porque ninguém nunca sobe aqui em cima.

Lysette não disse nada enquanto se concentrava em observar onde colocava os pés para não cair. De repente, o silêncio foi quebrado por um grito ensurdecedor.

– O que está fazendo aí em cima?

Lysette se encolheu com o barulho inesperado. Aterrorizada, sentiu-se perdendo o equilíbrio e caindo para trás. Com um grito agudo, estendeu a mão

desesperadamente por algum apoio, mas seus dedos só encontraram vazio. Então Justin se inclinou rapidamente através da abertura do sótão e pegou seu pulso a tempo. Lysette soltou uma exclamação estrangulada ao notar que ela estava suspensa no vácuo.

Olhou para baixo e viu um homem com cabelos escuros. – Max!

Mas não era Max, mas sim Bernard, que repetiu seu grito furioso.

Lysette procurou desesperadamente pelo braço de Justin com a mão livre.

– Calma–, disse o menino. – Você não vai cair. Pode alcançar as escadas com os pés?

Lysette tentou com todas as suas forças, mas não conseguiu tocá-la.

–Tio Bernard... ajude... – Justin engasgou, mas então uma pontada dolorosa de dor ao seu lado o impediu de continuar falando.

Bernard se mostrou estranhamente lento em reagir. Lysette sentiu que o aperto em seu pulso começava a escorregar.

– Justin!

– Os ajudarei – murmurou Bernard, colocando-se debaixo de Lysette.

No entanto, Justin tinha usado toda a força que ele tinha para içar Lysette através da abertura do sótão. Continuou puxando até que a teve metade em cima de seu colo. Lysette jazia imóvel, enquanto Justin afastava os dedos de seu braço trêmulo e passava a manga pelo rosto. Então piscou rapidamente e sacudiu a cabeça, como se não conseguisse focar bem os olhos.

Bernard apareceu no alto da escada, com uma expressão de fúria em seu rosto.

– Você poderia ter esperado por mim para te ajudar.

Justin umedeceu os lábios e disse com esforço: – Você queria que ela caísse, Bernard.

– Só um louco poderia me acusar disso! Eu estava pronto para ajudar!

– Bem, você demorou um pouco para fazê-lo –, disse Justin duramente.

– Explique o que você estava fazendo aqui–, exigiu Bernard.

Fingindo que não tinha ouvido, Justin se inclinou sobre Lysette e puxou-a para cima. Atordoada, ela colocou as mãos na barriga e respirou profundamente.

– Justin –, disse, percebendo o que acabara de fazer, – você se machucou? Sua ferida... está sangrando?

Ele balançou a cabeça impaciente.

– Você estava vasculhando os pertences de Corinne, certo? – Bernard gritou.

– Não tem o direito de fazer uma coisa dessas. Eu te proibo!

Justin começou a responder com veemência apaixonada, mas Lysette silenciou-o tocando seu ombro. Olhou friamente para Bernard.

– Você proíbe? – disse. – Eu não tinha percebido, Bernard, que você estava em posição de me proibir qualquer coisa.

– Eu também não! – Justin exclamou, incapaz de ficar quieto.

– Não é decente–, disse Bernard selvagememente. – Vasculhar suas posses apenas para satisfazer sua inveja mesquinha, cheirar e olhar... Por Deus, espero que ela te amaldiçoe da sepultura!

Suas palavras rasgaram o silêncio com a força de um chicote. Lysette nunca o tinha visto tão louco. Achou curioso que a raiva de Bernard tivesse surgido em benefício de sua cunhada morta.

– Por que você está tão chateado, Bernard? – perguntou, em um tom muito suave.

Ele fingiu que não tinha ouvido a pergunta.

– Assim que Max chegar em casa, direi o que você estava fazendo. Quando terminar de explicar, ele vai te dar uma boa surra... assim como deveria ter feito há muito tempo.

– Vamos ver–, disse Lysette. – Agora, por favor, permita que eu e Justin saíamos daqui sem novos contratempos.

Bernard ficou vermelho de fúria e desceu as escadas. Infelizmente, Justin ainda estava furioso e se inclinou sobre a borda da escada para gritar com ele enquanto seu tio partia. – Quem nomeou você como guardião de seus pertences, Bernard? Corinne era minha mãe. O que era para você?

Bernard se virou como se tivesse sido golpeado, e olhou para Justin com um brilho de ódio em seus olhos. Justin olhou para o tio com uma expressão confusa.

Se quisesse, Lysette teria sido a primeira a ir até Max contar-lhe sua versão da história antes de Bernard ou Irénée falarem com ele. Escolheu não fazer isso. Abriu a porta do quarto e olhou para baixo quando Max entrou no corredor. Bernardo e Irénée o cercaram imediatamente, um irritado e o outro apenas preocupado, enquanto Max olhava para eles em um silêncio perplexo. Lysette não podia ouvir o que diziam, mas o tom de suas reclamações era muito claro.

– *Bon soir*–, murmurou com um sorriso que não podia esconder seu cansaço, sabendo que Max, sem dúvida, estaria furioso com ela. Mas estava cansada demais para argumentar, ou para conquistá-lo de alguma forma, ou para recorrer a qualquer uma das táticas com as quais ela habitualmente o distraía. – Diga-me

agora, *mon mari*... Quão grande é a bagunça em que me meti?

Capítulo 13

Max a olhou de cima a baixo e sua expressão se suavizou enquanto atravessava a sala. Lysette soltou um suspiro de alívio quando ele a pegou em seus braços. A opressão que estava sentindo no peito diminuiu. O odor familiar que emanava de Max era agradável e reconfortante, e a força de seu corpo enviava um arrepio de consolo desde a própria medula dos ossos de Lysette.

Os lábios de Max roçaram os dela suavemente; se sentou na cadeira e a sentou no colo.

– Madame, se importaria de me contar o que aconteceu hoje?

Lysette se aconchegou contra o peito dele.

– Eu não esperava que uma pequena visita ao sótão causasse tanta comoção. Além disso, você já me disse que eu poderia fazer o que quisesse nesta casa.

– Claro que você pode.

– Justin estava comigo.

– Sim, foi o que me disseram.

– A única coisa que fizemos foi abrir algumas caixas e baús.

Sua mão cálida se movia languidamente nas costas de Lysette, em um distraído vai e vêm.

– Encontrou o que estava procurando?

– Não estava procurando por nada. Estava apenas olhando. E Bernard se comportou muito estranhamente, Max. – levantou a cabeça do ombro e olhou para ele seriamente. – Pelo jeito que ele se comportou, qualquer um teria pensado que Corinne era sua esposa. Estava furioso.

– Eu entendo. Bem, às vezes Bernard leva as coisas muito a sério.

– Foi algo mais que isso!

– Deixe-me explicar algo sobre o meu irmão, *petite*—, Max disse docemente.

– Você sempre o viu guardar suas emoções para si mesmo. Mas de tempos em tempos essas emoções vêm à tona e, quando isso acontece, elas vêm acompanhadas de uma súbita explosão. Hoje Bernard teve uma de suas raras explosões de temperamento. Amanhã ele será o silencioso e triste Bernard a quem você está acostumada. Meu irmão sempre foi assim.

– Mas quando falo de Corinne...

– A morte de Corinne, e as circunstâncias que a rodearam, afetou a todos nós. Estou seguro de que Bernard também se pergunta o que aconteceu a Corinne, e se ele poderia ter feito algo para evitá-lo. Talvez seja essa a razão pela qual agora se mostra tão desejoso de proteger suas poses.

Lysette ponderou a explicação de Max. Visto sob essa luz, o episódio foi muito mais compreensível, do que parecia naquela tarde. Mas havia uma pergunta que lutava para sair, e ela tinha que perguntar, mesmo correndo o risco de perturbá-lo.

– Max, você tem certeza de que Bernard não sentia por Corinne mais do que um afeto fraternal? Toda vez que o nome de Corinne é mencionado, seu irmão reage de um modo que parece bastante estranho para mim. Esta tarde não foi a primeira vez que Bernard e eu conversamos sobre Corinne. Depois da minha visita à casa do velho encarregado (você se lembra daquele dia?), Bernard me disse para não investigar o passado novamente, ou ele voltaria para causar minha ruína.

Max ficou em silêncio, mas Lysette percebeu que estava tenso.

– Por que não me falou sobre isso antes?

– Eu não te conhecia o suficiente—, respondeu Lysette. — Temia que você ficasse com raiva se eu fizesse. — Examinou o rosto de Max, tentando ler seus pensamentos. — Você não respondeu a minha pergunta sobre o que seu irmão sentia por Corinne.

– Tanto quanto sei, Bernard só amou uma mulher em sua vida. Ele se apaixonou loucamente por Ryla Curran, filha de um americano que trouxe sua família para Nova Orleans depois de passar muitos anos viajando pelo rio a bordo de uma barça. O casamento foi descartado, porque Ryla pertencia a uma família protestante, mas acabaram tendo um caso, e ela ficou grávida. Ryla desapareceu sem dizer a seus amigos ou sua família para onde estava indo. Bernard passou anos procurando por ela, mas nunca conseguiu encontrá-la.

– Quando tudo isso aconteceu?

– Na mesma época que Corinne foi assassinada. Não, nunca houve nada entre Bernard e Corinne. Ele era louco por Ryla Curran. Perdê-la o afetou tão profundamente que ele não quis se casar com nenhuma outra mulher.

– Não sabia. — De repente, Lysette sentiu pena de Bernard. — *Bien-aimé* —, disse hesitante, levantando a mão para acariciar a bochecha de Max, — você está muito bravo com o que eu fiz esta tarde?

– Na verdade, eu já estava esperando que você fizesse isso.
– Eu vi o retrato de Corinne–, ela disse calmamente. – Era muito bonita.
– Sim–, admitiu Max, afastando-lhe uma mecha de cabelo da testa. – Mas não tinha o cabelo da cor do pôr-do-sol. – Seu polegar deslizou sobre os lábios de Lysette. – Não era uma boca que eu queria beijar toda vez que a via. – Seus lábios foram para o ouvido de Lysette. – E certamente não tinha um sorriso que fazia meu coração parar de bater.

Lysette estreitou os olhos e aproximou-se um pouco mais do marido. Quando passou os braços em volta do pescoço dele, seu pulso bateu no encosto da cadeira. A dor inesperada fez com que fizesse uma careta.

Max olhou para ela.

– O que há de errado? Você se machucou?

– Oh, não é nada–, ela respondeu, gemendo para si mesmo ao compreender que a visão de seu pulso machucado traria mais perguntas sobre aquele dia, quando ela estava disposta a esquecer de tudo.

Sem prestar atenção em seus protestos, Max puxou os braços de Lysette do pescoço e olhou para ela.

– Me diga o que acontece.

– É só um pequeno...

Max engoliu em seco assim que viu seu pulso inchado e descolorido. A escuridão das impressões digitais se destacou contra a pele pálida. A expressão que apareceu repentinamente nos olhos de Max deixou Lysette muito nervosa.

– O que aconteceu?

– Foi só um pequeno acidente. Eu estava saindo do sótão (os degraus são tão estreitos e não há corrimão) e perdi o equilíbrio. Justin foi rápido o suficiente para me agarrar pelo pulso e me subir pela abertura. Dentro de um dia ou dois meu pulso estará perfeitamente...

– Isso aconteceu antes ou depois de Bernard aparecer?

– Exat... logo em seguida. Bernard gritou e me assustou, e foi quando eu caí.

Lysette não contou a ele quão lento seu irmão tinha sido quando ofereceu ajuda. Sua percepção das coisas poderia ter sido um pouco alterada, Bernard provavelmente se encontrara muito atordoado para agir rapidamente. Algumas pessoas, como Justin, sabiam como reagir rapidamente a esse tipo de situação, enquanto outras ficavam paralisadas.

– Por que Bernard não mencionou isso para mim?

– Não sei.

Max a levantou de seu colo e a colocou no chão. – Eu vou pedir uma explicação.

– Não é necessário. – Lysette tentou em vão acalmá-lo, não querendo causar mais problemas entre os irmãos. – Já passou e...

– Cale-se. – Max lhe pegou o braço e levantou-o cuidadosamente para inspecionar seu pulso. Então ele murmurou uma maldição que fez Lysette corar. – Eu quero que você vá ver Noeline. Ela tem uma pomada ideal para machucados.

– Mas essa pomada é nojenta–, protestou Lysette. – Estava presente em uma ocasião quando ela estava colocando em Justin. Cheirava de uma maneira que virou meu estômago.

– Vá vê-la agora–, insistiu Max. – Ou vou garantir que você faça isso depois. – Ele fez uma pausa significativa. – E garanto-lhe que se eu tiver que intervir, você preferiria ter feito isso agora.

Poucos minutos depois, Lysette estava sentada com a expressão abatida na cozinha ao lado de Noeline, concentrando-se nos recipientes cujo conteúdo borbulhava descontroladamente no fogão enquanto a governanta cuidava de seu pulso. Uma moça estava de pé junto à grande mesa de madeira, limpando a lâmpada de ferro que pendia do teto. Noeline habilmente espalhou a pasta verde-mostarda no braço de Lysette. Seu cheiro repugnante fez Lysette se apressar para jogar a cabeça para trás.

– Quanto tempo terei que ficar com isso? – perguntou com desgosto.

– Até amanhã. – Noeline sorriu. – Acho que esta noite você não vai fazer bebês com o *monsieur*.

Lysette revirou os olhos.

– *Bon Dieu*, eu terei sorte se Max chegar perto de mim novamente!

Justin apareceu na porta da cozinha e foi até elas com as mãos nos bolsos.

– Que cheiro é esse? – ele perguntou, e então colocou as mãos na garganta, fingindo que estava tendo um súbito acesso de náusea.

Lysette decidiu que lavaria o pulso assim que conseguisse escapar de Noeline. Justin deu-lhe um sorriso consolador.

– Cheira terrivelmente, *sans doute*, mas funciona, *belle-mère*.

– Ele teve oportunidade de saber–, disse Noeline, enquanto envolvia o braço de Lysette com um pano.

– Eu sei o que você coloca na sua pomada, Noeline–, disse Justin.

Ele se agachou ao lado de Lysette e murmurou confidencialmente: – Línguas

de serpente, sangue de morcego, cabelo de sapo...

Lysette franziu a testa com a provocação. – Por que você não vai encontrar Philippe? Pode aprender algo com algumas daquelas aulas de latim que você perdeu.

Justin sorriu.

– Não é necessário que recorra ao latim. Irei. Mas... – Ele olhou para o curativo de Lysette e permaneceu em silêncio, como se quisesse dizer alguma coisa, mas não conseguiu encontrar as palavras apropriadas. Passou a mão pelo cabelo até que o deixou todo bagunçado, olhou para o chão, depois para o teto, e finalmente seus olhos encontraram os de Lysette.

– O que há de errado? – ela murmurou, surpresa com a repentina timidez.

Noeline foi verificar um dos recipientes que tinha no fogo.

– Eu não queria machucar você, *belle-mère*–, Justin sussurrou, apontando para o pulso dela. – Lamento.

– Você me ajudou, Justin–, disse Lysette suavemente. – Estou muito grata pelo que você fez. Caso contrário, eu teria me machucado muito.

Com uma expressão de alívio, Justin se levantou e limpou a poeira das calças, embora não houvesse necessidade de fazê-lo.

– Você contou ao meu pai o que aconteceu?

– Que você me salvou de cair? Sim lhe...

– Não, me refiro ao tio Bernard, e o quão estranho ele estava esta tarde.

– Sim – Lisette sorriu zombeteiramente–. Seu pai não pareceu achar tão estranho. Ele disse que seu tio sempre foi um pouco estranho.

– *Bien sûr*, isso é certo. – Justin encolheu os ombros. – Bom, vou embora.

Lysette seguiu-o com os olhos enquanto saía, pensando que o menino havia mudado desde o duelo e da conversa com Max. Agora ele era mais afável e menos sombrio do que antes, como se sua natureza sombria tivesse sido temperada por um novo entendimento. Noeline se sentou ao lado dela e balançou a cabeça com um sorriso nos lábios.

– Esse menino nasceu para ter problemas.

– E em que exatamente consiste sua queixa? – perguntou Bernard, que parecia muito magoado. – Eu não me movi rápido o suficiente, talvez? Eu levei um bom susto, Max. Quando consegui me mover de novo, Justin já havia feito isso em segurança.

– Parece que você se comportou de uma maneira muito beligerante – disse

Max, franzindo a testa. – A que se deve tudo isso?

Bernard abaixou a cabeça, embaraçado.

– Eu não tinha intenção de perder a paciência, mas só conseguia pensar o quanto doeria saber que eles estavam vasculhando as relíquias do passado. Você é meu irmão, Max. Eu não quero que nada te lembre desse tempo terrível novamente. Tentei explicar-lhes que era melhor esquecer o passado e suponho que me expressei com excessiva veemência.

– Corinne era a mãe de Justin–, disse Max. – Tem o direito de olhar seus pertences sempre que quiser.

– Sim, claro – reconheceu Bernard, contrito–. Mas Lysette...

– De Lysette cuido eu. Da próxima vez que você não concordar com algo que ela fez, venha conversar comigo. Não se esqueça que Lysette é a dona desta casa, e que para mim ela é muito mais uma esposa do que Corinne jamais foi. E... – Max fez uma pausa para dar mais ênfase ao que ele estava prestes a dizer, enquanto olhava para seu irmão. – Se você levantar a voz novamente, terá que encontrar outro lugar para morar.

Bernard enrijeceu por causa do esforço que teve que fazer para reprimir suas emoções, mas ele conseguiu assentir.

No início da manhã, Max desceu a longa curva das escadas, depois de ser expulso do quarto pela recusa categórica de Lysette de dar um passeio á cavalo com ele. Á noite anterior eles fizeram amor apaixonadamente, e Lysette decidiu que dominar o espirituoso corcel árabe que Max comprou recentemente seria demais para ela.

Enquanto se dirigia a porta da frente, Max ouviu um gemido procedente de um dos salões. Foi investigar e encontrou Alexandre deitado, com um pé, ainda de bota, apoiado no braço dourado de estilo rococó e o outro descansando no chão. Estava despenteado e não barbeado, e suas roupas estavam em completa desordem. Um cheiro intenso de álcool pairava no ar.

– Isso sim é algo digno de se ver–, Max disse sarcasticamente. – Um Vallerand depois de uma noite de esbórnia. – Afastou as cortinas das janelas, deixando entrar a luz do sol.

Alex gemeu como se tivessem acabado de esfaqueá-lo. – Você é um bastardo.

– A quarta noite até agora esta semana? – Max perguntou. – Mesmo para você, isso é um excesso.

Alex procurou refúgio no sofá, como faria um animal ferido.

– Vá para o inferno.

– Não até averiguar o que te preocupa. Por que nesse ritmo que está indo, até o final da semana estará morto.

Alex estalou os lábios e sentiu o cheiro da própria respiração. Uma careta de nojo sombreou seu rosto. Estreitou os olhos, olhou para Max e ergueu um dedo trêmulo para apontar para ele.

–Você... – disse—. Esta manhã fez amor com sua mulher certo?

Max sorriu.

– Sempre noto isso por causa desse sorriso desagradável que aparece em seus lábios—, Alex acrescentou. – Diga-me... a vida de casado te agrada? Bem, me alegro. É uma pena que quando você se casou, estragou a vida dos outros.

– Do que você está falando?

– Não me olhe Assim. Você já pensou que talvez eu gostaria de ter uma esposa, uma mulher para possuir sempre que eu quisesse fazê-lo ... e com quem um dia eu poderia até ter filhos?

– Por que não o faz?

– Por quê? – Depois de endireitar-se até estar sentado no sofá, Alex segurou a cabeça como se temesse que ela caísse de seus ombros. – Depois que você arruinou a reputação dos Vallerands, você acha que alguma família decente daria sua filha em casamento a um irmão teu? Oh, sim, agora tudo está indo bem para você, você tem Lysette, mas vo...

– Alex, *tais-toi*—, disse Max, enquanto a compaixão substituía a diversão. Sentou-se em uma cadeira próxima. – Cale-se – Ele nunca tinha visto seu irmão tão infeliz. – Eu deveria esperar até você ficar sóbrio antes de tentar, mas ainda assim vamos falar sobre isso.

– De acordo. – disse Alexandre mansamente.

– Bem, suponho que tudo isso seria por Henriette Clement, certo?

–Sim.

– Está apaixonado por ela? Quer que te deem permissão para lhe fazer a corte?

–Sim.

– Mas não acha que o pai dela vai lhe conceder seu consentimento.

– Eu sei que não vai. Eu já tentei.

Max franziu a testa.

– Você pediu a Clement permissão para cortejar Henriette, e ele negou?

– Sim! –Alexandre assentiu com uma careta—. E ela me ama, ou isso acredito.

– Eu vou cuidar disso—, disse Max, inclinando-se para frente. – De sua parte,

eu quero... você está me ouvindo, Alexandre? Eu quero que você fique em casa pelo resto do dia e descanse. E a bebida acabou, de acordo?

– A bebida acabou—, Alex repetiu obediente.

– Vou dizer a Noeline que te traga seu remédio especial.

– *Bon Dieu*, não.

– Tomará tudo, – Max disse sem perder a calma, – se quer que Henriette seja sua um dia. Quero que amanhã pela manhã pareça como um jovem que acabou de sair da cama.

– Eu posso fazer isso—, Alex disse depois de refletir por um instante.

– Estupendo. – Max sorriu e se levantou. – Você deveria ter falado comigo sobre isso antes, em vez de beber até perder a consciência.

– Eu não achei que você pudesse fazer alguma coisa a respeito. – Alex fez uma pausa. – Eu ainda não acredito nisso, realmente.

– Sempre há formas de convencer as pessoas—, garantiu Max.

– Você vai ameaçar desafiá-lo para um duelo? –, Alex perguntou.

– Não—, disse Max com uma risada. – Parece-me que os Vallerands já tiveram duelos suficientes.

– Max... se convencer Clemente a concordar, eu ... beijarei seus pés.

– Não será necessário—, Max disse em um tom bastante seco.

Jacques Clement recebeu Max no corredor e olhou para ele sem tentar esconder sua diversão.

– Eu já imaginava que hoje você passaria por aqui, Vallerand. Você vem em nome do seu irmão, não é? Papai está tomando café na sala de café da manhã.

Max encostou-se em uma das colunas elaboradamente esculpidas que delimitavam o salão. Ele não estava com pressa de confrontar o pai de Jacques, Diron Clement, um venerável homem que estava sempre de muito mau humor. Descendente dos primeiros colonos franceses que se estabeleceram na Louisiana e crioulo até a última gota de sangue, Diron detestava aqueles que queriam que a Louisiana se juntasse aos Estados Unidos. E aqueles que mantinham boas relações com o governador americano.

Inteligente e cheio de experiência, o velho provou ser um sobrevivente nato. Juntamente com Victor Vallerand, Diron havia sido generosamente recompensado pelos espanhóis por ter usado sua influência para acalmar o descontentamento na cidade quando eles se apoderaram dela, arrebatando-a dos franceses quarenta anos atrás. Agora Diron era rico e influente o suficiente para

fazer o que quisesse.

Victor e Diron haviam sido bons amigos. Infelizmente, Max nunca havia se tornado parte do afeto de Diron por seu pai. Para começar, as convicções políticas de Diron estavam muito longe das dele. Além disso, a morte de Corinne servira para fazer o abismo que os separava ainda mais fundo, já que Diron não suportava os escândalos.

Max olhou para cima.

– Jacques, – ele disse especulativamente, – sua irmã deu a entender que ela sente algum tipo de afeição por Alexandre?

– Henriette é muito simples–, disse Jacques. – Sempre foi. Diga ao seu irmão que não lhe custaria nada encontrar outra garota que fosse igualmente apetitosa.

– Isso significa que Henriette não veria com bons olhos o cortejo de Alexandre?

– Henriette acha que está loucamente apaixonada por Alexandre. E essa comédia de amor impossível...

– Faz com que ela se sinta ainda mais miserável–, Max disse. – E teu pai? O que acha sobre o assunto?

– Ele desaprova, claro.

– Para dizer a verdade, meu irmão não seria um mau partido para ela.

Jacques encolheu os ombros.

– Meu amigo, eu já sei como é Alexandre. Nunca vai me fazer acreditar que seria capaz de permanecer fiel a Henriette. Esse suposto amor durará no máximo um ano, e então ele procurará uma amante, e Henriette ficará despedaçada. É melhor que ela se case sem a ilusão do amor. Com um compromisso adequado, Henriette saberá exatamente o que esperar.

– Por outro lado, um ano de ilusão pode ser melhor que nenhum amor entre eles.

Jacques riu.

– Essa é uma ideia muito americana. O amor antes do casamento é um daqueles conceitos que os crioulos nunca aceitarão. E eu te aviso, Vallerand: não tente convencer aquele velho obstinado lá em cima, ou ele vai arrancar tua pele.

– Obrigado pelo aviso. Bem, vou ver seu pai.

– Você quer que eu te acompanhe?

Max sacudiu a cabeça. – Eu sei o caminho.

A mansão Clement era simples, mas muito elegante. O piso de pinho vermelho brilhava como rubis, e os cômodos estavam cheios de móveis de

carvalho e magníficos tapetes feitos à mão.

Enquanto subia as escadas, Max passou os dedos pela balaustrada, lembrando-se de como se apaixonara por ela quando ele e Jacques eram crianças.

Chegou ao patamar e parou quando sentiu o olhar de alguém pousado sobre ele. Por cima do ombro, viu que uma das portas estava entreaberta. Henriette deu-lhe um olhar suplicante através da fenda. Max imaginou que alguma tia rica estaria por perto e que Henriette não se atrevia a abrir a boca por medo de ser ouvida. Max assentiu tranquilizadamente. Desconsiderando toda a cautela, Henriette abriu um pouco mais a porta e, de repente, uma voz feminina a repreendeu de dentro do quarto. A porta se fechou imediatamente.

Max sorriu e balançou a cabeça com um olhar de desânimo. Não suportava sentir que ele era a última esperança daqueles pobres amantes. Foi para a sala onde tomavam o café da manhã, agarrando-se à esperança de que ele soubesse o que dizer a Clement.

Diron Clement recebeu-o com um olhar bastante sombrio. Um halo de cabelos brancos emoldurava sua cabeça. Quando falou, a borda de uma mandíbula afiada era visível através de suas bochechas soltas pela idade. Olhos de aço cinza perfuraram Max quando ele apontou para uma cadeira. – Sente-se rapaz. Faz muito tempo que não nos falamos.

– No casamento, senhor–, Max lembrou.

– Não. Nós cruzamos quatro palavras, talvez. Você estava muito ocupado pensando em sua noiva cujo cabelo parece queimar para me dar alguma atenção.

Max reprimiu um sorriso enquanto se lembrava daquela noite, que não poderia ser mais frustrante. Ele não tinha sido capaz de desviar o olhar de Lysette, morrendo de vontade de possuí-la, mas sabendo que era muito cedo para ela ser sua.

– Sinto muito, senhor.

– De verdade? – Diron perguntou. – Sim, suponho que se arrepende, agora que quer ganhar meu favor. Como vai o seu casamento? Também se arrepende de ter casado?

– Nem um pouco, – Max respondeu sem hesitação. – Minha esposa sabe como me deixar muito feliz.

– E agora você veio para defender a causa do seu irmão.

– Eu vim defender a minha, na verdade–, disse Max. – Já que essa parece ser sua principal objeção ao pedido de Alexandre.

– Mentira. Ele te disse isso?

– Tenho a impressão, senhor, de que, se não fosse pelos danos que causei ao bom nome dos Vallerands no passado, suas intenções em relação à sua filha seriam bem recebidas.

– Ah. Você quer dizer aquele assunto sobre sua primeira esposa.

Max sustentou o olhar penetrante do velho e assentiu brevemente.

– Foi terrível–, disse Diron enfaticamente. – Mas minha objeção ao compromisso tem a ver com o caráter do seu irmão, não com o seu. Volúvel, preguiçoso, sem vontade ... Alexandre é insatisfatório em todos os aspectos.

– Alexandre é como todos os outros jovens de sua idade, nem melhor e nem pior. E pode dar uma vida adequada a Henriette.

– Como? Aposto que já gastou a maior parte de sua herança.

– Meu pai me confiou à responsabilidade de supervisionar as finanças da família. Garanto-lhe que Alexandre tem os meios financeiros necessários para manter uma família adequadamente.

Diron ficou em silêncio e continuou a olhar para Max por baixo das enormes sobancelhas grisalhas.

–*Monsieur* Clement–, disse Max, – sabe que os Vallerands são uma família do melhor tipo. Eu acho que sua filha ficaria feliz em ser a esposa de Alexandre. Aspectos sentimentais à parte, ela e Alexandre fariam um bom casal.

– Mas não podemos prescindir desses aspectos sentimentais, certo? – respondeu o velho. – Toda esta situação cheira a sentimentalismo barato. Essa é a base para um bom casamento? Não! Todas essas ações impetuosas, todas essas explosões de humor, tudo isso... isso não é amor. Eu desconfio de tudo isso.

Max entendeu imediatamente qual era a verdadeira objeção do velho. Permitir que a filha se casasse por amor significaria um duro golpe para o orgulho de Diron. Não era assim que se faziam as coisas no continente. As pessoas zombariam da decisão do velho e diriam que sua vontade de ferro começara a vacilar. Talvez até ousassem dizer que havia sido influenciado pelos novos valores americanos que estavam começando a se infiltrar no território. Em suma, um casamento por amor colocaria Diron em uma situação bastante embaraçosa.

– Eu concordo–, disse Max, pensando rapidamente. – Suponho que você esteja ciente de que, se os mantivermos separados, toda essa emoção irrestrita continuará. É por isso que sou a favor da ideia de um longo namoro; com a mais estrita supervisão, *naturellemente*. Dessa forma, daremos tempo suficiente para que se desapaixonem.

– O que?

– Só vai demorar um pouco, nem um ano. Você já sabe quão inconstantes são os jovens.

Diron franziu a testa. – Sim, certamente.

– E então, quando todo esse ardente amor de agora desaparecer para se perder na indiferença, nós os casaremos. A essa altura, Henriette provavelmente não concordará mais com o compromisso. Será uma lição para ambos. Então, com o passar dos anos, Alexandre e Henriette irão desenvolver pouco a pouco o tipo de afeto mútuo sensato e prudente que meus pais tiveram... o mesmo que você e sua esposa desfrutaram.

– Hmmm – Diron acariciou seu queixo. Max quase prendeu a respiração enquanto esperava a resposta. – Sim, a ideia tem um certo apelo.

– Eu vejo muito sentido–, disse Max, percebendo que o velho estava secretamente aliviado por ter sido oferecida uma solução para o dilema. Dessa forma, Henriette teria o marido que queria e o orgulho de Diron estaria seguro.

– Hmmm Sim, é isso que vamos fazer.

– Bom. – Max adotou uma expressão tão prosaica quanto possível. – Agora, sobre o dote...

– Vamos conversar sobre isso em um momento mais apropriado–, interrompeu Diron, irritado. – Você já está pensando sobre o dote... muito típico de um Vallerand.

– Fingir que não a amo? – Exclamou Alexandre. – Não entendo.

– Confie em mim–, disse Max, agarrando Lysette pela cintura quando passou e sentando-a em seu colo. – Quanto mais cedo você e Henriette convencerem todos de que vocês não sentem nada um pelo outro, mais cedo vocês poderão se casar.

– Só você poderia ter um plano tão distorcido –, disse Alex amargamente.

– Você quer que Henriette seja sua–, disse Max. – Bem, é assim que pode conseguir.

Lysette se apoiou no peito do marido e acariciou seus cabelos.

– Muito esperto da sua parte, Max.

– De jeito nenhum–, ele disse modestamente, sentindo-se muito satisfeito com o elogio.

– Será um final feliz, e tudo graças à sua natureza romântica–, disse Lysette, abaixando a voz e provocando um sorriso em Max.

Alexandre se levantou para sair.

– Quem imaginaria que Max era romântico? – murmurou, evidentemente desanimado. – Eu devo estar tendo um pesadelo.

Durante as semanas seguintes, o romance de Alexandre com Henriette Clement continuou seu precário curso. Havia incontáveis noites passadas juntos na sala de estar, cercados por toda a família Clement. Quando ele a levou para um passeio de carruagem, sua mãe e tia estavam acompanhando-os. Alexandre nunca se atreveu a permitir que seu olhar se encontrasse com Henriette na igreja ou nos bailes que frequentavam. A proximidade de Henriette e a distância rigorosamente imposta entre eles fizeram com que os sentimentos de Alexandre atingissem novas alturas de saudade.

Os menores sinais da presença de Henriette eram significativos: o modo como os passos dela diminuía quando tinha que deixar Alexandre, o brilho fugaz em seus olhos quando ela finalmente se permitiu olhar para ele. Era a ideia perfeita do inferno como qualquer jovem imaginava.

Para sua grande surpresa, Alexandre descobriu que ele era incapaz de desejar qualquer outra mulher. Reagiu com genuína indignação à sugestão de Max de que ele e Bernard visitassem alguns dos lugares que costumava frequentar antes.

– Os rumores de seus novos costumes de celibato estão chegando aos ouvidos de Diron–, informou Max em voz baixa. – Tanto ele como os outros estão cientes que você está loucamente apaixonado por Henriette. Já é hora de você começar a dar a impressão de que está perdendo o interesse por ela.

– E, portanto, você quer que eu saia com uma qualquer?

– Você já fez isso antes–, apontou Max.

– Sim, mas isso foi há muito tempo. Pelo menos dois meses!

Max riu e sugeriu que encontrasse outro jeito de fingir que estava cansado de perseguir Henriette. Com grande pesar, Alexandre começou a espaçar suas visitas aos Clements, enquanto Henriette se esforçava para parecer indiferente à nova onda de rumores de que um compromisso seria anunciado em breve.

Lysette não pôde deixar de sentir compaixão pelo casal de apaixonado, e por isso disse a Max.

– Levá-los a tais provas apenas para preservar o orgulho de *Monsieur* Clement parece ridículo para mim. Transformar algo tão simples em algo extraordinariamente complicado...

– Não será ruim para Alexandre querer algo que ele não pode ter imediatamente. – Max sorriu e se inclinou para beijá-la. Sentada em sua

cômoda, Lysette puxou o cabelo para cima em uma trança antes de irem para a cama. – Com as coisas realmente valiosas, vale sempre a pena esperar. Como aconteceu comigo com você, por exemplo.

– Se me lembro bem, você não teve que esperar muito para me ter.

– Eu passei minha vida inteira esperando por você.

Comovida, Lysette sorriu e esfregou sua bochecha contra sua mão.

– *Bien-auné*–, sussurrou, – você sempre sabe como encontrar as palavras certas. – começou a desabotoar o vestido e apontou para o guarda-roupa. – Você seria tão gentil a ponto de me trazer uma camisola?

– Depois–, ele murmurou, empurrando o vestido de seus ombros.

Um dos bailes mais agitados da temporada social estava sendo realizado na fazenda Leseur, por ocasião do noivado de uma das três filhas de Leseur com Paul Patrice, o último filho que restava por casar de um médico de Nova Orleans que gozava de uma excelente posição econômica. Normalmente, o filho de um médico não teria sido considerado o par adequado para a filha de um fazendeiro, mas Paul era um rapaz muito bonito, que tinha maneiras requintadas e o comportamento de um verdadeiro cavalheiro. Apenas três anos mais velho do que Justin e Philippe, ele estava mais do que disposto a perder sua condição de solteiro em troca de entrar em uma família rica por meio do casamento.

– Dezoito anos de liberdade, e agora Paul quer usar as algemas! – Justin comentou amargamente. – No próximo ano, provavelmente um bebê... *Mon Dieu*, ele não pensou sobre o que está fazendo?

– Felicie Leseur é o melhor que pode lhe acontecer no mundo – replicou Philippe, sua expressão um pouco sonhadora. – Casamento não é um destino tão ruim quanto parece pensar, Justin.

Justin olhou para ele como se ele tivesse enlouquecido. Então sua boca se franziu em um pequeno sorriso desdenhoso.

– Suponho que não demorará muito para você se casar.

– Isso espero. Confio que serei capaz de encontrar a garota certa.

– Eu sei que tipo de garota você vai escolher–, disse Justin. – Sensata e amante dos livros. Vão falar sobre arte e música, e sobre todas aquelas chatas tragédias gregas.

Muito ofendido, Philippe fechou o livro em latim à sua frente.

– Ela será delicada e bonita–, disse com dignidade, – e nunca falará demais. E você ficará com inveja.

Justin bufou.

– Vou para o mar e terei meu próprio harém no Oriente. Cinquenta mulheres!

– Cinquenta? – repetiu entre risadas Lysette, que acabara de entrar na sala. – Isso vai te manter muito ocupado, Justin.

Ele abandonou sua atitude de desprezo e deu-lhe um sorriso angelical.

– Mas se eu encontrar alguém como você, *petite maman*, só terei uma.

Seu charme atrevido fez Lysette rir de novo e ela se virou sorrindo para Philippe.

– Hoje à noite, *peut-être*, você verá a jovem com quem sonha. Irá na carruagem que levará Bernard e Alexandre? – Não mencionou Irénée, que sofreu um ataque de artrite e não compareceria ao baile.

Philippe assentiu.

– Sim. Papai deixou bem claro que você e ele iriam sozinhos na primeira carruagem.

– Sozinhos? – Justin murmurou pensativo. – Por que iria querer papai ficar sozinho com você na carruagem, quando ele poderia ter Philippe e eu lá? Bem, eu acho que sempre pode tentar...

– Justin! – Philippe explodiu, mortificado pela audácia de seu irmão. Jogou uma almofada em sua cabeça e Justin se esquivou com um protesto.

– Vejo você na plantação Leseur–, disse Lysette com um sorriso, e voltou para o vestíbulo, onde Noeline estava esperando com seu chapéu e luvas.

A casa dos Leseur era grande e majestosa, embora de um design bastante simples. Ao lado de um de seus lados crescia um enorme carvalho cuja idade se estimava em pelo menos três séculos. As paredes estavam cobertas de trepadeiras. Os brilhos dos intrincados prismas dos candelabros de cristal dançavam nos cantos mais remotos. Os convidados enchiam as galerias exteriores, e os servos iam e vinham entre eles carregando bandejas de prata cheias de bebidas.

Perto estava o *garonnière*, (uma estrutura independente que servia para acomodar hóspedes do sexo masculino ou solteiros da família que precisavam desfrutar de um pouco de privacidade.) Alguns cavalheiros acompanhados por seus criados pessoais estavam desde o início da tarde na *garonnière*, bebendo, fumando e discutindo os últimos acontecimentos que aconteceram na cidade, as damas estavam descansando dentro da casa e agora estavam chegando ao salão de baile, vestidas com seus vestidos mais elegantes. Uma orquestra especial fora trazida de Nova Orleans para cuidar da música, e as notas alegres de uma

orquestra enchiam o ar.

–Lysette – disse Max enquanto a ajudava a descer da carruagem–, uma pequena advertência.

–Sim? –respondeu ela, olhando-o com uma expressão de inocência em seus olhos muito abertos–. De que se trata, *bien-aimé*?

– Não pense que eu não notei que Alexandre tentou convencê-la a ajudá-lo a passar alguns minutos a sós com Henriette durante a festa. Você planeja algo, certo?

Ela pareceu surpresa. – Não sei do que você está falando.

Max deu-lhe um olhar de advertência.

– Se eles conseguem fingir de uma forma bem convincente que o que eles sentem um pelo outro é indiferença, em questão de meses estarão casados. Mas se os flagram em um encontro clandestino, eu não poderei fazer nada para ajudá-los.

– Não vão surpreendê-lo juntos–, assegurou Lysette.

– Alex poderia perder Henriette por uma bobagem como essa. Você não entende até onde chega o orgulho de Diron.

– Eu te asseguro que entendi perfeitamente. – Lysette tentou sair, mas ele a pegou pela cintura, a olhou nos olhos–. Max–, – protestou, – eu não fiz nada!

– Continue assim–, ele aconselhou, e deixou-a ir. Nas duas horas seguintes, Max não desviou o olhar de Alexandre nem de Lysette, mas nenhum deles deu um único passo para sair do salão de baile. Depois de beber um ou dois copos do magnífico vinho que estava sendo servido a todos os convidados, Max começou a relaxar. A colheita veio das vinhas de Leseur.

Max parabenizou Leseur, tanto pelo excelente vinho como pelo compromisso entre Felicie e Paul Patrice, e ambos conversavam em voz baixa enquanto outros convidados se juntavam a eles.

A certa distância, Lysette permaneceu ao lado de Alexandre e observou seu marido com orgulho. Max usava um terno preto e branco austero e um copo de vinho entre os dedos longos enquanto conversava com os homens ao seu redor. Ele era elegante, viril, diabolicamente bonito... e excitante.

Alexandre seguiu a direção do seu olhar. – Ter Max como irmão não é fácil–, observou ele. Lysette olhou para ele com uma carranca e pensou em todas as vezes que viu Max resgatar seus irmãos, fazendo tudo que podia para ter certeza de que eles tinham o que queriam, assumindo suas dívidas e responsabilidades sem uma palavra de reprovação. Ouvir Alex dizer isso parecia um sinal de

ingratidão de sua parte.

–Max fez muitas coisas por você não?

– É verdade, mas por muitos anos Bernard e eu tivemos que tentar nos manter a sua altura. Max definia as diretrizes e tudo o que ele fazia era perfeito. E então, de repente, ele caiu em miséria absoluta, o que foi um desastre para todos nós. O sobrenome Vallerand estava manchado para sempre, e Bernard e eu sofremos as consequências, assim como Max.

– E você guarda algum rancor dele?

– Não, não. Já tive, mas não agora. No entanto, Bernard... – Alexandre parou.

– O que –, Lysette encorajou-o a seguir.

Ele balançou a cabeça. –Nada, nada.

– Diga-me, Alex, ou não vou ajudá-lo com Henriette.

Ele franziu a testa.

– Eu ia dizer que Bernard parece achar difícil perdoar Max completamente. Mas não se esqueça de que Bernard é o segundo filho. Ele sempre foi comparado a Max e nunca conseguiu atingir sua altura.

– Eu não acho que alguém possa considerar que a culpa disso seja de Max – Lyette disse em um tom muito frio—. Acredito, Alex... você e Bernard têm que parar de usar Max como desculpa só porque você acha muito confortável fazer isso, você deve assumir a responsabilidade por suas ações. Max já tem problemas suficientes para lidar.

– Tudo bem–, disse Alex, levantando as mãos como se tentasse se defender dela. – Eu não direi outra palavra. Mas por que, *ma soeur*, você pode criticar Max, mas não permite que ninguém o faça?

Ela sorriu.

– Por que sou sua esposa.

Max não sabia em que momento exato Lysette desapareceu. Quando notou sua ausência, ele educadamente se separou do grupo e se dirigiu para as galerias externas. Não havia sinal dela.

– Maldição, Lysette, o que você está fazendo? – ele murmurou em voz baixa. Foi ao jardim, sabendo que, se sua esposa tivesse organizado um encontro entre Alexandre e Henriette, provavelmente ocorreria ali.

O jardim de Leseur era grande e intrincado, cheio de árvores exóticas, flores e plantas da Europa e do Oriente. Suas lagoas artificiais estavam cheias de peixes e eram atravessadas por belas pontes. Um pavão se afastou indignado do

caminho de Max quando passou sob o arco coberto de rosa que marcava a entrada do caminho principal. A partir daí, o jardim tornou-se mais escuro e as lanternas tornaram-se cada vez menos frequentes, até que Max chegou ao corredor formado pelos teixos. Uma fonte adornada com querubins e peixes de onde corriam as correntes de água ocupava o centro do jardim, do qual vários caminhos se ramificavam.

Max amaldiçoou em voz baixa. Havia pouca chance de que ele encontrasse sua esposa ou seus companheiros. Seu único recurso era retornar à sala de estar e esperar.

De repente, ele ouviu passos no caminho de cascalho. Procurando refúgio entre as sombras, contemplou a figura que se aproximava.

Era Diron Clement. Evidentemente, o velho notou a ausência de sua filha. Com passos rápidos e barulhentos, Diron passou por Max sem vê-lo. Max fez uma careta ao reconhecer a atitude beligerante de Diron. Se ele encontrasse Henriette com Alexandre, as conseqüências seriam terríveis. O velho foi para a esquerda, seguindo um caminho que, se a memória de Max não o enganava, levava a um pequeno *pagode*. Um sorriso involuntário chegou aos seus lábios. Quando ele era mais jovem, ele próprio usara o *pagode*. Ainda tinha algumas lembranças muito agradáveis daquele lugar. Não, Alexandre não o teria escolhido para servir de palco para seu encontro secreto. Era óbvio demais.

Deixando-se levar por um palpite repentino, Max escolheu a direção oposta, um caminho que levava a uma estufa repleta de árvores frutíferas exóticas. Colado às sombras, ele se aproximou até ver Lysette parada no canto da estufa. Uma coruja ululou ao longe, e Lysette deu um pulo enquanto olhava em todas as direções.

Vê-la ali, depois de ter lhe prometido que não participaria de nenhum encontro ilícito entre Alex e Henriette, o fez sorrir com melancolia. Teria que mostrar a ela que não poderia brincar com ele dessa maneira e depois sair tão feliz sem temer qualquer represália.

Lysette suspirou, desejando estar de volta ao salão de baile. Se perguntou se Max ainda não havia se dado conta de sua ausência. A coruja voltou a ulular e Lysette se sobressaltou.

De repente, um braço muito forte envolveu sua cintura por trás. Uma mão grande lhe cobriu a boca no mesmo instante em que ela começava a gritar de medo. Lysette se viu arrastada para trás até que encontrou uma superfície tão

dura quanto uma parede de tijolos. Enquanto tirava freneticamente a mão que cobria sua boca, ouviu uma voz familiar em seu ouvido.

– Se eu soubesse que queria dar uma volta pelos jardins, querida, teria me oferecido para acompanhá-la.

Cheia de alívio, Lysette se inclinou contra ele e soltou um suspiro quando sua mão se afastou de sua boca.

–Max... – se virou e lhe rodeou o pescoço com os braços—. Me deu um susto!
– apoiou a testa em seu peito.

– Essa era a minha intenção.

Lysette estremeceu com a expressão ameaçadora em seu rosto. – Onde estão?
– ele perguntou.

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para a estufa. A porta se abriu e Alexandre enfiou a cabeça para fora. Ele estava desganhado e seus lábios estavam suspeitosamente molhados.

– Lysette? Eu pensei ter ouvido... – Ele congelou quando viu Max. Os três ficaram em silêncio.

Max foi o primeiro a falar.

– Você tem um minuto para se despedir de Henriette e considerar que sua separação pode ser permanente.

Alexandre desapareceu dentro do prédio. Lysette decidiu se explicar o mais rápido possível. Falou sem parar para respirar.

– Max, eles só queriam ficar juntos por cinco minutos, e eu já tinha prometido ajudá-los, então eu não poderia desistir, e se você tivesse visto o quão felizes os dois estavam assim que eu trouxe Henriette aqui, você teria entendido porque eu tive que ...

– Quando chegarmos em casa, vou colocá-la de joelhos e vou me certificar de que você demore muito tempo para sentar-se confortavelmente.

Lysette empalideceu.

– Nunca faria algo semelhante.

– Vou aproveitar imensamente com isso—, assegurou ele.

– Vamos falar calmamente... – ela disse, mas ficou em silêncio quando percebeu que Max não a estava ouvindo, mas olhou para ele com uma atenção repentina. – Que ocorre? – perguntou.

Max a puxou para ele e cobriu sua boca com a dele. Lysette lutou, surpresa, mas seus braços estavam apertando-a com muita força, sua língua sondando profundamente entre os lábios de Lysette. Uma mão desceu ao seu traseiro, ao

redor da carne macia e pressionou contra seu sexo inchado. Lysette sentiu sua visão embaçar e toda a sua resistência cessou. Engoliu em seco e tentou ficar ainda mais perto dele. De repente, Max levantou a cabeça, sem prestar atenção ao tímido protesto de Lysette.

– Ah... boa noite, *Monsieur* Clement–, ele disse com uma voz pastosa.

Lysette virou a cabeça e viu o rosto carrancudo de Diron Clement a um metro de distância dela. Seu penetrante olhar parecia penetrá-la.

– Disseram-me que minha filha Henriette estava com você, Madame Vallerand–, disse o velho. – Onde está agora?

Lysette virou-se para Max e lançou-lhe um olhar impotente.

– Eu acho que não podemos ser de alguma ajuda, senhor.

Max passou o polegar levemente pelas costas de Lysette. – Eu vim aqui com minha esposa para compartilhar um momento de intimidade.

– Então, você não viu Henriette esta noite?

– Juro pela minha honra que não a vi.

Lysette fechou os olhos, desejando fervorosamente que Alex e Henriette tivessem sido sensatos o suficiente para não deixar a estufa.

Capítulo 14

Clement olhou para eles sem dizer nada, notando o rubor e o vestido desgrenhado de Lysette, o rosto inescrutável de Max e seu óbvio estado de excitação. O casal não estava casado há muito tempo, por isso parecia plausível que tivessem saído para o jardim para fugir em busca de alguma privacidade. Clement deu-lhes um último olhar desconfiado, pigarreou alto e virou as costas para eles, afastando-se deles para retomar sua busca por Henriette.

Lysette olhou para o marido com uma expressão de perplexidade e gratidão.

– Se você não estivesse aqui, Clement os teria descoberto. Obrigada.

– Arrume o vestido—, ele disse friamente. – E leve Henriette daqui agora.

Os amantes saíram da estufa. Lysette olhou para o rosto escurecido pela culpa e forçou os lábios a sorrir tranquilizadamente.

– *Allons*, Henriette. Temos que encontrar sua *tante* rapidamente.

A jovem timidamente se afastou de Alexandre e seguiu Lysette pelo caminho que levava ao prédio principal. Alex mordeu o lábio inferior sem se atrever a enfurecer seu irmão ainda mais do que ele já estava.

Max, evidentemente desgostado, observou sua esposa até que se perdeu de vista.

Alex deu-lhe um olhar de rebeldia.

– Você é incapaz de entender o amor, Max? Não sabe o que é quando você deseja alguém até que seus braços doem tanto que você quer abraçá-la? Vai me dizer que você não teria feito o mesmo se estivesse no meu lugar? Eu sei como você comprometeu Lysette para forçá-la a se casar com você. E eu acho que...

Max ergueu as mãos zombeteiramente como se tentasse se defender.

– Chega, Alex. Eu não me importo se você vê Henriette ou não, porque o único que assume riscos é você. Mas quando você faz da minha esposa uma cúmplice, tenho o direito de intervir.

A raiva que fez Alexandre se sentir tão aterrorizado desapareceu instantaneamente.

– Claro—, murmurou. – Mas Lysette queria ajudar.

– Disso não me cabe nenhuma dúvida. Minha esposa tem um coração muito

mole, e não custa muito ganhá-lo. É fácil tirar proveito de uma natureza tão generosa, *n'est ce pas?* Não a envolva novamente neste assunto, Alex: Eu não vou tolerar que você faça isso.

Alexandre assentiu, muito envergonhado pelas palavras de seu irmão.

– Me desculpe, Max. Eu só conseguia pensar em Henriette e...

– Eu sei–, interrompeu Max.

– Você está furioso com Lysette. Eu imploro para não culpá-la. Ela só fez o que Henriette e eu imploramos para ela fazer. Você não vai puni-la, vai?

Max ergueu as sobrancelhas e sorriu com desprezo.

– Vamos, Alex... parece que você acha que minha esposa precisa que a protegam de mim.

Depois de confiar Henriette novamente aos cuidados de sua tia, que prometera não trai-los a Diron, Lysette recuou para um canto escuro da galeria externa.

Esperava, com um sentimento de culpa, que Max não a encontrá-se ali, mesmo sabendo que, mais cedo ou mais tarde, teria que enfrentá-lo. A multidão de convidados que enchiam a casa tinha começado a dirigir-se para a sala de jantar, onde o jantar da meia-noite seria servido. Lysette, para quem a dança perdera todo o seu apelo, sentia-se muito nervosa e inquieta.

Havia ferido o orgulho masculino de Max, e se arrependia. Embora fosse um marido simpático e tolerante, ele também era um crioulo, e Lysette tinha ido contra seus desejos expressos. Com uma expressão preocupada, ela começou a pensar em possíveis maneiras de acalmá-lo.

Então ouviu passos e viu uma forma escura se aproximando.

– Max? – perguntou, sabendo que ele tinha ido em sua busca. Os passos pararam. Lysette manteve seu olhar virado enquanto falava. – Perdoe-me. Não suportava ver Henriette e Alexandre tão infelizes. Mas você estava certo e deveria ter escutado você. Vamos fazer as pazes, *d'accord?* – Se aproximou dele com um sorriso conciliatório nos lábios. – Eu quero tanto te dar prazer, *bien-aimé*...

Parou com uma exclamação sufocada quando seu rosto ficou visível. Não era Max, mas Etienne Sagesse. Tinha os olhos vidrados, e Lysette percebeu que seu hálito cheirava a licor.

– Que oferta tentadora–, ele murmurou. – Já imagino o que fará para fazermos as pazes, com sua boca doce e essas mãozinhas tão hábeis que você tem. Eu invejo seu marido... nunca tentei esconder isso.

Lysette sentiu sua pele arrepiar quando viu o olhar no rosto rechonchudo de

Sagesse. Ele estava muito bêbado. Tentou passar ao seu lado, mas ele a impediu.
– Deixe-me passar–, disse ela sem levantar a voz.

– Ainda não. Quero um pouco do que você dá ao seu marido. Afinal, você primeiro pertenceu a mim. Deveria passar todas as noites na minha cama. Eu deveria ser o homem que encontra prazer entre suas pernas, não Vallerand.

– Não seja estúpido–, disse Lysette secamente enquanto sua mente trabalhava a toda velocidade. Não podia deixar Sagesse armar uma cena. Isso criaria um escândalo e outro duelo. Tinha que se afastar dele rapidamente, antes que alguém os descobrisse. – Não queria você antes, e certamente não quero você agora. Saia do meu caminho, maldito bêbado.

Ele sorriu e seus lábios brilharam com um brilho húmido.

– Você é toda fogo e paixão, Lysette. Pode não ser a mulher mais bonita de Nova Orleans, mas sabe como manter o pau de um homem satisfeito, certo? – Ele foi em sua direção com um passo vacilante. – Pobre Lysette. Poderia ter sido minha esposa e, em vez disso, agora compartilha a cama com um assassino.

– Eu acho que você foi quem a matou.

Sagesse sorriu.

– Não, não fui eu. Corinne não apresentava nenhuma ameaça para mim. Ela me deu tudo o que eu queria; mais, na verdade. Apesar de estar mortalmente entediado, eu não tinha motivos para matá-la.

Estendendo os braços, descansou as mãos na parede acima da cabeça de Lysette. Ela olhou para ele, paralisada pela expressão em seu rosto.

– Você sabe o que aconteceu com ela, certo? – perguntou em voz baixa.

A respiração de Sagesse impregnada de bebida se espalhava pelo rosto de Lysette.

– Sim – Diga-me.

Ele examinou seu corpo.

– Se lhe digo? O que você vai me oferecer em troca?

Vendo que ela ficou em silêncio sem deixar de observá-lo, Sagesse estendeu a mão até seu peito e apertou-o com força. Lysette lhe bateu forte o suficiente para forçá-lo a virar o rosto, e então tentou fugir. Sagesse agarrou-a pelos cabelos e puxou-a, forçando-a a retroceder. Lysette soltou um grito de dor e cravou as unhas nas mãos dele, tentando se libertar.

As palavras de Sagesse bateram contra sua bochecha como uma salva de tiros.

– Pela primeira vez eu vou saber o que é ter você em meus braços.

– Não...

– Você deveria ter sido minha. – Sagesse plantou o joelho entre suas coxas e mordeu sua bochecha. Um grito escapou dos lábios de Lysette, e Sagesse cobriu a boca com uma mão, enquanto a outra procurava por seus seios. Estremecendo de asco, Lysette lhe mordeu a mão e gritou novamente.

De repente, ela ouviu uma voz cheia de fúria atrás dela, e Lysette foi abruptamente empurrada para longe de Sagesse por um puxão tão violento que sua cabeça foi empurrada para trás. Assim que aquelas mãos a soltaram ela cambaleou e teve que se apoiar em uma coluna para manter o equilíbrio. Tremendo, viu Justin se jogar sobre Sagesse com as mãos estendidas em sua garganta. Lysette observou-os lutar, estremecendo ao som de cada golpe.

– Não, Justin! – olhou freneticamente ao redor, procurando ajuda. Os convidados já haviam notado a briga e logo foram cercados por pessoas. Alguém a assinalou. Lysette buscou refúgio nas sombras, recuando para a escuridão enquanto afastava o cabelo do rosto e puxava o decote para cobrir os seios.

Um homem emergiu da multidão e se lançou sobre Justin, empurrando-o para longe de Sagesse. Era Bernard.

– Não seja idiota e acalme-se! – murmurou enquanto lutava para manter o menino lutando em seus braços.

– Maldito seja! – disse Justin. – Solte-me! Vou fazê-lo em pedaços!

Vários parentes de Sagesse apareceram, entre eles Severin Dubois, cunhado de Étienne. Eles correram em torno de Etienne, discutindo entre si quando começaram a puxá-lo para levá-lo à *garonniere*. O comportamento de Etienne era uma desgraça para toda a família. Depois de terem sido humilhados dessa forma, tudo o que queriam era esconder Etienne antes que sua honra pudesse ser mais danificada.

Lysette se encolheu ao sentir uma multidão de olhares pousados nela. Queria desaparecer. Será que eles acham que ela o procurou, que ela permitiu que Etienne a seduzisse, assim como ele havia seduzido Corinne no passado? Se sobressaltou ao ouvir sussurrar quase em seu ouvido: – Lysette?

Philippe acabara de aparecer ao seu lado e a olhava nos olhos com preocupação. O garoto colocou um braço em volta dos seus ombros, como se temesse que ela desmaiasse a qualquer momento. Lysette se inclinou contra ele, encontrando algum consolo em sua presença. Philippe era tão calmo e comedido... tão diferente de seu irmão turbulento, que continuava xingando enquanto tentava libertar-se de Bernard. Seguindo a direção do olhar de Lysette, Philippe observou o rosto avermelhado de seu irmão e sorriu.

- Ele nunca perdoará Bernard por mantê-lo afastado de Sagesse—, disse ele.
- Eu concordo—, disse Lysette com uma risada trêmula.
- Está bem?

Ela assentiu brevemente. – Onde está Max?

– Alguém foi procurá-lo... – Philippe não terminou a frase quando a multidão que não parava de falar se calou de repente. A multidão se separou para deixar Max passar enquanto ele abria caminho aos empurrões através da multidão. Não houve nenhum som. Até Justin ficou em silêncio.

Max parou e seus olhos foram rapidamente do rosto corado de Lysette para o de Justin. Se virou e viu Etienne Sagesse de pé entre seus parentes, e Lysette congelou quando viu a sede de sangue nos olhos do marido. – Max, não—, disse vividamente.

Ele não pareceu prestar atenção enquanto olhava para Sagesse.

– Eu juro por Deus que vou te matar—, ele disse em um tom de voz que esfriava o sangue de quem quer que ouvisse, inclusive Lysette. Antes que alguém pudesse reagir, Max já havia alcançado Etienne em dois passos.

Lysette levou as mãos à boca para conter um grito ao ver que o marido estava se tornando um estranho. Abrindo caminho através dos Sagesse, Max pulou sobre o bêbado e lhe bateu a cabeça no chão. Foram necessários os esforços combinados de Bernard, Alexandre, Justin e Philippe para tirá-lo de lá.

Severin Dubois atravessou a multidão reunida enquanto Max lutava para libertar-se dos braços que o seguravam. A voz calma e autoritária de Dubois conseguiu conter a fúria cega de Max.

– Não pode haver desculpa para o insulto ao qual sua esposa, Vallerand, foi submetida. O que Etienne acabou de fazer é imperdoável. Em nome da família Sagesse, ofereço-lhe nossas mais humildes desculpas. Tudo o que posso fazer é jurar que isso não acontecerá novamente.

– Não, isso não vai acontecer novamente—, disse Max, zombeteiro. – Porque desta vez não cometerei o erro de deixá-lo vivo. Que alguém lhe traga uma espada. Eu vou terminar isso agora.

– Você não pode bater em um duelo com ele—, respondeu Dubois. – Sagesse não está em posição de empunhar uma espada. Seria um assassinato.

– Amanhã de manhã.

– Seria assassinato de qualquer maneira—, insistiu Dubois, balançando a cabeça. – E também...

Etienne interrompeu-o de repente com sua voz pastosa. Seus parentes o

ajudaram a levantar do chão. Seu nariz estava sangrando, mas ele não tentou estancar o sangue.

– Mas Max já provou o gosto do assassinato.

Max tentou se libertar.

– Solte-me–, ele rosnou, mas Bernard e Alex apenas seguraram com mais força.

– Etienne–, disse Dubois secamente, – fique quieto.

Sagesse avançou em direção a eles com um passo hesitante e uma careta que se assemelhava a um sorriso.

– Você está mentindo para si mesmo há anos sobre o que aconteceu com Corinne–, disse ele a Max. – Por que você é incapaz de encarar a verdade? Todas as peças estão lá. E ainda assim você nunca foi capaz de uni-las. Pode encontrar as respostas sob seu próprio teto, mas não o quer fazê-lo. – rio ao ver a cara Max fez–. É tão estúpido.

– Basta Etienne, basta! – o reprimou Dubois, agarrando-o pelo pescoço da camisa e levando-o dali.

Max os viu sair como em um sonho. Se livrou abruptamente das mãos dos irmãos e procurou por Lysette. Ela estava sozinha ao lado do corrimão da galeria, com os cabelos revoltos. Max veio imediatamente até ela e pegou-a pelos ombros.

Lysette tremia incontrolavelmente.

– Eu acho que Sagesse sabe quem matou Corinne, Max.

Max tomou seu rosto em as mãos e cobriu-o com beijos que eram tanto consolo quanto posse.

– Ele te machucou? – perguntou.

– Não, em absoluto.

Ele acariciou seus ombros, suas costas e seus quadris. Lysette sabia que as pessoas olhavam para eles, mas ela o abraçou, não importando o que achassem. Max enrijeceu e seu coração batia forte no peito.

– Isso não vai acontecer de novo–, Lysette ouviu-o murmurar. – Caso contrário, estou disposto a matá-lo.

Ela jogou a cabeça para trás, surpresa. – Não diga isso. Tudo foi esclarecido, Max.

Os olhos de Max eram negros e insondáveis, e uma palidez intensa aparecera sob o marrom de seu rosto.

– Não–, ele disse suavemente. – Mas isso será esclarecido.

Lysette separou seus lábios para responder, mas ele a puxou para longe de seu corpo e gentilmente a empurrou em direção a Alexandre. – Leve-a para casa.

– O que vai fazer? – Lysette perguntou.

– Não demorarei em voltar–, disse ele em resposta.

– Venha comigo–, ela implorou.

Trocando um olhar com Alex, Max se virou e saiu.

– Max! – ela gritou, seguindo-o. Alexandre pegou o braço dela.

– Não se preocupe, Lysette. Max só vai falar com Severin e um ou dois dos Sagesse. Tenho certeza de que Jacques Clement estará lá para se encarregar de mediar entre eles.

Ele voltou sua atenção para Bernard, que aguardava não muito longe. – Você vai com ele?

Bernard sacudiu a cabeça.

– Minha presença não seria muito útil–, ele disse, e acrescentou venenosamente, – especialmente considerando que deveríamos ter deixado Max matar aquele bastardo insolente.

A voz de Justin rompeu o silêncio. – Se ele não fizer isso, eu farei.

Eles notaram o menino. Alex franziu a testa, enquanto Bernard soltou uma risada desdenhosa.

– Você não é nada além de um valentão–, disse ele.

Lysette imediatamente se aproximou de Justin e pegou sua mão.

– Não diga essas coisas, – pediu.

– Passei toda a noite observando Sagesse–, Justin disse com voz rouca. – Enquanto ele observava você. Quando você desapareceu, ele imediatamente foi em sua busca. Eu o segui e...

– Obrigada–, ela interrompeu docemente. – Obrigado por me resgatar. Agora que acabou, nós podemos...

– Eu o vi sair para a galeria, – Justin continuou, abaixando a voz para um sussurro para que ninguém mais pudesse ouvir o que ele estava dizendo. Ele se virou, dando as costas para os outros. Seu intenso olhar nunca deixou o rosto de Lysette. – No momento em que cheguei a uma das portas, ele já tinha te coagido. Comecei a correr e passei por alguém que estava parado naquele lado da galeria. De pé ali, observando você. Era o tio Bernard. Ele não ia mover um dedo para te ajudar.

Lysette balançou a cabeça, não entendendo completamente o que ele achava tão significativo.

– Justin, agora não...

– Você não entende? Algo está errado quando um homem não está disposto a defender um membro de sua família. A atitude de Sagesse não apenas representou uma ofensa contra você, mas contra nosso pai e contra mim, e...

– Estou muito cansada–, ela sussurrou, não querendo ouvir mais nada. Os animos estavam muito exaltados e era evidente que o menino estava fora de si. Haveria tempo para esclarecer tudo depois.

Lysette estava deitado na cama, sozinha. Seus dentes batiam e ela permanecia com os olhos bem abertos no quarto na penumbra. Os acontecimentos da noite se repetiam em sua mente, e ela não conseguia se livrar da sensação de que algo terrível havia sido posto em movimento, algo que nem ela nem Max poderiam evitar.

Nunca tinha visto Max perder o controle, como ele fez naquela noite. Por um momento ela pensou que seu marido mataria Sagesse na frente dela. Levou as mãos a suas têmporas e as apertou com a esperança de afastar para longe as terríveis imagens. Mas elas continuaram a incomodá-la implacavelmente, assim como o eco do juramento de Max: “Juro por Deus, eu vou matar você.”

Com um gemido, Lysette girou na cama e enterrou o rosto no travesseiro. A casa estava em silêncio. Todos os Vallerands tinham ido dormir, exceto Bernard, que escolhera passar a noite em outro lugar. Todos concordaram em não mencionar o que aconteceu com Irénée.

As horas pareciam passar muito devagar antes que Lysette ouvisse os ruídos anunciando a chegada de alguém. Pulou da cama e estava chegando à porta quando Max entrou no quarto. Ele não pareceu surpreso ao encontrá-la acordada.

– O que aconteceu? – ela perguntou, envolvendo os braços em volta da cintura dele. Sentiu que dentro de Max parecia ferver uma violência mal contida. Max segurou-a contra o peito por um momento e, em seguida, puxou-a um pouco para que ele pudesse contemplá-la.

– Está bem?

– Sim, agora que você está aqui, estou bem–, respondeu Lysette.

Observou-o tentando adivinhar seu estado de espírito. – Haverá um duelo amanhã?

– Não.

– Estou feliz–, disse ela, infinitamente aliviada. – Venha para a cama e falaremos sobre...

– Não ainda, *petite*. Eu tenho que sair de novo.
– Por quê?
– Preciso cuidar de um assunto pendente.
– Esta noite? – Lysette sacudiu a cabeça. – Max, você tem que ficar aqui. Eu não me importo com os assuntos que você tem que resolver ou o que é que você tem que fazer. Preciso de você. Fica Comigo...
– Volto em breve—, ele disse. – Eu não tenho escolha, Lysette —, acrescentou com firmeza.

Lysette não podia deixar Max ir a lugar algum naquela noite, enquanto estivesse naquele estado de ânimo. Todos os seus instintos insistiram que ela o mantivesse seguro junto a ela.

– Não vá—, implorou, agarrando-o pela frente de seu casaco.

Quando viu que ele estava prestes a recusar seu pedido, Lysette jogou uma carta que esperava não ter que empregar.

– Uma vez você me disse que se eu pedisse para você não fazer algo, você me daria esse prazer. Bem, agora estou pedindo a você. Não vá.

Max soltou um grunhido de frustração.

– Maldição, Lysette. Eu tenho que ir. Não faça isso comigo precisamente esta noite.

– Você se recusa a fazer o que eu peço? – Lysette perguntou, olhando em seus olhos. Percebia que seu desejo de agradá-la chocava violentamente com qualquer que fosse a tarefa.

Havia se imposto. Max pressionou os lábios em uma careta de exasperação.

O silêncio continuou como uma corda prestes a quebrar. Em vez de permitir que Max sofresse outro momento de tortuoso debate interior, Lysette decidiu fazer pender a balança. Suas mãos delgadas desceram de sua jaqueta e alisaram a frente de suas calças. Sentiu Max estremecer com esse contato inesperado. Lysette olhou para seu membro, que já estava começando a reagir, ela colocou a mão ao redor dele e, pressionando levemente, fez com que ele ganhasse vida. Então ela descansou seus seios contra o peito dele.

Quando Max falou novamente, sua voz era profunda e hesitante.

– Lisette, o que você está fazendo? – perguntou.

– Distaindo a si mesmo, é o que estou fazendo.

O membro de Max já havia atingido sua espessura máxima, e Lysette puxou os botões de ônix esculpido de suas calças para soltá-lo. Ajudados pela pressão sob o tecido grosso, os botões saíam facilmente de seus buracos. Lysette deu um

grunhido de prazer quando seus dedos deslizaram ao redor do membro ereto.

Max ofegou e deu um passo para trás, e Lysette correu para segui-lo, fazendo com que os dedos com os quais o provocava descessem até a região sedosa sob seus testículos.

– Lysette–, disse ele com voz rouca, – se você acha que com isso vai me impedir de sair, está muito enganada.

– Que tal isso? –, Respondeu Lysette, abaixando a cabeça para pegar o membro em sua boca. Sua língua procurou delicadamente até encontrar uma veia pulsante.

Ouviu um som abafado em cima dela, antes que ele encontrasse a respiração necessária para balbuciar: – Sim, acho que isso vai me manter aqui. – Inclinando-se contra a parede, Max ofegou quando ela usou a boca e as mãos para deixá-lo ainda mais excitado. Quando não aguentou mais, ele a tomou em seus braços e levou-a para a cama para consumir o ato com paixão ávida.

Nova Orleans era um viveiro de fofocas. Todos conheciam a rivalidade entre Étienne Sagesse e Maximilien Vallerand, mas o que aconteceu no baile de Leseur foi além da imaginação. A história de como um Sagesse completamente bêbado enlouquecera com a esposa ruiva de Vallerand correu de casa em casa.

Dizia-se que a jovem Madame Vallerand fora vista seminua na galeria. Uma testemunha alegou ter ouvido Vallerand jurar que ele iria se vingar de todos os membros da família Sagesse. Outro afirmou que Vallerand ameaçara estrangular sua segunda esposa, como fez com a primeira, se alguma vez a surpreendesse olhando outro homem.

Enquanto ia aos escritórios da pequena companhia de navegação que tinha na cidade, Max estava muito consciente da onda de excitação que estava deixando em seu caminho. As mulheres não olhavam para ele assim, como se fosse um animal muito perigoso que precisava ser evitado, desde antes do casamento. Os homens se mostravam em sua presença como meninos que tinham acabado de tropeçar no valentão da escola. Desgostoso, Max correu para terminar o que tinha que fazer. Obviamente, seu destino na vida era ser perseguido pelo escândalo se ele merecia ou não.

Quando voltou para a plantação, viu várias carruagens paradas no longo caminho que levava ao prédio principal. Não era o dia habitual para receber visitas de Irénée. Max entrou e tirou as luvas e o chapéu. Um burburinho vindo da sala chegou aos seus ouvidos.

Antes que pudesse investigar, Lysette apareceu. – São os amigos de Irénée–, sussurrou com um sorriso conspiratório enquanto agarrava seu braço. – Não se deixe ser visto. Nós não queremos que ninguém desmaie.

O levou para a biblioteca. Max deixou puxá-lo enquanto enchia seus olhos com a visão de seu corpo. Ela usava um vestido azul com uma delicada renda branca.

– Sua mãe teve uma manhã maravilhosa–, ela informou a ele enquanto fechava a porta da biblioteca. – Tanto se moram perto ou moram longe, todos vêm vê-la para ouvir sua versão do que aconteceu na noite passada. O fato de ela não estar lá é irrelevante.

Max sorriu de má vontade ao pensar que onde qualquer outra mulher estaria tensa e preocupada com a situação, Lysette ao contrário era capaz de fazer uma piada. Ele se inclinou para beijá-la e provou a doçura de seus lábios. – Não se preocupe–, ele disse ironicamente. – O escândalo será esquecido em apenas dez ou doze anos.

Lysette sorriu e abaixou a cabeça novamente.

– Bem, nesse caso teremos que levar uma vida muito recolhida até então.

– Madame Vallerand–, ele sussurrou, e beijou-a no pescoço, – você faria o próprio inferno parecer atraente.

– Você pode ter certeza que eu vou te seguir onde quer que você vá, *bien-aimé*.

Tarde da noite, Lysette foi abruptamente acordada de seu sono quando Max levantou o braço que estava em sua cintura e se levantou da cama. Sem o calor do corpo, Lysette murmurou um protesto confuso. – Tenho que sair por um tempo.

– Sair? – Espantada e cheia de irritação, Lysette afastou o cabelo do rosto. – Não falamos sobre isso na noite anterior?

– Sim–, disse Max; Vestiu as calças e procurou a camisa que tirara quando foi dormir. – E eu deveria ter cuidado do meu assunto, então... mas eu estava distraído.

– Esse assunto não pode ser atendido à luz do dia?

– Temo que não.

– Você vai fazer algo perigoso? Ilegal?

– Não totalmente.

– Max!

– Eu voltarei em cerca de duas horas.

– Eu não aprovo–, disse ela. – Detesto quando sai de casa durante a noite.

– Durma–, ele sussurrou; Ele a fez deitar-se e beijou-a na testa. – Quando você acordar, eu estarei aqui ao seu lado, – acrescentou enquanto a cobria como cobertor.

De manhã, uma leve garoa acordou Lysette, e ela se agasalhou um pouco mais do que seria necessário em um dia de setembro. Seu vestido de veludo simples era um tom vermelho-ferrugem que destacava a cor de seu cabelo. O cabelo foi recolhido em um longo rabo de cavalo.

Um fraco gemido veio até ela da cama, e Lysette olhou por cima do ombro para a massa de lençóis emaranhados e longos membros cobertos de pêlos. Como prometido, Max retornou durante a noite. Ele se recusou a dar qualquer explicação de onde tinha estado, tirou as roupas, pôs fim às perguntas de Lysette fazendo amor com ela e depois adormeceu imediatamente. Lysette estava irritada com sua atitude evasiva, mas também se sentiu aliviada por tê-lo de volta com ela.

Foi para a cama com as mãos nos quadris. – Bem, então você está acordado–, disse alegremente.

– Estou cansado–, ele murmurou.

– Fico feliz em saber. Espero que você esteja exausto, Max. Então, hoje à noite, talvez você fique na sua cama, em vez de ir a algum assunto misterioso que nem consegue explicar para sua esposa.

Max se endireitou na cama, o lençol caiu até a cintura enquanto ele esfregava o rosto com as mãos. Embora estivesse muito zangada com ele, Lysette não pôde deixar de apreciar a visão de seu corpo moreno e musculoso.

– Está tudo bem–, ele meditou. – Vou explicar tudo para você, pois é claro que, senão, você não me deixará em paz. Ontem à noite eu fui para ... – Ele ficou em silêncio quando ouviu um som de passos subindo as escadas.

Franzindo a testa, Lysette saiu para o corredor e viu Philippe. O rosto do garoto estava tonto de pânico. – Onde está Justin? – Ele gritou assim que a viu. – Está em casa?

– Eu não sei–, disse ela, fechando parcialmente a porta do quarto atrás dela enquanto Max colocava um roupão. – Acho que ele foi passear pela cidade com alguns amigos. Por quê? O que está acontecendo?

Philippe tentou recuperar o fôlego.

– Eu fui para a minha aula de esgrima–, ele respirou. – Eu ouvi... n... notícias sobre Étienne Sagesse...

Lysette sentiu um frio sinistro quando o menino ficou em silêncio. Notou a presença de Max atrás dela e se apoiou em seu peito.

– Vá em frente–, disse Max. – O que há de errado com Sagesse, Philippe?

– Ouvi dizer que foi encontrado ontem à noite no *Vieux Carre*, perto da Rampart Street... Etienne Sagesse foi assassinado.

Capítulo 15

A verdadeira extensão das suspeitas que pesavam sobre Max foi revelada com a visita de Jean-Claude Gervais, o capitão dos *gens d'armes*. Gervais, a principal autoridade legal em Nova Orleans, não teria ido vê-lo pessoalmente, a menos que a situação fosse extremamente séria.

O capitão Gervais teria dado qualquer coisa para estar no lugar de outra pessoa. Não esquecera o favor que Maximilien Vallerand lhe dera há não muito tempo atrás, quando deixou cair algumas palavras nos ouvidos apropriados para garantir que os *gens d'armes* recebessem novas armas e equipamentos. E agora ele retribuía esse favor se intrometendo em sua privacidade e questionando-o sobre um assassinato. Tentando esconder o desconforto que sentia, Gervais ficou impassível quando foi recebido na casa dos Vallerands.

– *Monsieur* Vallerand–, ele começou, ficando mais rígido do que uma vara enquanto Max fechava a porta da biblioteca para que eles pudessem conversar entre si sozinhos. – A razão pela qual estou aqui...

– Eu sei por que está aqui, capitão. – Vallerand foi para uma fileira de licoreiras de cristal e levantou uma com um olhar interrogativo.

– Não, *merci*–, disse Gervais, apesar de desejar desesperadamente uma bebida.

Vallerand encolheu os ombros e serviu-se de um conhaque. – Sente-se, se quiser. Eu acho que isso vai demorar um pouco.

– *Monsieur* Vallerand–, disse Gervais, acomodando seu grande corpo em uma grande poltrona de couro. – Antes de mais nada, você deve saber que isso não é uma investigação oficial...

– Eu sei que tem muitas perguntas a fazer, capitão. Para economizar tempo, vamos ser o mais direto possível. – Vallerand esboçou um sorriso. – Vamos reservar a conversa entre amigos para uma ocasião mais agradável, certo? – Gervais assentiu.

– É verdade, *monsieur*, que há duas noites, na plantação de Leseur, esteve prestes a matar Etienne Sagesse?

Vallerand assentiu.

– Sagesse tinha acabado de insultar minha esposa e, naturalmente, eu queria fazê-lo em pedaços. Mas as famílias de ambos nos impediram de lutar. E eles me convenceram de que eu não deveria desafiá-lo para um duelo por causa do estado em que ele estava.

– Sim. Eles me disseram que ele bebeu.

Somente um crioulo entenderia o delicado significado que Gervais imprimiu na última palavra. A frase era como uma acusação direta dirigida contra a masculinidade, a honra e o caráter de Sagesse. Era considerado imperdoável para um crioulo beber mais licor do que ele poderia suportar.

– *Monsieur*–, acrescentou ele, – sua esposa e *Monsieur* Sagesse foram prometidos em algum momento, certo?

Os olhos de Vallerand se estreitaram negros como a noite. – De fato, eles eram.

– A família Sagesse afirma que você a roubou de Etienne. Como exatamente aconteceu?

Vallerand estava prestes a responder quando bateram de leve e a porta se abriu um pouco.

– Sim? – disse Vallerand abruptamente. Gervais ouviu um suave murmúrio feminino.

– Eu gostaria de ouvir, *mon mari*, se estiver tudo bem. Eu prometo não interromper.

Vallerand questionou Gervais.

– Se o capitão não tiver nada a objetar... – disse. – Capitão Gervais, minha esposa, Lysette Vallerand.

Gervais curvou-se educadamente, descobrindo que a jovem Madame Vallerand era uma mulher impressionante, com os cabelos tão vermelhos quanto o fogo e os vívidos olhos azuis. Ela transmitia sensibilidade e energia, mas ao mesmo tempo fazia seu interlocutor não poder deixar de imaginá-la nua, e com a visão de sua boca, pensamentos tão suaves e carnaís, surpreendentemente lúbricos, vieram à mente. Mesmo com seu imponente marido na sala, Gervais sentiu seu rosto começar a suar e ficou feliz por poder sentar-se novamente na cadeira de couro.

– Capitão? – Vallerand insistiu.

Gervais deu um suspiro.

– *Monsieur*... as perguntas que tenho que fazer podem ser embaraçosas para Madame.

– Podemos ser francos com minha esposa—, disse Vallerand, sentando-se ao lado dela.

– Bom. É sobre o sequestro da noiva de Étienne Sagesse.

– Sequestro? —, Madame Vallerand repetiu, incrédula. — Eu não chamaria disso. Quando pus os pés em Nova Orleans pela primeira vez, saí da casa de Sagesse sem que ninguém me obrigasse a fazê-lo: tomei essa decisão porque *Monsieur* Sagesse estava se comportando de maneira muito pouco cavalheiresca comigo. A convite da mãe de Maximilien, vim morar aqui (ela conhecia minha mãe, sabe?), E então fiquei doente. Durante minha convalescença, me apaixonei por Maximilien e aceitei sua oferta de casamento. Ninguém me sequestrou. É muito simples, *voyez-vous*?

– Certamente—, disse Gervais. — *Monsieur* Vallerand travou um duelo com *Monsieur* Sagesse sobre essa questão, certo?

– Sim.

– Você diria que isso tornou a inimizade que já existia entre eles ainda mais profunda?

– Não—, respondeu Vallerand. — Na verdade, terminei o duelo prematuramente.

– Por quê?

– Eu senti pena de Sagesse. Qualquer um dos que compareceram concordará que eu poderia tê-lo matado facilmente, em legítima defesa de minha honra. Mas cheguei à idade, capitão, em que um homem deseja desfrutar de um pouco de paz. Eu até ousei esperar que os Sagesse e os Vallerands finalmente parassem de ser inimigos. — Um ligeiro tremor sacudiu suas sobrancelhas quando viu que até a esposa o olhava com ceticismo. — É verdade —, acrescentou em um tom neutro.

– Mesmo sabendo da relação que Sagesse teve com sua primeira esposa? —, Perguntou o capitão.

– O ódio é uma emoção que consome tudo—, declarou Vallerand. — Deixa espaço para muito pouco mais. — Ele olhou para a esposa com um sorriso nos lábios. — Finalmente, comecei a renunciar ao ódio quando percebi que a vida seria muito mais rica sem ele. — Sua atenção voltou para o capitão. — Não que eu tenha perdoado Sagesse, me entenda. Sua traição me machucou profundamente e tenho orgulho tanto quanto qualquer um. Mas fiquei farto de alimentar ressentimento e queria deixar o passado para trás.

– Mas Sagesse tornou isso impossível...

– Eu não diria isso. Após o duelo, praticamente não houve comunicação entre nós.

O capitão Gervais fez mais algumas perguntas sobre a relação que existia entre Corinne e Etienne e depois mudou de assunto.

– *Monsieur* Vallerand, duas testemunhas o viram ontem à noite no *Vieux Carré*. Que propósito te levou ali?

Vallerand parecia estar em guarda e hesitou antes de responder: – Eu fui visitar minha antiga *placée*.

Tanto Lysette quanto o capitão coraram. O matarei pensou Lysette. Que diabos ele poderia estar fazendo com Mariame? Piscou quando percebeu que o capitão Gervais estava falando com ela.

– Madame Vallerand, se quiser sair da sala...

– Não, vou ficar—, disse ela com voz firme.

Claramente desanimado, Gervais retomou o interrogatório.

– Sua amante? —, Ele perguntou a Max.

– Sim, por vários anos.

Lysette só ouviu metade do resto da entrevista. Uma série de possibilidades desagradáveis agitava sua mente. Max mentira para ela e ainda mantinha Mariame como sua amante, ou agora ele mentia para o capitão Gervais, escondendo a verdadeira razão pela qual ele estivera no *Vieux Carré*.

Finalmente, o capitão Gervais levantou-se para indicar que o interrogatório terminara.

– *Monsieur* Vallerand—, disse ele solenemente, – sinto-me obrigado a dizer-lhe que você deve manter certos fatos em mente. Eu digo isso de maneira não oficial, certamente.

Max inclinou a cabeça e olhou com atenção para o rosto do capitão, que acrescentou: – É importante que os habitantes de Nova Orleans sintam que a lei é tão competente agora como era antes dos americanos tomarem posse do território. As pessoas não têm muita fé em nenhuma instituição governamental; inclusive, lamento admitir, minha própria força policial. Étienne Sagesse pertencia a uma antiga família que sempre foi muito respeitada por todos e sua morte é considerada uma grande perda. As pessoas exigem que tal crime seja rapidamente punido. Além disso, hoje não é possível garantir um processo justo a ninguém. O sistema judicial passa por uma fase de grande agitação. Seria preciso ser louco para confiar sua vida à esperança de que receberá um tratamento justo e equitativo.

Max assentiu devagar.

– Especialmente–, acrescentou Gervais, – quando vários membros da comunidade levantaram suas vozes para denunciá-lo. Um desses homens é o juiz do tribunal do condado. Eles pedem para prendê-lo. Como pode entender, é mais do que um mero chocalho de sabre, *monsieur*.

– Algum desses homens, por acaso, pertence à Associação Mexicana?

Max queria saber.

– A maioria deles, eu acho–, respondeu Gervais, um pouco surpreso com a pergunta.

Os amigos de Burr, Lysette entendeu com indignação. Os cúmplices de Aaron Burr exigiam que Max fosse preso, muito provavelmente porque haviam prometido a Burr que tudo fariam para se vingar dele pelo desprezo que demonstrara pela causa deles. Não poderia haver melhor oportunidade do que esta.

– Eu estou dando tempo para você se preparar, *monsieur*. – Gervais olhou para Max. – Porque muito em breve serei forçado a prendê-lo. – Ele fez uma pausa. – Você tem uma pergunta para me fazer, *monsieur*?

– Apenas uma–, disse Max. – Como *Monsieur* Sagesse foi morto?

– O estrangularam–, respondeu Gervais. – Matar um homem como Sagesse requer muita força, *monsieur*. – Ele olhou para o peito musculoso de Max e os ombros largos. – Poucos homens teriam conseguido fazê-lo.

Lysette foi incapaz de fazer o menor som enquanto Max acompanhava o capitão até a porta da frente. Cerrou o estômago com os punhos. Ela sentiu como se estivesse presa em um pesadelo e desejava acordar dele.

Passou um minuto que pareceu um ano, e Max voltou com ela. Ele caiu de joelhos no chão ao lado da cadeira e segurou os punhos frios de Lysette em sua mão quente.

– Querida–, ele murmurou. – Olhe para mim.

Ela olhou para ele sem tentar esconder o desespero que sentia.

– Eu vi Mariame ontem à noite–, continuou Max. – Tinha que fazer os arranjos necessários para que seu filho, o que teve de outro homem, deixasse o território. Ele é um mestiço, e na última semana foi descoberto que ele estava tendo um caso com uma mulher branca. Sua vida está em perigo. Talvez você já saiba o que eles fazem para ... bem, é melhor não entrar em detalhes. Há alguns dias, Mariame me enviou uma mensagem pedindo ajuda. Sabendo o que o moço significa para ela, não pude recusar.

Lysette mal ouvira a explicação.

– O que o capitão Gervais disse sobre nos dar tempo para nos prepararmos? O que fez é nos dar tempo para ir o mais longe possível? Estava se referindo a fugir, certo?

– Sim–, disse Max com um suspiro. – Isso é o que ele quis dizer.

– Temos que sair hoje a noite. Eu não vou demorar muito preparando a bagagem. México? Não, França...

– Nós não vamos a lugar nenhum–, ele interrompeu docemente.

Lysette pegou as lapelas de sua jaqueta.

– Sim, vamos fazer isso! Eu não me importo onde você viva, contanto que eu esteja com você. Se você ficar aqui, eles... – Sua voz quebrou. – Eu acredito no que o capitão Gervais disse, Max.

– Não matei Etienne Sagesse.

– Isso eu já sei. Mas nunca seremos capazes de provar isso e, mesmo que o fizéssemos, ninguém nos ouviria. As autoridades americanas querem alardear seu poder sobre os crioulos, e acabar com um homem na sua posição faria com que eles sentissem que finalmente conseguiram tomar o controle da cidade. Nós devemos ir. Eles vão declarar você culpado. Você não entende? Se algo acontecesse com você, Max...

– Nós não vamos fugir. Isso não seria vida, nem para você nem para mim.

– Não! – disse, afastando-se dele quando ele tentou tranquilizá-la. – Não, não diga outra palavra! – rapidamente recuperou o controle de si mesma. – Vou subir e arrumar as coisas para nós e as crianças. Diga a Noeline para mandar os baús para baixo. Não, não, vou contar a ela. – pulou para trás quando viu Max se aproximar dela. – Não me toque!

– Vamos ficar, Lysette–, ele disse suavemente.

Ela rapidamente considerou maneiras diferentes de forçá-lo a partir.

– Vou partir para a França esta mesma noite, e você pode ficar aqui e deixá-los enforcar com seus princípios ou vir com sua família e ser feliz. Não deveria precisar de muito tempo para escolher!

Começou a sair da sala furiosa e, um instante depois, rápido como um raio, reapareceu na porta.

– E enquanto considera suas opções–, disse, – poderia ir pensando que neste momento é provável que eu já esteja grávida. Nosso filho vai precisar de um pai! E se isso não te encher de inquietação... – revirou os olhos, que se converteram em duas fendas. – Então eu juro a todos os santos que se você ficar aqui para ser

enforcado, eu ainda irei para a França e encontrarei outro homem para casar! Isso te convence a vir comigo?

Quando Lysette subiu as escadas, Max se sentou em sua cadeira. Apesar de quão preocupado e desolado estava, ele não pôde deixar de sorrir. Mesmo que viajasse pelo mundo, nunca encontraria uma mulher que o entendesse nem a metade que sua esposa. Com quatro frases concisas, Lysette conseguiu atingir todos os lugares onde estava vulnerável.

A casa estava tão silenciosa quanto um túmulo, exceto pelos sons que acompanhavam Lysette, enquanto ela arrumava a bagagem às pressas. Coberta por um véu espesso e suas feições desfiguradas pela tristeza, Irénée levou Noeline à catedral com ela, onde passara várias horas recebendo o conselho de um velho padre que era amigo da família e pedindo perdão a seu filho em uma longa e desesperada série de orações. Não tinha conseguido falar com Max, nem sequer olhar para ele, enquanto deixava a plantação.

Naturalmente, refletiu Max, não havia ocorrido a Irénée pensar que ele poderia não ter matado Etienne Sagesse. Sua mãe viveu por anos na crença de que ele havia matado Corinne. Ele se perguntou, desolado, como era possível a velha continuar amando uma pessoa que acreditava capaz de matar a sangue frio.

Até o anoitecer começar, Max estava avaliando a idéia de fugir, mas ele finalmente descartou. Há muito tempo adquirira propriedades na Europa, no caso de suas posses na Louisiana chegarem a correr perigo. Se ele fosse forçado a fugir, tinha os meios necessários para ele e Lysette viverem confortavelmente pelo resto de suas vidas. Mas os anos de exílio, sendo perseguido por sua reputação, sempre olhando por cima do ombro por medo da punição dos Sagesse ou de seus parentes... Não, ele e Lysette nunca seriam felizes. Sem mencionar que a vingança dos Sagesse também incluiria seus descendentes. As vidas de seus filhos estariam em perigo, até que alguém pagasse pelo crime que Max foi acusado. Ele tinha que ficar e lutar para provar sua inocência.

Ele parou ao pé da curva dupla das escadas e olhou para cima. Philippe havia se trancado em seu quarto. Depois que voltou para casa e foi informado da prisão de Max, Justin partiu em alguma missão misteriosa. Uma empregada passou sigilosamente por Max e subiu as escadas carregando uma mala de couro, enquanto Lysette insistia para que ela se apressasse. Max sacudiu a cabeça com uma expressão melancólica. Ninguém poderia acusar a mulher com quem ele havia se casado por falta de coragem. Ele colocou o pé no primeiro degrau, com

a intenção de subir e acabar com todos os preparativos que não seriam úteis.

O deteve o estrondo que ecoou atrás dele, quando Justin abriu a porta da frente e invadiu a casa como se tivesse enlouquecido.

– Pai! – gritou. – Pai... – Ele parou na frente de Max. A névoa impregnada de umidade que flutuava no ar ensopara suas roupas e cabelos, e quando ficou imóvel, as gotas começaram imediatamente a cair no carpete.

Max estendeu as mãos para segurá-lo. – Justin, onde você tem...?

– Eu estive... seguindo... – Justin gaguejou ao mesmo tempo em que o pegava pelos braços. – Eu tenho acompanhado Bernard. – Ele puxou impacientemente seu pai. – Ele está na cidade, bebendo e jogando em *La Sirene*.

Isso não surpreendeu Max.

– Bernard tem seu próprio jeito de lidar com o infortúnio familiar, *mon fils*. Deus sabe que ele teve que sofrer em muitas ocasiões. Deixe-o fazer o que queira. E agora...

– Não, não! – Justin exclamou. – Você tem que falar com ele.

– Por quê?

– Você tem que perguntar a ele... Certas coisas.

– Como quais?

– Pergunte por que ele odeia tanto Lysette. E por que ele estava disposto a deixá-la cair do sótão. Pergunte por que ele estava naquela galeria, porque ele a viu com Sagesse e não tentou ajudá-la! Pergunte a ele onde ele estava na noite passada!

–Justin–, disse Max impaciente, – está claro que, por qualquer razão, você e Bernard tiveram uma discussão muito séria. Mas nesse momento há coisas mais importantes que...

– Não, nada é tão importante quanto isso! – Justin insistiu. – Pergunte a ele o que ele sentia por minha mãe! E então pergunte a ele o que Etienne sabia que o tornava tão perigoso!

Max o sacudiu violentamente. – Chega!

Justin fechou a boca.

– Eu entendo que você quer ajudar–, acrescentou Max. – Não quer que eu seja culpado por esse assassinato, mas isso não lhe dá o direito de fazer acusações contra outras pessoas, especialmente sua própria família. Bernard pode não gostar de você, mas...

– Venha comigo–, implorou Justin. – Fale com ele. Se fizer isso, você entenderá rapidamente o que estou tentando dizer. É a única coisa que peço.

Merda, e não me diga que você não tem tempo para isso! O que mais você planejou fazer hoje à noite? Esperar para ser preso?

Max olhou em seus olhos, enquanto Justin prendia a respiração.

– Está bem—, ele finalmente concordou.

Justin o rodeou com os braços e enterrou o rosto em seu peito, em seguida, saltou de lado.

– Não quero me encontrar com nenhum dos Sagesse. Temos que evitar a estrada principal...

– Nós vamos ter que usá-lo—, disse Max. – Porque há esta hora, as outras estradas já se tornaram um atoleiro. – Ele foi até a porta e Justin correu para segui-lo.

Renée Sagesse Dubois estava sentada sozinha na sala de estar com a carta selada no colo, olhando para ela com olhos vermelhos. Era dirigida a Maximilien Vallerand. Se lembrou de ter visto Etienne escrevendo logo antes do duelo. Etienne a selou com as próprias mãos e recusou-se a revelar seu conteúdo. Lhe havia indicado que ela deveria entregar a carta para Maximilien, se Vallerand fosse o vencedor do duelo.

Renée se perguntou vagamente por que Vallerand poupava a vida de Etienne, por que terminara o duelo sem um verdadeiro derramamento de sangue. Etienne havia mencionado isso em mais de uma ocasião durante os meses seguintes, e parecia sentir ainda mais desprezo do que antes por Maximilien.

Desde o duelo, Renée tentou devolver a carta para Etienne, mas ele insistiu que ela deveria mantê-la, com as mesmas instruções. Depois que ele morresse, ela a entregaria para Maximilien.

Mas Renée não conseguiu. Apesar da promessa que fez, se sentiu incapaz de aparecer ante o assassino de seu irmão.

– Sinto muito, Etienne—, sussurrou. – Não posso fazer isso. – jogou a carta no chão e começou a chorar.

Depois de alguns instantes, Renée recuperou a compostura e ficou olhando para a carta. O que Etienne poderia ter escrito? Quais eram seus verdadeiros sentimentos pelo homem que fora seu amigo, seu inimigo e, finalmente, seu assassino? Renée pegou e quebrou o selo de cera escarlate.

Começou a ler enquanto enxugava as lágrimas. A primeira página era tão enigmática que não havia como entendê-la. Foi para a segunda.

– Oh, não—, murmurou. – Étienne... como isso é possível?

Enquanto cavalgava com seu filho pela estrada coberta de névoa, Max se perguntou sombriamente que impulso louco o teria levado a ir à cidade com Justin. Não conseguiria nada falando com Bernard, que provavelmente estaria bêbado demais para articular uma frase completa.

Por que Justin estava tão determinado a envolver Bernard naquela maldita bagunça? Max teve que se conter para dizer a seu filho que ele estava voltando para a plantação. Mas, como Justin havia apontado, o garoto nunca lhe pediria nada.

Justin colocou sua montaria a galope. Eles chegaram a uma curva na estrada e desaceleraram, porque tinham acabado de ver quatro cavaleiros imóveis a poucos metros à frente deles. Os cavaleiros desdobraram-se imediatamente, formando um semicírculo enquanto seguiam em direção a eles.

Max reconheceu Severin Dubois, os dois irmãos de Étienne e um dos primos Sagesse. Era fácil imaginar qual seria o propósito que os unira: se propuseram vingar a morte de um dos seus. Max levou a mão ao lado. Um momento depois, murmurou uma maldição quando percebeu que havia deixado sua arma em casa.

Justin puxou as rédeas e fez sua sela virar para a direita, pronta para fugir.

– Não, Justin—, disse Max com voz rouca.

Os cavaleiros estavam muito perto e tentar escapar seria inútil. O menino ignorou e foi em frente com essa temeridade. Um dos Sagesse empunhou o rifle agarrando-o pelo cano e usou a espessa culatra de madeira de bordo como se fosse um porrete.

Um grito rouco irrompeu da garganta de Max, e o pânico tomou conta dele.

– Malditos! – Ele rugiu aos Sagesse quando pulou do cavalo. Correndo pela lama, ele conseguiu alcançar seu filho a tempo de segurar seu corpo mole quando ele escorregou da sela.

Os cavalos arranharam o chão com os cascos e relincharam nervosamente. Severin Dubois observou sem perder a calma quando Max deixou o filho cair no chão.

– Você não pode confiar na justiça hoje—, disse Dubois. – Nós pensamos que seria melhor se nós cuidássemos pessoalmente do assunto.

Max virou a cabeça do filho para um lado e cuidadosamente afastou o cabelo preto molhado para examinar a ferida. Um arrepio de raiva percorreu seu corpo quando viu o corte e o sangue em sua têmpora. O menino gemeu e lutou em seus braços.

– Sinto muito—, Max murmurou, beijando sua bochecha pálida. – *Je t'aime*,

Justin. Já verá que nada acontece com você. Não se mova. – Ele tirou a capa e envolveu-o protetoramente com ela.

– Não vamos machucá-lo mais–, disse Severin. – A menos, claro, se ele tentar criar dificuldades para nós.

Max olhou para Dubois com olhos odiosos e deixou Justin no chão. Sem sair de onde estava, não ofereceu resistência quando um dos Sagesse começou a amarrar seus pulsos.

– Onde está *monsieur* Vallerand? – Renée perguntou.

Lysette não pôde deixar de se surpreender. Pelo que se lembrava de sua breve estada com os Sagesse, já há vários meses, a irmã de Etienne sempre havia possuído uma gélida compostura que nada parecia capaz de mudar.

Mas agora ela parecia uma mulher completamente diferente, agitada, tremendo de emoção.

– Eu tenho que falar com seu marido–, acrescentou rapidamente, recusando-se a entrar na sala. – *Immédiatement*.

– Temo que ele não esteja aqui agora –, disse Lysette.

– Onde está? Quando ele vai voltar?

Lysette olhou a sua interlocutora, imaginando se os Sagesse a enviara para algum propósito maligno. – Eu não sei–, respondeu sem faltar com a verdade.

Eu tenho algo do meu irmão para ele.

– Do que se trata? – Lysette perguntou, sem se preocupar em esconder seus receios.

– Uma carta. Etienne queria que fosse entregue a *monsieur* Vallerand quando ele morresse.

Lysette assentiu friamente. Sem dúvida, a carta era uma última tentativa de zombar do marido contando mentiras. Apenas Etienne poderia ter encontrado uma maneira de rir de Max do túmulo.

– Se se sentir à vontade para me confidenciar, assegurarei que a receba.

– Não entende. A carta diz tudo sobre o passado... A aventura... tudo.

Lysette abriu muito os olhos.

– Deixe-me ver, – disse, e arrancou a carta das mãos de Renée antes que ela pudesse pegá-la. Então se virou e rapidamente leu as linhas escritas rapidamente. Pareciam se jogar sobre ela da página.

O amor te cega e nubla tua mente, Max. Eu o conheço bem o suficiente para saber que você preferiria assumir a responsabilidade por um crime que não cometeu,

do que acreditar que seu próprio irmão era capaz de tal traição.

...Eu te dei o que você queria... Eu vi você mergulhar em suas próprias decepções, enquanto eu...

Lysette parou de ler e olhou para Renée. – Bernard! – gritou.

Renée olhou para ela como se não pudesse deixar de sentir pena dela.

– É o que a carta diz. Depois que o relacionamento entre Étienne e Corinne chegou ao fim, ela começou uma nova aventura com Bernard. Ela praticamente admitiu a Etienne, e também lhe falou de seus planos para tornar pública a relação que ela mantinha com Bernard, se ele não concordasse em fugir com ela.

Lysette leu freneticamente o resto da carta.

...não há dúvida de que a idéia de se livrar de Corinne parecia muito mais atraente para Bernard do que ter que suportar sua companhia durante uma vida de exílio. Se tivesse me dado uma escolha entre essas duas coisas, eu mesmo poderia ter estrangulado a cadela. Mas, para dar a impressão de que havia sido o marido convertido em corno que havia feito isso... esse era um toque magistral digno apenas de um Vallerand.

– Etienne escreve que seu marido cometeu um grave erro ao não considerar a possibilidade de que Corinne e Bernard tivessem tido um caso—, disse Renée. – Etienne desprezou Maximilien porque ele ignorara o que só poderia ter visto se tivesse se dado ao trabalho de olhar.

– Mas Max acreditava que Bernard estava muito apaixonado por outra.

– Sim, uma garota americana.

– Bernard a engravidou e ela fugiu... ah, qual era o nome dela...

– Ryla Curran, – Renee interrompeu. – Na carta, Étienne garante que as coisas não aconteceram assim. Bernard estava interessado na garota, mas ele nunca chegou a ter nada com ela.

– Como Étienne descobriu?

– Porque não foi Bernard, mas Etienne quem a seduziu. – Renée sorriu amargamente. – Infelizmente ela não foi a primeira jovem a quem ele arruinou a vida... nem a última. Mas Bernard preferia fingir ser o amante de Ryla, porque isso tornaria menos provável que as pessoas suspeitassem qual era a verdadeira natureza de seu relacionamento com Corinne.

Sentindo o sangue congelar em suas veias, Lysette se perguntou que efeito teria em Max ao descobrir o que seu irmão havia feito. A cabeça começou a girar. – Bernard matou Etienne... -disse.

– Eu acho que sim. Naturalmente, não há provas, apenas...

– Foi ele! – Lysette insistiu. – Bernard devia estar convencido de que Etienne não ficaria em silêncio por muito tempo e... sim, ele deve tê-lo matado! Só que, para este segundo assassinato, Max pagará todas as conseqüências.

– Não entre em pânico–, disse Renée. – Há tempo. Tudo o que você precisa fazer é mostrar a carta às autoridades quando elas procurarem por seu marido. – Ela fez uma pausa e acrescentou: – A menos que Maximilien já tenha fugido do território. Fez isso?

Lysette deu-lhe um olhar penetrante.

Renée estava prestes a perguntar outra coisa quando uma súbita intrusão surgiu.

– Max? – Lysette perguntou, virando-se. – Onde... – As palavras morreram em seus lábios.

Justin estava encostado na moldura da porta, ofegando e bufando depois de correr quilômetros sem parar um só momento. Estava pálido e sua testa estava machucada e manchada de sangue. Cada centímetro de seu corpo estava coberto de lama e suor.

– Preciso de ajuda. Onde está Alexandre?

– Com Henriette e os Clements–, respondeu Lysette. – Justin, o que...?

– Philippe! Philippe, vem cá! – exclamou o menino.

Philippe apareceu no alto da escada, olhou para o irmão e desceu as escadas correndo. Justin olhou para Renée Dubois e disse com uma expressão de ódio: – Todo um detalhe da sua parte fazer companhia a minha madrastra enquanto seu marido e seus irmãos assassinam meu... – Bastante tonto, ele se encostou no batente da porta enquanto levava as mãos à cabeça –. Meu pai –, ele concluiu com um suspiro estrangulado, e estendeu as mãos para Lysette quando ela veio em sua direção para segurá-lo. Justin a segurou em seus braços, não pensando na lama que manchava suas roupas e mãos. – Eles o levaram embora –, ele balbuciou, lutando para não perder a consciência. – Eu não sei onde. Eles vão matá-lo. Oh, Deus, eles podem tê-lo matado já.

O pequeno grupo levou o cavalo de Max para fora da estrada principal e o levou por trilhas secundárias. Os Sagesse estavam determinados a punir o homem que, segundo eles, assassinara Etienne. Nesse território, onde o poder parecia mudar de mãos quase todos os meses, as definições do que era certo e do que estava errado eram variáveis. Para os Sagesse, a única maneira de ter certeza de que a justiça realmente seria feita a um homem era confiar em sua família.

Com as mãos amarradas às costas, Max esperou enquanto tomavam as rédeas do cavalo e o conduziam a um canto remoto da plantação Sagesse, meio escondido entre os campos pousios. Quando seus captores pararam ao lado de um bosque e desmontaram, Max entrou em ação, dirigindo os calcanhares para os flancos de sua montaria, que saltou para o lado, esperando que a força puxasse as rédeas da mão de Severin Dubois.

Dubois pegou a ponta da corda com a qual os pulsos de Max estavam amarrados, fazendo-o cair no chão. Max desabou de lado com um grunhido de dor. Sua descida ignominiosa não provocou riso ou ridicularização. Esse era um assunto muito sério, e os Sagesse não eram movidos por um desejo mesquinho de vingança, mas para cumprir seu dever moral.

Embora soubesse que não adiantaria nada, Max lutou desesperadamente ao ser levantado. O primeiro golpe veio com uma força ofuscante, que jogou a cabeça para trás em um lampejo de dor que perfurou seu crânio. Antes que ele pudesse recuperar o fôlego, Max recebeu uma torrente de golpes que dividiu suas costelas e o deixou sem fôlego. Sua cabeça foi abruptamente empurrada para o lado, e Max sentiu as forças o abandonarem. A luz e a escuridão giraram em torno dele, e todos os sons desapareceram em um rugido repentino.

Renée empalideceu.

– Você diz que meu marido o levou? – perguntou incrédula. – Severin e...?

– Sim! – rugiu Justin. – Sua maldita família!

– Quanto faz isso?

– Não sei. Meia hora, talvez.

Renée pôs a mão no ombro de Lysette. – Eu não sabia que eles planejavam fazer uma coisa dessas.

– Ah, claro–, Justin murmurou.

– Sua insolência não vai ajudar ninguém, meu jovem–, disse Renée, e voltando-se para Lysette, acrescentou: – Acho que sei onde eles o levaram, mas não tenho certeza. Minha carruagem está esperando lá fora.

– Por que iria querer me ajudar a encontrá-lo? – Lysette perguntou, maliciosa da presença de Philippe quando ele se juntou a eles.

– Etienne não se saiu bem em ficar calado durante todos esses anos, quando sabia que Maximilien era inocente. Ninguém pode reparar o que ele fez e ninguém...

– Talvez–, Justin interrompeu em uma voz gelada, – nós poderíamos deixar

os discursos para mais tarde, e tentar encontrar meu pai antes que sua família estenda seu pescoço. – Com um gemido de dor, ele abriu a porta da frente e apontou para a carruagem.

Philippe levou Lysette para fora da casa e Justin segurou Renée firmemente pelo cotovelo. Ela olhou para ele.

– Está estragando meu vestido com essa mão suja, garoto!

Em vez de soltá-la, Justin se inclinou contra ela para manter seu equilíbrio precário.

– Diga-me para onde estamos indo e por que você acha que meu pai está lá–, ele disse enquanto desciam os degraus da frente. – Você provavelmente só quer nos fazer seguir um rastro falso para nos impedir de encontrá-lo.

– Eu já expliquei–, disse Renée com arrogância. – E nós vamos para um campo no canto noroeste da minha plantação, um lugar muito discreto longe de tudo. – Uma sombra de malícia penetrou em sua voz. – Onde há árvores sobrando para um enforcamento. Severin matou um homem lá uma vez. Eu sei porque o segui.

– Que crime esse homem cometeu?

Eles pararam diante da porta da carruagem. Renée se afastou de Justin e decidiu dizer algo que silenciaria o garoto arrogante de uma vez por todas.

– Severin suspeitou que esse homem fosse meu amante–, respondeu. Satisfeita com sua própria imprudência, ela esperou em vão por um rubor jovem que nunca veio.

– E era? – Os olhos escuros de Justin eram adultos demais para um menino da idade dele.

– Sim–, ela disse, esperando que isso o reduzisse ao silêncio.

Justin olhou Renée de cima a baixo com uma expressão lasciva.

– Você tem que ser muito boa na cama para fazer um homem arriscar sua vida para dormir com você. – Para seu grande desgosto, foi Renée quem corou enquanto se apressava para entrar na carruagem.

Os Sagesse haviam se reunido junto ao tronco de um velho carvalho e passaram uma corda pelo galho mais grosso.

– Vamos esperar até que volte a si – disse Dubois, e os homens grunhiram enquanto subiam o corpo flácido de Max para a sela do nervoso garanhão negro, que só tolerava a proximidade de seu dono. Max era o único que poderia montá-lo.

Tomas Sagesse, o mais novo dos irmãos de Etienne, colocou a corda em

volta do pescoço de Max, deu-lhe o nó e tomou as rédeas do garanhão com muito cuidado.

– Eu não vou conseguir segurar por muito tempo. – Tem que fazê-lo.

– Eu quero que Maximilien esteja consciente –, Severin respondeu. – Eu quero que ele descubra o que vai acontecer com ele.

Quando o cavalo fosse libertado, o corpo de Vallerand ficaria suspenso no ar. Seu pescoço não iria quebrar. A corda oprimiria sua traqueia e Vallerand seria estrangulado. Severin se aproximou do cavalo nervoso e olhou para o rosto ensangüentado de Vallerand.

– Abra os olhos. Vamos acabar com isso de uma vez!

Ao ouvir aquela voz com a qual não estava familiarizado, o cavalo deu um passo para o lado apertando mais ainda o nó. Vallerand abriu os olhos e, ao mover-se, o garanhão levantou a cabeça, aliviando a pressão sufocante da corda. Severin esperava ver em seu rosto raiva, ressentimento, implorando, mas não havia emoção nos olhos escuros.

Com um esforço doloroso, Vallerand separou os lábios inchados.

– Lysette... – ele disse com uma voz fraca. Severin franziu a testa.

– Eu não me preocuparia com sua esposa, Vallerand. Eu suspeito que ela ficará feliz em se livrar de um bastardo implacável como você. – Virou-se para Tomas e fez sinal para que soltasse as rédeas do garanhão. – Agora, enquanto ainda está consciente.

De repente, eles ouviram o grito desesperado de uma mulher. – Não!

Viram ao longe uma das carruagens dos Sagesse, cujas rodas estavam presas na lama, e uma mulher que se aproximava dando tropeções. Tomas levantou a mão para bater no traseiro do garanhão, mas Severin o deteve com um comando seco. Ele acabara de ver Renée sair da carruagem. Uma raiva tempestuosa apareceu em seu rosto quando ele viu que a esposa e os filhos de Vallerand seguiam Renée.

Lysette caiu e se apressou para se levantar e correr pela terra fofa que afundava sob seus pés. O terror a tomou quando percebeu que ninguém segurava as rédeas do cavalo. Havia uma corda ao redor do pescoço de Max, amarrada ao galho de uma árvore. Havia lhe espancado selvagememente e seus olhos estavam fechados. Afastando-se do horrível espetáculo com grande esforço, dirigiu-se a Severin Dubois com voz trêmula.

– Comete um erro. – Entregou-lhe a carta. – Olhe para isso... por favor ... não faça nada até que tenha lido.

Tomas pegou as rédeas do garanhão num gesto hesitante, mas o corcel se mexeu nervosamente e abriu muito os olhos, pronto para explodir em um súbito frenesi de movimentos. Lysette colocou a carta na mão de Severin e olhou para o garanhão, fascinada, percebendo que a vida do marido dependia de um fio muito fino. Mil orações cruzaram sua mente. O papel rangeu quando Severin virou a página e o garanhão sacudiu a cabeça com impaciência. Max não parecia mais consciente, e Lysette esperava vê-lo cair da garupa a qualquer momento.

De repente, ela ouviu a voz de Justin falando suavemente atrás dela.

– Eu vou cortar a corda. Não se mova.

A forma esbelta e escura do garoto passou por trás do garanhão até o carvalho. Ele começou a subir, com uma faca presa entre os dentes.

– Espera aí, garoto–, disse Severin Dubois, tirando uma pistola da calça. Justin continuou subindo o tronco como se não tivesse ouvido. – Rapaz... – Dubois disse novamente, e Lysette o interrompeu.

– Guarde a pistola, *Monsieur* Dubois. Você sabe que meu marido não é culpado.

– Esta carta não prova nada.

– Você tem que acreditar no que diz–, disse Lysette, olhando para o corpo desmoronado de Max. – Seu irmão escreveu com as próprias mãos. – Nunca imaginou que sentiria tal agonia. Tudo o que ela amava, sua única chance de conhecer a felicidade, estava precariamente suspenso diante dela.

– Uma mão que tremia muito, a julgar pela sua carta–, foi à resposta de Severin. – Etienne estava bêbado quando escreveu esta carta. Por que eu deveria aceitar uma só palavra que contém?

Renée olhou para ele.

– Pare de atormentá-la, Severin! Por uma vez seja homem o suficiente para admitir que está errado.

Uma brisa se enredou nas dobras da capa de Lysette e a fez tremer. O movimento foi o suficiente para fazer o garanhão estremecer e galopar. Lysette ouviu um grito severo – o dela – enquanto via como o corpo do seu marido caía do cavalo com uma lentidão assustadora. Mas a corda não estava mais amarrada ao ramo. Justin a havia cortado.

O corpo de Max colidiu com a terra macia e permaneceu imóvel. Uma brisa gelada agitou seu cabelo preto. Lysette imediatamente estendeu as mãos para Max, e caiu de joelhos ao lado dele com um soluço de terror.

Capítulo 16

Depois de olhar o corpo que jazia no chão, Severin se virou para Renée.

– Se o que diz esta carta é verdade, Renée – disse com um sorriso de escárnio, – se realmente foi Bernard quem matou Corinne, isso não muda o fato de que Maximilien assassinou o teu irmão por que Etienne era incapaz de ficar longe sua bela mulherzinha.

– Por que Maximilien iria recorrer ao assassinato se desejasse a morte de Etienne? – Renée perguntou. – Etienne deu a ele todas as chances de fazê-lo honradamente! Maximilien poderia tê-lo matado no duelo, mas não o fez. Ele poderia ter exigido satisfação no baile de Lesseur e matado Etienne ali mesmo com uma espada, e ninguém teria pensado mal dele por isso. Mas ele não fez isso Severin, seja razoável por uma vez!

Depois de retirar a corda do pescoço, Lysette fez Max inclinar a cabeça e os ombros no colo. Sua capa estava em farrapos e suas roupas estavam molhadas e cobertas de lama. Lysette apalpou o pescoço do marido e encontrou o ritmo fraco de seu pulso.

– Você está seguro agora–, ela sussurrou, usando a dobra de seu vestido para limpar-lhe o sangue do rosto. Uma lágrima deslizou pela bochecha de Lysette, e ela a enxugou, embora isso não impedisse o fluxo de muitas outras. Max soltou um gemido estridente e Lysette tranquilizou-o apressadamente com um murmúrio. – Estou aqui, *bien-aimé*.

Ele fechou os dedos trêmulos no veludo da saia de Lysette, como se buscasse refúgio em seu corpo quente.

– Lysette... – Ele tentou virar de lado, e então estremeceu.

– Não, não, fique quieto–, disse Lysette, gentilmente pressionando a cabeça contra os seios.

– Eu te amo–, ele sussurrou.

– Sim, *mon cher*, eu sei. Eu também te amo. – Olhou para Justin, que estava parado a poucos metros deles e parecia um pouco atordoado. Sua expressão endureceu quando acrescentou: – Justin, diga a *monsieur* Dubois que vamos levar seu pai para casa.

Justin assentiu e se aproximou de Dubois, que ainda estava discutindo com sua esposa.

– Por que o defende? – Dubois queria saber, começando a corar.

– Eu não estou defendendo ele–, disse Renée tranquilizadamente. – Eu só quero punir o verdadeiro assassino do meu irmão. Por que você não quer tentar encontrar Bernard? Aí está a justiça que você procura, se você é capaz de extrair a verdade.

– Talvez nós o façamos–, Severin disse asperamente, e levantou a voz para todos ouvirem. – Onde está Bernard?

Ninguém respondeu. Lysette pensou apressadamente, imaginando o que era melhor para o bem de Max. Se seus próprios desejos fossem a única coisa a considerar, Lysette os encorajaria a encontrar Bernard e fazer o que quisessem com ele, contanto que ela nunca mais tivesse que ver seu rosto repugnante. Mas Bernard era irmão de Max e Max tinha o direito de decidir como lidar com ele.

– Bernard está em casa–, disse Lysette sem vacilar. – Hoje ele acompanhou sua mãe à igreja.

Justin e Philippe olharam para ela discretamente, sabendo que estava mentindo.

– Isso mesmo–, disse Justin. – É melhor você se apressar, se quiser encontrá-lo.

Lysette não havia desviado o olhar de Severin Dubois. – Eu guardarei a carta, *monsieur*, se você não se importar. É a única coisa que impedirá o capitão Gervais de prender meu marido.

– Primeiro preciso saber–, disse Severin, – o que você pretende contar a Gervais sobre o que aconteceu hoje.

Em outras palavras, Lysette poderia manter a carta se ela dissesse que não relataria a Gervais ou seus subordinados que os Sagesse haviam espancado brutalmente seu marido. Impotente, Lysette achava que as autoridades não fariam nada de qualquer maneira. Mas o ódio que sentia por Dubois e pelos Sagesse duraria pelo resto de sua vida, e prometeu a si mesma que um dia pagariam pelo que haviam feito. Não teve que olhar para Justin para saber que o menino estava pensando a mesma coisa.

– Vamos ficar em silêncio em troca da carta–, disse. – Agora tenho que levar meu marido para casa o mais rápido possível, ou pode ser que você tenha conseguido matá-lo.

– Claro–, disse Severin, com uma dureza que ocultava o desconforto que

experimentava.

Ele não conseguia sentir o verdadeiro arrependimento, mas algo no modo como a jovem esposa de Vallerand olhava para ele o deixava envergonhado.

– É muito nova para ter uma língua tão afiada–, murmurou para Renée, e então se virou e sinalizou os irmãos Sagesse para a carruagem presa na lama. – Agora entendo porque a chamam de *mariée du diable*.

– Ela é uma menina muito corajosa–, disse Renée, e uma sombra de melancolia cruzou seu rosto. – Eu gostaria que ela tivesse se casado com Étienne: poderia ter chegado a mudá-lo.

Os Sagesse e seu cunhado cavalgaram para a estrada que levava à plantação Vallerand. A carruagem de Renée percorreu o campo e parou nas proximidades, e ela mesma abriu as portas, dando ordens rápidas ao cocheiro.

Philippe se agachou ao lado de Lysette.

– Eu não entendo–, disse. – Você sabe que Bernard está em *La Sirene*. Por que disse a eles que estava em casa?

– Porque dessa forma vamos ganhar um pouco de tempo–, disse Lysette, usando sua capa para proteger o rosto de Max da chuva.

– Tempo para que? – Philippe perguntou.

– Para avisar Bernard antes que eles o encontrem.

– Não–, disse Philippe, indignado. – Por que Bernard deveria ser avisado? Por que não deixar que os Sagesse o peguem?

– Porque seu pai não iria querer algo assim. E agora nós levamos Max para a carruagem.

Apesar de serem delgados, os gêmeos eram meninos muito fortes e conseguiram levar o corpo inconsciente de seu pai para a carruagem. Max não emitiu nenhum som, e Lysette se perguntou com crescente receio se ele não estava ferido seriamente.

Depois que Max estava a salvo dentro da carruagem, Justin agarrou Lysette pelo braço e puxou-a para o lado. Seu rosto mostrava sinais de cansaço, mas sua expressão era calma e decidida.

– Eu vou falar com Bernard–, ele anunciou. – O que devo dizer?

– Diga a ele... – Lysette fez uma pausa. – Diga a ele que os Sagesse estão procurando por ele. Durante esta noite, pelo menos, acho que ele vai ficar em segurança se ele se esconder no novo armazém que Max construiu no cais do rio. – franziu a testa. – Como você vai chegar à cidade?

Justin acenou para o garanhão negro, que não tinha ido longe e estava

pastando debaixo de uma árvore.

– Eu vou levar o cavalo do meu pai.

– Você não pode montá-lo–, protestou Lysette, sabendo o quão desconfiado era o animal.

– Sim, eu posso–, respondeu Justin.

Lysette sabia que o menino não faria tal afirmação se não tivesse certeza de que poderia fazê-lo. Ela não daria seu consentimento, no entanto, até que algo tivesse sido esclarecido.

– Estou colocando minha confiança em você–, disse. – Prometa-me que você não vai se deixar levar por esse temperamento que você tem. Dê a mensagem a Bernard e saia. Sem acusações, sem argumentos. Eu espero que você não levante a mão contra ele, Justin. Isso é muito difícil para você?

Olhando nos olhos dela Justin respondeu.

– Não. – Ele pegou a mão de Lysette, levou-a aos lábios e pressionou a bochecha suavemente contra ela. – Cuide dele - acrescentou com voz rouca e acompanhou-a a carruagem.

A farra no *La Sirene* era o habitual em um lugar de reputação levemente duvidosa. Em qualquer outra ocasião, Justin teria ficado feliz em visitá-lo. Era o tipo de taverna que ele gostava, sem qualquer pretensão de sofisticação, mas ainda bastante decente, mas os moradores da parte alta rio, sempre tão superiores e prepotentes, não se interessavam em visitá-lo.

Justin entrou na sala e abriu caminho através da multidão para as salas de jogos que havia na parte de trás. Não foi difícil para ele localizar seu tio. Bernard estava sentado a uma mesa com um grupo de amigos, distraidamente misturando as cartas.

– Bernard – Justin interrompeu–, tenho uma mensagem para você.

Bernard olhou para ele surpreso.

– Justin? *Bon Dieu...* olhe como você está. Voltou a brigar não foi? – Um brilho de desagrado iluminou seus olhos escuros. – Não me incomode.

– A mensagem é de Lysette. – Justin sorriu quando viu que os outros cavalheiros sentados à mesa já estavam prestando atenção ao que eles estavam dizendo. – Você gostaria de ouvir isso em particular, ou devo dizer na frente de todos?

– Pirralho insolente – Bernard jogou as cartas na mesa, levantou-se e levou Justin para o canto. – Agora me diga o que você tem a dizer e saia.

Justin puxou a mão do tio e olhou para ele com um súbito lampejo de fogo

em seus olhos azuis.

– Teriam sido três assassinatos–, murmurou. – Por sua causa, quase mataram meu pai esta noite.

– Que bobagem é essa? – Bernard perguntou, sem expressão.

– A mensagem de Lysette–, disse Justin, – é que os Sagesse sabem que você matou Etienne. Estão procurando por você. Se valoriza algo em sua vida, é melhor você encontrar alguma maneira de desaparecer. Lysette sugere que você se esconda no novo armazém no cais.

Bernard não reagiu, exceto por um estremecimento violento no canto da boca.

– Isso é uma mentira–, disse docemente. – É um blefe para me fazer admitir algo que eu...

– Talvez seja – retrucou Justin. – Por que você não fica e descobre? Eu acho que você deveria fazer isso. – deu um leve sorriso. – Seriamente.

Bernard olhou para o menino com uma mistura de fúria e descrença. Então ergueu as mãos como se fosse estrangulá-lo.

Justin não se mexeu.

– Nem tente–, ele disse suavemente. – Não estou bêbado nem sou uma mulher indefesa, então sou muito diferente de ser seu tipo favorito de vítima.

– Eu não me arrependo de nada–, disse Bernard duramente. – O mundo é um lugar muito melhor agora que se livrou de Sagesse... e da prostituta que te trouxe ao mundo.

Justin empalideceu. Sem abrir a boca, viu que seu tio estava cambaleando para fora da sala de jogos.

Depois de Max ter sido tratado pelo médico, Noeline teve que dar sua aprovação ao tratamento, acrescentando ainda mais curativos e pomadas, e depois pendurou alguns amuletos no lintel da porta. Lysette não se atreveu a removê-los dali, pois Noeline assegurara que eram muito poderosos.

Para seu grande alívio, Max finalmente recuperou a consciência e conseguiu abrir os olhos machucados.

– O que aconteceu? – perguntou, soltando uma maldição de dor enquanto levava uma mão a suas costelas machucadas.

Lysette correu para a cama com um copo de água. Levantou-lhe a cabeça com muito cuidado e ajudou-o a beber. Contou-lhe tudo o que havia acontecido depois de seu quase enforcamento e mostrou-lhe a carta que lhe salvara a vida.

– Renée Dubois a trouxe aqui algumas horas atrás. Etienne lhe disse que deveria dar a você quando ele morresse.

– Leia para mim–, disse Max com voz rouca ao pousar o copo.

Lysette leu a carta, tentando fazer sua voz soar o mais firme e impessoal possível. Quando terminou de ler a primeira página e chegou à primeira menção de Bernard, não olhou para Max, mas sentiu a inundação de indignação, medo e fúria que o dominaram.

– Não–, o ouviu resmungar.

Lysette continuou lendo. Antes de ter chegado ao final da carta, Max já a tinha tirado de suas mãos e estava fazendo uma bola com ela.

– Sagesse era um mentiroso bêbado.

– Max, eu sei que você não quer acreditar, mas...

– Mas você acredita–, ele zombou. – Isso torna tudo muito mais fácil, não é? Vamos atribuir a culpa a Bernard, alguém que já não é muito do teu agrado para começar, e então o mistério do que aconteceu há dez anos deixa de existir. O que importa que Sagesse tivesse tão pouco senso de honra quanto um rato nos esgotos? É óbvio que você se sente mais do que satisfeita com a explicação de um bastardo bêbado. Mas não foi assim que aconteceu, maldição!

– E porque tem tanta certeza disso? Simplesmente porque Bernard é seu irmão?

– Maldição–, repetiu Max duramente. – Onde está Bernard agora?

Entendendo sua raiva e a angústia atrás dela, Lysette respondeu sem raiva.

– Pode ter ido esconder-se no novo armazém do cais do rio. Ele sabe que os Sagesse estão procurando por ele. Talvez já tenha até saído do território.

Max afastou a roupa de cama e tentou passar as pernas pela borda do colchão.

– Max, o que está fazendo? –, Exclamou Lysette. – Você ainda não está bem o suficiente para ir a qualquer lugar, teimoso! *Nom de Dieu*, hoje te deram uma surra que quase te matou.

Ele soltou um gemido de dor e colocou as mãos nas costelas.

– Ajude-me a me vestir.

– Nem o sonhe!

– Eu tenho que ver Bernard.

– Por quê? Você sabe que ele negará tudo!

– Quando o ver, vou saber se é verdade ou não.

– Não vou deixar você se matar, Max!

Cheia de determinação, Lysette o empurrou de volta com toda a força que ela era capaz de fazer. Embora seu peso fosse apenas uma fração dele, as feridas o enfraqueceram consideravelmente. Escorregando no travesseiro com um gemido, Max perdeu a consciência por um momento. Alertada pelo alvoroço, Noeline apareceu ao lado dela. – Madame?

Lysette reconheceu a presença competente da governanta.

– Dê-lhe um sedativo, Noeline, antes que ele se levante novamente. Dê a ele uma dose grande o suficiente para dormir um elefante, porque senão ele não ficará parado.

– *Oui*, madame.

– Eu vou sair por um tempo—, anunciou Lysette, e caminhou até a cadeira de onde pendia a capa manchada de lama. – Sim, eu sei que é tarde. Eu levarei Justin comigo.

Os contornos das caixas, os móveis e as bolas de algodão foram brevemente iluminados pela luz da lua quando uma das portas do armazém girou sobre suas dobradiças. A voz de uma mulher perfurou aquele ar viciado.

– Bernard? Você está aí?

Um som de passos e arranhões no canto quebrou o silêncio.

– Lisette? – Bernard, cuja voz estava impregnada de uma sombra de suspeita e surpresa, acendeu um fósforo. Enquanto Justin permanecia imóvel ao lado dela, Lysette viu que seu cunhado acendia uma lamparina a óleo.

– Tenha cuidado com isso—, avisou. – Depois de tudo que tive que suportar hoje, não quero enfrentar um incêndio.

– Depois do que você teve que suportar—, disse Bernard, sua voz trêmula. – Santo Deus, estou escondido aqui há horas temendo pela minha vida.

– Faz bem em temer—, assegurou-lhe Lysette.

– O que você está fazendo aqui? – Bernard perguntou, sua expressão sombria. – O que aconteceu com Max?

– Ele ficou seriamente ferido—, respondeu Lysette, – mas o médico disse que se recuperará.

– Não graças a você—, disse Justin, e Lysette o cutucou para silenciá-lo.

Sustentou o olhar odioso de Bernard sem piscar. – Sua vida está em perigo, Bernard. Os Sagesse querem te matar, e se eles não te encontrarem primeiro, você será preso pelo Capitão Gervais e seus homens. Etienne Sagesse deixou uma carta explicando o quanto ele sabia sobre o assassinato de Corinne. Tenho

certeza que você não ficará surpreso ao descobrir que está envolvido.

– Maldita prostituta ruiva... – Bernard murmurou enquanto dava um passo em direção a ela. Justin avançou imediatamente, pegando seu *colichemarde*. Vendo que ele teria que enfrentar aquela arma reluzente, Bernard recuou e olhou para Lysette. – O que você quer de mim?

– Só a verdade–, respondeu Lysette. – Max nunca será capaz de aceitar tudo isso, a menos que você confirme o que a carta diz. Responda minhas perguntas e eu ajudarei você a sair daqui vivo.

– O que você quer que eu diga? – ele perguntou, tremendo de fúria e seu rosto enevado de culpa.

– Por que você teve essa aventura com Corinne?

Bernard olhou nos olhos dela. Aparentemente, ele tentou evitar o rosto pálido de Justin.

– Aconteceu. Eu não tinha controle sobre isso. E ninguém ficou ferido, porque Corinne já havia traído Max com Sagesse. Mais tarde, entendi que Corinne era meio louca. Queria fugir comigo, deixar tudo ... Eu disse a ela que não podia fazer uma coisa dessas, mas ela insistiu. E um dia ela conseguiu me fazer perder a paciência. Antes que eu pudesse perceber o que estava fazendo, minhas mãos já estavam ao redor do pescoço dela. Max ficou mais feliz sem ela... Corinne transformou sua vida em um inferno...

– Por favor–, interrompeu Lysette, – não tente afirmar que você estava preocupado com Max. Eles o acusaram injustamente de assassinato e por anos ele sofreu as conseqüências. Você deixou que ele carregasse toda a culpa pelo que você fez.

– Você tem que me ajudar–, disse Bernard, com o rosto banhado de suor. – Não importa o que eu tenha feito, porque você sabe que Max não quer que eu seja morto.

– Há um navio zarpando para Liverpool ao amanhecer–, disse Lysette. – O *Nighthawk*. Falei com o capitão Tierney há menos de uma hora. Ele permitirá que suba a bordo sem fazer perguntas. – Desamarrou uma pequena bolsa de sua cintura e a jogou em suas mãos. Bernard pegou mecanicamente com um punho. – Há dinheiro suficiente para ajudá-lo a começar uma nova vida em outro lugar. Nunca mais volte, Bernard. – Ela se virou para Justin, que ainda segurava a *colichemarde* em sua mão trêmula. Seus olhos azuis brilhavam com o brilho das lágrimas. Ele piscou para impedi-las de caírem. – Vamos, Justin –, murmurou. – Me leve pra casa.

Eles saíram do armazém sem que nenhum deles olhasse para trás.

Apesar do clamor dos cúmplices de Aaron Burr, Max não foi preso. A carta de Étienne, combinado com uma pressão discreta do governador Claiborne e o silêncio inesperado do diretor da Gazeta de Orleans, convenceram o Conselho Municipal *gens d'armes* que o ausente Bernard Vallerand realmente era culpado do crime.

Aqueles homens influentes que estavam conspirando com Aaron Burr poderiam ter feito aquilo não terminar por aí, mas estavam ocupados com assuntos mais prementes. Naquele verão de 1806, Burr reuniu homens e suprimentos em uma pequena ilha no rio Ohio para preparar seu plano de conquistar o México e o Oeste. No entanto, os rumores que não pararam de rodeá-lo desde que foi à Nova Orleans acabaram sendo sua queda.

Abandonando o que viu como um navio afundando, o General Wilkinson mudou de lado e acrescentou suas advertências a tudo que o Presidente Jefferson já havia recebido. Este terminou de ordenar a prisão de Burr, ao mesmo tempo em que uma das cartas escritas em código que este tinha enviado a Wilkinson foi publicada em um importante jornal.

Quando Irénée foi informada do que Bernard fizera, ficou tão envergonhada como se o filho tivesse morrido. Era muito difícil para uma mãe aceitar que uma criança fosse capaz de tamanha maldade, e o choque causado pela notícia pareceu envelhecê-la. No entanto, Irénée possuía uma enorme força interior, e relatou com grande dignidade à família que o nome de Bernard nunca mais deveria ser mencionado em sua presença.

Max se recuperou rapidamente de seus ferimentos e logo estava tão forte quanto antes. Embora a revelação da verdade sobre Bernard tivesse sido um golpe para ele, também o deixou aliviado por finalmente saber o que havia acontecido com Corinne. Com seu nome livre de toda a mancha e sua reputação restaurada, Max finalmente se sentiu em paz consigo mesmo e com o mundo. E Lysette o mantinha muito ocupado para poder dedicar-se a pensar em seu passado sombrio, envolvendo-o em seu calor e afeto até que Max não pudesse mais acomodar nada além de felicidade em seu coração.

Na primavera, Alexandre se casou com Henriette Clement e o casamento encheu de felicidade aqueles que tinham algo a ver com ela. Durante algum tempo, parecia que o escândalo da morte de Étienne Sagesse impediria Diron Clement de concordar em deixar sua filha casar-se com um vallerand. No

entanto, eles conseguiram persuadir o velho de que essa era a melhor coisa para ambos e, ele finalmente, deu seu consentimento com uma demonstração calculada de autoridade, porque temia que alguém pudesse vislumbrar a bondade que estava oculta por trás de tudo o que ele fazia.

Lysette ficou muito feliz quando recebeu uma carta de sua irmã Jacqueline, na qual lhe pedia carinhosamente que perdoasse o longo silêncio entre elas. Isso a induziu a esperar que Jeanne e Gaspard logo pudessem desistir de sua atitude e reconhecer seu casamento com Max. Por insistência de Lysette, Jacqueline e seu marido já muito idoso foram para a plantação e passaram quase um mês lá. Embora Max não estivesse muito feliz com a intrusão em sua privacidade, ele suportou a visita por causa da felicidade que ela trouxe a Lysette.

Pouco depois do casamento de Alexandre, Philippe foi à França para continuar seus estudos e visitar todos os lugares sobre os quais havia lido e com os quais sonhava há tanto tempo. Embora a família tenha implorado a Justin para acompanhá-lo, o menino preferiu ficar, declarando que não tinha interesse em museus cheios de mofo e ruínas antigas. Com seu irmão longe, Justin costumava andar sozinho em Nova Orleans, às vezes passando horas no cais e seguindo com os olhos todos os navios que ele via partindo como sua única chance de escapar.

Justin tinha mudado após os acontecimentos do último outono para se tornar um jovem muito mais maduro e atencioso, havia deixado para trás sua insolência de adolescente. Passava muito do seu tempo na companhia de seu pai, ambos se aprofundaram em seu relacionamento e ficaram mais próximos um do outro do que se esperava.

Não demorou muito para que Lysette descobrisse que ela estava grávida. Ela não pôde deixar de se encantar com a atitude de Max, que se mostrou convencido que isso era uma conquista realmente notável da parte dela. – Engravidar, não é algo tão inesperado – disse Lysette tomando isso como uma piada. – Como sua mãe diz, a única coisa notável é que demorou tanto para acontecer.

– Se você me der uma filha–, ele disse, colocando os braços em volta dela, – eu vou colocar o mundo aos seus pés.

– Eu poderia decidir dar-lhe um menino–, disse ela. – Você não gostaria de ter outro filho?

Ele balançou a cabeça com um sorriso.

– Não, *petite*, precisamos de mais mulheres na família. – Max fora excluído

durante a gravidez de Corinne, como costumava ser, e para dizer a verdade, nada disso tinha qualquer significado para ele até que os gêmeos nasceram. Com Lysette, no entanto, ele assumiu um interesse diferente.

Se alguém duvidasse que Maximilien gostava realmente de sua esposa, essa dúvida foi dissipada para sempre. Toda vez que Lysette experimentava um indício de desconforto ou uma sombra de náusea, o médico da família era chamado, e recebia uma boa reprimenda se demorasse demais. Irénée contou a uma de suas amigas com a mais estrita confiança de que, apesar dos protestos do médico, Maximilien insistia em estar presente no quarto enquanto Lysette era examinada. As senhoras idosas passaram uma tarde inteira chocadas de prazer horrorizado com tanta extravagância.

Para consternação de Lysette, a tradição obrigou-a a ficar em casa assim que começou a perceber que estava grávida. De acordo com o costume entre os crioulos, ela só podia participar de pequenas reuniões ou festas particulares com seus amigos mais próximos. Para aliviar o tédio de Lysette durante os últimos dois ou três meses de gravidez, Max reduziu suas atividades na cidade ao mínimo e passou a maior parte do tempo na plantação. Trouxe-lhe livros, jogos, gravuras e, para um sábado à noite, contratou alguns atores de St. Pierre para fazer uma peça na sala.

Na noite daquela ocasião memorável, Lysette ficou particularmente satisfeita, espantada com o fato de seu marido ter chegado a tais extremos para fazê-la feliz. Sorriu e se aconchegou nos braços de Max enquanto a levava para cima, mantendo a mão na curva íngreme de sua barriga.

– Que sorte eu tenho de ser sua esposa–, disse ele.

– Não muito tempo atrás, você não teria encontrado ninguém que concordasse com você–, apontou Max.

– Bem, agora todo mundo vê o quão mal eles te julgaram, e percebem o quão maravilhoso você é, *bien-aimé*.

– Eu não dou a mínima para o que eles pensam de mim–, disse ele com uma expressão de carinho. – Contanto que você seja feliz.

– Eu poderia ser mais feliz.

– Oh? – Ele levantou uma sobrancelha. – Diga-me o que você quer, meu amor, e será seu.

Lysette brincou distraidamente com o nó de sua gravata. – Eu vou te avisar quando estivermos na cama.

Max riu baixinho.

– Sendo uma mulher grávida, você é incrivelmente apaixonada, *petite*.

– Isso é um problema?

Um brilho malicioso apareceu em seus olhos.

– Oh sim. Um que eu adoraria cuidar –, ele prometeu.

Lysette riu e tirou os chinelos, empurrando-os com as pontas dos pés, deixando-os rolares os degraus enquanto ele a conduzia ao quarto.